

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DIEGO MARCOS SILVA LEÃO**

**JOVENS NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS, ESPAÇO PÚBLICO E DIREITOS  
SOCIAIS.  
UBERLÂNDIA  
(1990-2016)**

**Uberlândia  
2017**



**DIEGO MARCOS SILVA LEÃO**

**JOVENS NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS, ESPAÇO PÚBLICO E DIREITOS  
SOCIAIS.  
UBERLÂNDIA  
(1990-2016)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de concentração: História Social

Orientadora: Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto  
Barbosa

**Uberlândia  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

L437j  
2017      Leão, Diego Marcos Silva, 1984-  
             Jovens na cidade: experiências, espaço público e direitos sociais.  
Uberlândia (1990-2016) / Diego Marcos Silva Leão. - 2017.  
             273 f. : il.

             Orientadora: Marta Emisia Jacinto Barbosa.  
             Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
             Inclui bibliografia.

             1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Jovens - Uberlândia  
(MG) - História - Teses. 4. Direitos sociais - Uberlândia (MG) - História  
- Teses. I. Barbosa, Marta Emisia Jacinto. II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

---

**JOVENS NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS, ESPAÇO PÚBLICO E DIREITOS SOCIAIS.  
UBERLÂNDIA (1990-2016)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre no Programa  
de Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Uberlândia (MG).

Aprovado em:

Uberlândia-MG, 24 de fevereiro de 2017.

**Banca Examinadora**

---

Profª. Dra. Regina Helena Alves da Silva - UFMG

---

Profª. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos - UFU

---

Profª. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa - UFU (orientadora)

*Ao Bruno Silva (in memoriam)  
e às/aos jovens das periferias  
das cidades brasileiras.*

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos de um trabalho são, como a vida, um pouco de contradição. Se por um lado são momentos de justiça com aqueles que contribuíram de algum modo com a nossa caminhada, por outro lado, são sempre a possibilidade de sermos injustos devido aos nossos esquecimentos.

Na busca de rememorar todas essas pessoas, gostaria de registrar primeiramente meu agradecimento à minha orientadora durante a graduação e o mestrado, a Prof. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa. Se este trabalho tem algum mérito, certamente decorre de suas contribuições, indicações e sugestões efetuados ao longo destes anos. Agradeço imensamente por ter participado ativamente da minha formação enquanto historiador, professor e cidadão. Externo meu profundo respeito pelo seu caráter ético e digno em relação às suas convicções. Em tempos como os de hoje, isso é bem mais que uma qualidade. Além disso, obrigado pela amizade, pelo apoio em horas difíceis e, especialmente, pelas conversas que me ajudaram quando precisava de mais motivação para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço em segundo lugar, à Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos também companheira de diversos momentos durante a graduação e o mestrado. Certamente, muito do que pude aprender nesses anos todos, se deve aos debates em suas aulas e especialmente à experiência no PIBID na graduação, quando foi coordenadora do subprojeto História, do qual tive a honra de participar (e que devo grande parte da inspiração para desenvolver uma cartografia da cidade a partir das experiências dos jovens). Complemento expressando minha gratidão pelas preciosas sugestões durante a banca de qualificação.

Neste sentido, agradeço à Profa. Dra. Célia Rocha Calvo, seja pelos bons debates ocorridos durante a disciplina Instituições e Movimentos Sociais, bem como por suas importantes considerações durante a banca de qualificação.

Agradeço à Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva (UFMG) por gentilmente ter aceito o convite para fazer parte da banca de defesa desta dissertação, bem como pela sua leitura atenciosa e suas valoras considerações sobre este trabalho.

Agradeço profundamente a todos os jovens que me concederam entrevistas: Bruno, Doidera, DJ Red, Ulisses, Hudson, Gabriel, Artur, Maxwel, Leles, MC Jhonym, Jhonny e Deni. Certamente lhes devo muito do resultado deste trabalho. Espero não ter sido ao menos justo na análise de todas as questões que me fizeram pensar. Registro um agradecimento especial ao Ulisses e o Jhonny, que em diversos momento me atenderam, em conversas em *chats* e em telefone, para me ajudar em dúvidas que surgiam! Valeu, galera!

Às/aos outras/os jovens que pude estabelecer contato nos dois últimos anos. Em especial, Rafaela, Lidiane, Eduarda, Emanuelle, Dentim, Zói, Rato Ruero, Marcus, Gabriel, Pietra, Giovanna, Igor... Muito daquilo que considereei como boas questões para essa reflexão devo certamente ao que aprendi com vocês!

Não poderia deixar de agradecer ainda a ajuda das funcionárias do Arquivo Público Municipal, Jô e Marlene, que em diversos momentos me prestaram atendimento no trabalho de pesquisa com os jornais. Neste sentido, também meus profundos agradecimentos à Patrícia Cunha que, prontamente, permitiu acesso a uma série de materiais do acervo físico e digital do órgão da Superintendência Municipal de Juventude de Uberlândia, bem como à i9 Fábrica de imagens por ceder gentilmente, algumas das fotos que constam ao longo da dissertação.

Meus agradecimentos aos companheiros e às companheiras de militância que sempre estiveram presentes neste último ano nada fácil. Em especial, entre todas essas pessoas, não poderia de citar o Luizão que sempre, mesmo nas horas mais tensas, demonstrou uma qualidade rara de combinar serenidade e ânimo para a luta. Ao Cleber Couto que em diversos momentos me ajudou com registro de atividades e ao Edson Pistori que cedeu artigos e outros materiais de sua pesquisa de mestrado sobre juventude. A todas e todos do Levante Popular da Juventude, movimento que me lançou a motivação para muitas das questões deste trabalho.

A todas e todos que pude conviver nos últimos anos na república Toca da Coruja. Minha gratidão sincera pela compreensão acerca das minhas dificuldades com a casa nos momentos mais trabalhosos da pesquisa. Aos colegas e às colegas da 34.<sup>a</sup> Turma do curso de graduação noturno de História da UFU. Mesmo que nos afastemos às vezes, é sempre bom perceber que nos nossos reencontros a amizade tem o mesmo calor. À Aline Romani, que se tornou uma amiga durante o mestrado. Sem as nossas animadas conversas de sempre após às aulas este último ano teria sido bem mais duro.

À Maria Aparecida Silva – minha mãe –, mulher de fibra e guerreira que devo muito de quem sou, e à minha irmã, Denise. Além do amor familiar, vocês me auxiliaram em diversas situações que necessitei nas dificuldades destes dois últimos anos.

À CAPES pela concessão da bolsa durante este último ano que permitiu que pudesse ampliar minha dedicação à pesquisa.

Agradeço, por fim, à Giovana por sua atenção e carinho. E, especialmente, em se tratando deste trabalho, pelas caronas para tantos lados da cidade e outras ajudas quando foram necessárias. Obrigado pela companhia sempre presente!

## RESUMO

Este trabalho analisa processos de transformações sociais vividas por jovens, moradores da periferia, da cidade de Uberlândia nas últimas décadas. A periodização, entre 1990 e 2016, se efetiva como proposta de reflexão de alguns processos de mudanças referentes à constituição de projetos sociais e conquistas de direitos que envolvem as juventudes.

Buscando compreender na cidade esses processos foram analisadas diversas modalidades de documentos entre eles: jornais locais, leis, publicações oficiais e pesquisas efetuadas a partir do início do século 21 sobre temas e problemas relacionados à juventude brasileira. Ademais, foram produzidas entrevistas (com o recurso do vídeo) realizadas com jovens que têm como prática, a ocupação de lugares públicos da cidade. Essas entrevistas foram articuladas com as demais evidências como forma de compreender as relações entre jovens, espaço público, direitos, experiências sociais e cidade.

No diálogo com as fontes de pesquisa foi possível verificar uma cidade vivida por profundamente marcada por diferenças, desigualdades, exclusões e segregações sociais. Contudo, mesmo nos limites dessas relações de força – nos interstícios entre memória, experiências e história –, muitas práticas se revelaram enquanto reivindicação, luta por direitos e/ou por afirmação na cidade (tais como os protestos, pixações, grafittis e organizações de eventos em praças e outros lugares públicos).

A partir desses elementos, que sinalizam a multiplicidade de temporalidades e processos sociais, foi desenvolvida uma cartografia possível de Uberlândia a partir do diálogo com as experiências de jovens moradores da periferia da cidade que participam de práticas de ocupação de lugares públicos e privados. Como desdobramento da produção dessa cartografia, foram analisadas questões pertinentes à cidade e aos jovens em diálogo com as categorias de centro, periferia e classes sociais. Em meio a isso foram constatadas relações baseadas em desigualdades, diferenças, exclusões, conexões e desconexões na vida social e na cultura.

**Palavras-chave:** Jovens. Periferia. Direitos sociais e espaço público. História Social. Cartografias da cidade. Uberlândia.

## ABSTRACT

This thesis analyzes processes of social transformations lived by the young people from the urban periphery of Uberlândia in the past two decades. The periodization between 1990 and 2016 is effective as a thought of some processes of change referring to the constitution of social projects and achievement of rights that involves youths.

In the quest to understand those processes it has been analyzed several types of documents, such as local newspapers, laws, official publications and 21 century researches about themes and problems related to Brazilian youth. Besides interviews were made (with video resource) with young people that participate of public places occupation. Those interviews were articulated with the other evidences as a way to understand the relation between these young people, public space, rights, social experiences and the city.

In dialogue with research sources were possible to verify a city lived by the young deeply marked by differences, inequality, exclusion and segregation. However, even in the limits of these power relationships, in the middle between memory, experiences and history, a series of public places occupation practices reveals themselves as revindications, rights and/or affirmation fights in the city. Some of the practices observed through the sources were protests, “pixações”, graffitis and events organization in squares and another public places

From these elements, that show the multiplicity of temporalities and processes, it was developed a possible cartography of Uberlândia from the dialogue with the young people experiences that take participation in the public and private places occupation. As extension of the cartographic production were analyzed relevant questions to the city and the poor young people, in dialogue with the categories downtown, periphery and social classes. In between that, it was found relationships based on inequality, exclusion, connections and disconnections in social and cultural life.

**Keywords:** Young people. Urban periphery. Social rights and public space. Social History. City cartography. Uberlândia.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACCIPEN - Associação de Cultura e Cidadania Pérola Negra  
ADESG - Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra  
ANJ - Associação Nacional de Jornais  
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina  
Ceseu - Centro Socioeducativo de Uberlândia  
Ceseu - Centro Socioeducativo de Uberlândia  
Cisau - Centro de Integração Social do Adolescente em Uberlândia  
CMJ/UDI - Conselho Municipal de Juventude de Uberlândia  
CNJ - Conselho Nacional de Juventude  
COFINS – Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social  
CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude  
CUFA - Central Única de Favelas  
DCE/UFU - Diretório Central das/dos Estudantes da Universidade Federal Uberlândia  
DENATRAN - Departamento Nacional de Trânsito  
FUNDASUS - Fundação Saúde do Município de Uberlândia  
FUTEL - Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
OIT - Organização Internacional do Trabalho  
ONG - Organização Não Governamental  
PCdoB - Partido Comunista do Brasil  
PDT - Partido Democrático Trabalhista  
PEA - População Economicamente Ativa  
PIS – Programa de Integração Social  
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PMU - Prefeitura Municipal de Uberlândia  
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios  
PNJ - Política Nacional de Juventude  
PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens  
PROUNI – Programa Universidade para Todos  
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira  
PT - Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SECOM/PMU - Secretaria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Uberlândia

SINAJUVE - Sistema Nacional de Juventude

SNJ - Secretaria Nacional de Juventude

SUS - Sistema Único de Saúde

UBES - União Brasileira de Estudantes Secundaristas

UJS - União da Juventude Socialista

UNE - União Nacional de Estudantes

Z.O. - Zona Oeste

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução do salário mínimo real entre setembro de 2001 e março de 2016.....	53
Gráfico 2 - Participantes da 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia que se declararam estudantes.....	68
Gráfico 3 – Participantes credenciados na 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia que afirmaram que estudavam e trabalhavam no momento da realização do evento (Amostragem com 291 jovens que declararam estudar).....	68
Gráfico 4 - Mídias usadas por jovens (de 15 e 24 anos) entre segunda e sexta-feira. Brasil....	93
Gráfico 5 - Mídias usadas por jovens (15 a 24 anos) nos finais de semana. Brasil. 2003.....	93
Gráfico 6 - Meios que jovens (15 e 29 anos) costumam buscar informações sobre o que aconteceria no Brasil e no mundo (em porcentagem).....	94
Gráfico 7 - Meios de comunicação mais acessados como fontes de informação no Brasil.....	95
Gráfico 8 - Taxa de homicídios por 100 mil hab. - Uberlândia/MG – 2010.....	103
Gráfico 9 - Evolução da quantidade de homicídios a cada 100 mil habitantes em Uberlândia (2001-2012).....	103
Gráfico 10 - População prisional segundo faixa etária. Brasil. 2005 a 2012.....	104
Gráfico 11 - População prisional brasileira em números absolutos segundo Unidades Federativas. Brasil. 2012.....	105
Gráfico 12 - Percentual dos atos infracionais. Brasil. 2012.....	106
Gráfico 13 - Jovens Negros e não negros entre 15 e 17 anos fora do Ensino Médio em Uberlândia. 2010.....	221

## ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Programação da 4. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude.....	65
Figura 2 - Folder de divulgação da 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude veiculado pela Superintendência Municipal de Juventude através da internet.....	69
Figura 3 – Atividade artística realizada durante a 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude (foto).....	69
Figura 4 – Atividade artística realizada durante a 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude (foto).....	70
Figura 5 - Página do caderno preparatório para a 1. <sup>a</sup> Conferência Nacional de Juventude que trata do direito.....	79
Figura 6 - Detalhe de notícia do jornal Correio de Uberlândia sobre assalto envolvendo jovem em 1998.....	81
Figura 7 - Cartaz de divulgação: 3. <sup>o</sup> Encontro de MCs no Teatro Municipal. Junho de 2015. ....	142
Figura 8 - Visão aérea da praça Sérgio Pacheco no centro de Uberlândia.....	156
Figura 9 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia, 2013.....	157
Figura 10 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia. 2015.....	157
Figura 11 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia. 2015.....	158
Figura 12 - Detalhe de poema em arquibancada do Teatro de Arena/Praça do Redondo. Centro de Uberlândia (2016).....	158
Figura 13 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia, 2016.....	159
Figura 14 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia, 2016.....	159
Figura 15 - Batalha da Bicota. Evento realizado em maio de 2016.....	163
Figura 16 - Evento Periferia in Foco realizado em 02 de julho de 2016 no CEU Olímpio Silva no bairro Shopping Park .....	168
Figura 17 - Evento Periferia in Foco realizado em 02 de julho de 2016 no CEU Olímpio Silva no bairro Shopping Park.....	168
Figura 18 - Ensaio do grupo Gangsta Squad no bairro Esperança.....	170
Figura 19 - Evento Festival Nós por Nós realizado no bairro Esperança.....	171
Figura 20 - Graffiti no Instituto Resgatando o Impossível no bairro Esperança.....	171

Figura 21 - Aniversário de um ano da Batalha da Z.O.....	194
Figura 22 - Intervenção de graffiti realizada durante o evento Hip Hop Sessions.....	195
Figura 23 - Graffitis na Avenida Monsenhor Eduardo em Uberlândia.....	195
Figura 24 - Evento de aniversário do grupo Gangsta Squad no bairro Presidente Roosevelt em julho de 2016.....	196
Figura 25 - Pixação em prédio da Oficina Cultural de Uberlândia, bairro Fundinho, setor central de Uberlândia.....	196
Figura 26 - Detalhe de mensagem deixada em um ônibus municipal.....	197
Figura 27 - Pixações na Rua Coronel Severiano, região central de Uberlândia.....	197
Figura 28 - Pixações e graffitis no bairro Fundinho, região central de Uberlândia.....	198

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 - Distribuição de equipamentos públicos por bairro na cidade de Uberlândia. Revisão do Plano Diretor Municipal. 2016.....	35
Mapa 2 - Patrimônio Cultural. Revisão do Plano Diretor 2016. Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2016.....	127
Mapa 3 - Equipamentos Públicos Culturais. Revisão do Plano Diretor 2016.....	128
Mapa 4 - Jovens e espaços de sociabilidades em Uberlândia. 2016.....	150

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de participantes por idade da 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia.....	67
Tabela 2 - Quantidade de participantes por bairro da 5. <sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia.....	67
Tabela 3 - Jovens ocupados em Uberlândia de acordo com Grandes Grupos de Ocupação do IBGE. 2010.....	220

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
 CAPÍTULO 1 – PROJETOS PARA A JUVENTUDE EM UBERLÂNDIA: A IMPRENSA NA CIDADE E OS DIREITOS PARA AS/OS JOVENS (1990-2016).....	52
1.1 - Juventude e direitos: transformações entre 1995 e 2016 em Uberlândia e no Brasil .....	52
1.2 - Jovens na cidade: espaços públicos e direitos sociais.....	71
1.3 - Jovens e imprensa: projetos para Uberlândia em disputa.....	80
1.3.1 – Imprensa, juventudes e direitos: páginas que negam a vida social?.....	86
1.3.2 - Nas fissuras das páginas dos jornais: lutas de jovens por direitos na cidade .....	107
 CAPÍTULO 2 – CARTOGRAFIAS DA CIDADE: EXPERIÊNCIAS DE JOVENS POBRES EM UBERLÂNDIA.....	122
2.1 - Espaço público, sociabilidades e patrimônio cultural.....	125
2.2 - O espaço público é para todos? Contradições sociais no direito à cidade para os jovens.....	136
2.3 - Construindo referências para uma cartografia possível de lugares de sociabilidades de jovens em Uberlândia.....	144
2.4 - Seguindo o fluxo de uma cartografia possível da cidade para os jovens.....	149
2.4.1 - Seguindo o fluxo: centro da cidade.....	151
2.4.2 - Adentrando pelos fluxos de jovens na cidade: cartografias periféricas.....	164
2.4.3 - Outros fluxos entre periferia e centro.....	176



CAPÍTULO 3 - “QUEBRANDO A MONARQUIA”: MEMÓRIAS, DESIGUALDADES, CONEXÕES E DESCONEXÕES ENTRE JOVENS EM UBERLÂNDIA.....	182
3.1 - Entre fronteiras reais e simbólicas: uma cidade revelada pelos jovens.....	182
3.1.1 - Imagens de uma cidade revelada pelos jovens.....	194
3.2 - Periferia - periferias: desatando o nó.....	198
3.3 - Redes na(s) cidade(s): conexões e desconexões entre jovens.....	208
3.4 - Fluxos de jovens por dentro e fora da “cultura”: trabalho, exclusão e desigualdades na cidade.....	215
3.5 - Jovens e classes sociais na cidade: breves apontamentos.....	231
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 241
 FONTES.....	 247
 REFERÊNCIAS.....	 255
 GLOSSÁRIO.....	 266
 ANEXOS.....	 270

## INTRODUÇÃO

Entre idas e vindas foi a trajetória de reflexão para composição desta pesquisa e escrita do texto. Inicialmente, o intuito principal era compreender questões referentes às articulações entre juventude e classe social. Minhas inquietações (políticas e acadêmicas) incluíam questionamentos sobre o lugar social da juventude em Uberlândia e sobre a emergência de novos sujeitos que ocupavam os espaços nas cidades. Naquele momento, víamos surgir a novidade dos chamados rolezinhos nos *shopping centers* e a imensidão de jovens que foram às ruas em julho de 2013.

Indagava-me então: Quem eram aquelas pessoas? O que poderíamos apreender numa análise mais acurada dessas novas práticas de ocupar o espaço público? Em que medida esses movimentos provocavam fissuras ou endossavam determinados projetos para juventude na cidade e para o país?

À semelhança da personagem de Proust que, ao desfazer um pedaço de madalena numa xícara de chá tem suas lembranças acionadas<sup>1</sup>, me sentia impelido pela dinamicidade das conjunturas que vivíamos socialmente nos últimos quatro anos a rememorar o meu lugar nas temporalidades de minhas memórias e de minhas geografias vividas. Quando refletia sobre essas questões se efetivava uma busca de um tempo que, embora não estivesse perdido, poderia me ajudar na compreensão do que mudou em minha vida desde que eu tinha cerca de quinze anos.

Quadro a quadro, em minhas memórias, retornavam as lembranças tristes de divórcio entre meus pais, em Araxá, e da situação familiar se precarizando no início dos anos 2000. Ao mesmo tempo, lembrava que por volta de 2005, numa casa dirigida por uma mulher (minha mãe), já tínhamos condições de pagar as contas e termos acesso ao nosso primeiro computador. Em 2007, eu seria o primeiro membro da família a ingressar num curso de graduação em uma universidade pública. Poucos meses depois, minha irmã seria a segunda,

---

<sup>1</sup> PROUST, Marcel. No Caminho de Swann. In: \_\_\_\_\_. **Em busca do Tempo Perdido**. Tradução de Mário Quintana. 5ª. Ed. São Paulo: Globo, 2006, v. 1.

ingressando em umas das primeiras turmas do REUNI, em um campus avançado recém-criado de uma universidade federal. Portanto, ao falar de direitos para a juventude, apesar da especificidade do tempo das evidências que trabalhava, falava também de mim. Falava de um encontro comigo mesmo e sobre como muitas das minhas conquistas pessoais foram possibilitadas por mudanças objetivas ocorridas em nosso país nos últimos quinze anos.

Essas lembranças realçavam esse caráter do trabalho do historiador que envolve muitas temporalidades. Sempre é um jogo ativo entre passado e presente. Mesmo se nos baseássemos numa pretensa neutralidade, mesmo se fizéssemos escolhas baseadas nos “temas da moda”, mesmo se nossas abordagens se pretendessem se descolar das contradições da vida material... Nossas escolhas profissionais, nossas abordagens de pesquisa, nossos temas e problemas são sempre, em grande medida, uma escolha política.

Neste sentido este trabalho procurou uma busca persistente, no presente, de uma relação ativa da história com o passado<sup>2</sup>. Assim, ao me lançar a questões de um tempo em que, pelo seu caráter recente, para muitos que recorrem a uma posição conservadora, não se configuraria em termos de história, o objetivo seria de compreender os processos recentes que incidiram em mudanças objetivas para a juventude em Uberlândia e em nosso país.

Esse tempo presente que me lançava colocava diversas questões a serem refletidas num mundo conturbado da política brasileira. Como evidência desse processo, em maio deste ano, 2016, representantes do chamado segmento “sociedade civil” do Conselho Nacional de Juventude publicavam uma carta de repúdio que se posicionava ao que denunciavam como golpe de Estado no Brasil, liderado pelo PMDB, e que teria se efetivado com a deposição da presidenta eleita Dilma Rousseff (PT). O documento demonstrava profunda preocupação com o clima de instabilidade política e institucional do país e com a continuidade do processo de construção de direitos para a juventude brasileira. Denunciava ainda o que, no documento, era definido como um governo sem mulheres e sem negros, que não reconheceria a diversidade e os sujeitos de direitos que constroem a sociedade brasileira. Além disso, nota demarcava um tempo em relação a um conjunto de políticas públicas para a juventude brasileira efetivada

---

<sup>2</sup> CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?**. São Paulo: Ática, 2005.

nos últimos dez anos, da qual o próprio Conselho faria parte dos processos de discussão e elaboração<sup>3</sup>.

Num período relativamente recente, durante a década de 1990, a juventude brasileira (especialmente seu setor em que as famílias dependiam da renda do trabalho para sobreviver) foi um dos setores sociais que mais sofriam com as sucessivas crises econômicas. As políticas econômicas de matriz neoliberal expunham os jovens da classe trabalhadora ao desemprego que registrava recorrentemente as taxas mais altas da história. Um agravante a essa situação seriam o limitado horizonte de expectativas para a maior parte dos jovens<sup>4</sup>.

Contudo, se era expressiva a dura condição vivida pelos jovens em nosso país, a produção acadêmica, em geral, parecia passar ao largo de tais questões. Em 1997, um texto de Helena Abramo<sup>5</sup> considerava a necessidade de se refletir com maior intensidade a tematização social da juventude em nosso país. Segundo a autora, essa tematização havia, até então, se constituído em diversos âmbitos na sociedade (como na atuação de ONGs, em determinadas políticas públicas e a forma como era abordada pelas mídias), através de tendências que encaravam a juventude como problema social. Nestes termos, frequentemente

---

<sup>3</sup> NOTA da sociedade civil do Conselho Nacional de Juventude sobre o golpe de Estado no Brasil. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/05/conselho-nacional-de-juventude-nao-reconhece-governo-temer/> Acesso em: 26 de maio de 2016.

REDAÇÃO. Conselho nacional de juventude não reconhece governo temer. Brasileiros, São Paulo, 16. jun. 2016. Disponível em:

<<http://brasileiros.com.br/2016/05/conselho-nacional-de-juventude-nao-reconhece-governo-temer/>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

<sup>4</sup> Márcio Pochmann e outros autores, numa publicação organizada pela OIT, avaliavam, na virada dos anos 1990, a situação dos jovens frente às altas taxas de desemprego decorrentes das políticas neoliberais implementadas naquele período no Brasil. “Durante a década de 1980, o desemprego juvenil situou-se entre 4% e 8% da População Economicamente Ativa com idade entre 10 e 24 anos. Nos anos 90, contudo, a taxa de desemprego juvenil apresenta uma tendência de elevação sistemática, pois passou do patamar dos 5% em 1989 para próximo de 14% da PEA juvenil em 1997. Em relação a 1980, por exemplo, a taxa nacional de desemprego juvenil era de 4,5%, 3 vezes maior do que a de 1997.” POCHMANN, M. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: As transformações nos anos 90. In: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (Org.). **Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais**. 2.<sup>a</sup> ed. Brasília: OIT, 2001, p. 27-41.

<sup>5</sup> ABRAMO. H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-38, maio/dez. 1997.

não se colocaria qualquer perspectiva propositiva e possibilidade de protagonismo social por parte da juventude. Ademais, isso se asseverava por nunca ter existido, até aquele momento, uma tradição de políticas especificamente destinadas aos jovens como alvo diferenciado das crianças e com propostas para além da educação formal.

Abramo considerava que, no âmbito acadêmico, após anos de total ausência enquanto tema de investigação, a maior parte da reflexão se direcionava a trabalhar basicamente em duas linhas: 1) Pesquisas acerca de sistemas e instituições nas vidas dos jovens (como a escola, família e os sistemas jurídicos em relação a adolescentes considerados em situação “anormal ou de risco); 2) Abordagens que tratavam sobre estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens. Assim, poucas pesquisas teriam como escopo principal os modos como os próprios jovens viviam e elaboravam essas situações<sup>6</sup>.

No início dos anos 2000, esse quadro viria constituir algumas características quanto à tematização social da juventude. De modo geral, que nesse período, podemos dizer os jovens seriam vistos em dois grandes grupos pela sociedade e em certos estudos: Uma primeira parcela, minoritária, seriam os jovens com poder aquisitivo mais elevado, que passou a ser descrita pelas mídias nos termos do mercado, como nichos de consumo. Tratava-se, recorrentemente, esses jovens como se seus modos de vida e de compreensão do mundo nada mais fossem do que produto de uma “cultura de massas”, de uma “sociedade de consumo”. Por outro lado, uma segunda parcela de jovens, excluída do acesso a esses bens de consumo parecia constantemente ser reduzida a “problema social” e, cada vez mais, seria tratada pelos grandes meios de comunicação como manchete em jornais e programas. Esse processo viria a se exponencializar com o surgimento, praticamente no mesmo período, dos programas da TV aberta que transformaram a criminalidade em seu enfoque principal e espetacularizavam a violência nas cidades (principalmente aquela ocorrida em bairros periféricos).

Em meio a essas questões, nas cidades brasileiras um outro fenômeno se verificaria a partir da década de 1980: o aparecimento de grupos de jovens (como os *punks*, *headbangers*, *otakus* e *skinheads*), especialmente nas metrópoles e cidades médias brasileiras e que

---

<sup>6</sup> ABRAMO, op. cit., p. 25

costumavam ser definidos em algumas vertentes acadêmicas e pelas mídias como “tribos urbanas”. No Brasil chamava a atenção a seguinte peculiaridade: se os primeiros grupos juvenis que surgiram nas cidades do país se constituíam de jovens provenientes das classes médias e altas, a partir da segunda metade da década de 1990, os jovens pobres também vão emergir através dos movimentos ligados às pixações, ao funk e ao rap e à cultura hip hop de modo geral. Em anos mais recentes, a visibilidade dos jovens das periferias se revelaria mais enfaticamente a partir de ocupações do espaço público tais como os rolezinhos e as batalhas de MC’s. Sendo assim, essas evidências colocam a necessidade de uma breve reflexão sobre as relações entre juventude e cidade.

Magnani<sup>7</sup> demarca diferenças em relação a dois modelos de estudos: 1). O primeiro modelo que trabalhava com o problemático conceito de tribos urbanas (tributário de trabalhos do francês Mafesolli nos anos 1980) que se pautava em enfatizar aspectos relacionados ao consumo, à volatilidade e o pequeno tamanho desses grupos. Opunha-se, assim, à noção de metrópole, lugar do anonimato e de relações sociais menos próximas. A tribo seria entendida como lugar de solidariedades mais próximas num mundo completamente marcado pelo individualismo. Magnani considera que a denominação de tribos, além da alta carga de preconceito que ela própria confere a esses grupos, seria mais uma metáfora do que propriamente uma categoria<sup>8</sup>, portanto altamente limitada para ser utilizado com rigor; 2). Os estudos sobre as chamadas “culturas juvenis” que resultariam da noção de subculturas, proveniente do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, fundado em 1964, por Richard Hoggart, na Universidade Birmingham. Entendia-se, nessa tradição de abordagem, as experiências no interior das subculturas como formas de resistência à dominação de uma cultura hegemônica. Contudo, os estudos sobre as culturas juvenis foram se redefinindo para identificar grupos juvenis nas cidades, tendo como referência especialmente o modo como

---

<sup>7</sup> MAGNANI, J. G. C. In: MAGNANI, J. G. C., SOUZA, B. M. (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografia de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p. 16-18.

<sup>8</sup> MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo** - Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, São Paulo, vol. 2, n. 2, p. 49-51, 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40303/43188>. Acesso em: 15 out. /2015.

viviam seu tempo livre, e se realçavam determinadas relações dos jovens com os produtos da cultura de massa, como roupas, música, adereços, formas de lazer, etc.

Outras duas abordagens sobre a juventude seriam recorrentes nas áreas da antropologia e da sociologia: 1) aquelas que se ocupariam de questões geracionais e 2) aquelas que se ocupariam da discussão da juventude sendo uma fase de moratória social.

O primeiro tipo de abordagem se propõe a identificar padrões nos conflitos e distinções entre jovens e adultos num período histórico que poderiam caracterizar como a emergência de uma geração. Num texto de autoria de um de seus principais expoentes, Carles Feixa, os jovens são associados aos replicantes cibernéticos de *Blade Runner* que estariam “divididos entre a obediência aos adultos que os engendraram e a vontade de participar”<sup>9</sup>. Esse texto colocava uma problemática para os jovens: como não teriam memória, não poderiam ter consciência, e por isso não seriam plenamente livres para construir seu futuro<sup>10</sup>. A questão geracional seria entendida por esse autor não como “estruturas compactas, mas (enquanto) referências simbólicas que identificam vagamente aos agentes socializados nas coordenadas temporais”<sup>11</sup>. Nesses termos, poderia, então, se falar de gerações como: uma “geração @”, ou seja, uma geração de “nativos” digitais.

Por sua vez, conforme situa Abramo<sup>12</sup>, a tese da moratória social teria sido defendida inicialmente, a partir dos anos 1980, compreendida como uma etapa de socialização, em que os jovens receberiam pela sociedade uma concessão no que se refere ao adiamento dos deveres e dos direitos da produção e participação, sendo assim, assim um tempo da vida que que seria dedicado para formação do futuro de cidadão. As principais referências para essa tese se assentariam na ideia de que a juventude, como uma fase de preparação, seria uma criação da aristocracia do Antigo Regime e, posteriormente, reformulada pela burguesia

---

<sup>9</sup> FEIXA PÀMPOLS, C. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, A.; FEIXA PÀMPOLS, C.; GONZÁLEZ CANGAS, Y. (Org.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras/CEBRIJ, 2004.

<sup>10</sup> FEIXA PÀMPOLS, op. cit., p. 320.

<sup>11</sup> FEIXA PÀMPOLS, op. cit., p. 320.

<sup>12</sup> ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72



européia. Contudo, a análise a partir desse referencial revelou a dificuldade de uma definição de juventude nesses termos em decorrência das questões de desigualdades entre as classes sociais. Na prática, sob essa tese, ser jovem só seria algo possível para as classes médias e alta.

Contudo, em sentido oposto, uma parcela de pesquisadores viria a relativizar o conceito de juventude, trabalhando-o enquanto signo, o que resultou numa tendência de desvinculação das condições materiais e históricas em que vivem os jovens. De certo modo, tais formulações teriam se apropriado de forma simplificada da expressão síntese de Bourdieu em que “a juventude é só uma palavra” e de sua afirmação de que “[...] a juventude e a velhice não são dadas, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos”<sup>13</sup>. Essa última afirmação teria ainda o impacto de se tornar uma referência para as abordagens geracionais.

No Brasil, a partir da crítica a tais formulações, se orientou uma vertente de estudos, a qual se inclui Abramo, que se ocuparia de formular as noções da juventude em termos de sua condição (o modo como a sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida) e a sua situação (entendida como o modo em que essas condições são vividas a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais, sendo considerados aspectos como classes, gêneros, etnia, etc.)<sup>14</sup>.

De modo geral, mesmo que consideremos possíveis divergências com as abordagens desses estudos, assinalamos uma expansão dos estudos sobre juventude ocorrida durante as últimas décadas no Brasil. Todavia, no que se refere à História Social, constatamos a quase inexistente produção de pesquisas em nosso país que tratem de temáticas relacionadas especificamente aos jovens.

Um artigo de 2004, de autoria de Fernanda Quixabeira Machado, assinalava que, ao efetuar um levantamento a partir de um catálogo da ANPUH, no período entre 1985 e 1994,

---

<sup>13</sup> BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

<sup>14</sup> ABRAMO, 2005.



se registrariam apenas duas dissertações que teriam a juventude como tema<sup>15</sup>. Outro indicativo seriam os Simpósios Temáticos realizados nos Simpósios Nacionais de História promovidos pela ANPUH. A partir do XXII Simpósio Nacional teriam se realizado as primeiras discussões a respeito de perspectivas de abordagem historiográfica sobre a infância e a juventude. Contudo, ao analisarmos as ementas dos Simpósios Temáticos, disponíveis no site da ANPUH, verificamos que a ênfase recairia na prática, especialmente nos estudos sobre a infância.

A publicação recente de um dossiê sobre história da infância e juventude, em um periódico organizado por pós-graduandos da USP<sup>16</sup>, também pode ser considerada uma evidência da pequena produção historiográfica no Brasil sobre os jovens. Dos 12 artigos publicados no periódico: 7 tinham como enfoque principal a questão da infância; 2 artigos trabalhavam com as noções de menoridade; 4 artigos teriam como enfoque principal instituições para adolescentes como orfanatos, de apreensão e escolas; e, apenas 3 artigos se destinariam a temáticas referentes à juventude. Cabe registrar que, destes 3 artigos, contudo: a) um deles se destinaria a debater mais especificamente as relações entre indústria e propaganda, a partir de anúncios de motocicletas das marcas Yamaha e Honda na revista *Veja*, entre 1974 e 1981; b) outro se destinaria a debater as distinções de gênero no universo *teen* a partir do colégio Marista e; c) outro artigo se destinaria a debater a representação de juventude no cinema francês a partir do filme *Acosado*, de 1960.

Esses elementos assinalam para a característica de que produção historiográfica brasileira sobre os jovens (ao contrário de outras áreas das humanidades como a sociologia e antropologia) em geral se confunde com a produção historiográfica sobre as crianças e a infância. Um dos elementos desse impasse se evidencia na quase obrigatória referência da

---

<sup>15</sup> MACHADO, F. Q. Por uma história da juventude brasileira. **Revista da UFG**, Goiânia, v. 6, n. 1, jun., 2004. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/juventude/juventude.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/juventude.html)>. Acesso em: 01 mar. 2015.

<sup>16</sup> DOSSIÊ História da Infância e Juventude. **Revista Angelus Novus**, São Paulo, n. 8, 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/issue/view/Ano%20V%20n.%208%202014/showToc>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

obra *História Social da Infância e da Família*, de Philippe Ariès<sup>17</sup>. Em geral, o uso desse texto se efetivaria para buscar uma definição sobre as “idades da vida”, entre elas a juventude<sup>18</sup>.

Neste sentido, outra obra que se tornou referência para os estudos sobre juventude no Brasil é a *História dos Jovens*, organizada por Giovanni Lévi e Jean-Claud Schmitt<sup>19</sup>. Os dois volumes se constituem em ensaios de vários historiadores que, com diferentes abordagens e problemas, pretendiam discutir questões pertinentes à juventude da Antiguidade à Época Contemporânea.

Considero que um aspecto problemático de alguns usos conceituais efetuados a partir dessas duas obras, é que com frequência foram utilizadas para atribuir definições sobre a juventude, a partir de uma produção historiográfica que tinha como problemas questões pertinentes especialmente aos jovens europeus e, obviamente, em dados períodos históricos específicos.

Nessa perspectiva se situa o trabalho de Machado, que ao analisar grupos juvenis da cidade de Cuiabá, nos anos 1950 e 1960, tomaria como base a noção de geração para compor imagens culturais da juventude nessas duas décadas, às quais associa ao movimento estudantil e à jovem guarda. Considero que o uso da questão geracional, em se tratando de um trabalho na área de história, por seu caráter homogeneizador coloca em segundo plano as nuances do processo histórico analisado, bem como pode ocultar divergências, dissidências e conflitos entre os diferentes setores de jovens que teriam vivido um tempo em comum.

---

<sup>17</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

<sup>18</sup> Os seguintes trabalhos podem se utilizar de referências nesse sentido: SANTANA, M. S. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...**, 26, 2011, São Paulo. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312378682\\_ARQUIVO\\_MarcioSantosdeSANTANA.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312378682_ARQUIVO_MarcioSantosdeSANTANA.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2016.; ROCHA, V. O. Juventude e a reinvenção da ação política na universidade: entrelace de culturas, histórias e projetos em formação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...**, 26, 2011, São Paulo. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313030245\\_ARQUIVO\\_Juventudeeareinvencaodaacaopoliticanuniversidadereformuladofinal10agos.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313030245_ARQUIVO_Juventudeeareinvencaodaacaopoliticanuniversidadereformuladofinal10agos.pdf)>. Acesso: em 10 out. 2016.; REIS, A. M. D.. Juventudes no Brasil ditatorial (1964-1985): Aspectos de situação e condição. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...**, 26, 2011, São Paulo. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300071872\\_ARQUIVO\\_juventudesbrasileiras\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300071872_ARQUIVO_juventudesbrasileiras[1].pdf)>. Acesso em 10 de out. de 2016.

<sup>19</sup> LÉVY, G., SCHMITT, J. (Orgs.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 vol.

No que se refere à produção do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, foi possível encontrar um único trabalho que se refere mais enfaticamente aos jovens como tema ou problemática central. O trabalho de João Gabriel do Nascimento se propõe a compreender as representações de raça e de juventude efetivadas pela revista *Veja* e pelo canal televisivo Globo no período entre 2001 e 2010<sup>20</sup>.

Ademais, poucos outros trabalhos tratariam de grupos existentes na cidade - tais como roqueiros<sup>21</sup>, *rappers*<sup>22</sup>, dançarinos de *break*<sup>23</sup> e funkeiros<sup>24</sup> -, os quais a maior parte de seus membros seriam jovens,. Contudo, essas pesquisas não se proporiam a elaborar reflexões sobre as relações entre história social, os jovens e a juventude propriamente dita.

De todo modo, o diálogo com esses trabalhos estimulava um melhor desenvolvimento em relação a algumas questões iniciais de meu projeto inicial de minha pesquisa. Sendo estas, especialmente duas: 1). A delimitação do sujeito da pesquisa e como seria abordado. Afinal, de quais jovens da cidade eu estaria falando?; 2). A necessidade de construção de um referencial teórico-metodológico para abordar as relações entre os jovens e a cidade.

Para estruturação do primeiro ponto, foi fundamental estabelecer um diálogo com as proposições de Edward Palmer Thompson e Raymond Williams. As concepções de cultura e experiência se revelaram como faróis para iluminar os caminhos possíveis de análise. Para isso, requer que recuperemos algumas das discussões presentes nesses dois autores.

---

<sup>20</sup> NASCIMENTO, J. G. **Raça, mídia e juventude**: representações da juventude negra. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

<sup>21</sup> SILVA, E. L. **Música, juventude, comportamento**: nos embalos do rock'n'roll e da jovem guarda. (Uberlândia, 1955-1968). 2007. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

<sup>22</sup> ANASTÁCIO, E. S. **Periferia é sempre periferia?**: um estudo sobre a construção de identidades periféricas positivadas a partir do rap em Uberlândia-MG (1999-2004). 2005. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

<sup>23</sup> GUARATO, R. **História e dança**: um olhar sobre a cultura popular urbana - Uberlândia (1990-2009). 2010. 226f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

<sup>24</sup> PIRES, J. A. N. **Cultura funk e subjetividades consumistas**: sensibilidades da juventude no fluxo das periferias brasileiras (1990-2014). 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

Em seu artigo “As Peculiaridades dos ingleses”<sup>25</sup>, Thompson se lança ao enfrentamento no campo teórico das concepções do marxismo-estruturalista inglês, representado especialmente por Tom Nairn e Perry Anderson. Para Thompson, o grande equívoco desses autores seria negar toda uma experiência social inglesa, ao procurar compará-la com um modelo de evolução histórica, pré-definido, baseado no processo histórico social francês. Neste sentido, esse modelo concentraria a atenção numa “Revolução”, não ocorrida na Inglaterra, e, portanto, não ocorrida nos mesmos moldes com que ocorrera na França. Thompson considera esse modelo como produto de elaboração teórica, baseado em abstrações de classe. Nele, se negaria a pesquisa empírica, qualificada de forma negativa por Anderson e Nairn como “empirismo”.

Nas reflexões de Thompson, a crítica, não se refere especificamente à adoção de um modelo, pois, efetivamente a história pressupõe a adoção de um modelo para que o processo histórico seja explicado. A grande questão é que estudos, como de Anderson e Nairn, imputariam a um determinado modelo, todo o desenvolvimento da realidade, o que se complicaria, como uma prática de pesquisa que pinçaria apenas as evidências que a ele se adequassem.

Apesar da peculiaridade do lugar de suas reflexões, as questões de Thompson me faziam lançar algumas questões que me pareciam importantes para refletir sobre alguns tipos de abordagens sobre os jovens que recorrem constantemente a determinados modelos teóricos. Porém, uma análise que se proponha a compreender a realidade vivida pelos jovens (ou qualquer outro sujeito social) de um lugar e tempo específicos requer, como propõe Thompson, a necessidade de confrontarmos nossos procedimentos teórico-metodológicos com as evidências que se apresentam na pesquisa.

Nesse viés, uma proposição de Williams<sup>26</sup> nos chama a atenção acerca do fato de que os conceitos devem ser compreendidos enquanto problemas históricos, ou seja, movimentos históricos ainda não definidos. Ao lidarmos com conceitos e categorias sociais como “jovens”,

---

<sup>25</sup> THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizado por Antônio Luigi Negri e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

<sup>26</sup> WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. São Paulo: Zahar, 1979.

“juventude”, “cidade” e “cultura”, não basta apenas que mobilizemos um suposto acúmulo teórico que lhes poderia revelar “tal como são”. Mais que isso, é preciso que nos empenhemos a refletir sobre as contradições, limites e conflitos referentes a esses termos, e, em que medida podem se tornar ferramentas para compreensão da realidade. Portanto, conceitos e categorias devem ser constantemente confrontados com a pesquisa empírica e reformulados se houver a necessidade<sup>27</sup>.

Em termos da disciplina história, seria então pertinente nos dirigirmos aos pressupostos de Thompson, que sinalizam para uma lógica histórica, em que o conhecimento histórico é: a) provisório e incompleto (mas, não por isso inverídico); b) seletivo (mas, não por isso inverídico); c) limitado e definido pelas perguntas dirigidas à evidência, dessa forma, e se constituindo como “verdadeiro”, apenas no interior do campo assim definido<sup>28</sup>.

Um possível modo de problematizar a juventude seria partir do primeiro significado que evoca: o de ser uma categoria unificadora de um segmento etário. Para isso, precisamos nos questionar quais são as condições históricas com a qual se forma enquanto categoria social e enquanto definição que se constitui no campo da cultura.

Considero importante afirmar que ao analisar o conceito/categoria social de juventude, parto do pressuposto de que as linguagens não são apenas textualidades, discursos ou sistema de signos. Tampouco, as linguagens se tratariam meramente de mediações, expressões ou

---

<sup>27</sup> Assim, a concepção geracional, desenvolvida por autores como Feixa e Leccardi, acaba por reforçar a noção de que os jovens num dado tempo histórico poderiam ser definidos a partir de certos termos homogeneizantes. Um exemplo, de uma formulação com essa característica, seria a definição de “geração colcha de retalhos”, em que se considera que os jovens atualmente seriam fatalmente marcados por processos de hibridização cultural. Ver: FEIXA PAMPÒLS, C. F.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, ago., 2010. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso)>.

Acesso em: 13 de outubro de 2016.

Por outro lado, conforme critica Lia Pappámikail, autores que apostam na tese da juventude enquanto moratória social (além de, em muitos casos não considerarem as relações de desigualdades e diferenças entre os grupos de jovens) talvez pareçam estar mais preocupados em entender como se sai da juventude, do que analisar seus modos de vida. PAPPÁMIKAIL, L. Juventude(s), autonomia e sociologia. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Cidade do Porto (Portugal)**, vol. 20, p. 395-410, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

<sup>28</sup> THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

reflexos do real. Sendo constitutivas do real, as linguagens se conformam, na verdade, como atividade social e consciência práticas. Conforme afirma Williams:

O que temos é, antes, uma compreensão dessa realidade através da linguagem, que como consciência prática está saturada por toda atividade social, e a satura, inclusive a atividade produtiva. E, como essa compreensão é social e contínua (em distinção dos encontros abstratos do “homem” e “seu mundo”, ou “consciência” e “realidade”, ou “linguagem” e “existência material”), ela ocorre dentro de uma sociedade ativa e em transformação. A linguagem fala dessa experiência – o termo médio perdido entre as entidades abstratas, “sujeito”, e “objeto”, sobre os quais as proposições do idealismo e materialismo ortodoxo são construídas. Ou, mais diretamente, a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo.<sup>29</sup>

Quando situamos a linguagem nesses termos é possível efetivar, no trabalho de análise, a possibilidade de irmos além do caráter mais geral e/ou abstrato de categorizações como juventude e juventudes. Evidentemente, não quero aqui negar a validade dessas categorias. Afinal, elas podem ser pertinentes dentro das proposições de certos objetivos. Contudo, merecem uma maior atenção quanto à sua utilização e o que implicam em termos de abordagem.

Assim, ao falarmos de juventude, podemos considerar um movimento mais geral, de como, enquanto faixa etária e problemática social, ela pode ser pensada e compreendida em determinadas leituras sobre o social, seja para reivindicar e atribuir certos direitos, seja para demarcar o que seria comum. Por sua vez, a ênfase no plural, juventudes, sugere a ênfase na diversidade das experiências sociais, ou seja, como podemos agrupar os jovens dentro de diferenças e desigualdades (como classes sociais, gêneros, etnias, etc.).

Exemplificando a dinamicidade de abordagens poderíamos nos situar dentro de uma perspectiva política que enfatiza o jovem como indivíduo. Poderíamos argumentar que, dessa forma, estaríamos mais próximos do “sujeito” enquanto tal, no processo de compreensão do social. Porém, como Williams demonstra, o próprio conceito de “indivíduo” seria, a princípio,

---

<sup>29</sup> WILLIAMS, 1979, p. 43.



uma produção histórica abstrata e construída dentro do processo de produção de hegemonia cultural.

Abrindo caminhos possíveis, em sua pesquisa com jovens ligados a grupos musicais como o funk e o rap, Dayrell nos apresenta dois aspectos que podem auxiliar em reflexões sobre os jovens e a juventude. A primeira é que não podemos compreender a juventude como apenas um tempo de passagem, desenrolada num tempo linear. Em sua compreensão, a juventude faria parte de um processo mais amplo da constituição de sujeitos, mas que se teria especificidades nas experiências que marcam a vida de cada um. Sendo assim, é pertinente sinalizar que não há uma única forma de ser jovem, por isso requer (como aqui proponho) que enfatizemos essa categoria no plural: juventudes. A segunda contribuição de Dayrell se faz no próprio percurso teórico-metodológico de construção de abordagem do sujeito social de sua pesquisa: jovens ligados a grupos de rap e funk (portanto bastante próximo daqueles que aparecerão neste trabalho), contudo não numa abordagem que poderia entendê-los apenas na dimensão de suas experiências dentro dos grupos musicais que participavam. Seria pertinente assinalar o sentido mais amplo de suas experiências, no cotidiano vivenciado enquanto jovens das camadas populares<sup>30</sup>.

Mais do que traçar respostas definitivas a exposição de alguns limites e potencialidades na utilização dessas categorias e conceitos, o que pretendi assinalar foi a importância de entendermos essas nuances entre o específico e o geral, a partir de como se constituem, na sociedade, na história, na política, e, também, na produção acadêmica.

Assim, ao lidarmos no nosso trabalho de investigação com esses conceitos e categorias, o que queremos dizer? Em que medida, estamos corroborando com determinadas formas, de ver e compreender “a juventude”, “as juventudes” e “os jovens” (e que participam do processo de construção de políticas públicas, projetos e agendas de direitos para os jovens)?

---

<sup>30</sup> DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

A prevalência em trabalhar a noção de “jovens” neste trabalho, assim, não se faz com o intuito de endossar uma perspectiva individualizante desse sujeito social. O que procuro é compreender a partir da multiplicidade de experiências do que é ser jovem e morador de bairros da cidade, se efetivariam a produção de memórias e as disputas que envolvem os direitos para os jovens, mais especificamente em Uberlândia, porém traçando possíveis relações, com que é ser jovem no Brasil, neste momento em que vivemos.

Por isso, proponho um movimento contínuo entre essas categorias (jovens, juventude, juventudes) para um entendimento mais complexo dessas experiências sociais. Não de modo a ir, de forma prepotente, à guisa de encontrar uma solução final para as questões expostas, mas com intuito de explorar possíveis caminhos e contribuições para a compreensão de dilemas enfrentados pelos jovens (em especial os jovens pobres e trabalhadores) no mundo que vivemos.

Tendo sublinhado esse aspecto, destaco algumas das articulações que embasaram a estratégia teórico-metodológica desta pesquisa. Ao buscar compreender as experiências e modos de vida de jovens na cidade, elenquei como ponto de partida os processos de ocupação de lugares públicos ou privados da cidade. Optei assim, para além, das habituais análises das fontes, a realizar trabalhos de campo em lugares de lazer frequentados por jovens pobres.

Um lugar em especial me chamou a atenção desde o início: o Teatro Municipal e sua área externa. Anteriormente ao trabalho de pesquisa, me recordo que ao frequentar seu espaço por algumas vezes, notava que sua área externa ficava normalmente vazia. Num lugar pouco acessível a uma parcela considerável da população, devido à pequena quantidade de ônibus disponibilizados pelo sistema de transporte público, o Teatro Municipal parecia ser um patrimônio cultural a ser frequentado apenas por pessoas com condições para adquirir seus ingressos. Contudo, viria a se efetivar paulatinamente como um dos espaços mais diversificados da cidade. Nos finais de semana do início do ano de 2015, era possível ver famílias brincando com seus filhos, disputas entre carros com enormes equipamentos automotivos e grupos variados de jovens, entre skatistas, roqueiros, *rappers* e outros.



Esses processos de ocupação do Teatro Municipal e de outros lugares da cidade me motivaram a desenvolver uma abordagem no campo da História Social sobre os modos de vida de jovens pobres em Uberlândia. Nesse enfoque, alguns trabalhos seriam fundamentais para o diálogo:

Letícia Siabra, em sua dissertação de mestrado, se dispôs a analisar as experiências de comunicação de moradores pobres em Uberlândia, entre 1990 e 2012, através de um programa televisivo chamado Linha Dura e um espaço do jornal Correio destinado a reclamações de leitores sobre a cidade<sup>31</sup>. A autora demonstra como a ação desses grupos midiáticos se constituía na construção de projetos e marcos de memória na cidade. Impunha-se, assim, nesses meios, a concepção da pobreza como resultado da imobilidade dos moradores de bairros pobres a partir da formulação de estereótipos de cada um desses bairros. Porém, dentro desses limites e pressões, leitores e espectadores criariam estratégias para o atendimento de suas demandas comunitárias.

Sheille Soares Freitas, ao investigar os modos de vida e de produção da cidade por moradores de Uberlândia, coloca em questão proposições e transformações que emergiriam entre o final do século 20 e o início do século 21, em torno das disputas na cidade<sup>32</sup>. A autora, a partir de uma minuciosa análise de materiais diversificados, entre atas de sessões da Câmara Municipal, cartilhas, entrevistas e até mesmo um álbum de figurinhas, constata a possibilidade de uma história que possibilitaria constituir novos mapas sociais da cidade, evidenciando uma cidade de territórios, diferenciados, divididos e partilhados.

Outro importante referencial seria o trabalho de Célia Rocha Calvo, que analisa memórias e histórias de moradores da cidade entre anos de 1938 e 1990<sup>33</sup>. Trabalhando com

---

<sup>31</sup>SILVA, L. S. **Cidade e experiências de comunicação:** cultura, memórias e estratégias de lutas de moradores pobres no espaço urbano. Uberlândia (1990-2012). 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

<sup>32</sup> FREITAS, S. S. **Por falar em culturas...**: histórias que marcam a cidade. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

<sup>33</sup> CALVO, C. R. **Muitas memórias e histórias de uma cidade:** lembranças e experiências de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990. 2001. 291 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

cartões-postais, fotografias, imprensa, entrevistas e outros materiais, a autora verificou outras possibilidades para produção de uma cartografia dos territórios da cidade que não comporiam a forma como aparecem cristalizadas em certas imagens simbolizadas pelos marcos de poder. Nas imagens e monumentos oficiais da cidade, em geral, se retiraria o movimento diário dos moradores, ao passo que se ocultariam as diversas temporalidades e experiências vividas. Contudo, no processo de análise dessas entrevistas e de outros mapas de Uberlândia, se tornava perceptível outra cidade revelada. Em comum, esses trabalhos teriam a preocupação de compreender Uberlândia a partir de referências que se constituem a partir das experiências sociais de seus moradores, possibilitando a construção de outras cartografias da cidade – o que se tornaria uma das proposições centrais perseguidas por esta pesquisa.

Numa caracterização inicial, podemos situar que Uberlândia é uma cidade de Minas Gerais, localizada na região do Triângulo Mineiro. A relação de dados do site do IBGE informa que em 2016 a população de Uberlândia foi estimada em 669.672 habitantes. Em relação a 2010, quando foi feito o último Censo Nacional, a população do município era de 604.013 pessoas. Quanto aos jovens, em 2010, Uberlândia teria 27,5% da sua população constituída por pessoas entre 15 e 29 anos. Podemos dizer assim, que lidamos com uma cidade em profunda expansão demográfica e crescimento que se efetuou especialmente a partir do final da década de 1970.

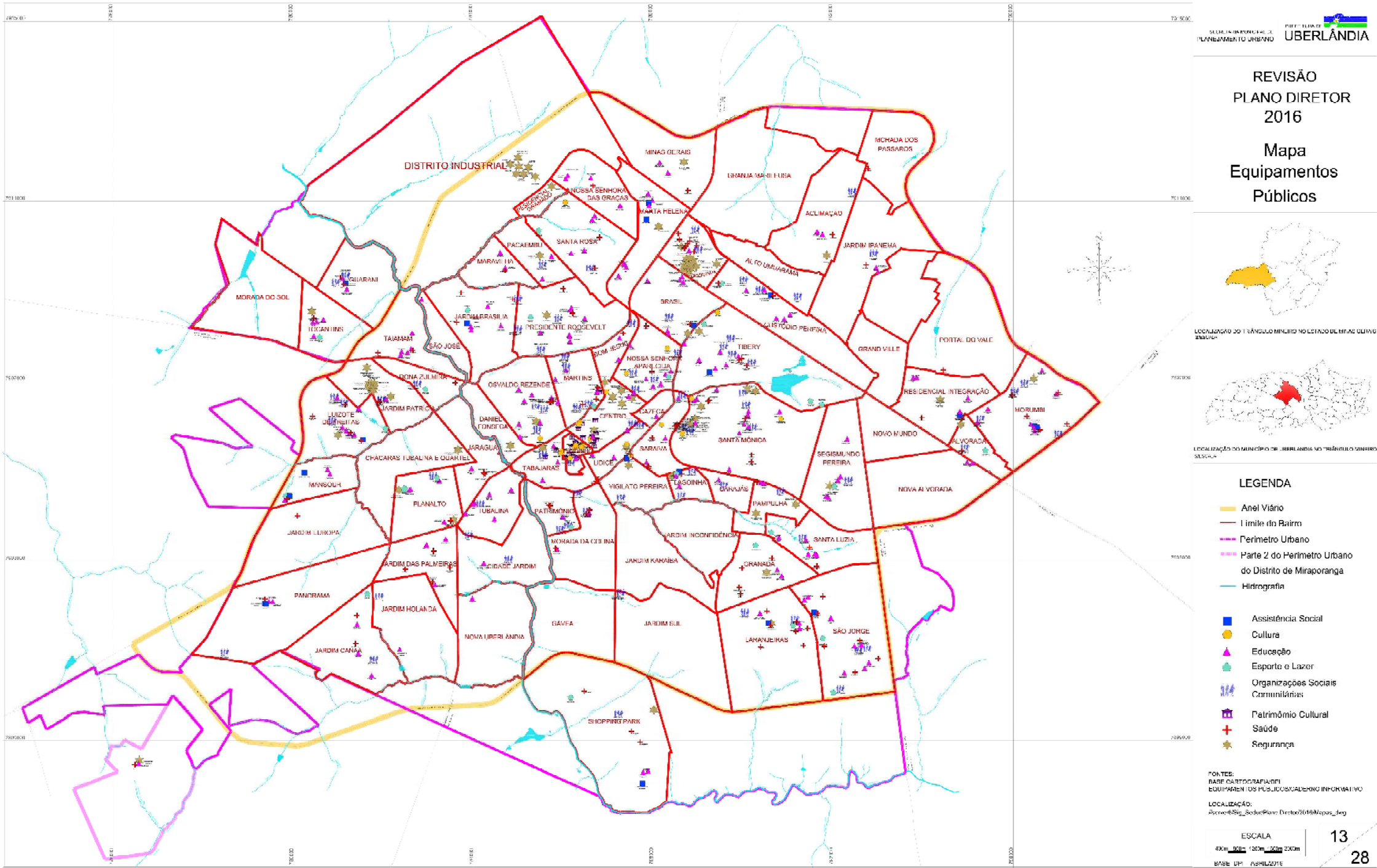
Segundo o diagnóstico preliminar da última revisão do Plano Diretor do município, a cidade contaria atualmente com 74 bairros aprovados<sup>34</sup>, com a previsão de que se atinja o número de 85 bairros aprovados nos próximos dez anos. Essa revisão do Plano Diretor destaca um interessante mapa (a seguir) que pode ser utilizado para termos uma visualização de como oficialmente foram demarcados os equipamentos públicos da cidade (entre eles equipamentos “sociais”, culturais, patrimônio histórico-cultural, de saúde e de segurança).

---

<sup>34</sup> UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Diagnóstico Preliminar do Plano Diretor 2016. Uberlândia: PMU, 2016. Disponível em:

<[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/15322.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/15322.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2016.

Mapa 1 - Distribuição de equipamentos públicos por bairro na cidade de Uberlândia. Revisão do Plano Diretor Municipal. 2016.



Fonte: Secretaria de Planejamento Urbano/PMU (2016).

Porém, se esse mapa nos oferece valiosas informações de como a prefeitura demarca a distribuição dos equipamentos urbanos e a disposição nos bairros, há a necessidade de uma outra indagação: Quais outras “cidades” de Uberlândia existiram para os jovens e poderiam ser “reveladas” a partir do trabalho de pesquisa?

Sendo assim, procurei realizar um mapeamento de lugares que eram ocupados por jovens na cidade. A proposta de construção de cartografias urbanas se referenciou basicamente em dois conjuntos de trabalhos:

Primeiramente, o trabalho do projeto Cartografias Urbanas da UFMG, coordenado por Regina Helena Alves da Silva<sup>35</sup>, auxiliaram na construção de uma metodologia que auxiliasse no mapeamento das redes de comunicação e de práticas culturais na cidade. Essa perspectiva se oporia à noção de fragmentação e dispersão da cidade, possibilitando um olhar sobre os diferentes movimentos e ritmos da cidade.

As perspectivas apresentadas pelo grupo, relacionadas às práticas e redes de comunicação, faziam me atentar para as evidências de pesquisa que apontavam para os modos com que os jovens de Uberlândia se articulavam na cidade para se mobilizarem por seus interesses. À medida que pesquisava, via um terreno caudaloso, mas que me despertava bastante interesse, de práticas de comunicação que realizavam não só nas redes constituídas na concretude dos espaços da cidade, mas também através da de recursos da internet e outras ferramentas de comunicação.

Por sua vez, Magnani<sup>36</sup> auxiliou a construir um referencial para compreensão do que é definido como circuitos de jovens na cidade. Através das noções desenvolvidas de pedaço e manchas se designariam formas de sociabilidade entre jovens na cidade em diferentes escalas. Por entre o pedaço (lugar dos mais chegados) e as manchas (relação de diversos equipamentos

---

<sup>35</sup> SILVA, R. H. A. Cartografias Urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade. **Visões Urbanas**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, vol. 5, p.1-18, 2008.; SILVA, R. H. A., GONZAGA, M. M. Redes culturais em territórios urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 28., Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://inspirebr.com.br/uploads/midioteca/75d2fcbd6beef4de58e44e49aea9de95.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2013.

<sup>36</sup> MAGNANI, 2007. p. 20-21.

e estabelecimentos que permitem a afluência de determinados grupos de frequentadores), haveria os trajetos que possibilitariam se deslocar por entre essas manchas urbanas, num espaço para além do bairro. Numa relação espacial mais independente e sem necessariamente ter contiguidades, poderíamos verificar os circuitos, descrevendo práticas e ofertas de determinados serviços, equipamentos e espaços, além de designar usos desses espaços e equipamentos de uma forma espacial mais abrangente.

No decorrer da pesquisa me deparei, contudo, com a necessidade de definir em outros termos as noções propostas por Magnani. Ao entrar em contato com os jovens moradores da periferia da cidade (através do trabalho de campo e/ou na produção de entrevistas) pude perceber uma linguagem comum e um vocabulário próprio que costumavam definir os lugares de acordo com suas experiências na cidade.

Assim, no processo de construção de mapas procurei articular as múltiplas temporalidades que eram evocadas em relação ao patrimônio e a paisagem construídos, e especialmente os processos de produção de memória envolvidos. Precisava pensar a cidade em relação ao tempo, e de que modo os jovens mobilizam recursos para constituírem suas experiências nesses lugares. Afinal, como considera Giulio Argan:

[...]uma cidade não é apenas o produto das técnicas de construção. As técnicas da madeira, do metal, da tecelagem, etc. também concorrem para determinar a realidade visível da cidade, ou melhor, para visualizar os diferentes ritmos da cidade (muitas vezes distintos segundo as classes sociais)<sup>37</sup>

Portanto, seria preciso compreender esses jovens como sujeitos ativos na transformação do espaço da cidade. A princípio, isso não seria muito difícil verificar, tendo em vista os usos que se fazia da cidade se desvinculavam dos projetos originalmente propostos pelas elites locais. Praças e áreas determinadas para fins específicos se convertiam em outros usos e sentidos, bem como muros e paredes tinham suas cores e formas

---

<sup>37</sup> ARGAN, G. C. Cidade ideal e cidade real. In: \_\_\_\_\_. **História da arte como história da cidade**. Tradução: Pier Luigi Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 73-84.



transformadas objetivamente por pixadores<sup>38</sup> e grafiteiros (com ou sem autorização de seus proprietários).

É assim, que dialogando com a bibliografia citada e com elementos que pude levantar a partir das experiências vividas por esses jovens, me dispus a construir uma visão possível de Uberlândia a partir de noções como “quebrada”, “pico”, “fluxos”, “rolês” e “zonas”. Definições essas, que partiram do esforço de reflexão e que serão desenvolvidas ao longo do segundo capítulo.

Por sua vez, as práticas de comunicação também revelavam, a partir de conversas e entrevistas, também uma dimensão temporal, sendo significadas em sentidos diversos pelos jovens. Numa conjuntura em que a popularização da internet pode ser entendida como recente em termos históricos, se verifica entre as juventudes diferentes maneiras de se comunicar que se interseccionam com as tecnologias, e os processos de inclusão e exclusão em seu acesso de acordo com o tempo e o lugar.

---

<sup>38</sup> Optei neste sentido pela grafia com “x”, neste caso, tal como esses grupos costumam se autoafirmar. Essa distinção decorre das diferentes noções associadas aos termos pichação e pixação. A pixação seria, assim, um termo utilizado para a prática criada por grupos de jovens nas cidades brasileira que costumam assinalar muros e prédios urbanos. Iniciada enquanto prática de reivindicação e protesto por grupos do movimento estudantil, que assinalavam palavras de ordem nos muros urbanos, posteriormente ocorreria sua adesão enquanto prática principalmente por grupos de jovens pobres das metrópoles tais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O novo modo de prática desses jovens, iniciado nos anos 1980, se diferenciaria da prática anterior, uma vez que começavam a criar uma grafia que seria incompreensível para a maior parte da população, mas que possuía significados compreendidos pelos grupos de pixadores. Uma indicação de um documentário que se lança a constituir uma memória sobre a pixação em São Paulo e no país se trata do filme Pixo, de 2009. Ver: PIXO . Direção de: de João Wainer e Roberto Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. 1 filme. (62 min.), son., color. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=s1X2toIrnGg](http://www.youtube.com/watch?v=s1X2toIrnGg)>. Acesso: 11 out. 2015.

Em sentido diverso deste, a atual legislação nacional efetua uma distinção entre o que qualificaria como pichação e enquanto grafite. O grafite seria o tipo de manifestação artística que, nessa perspectiva, valorizaria o patrimônio público ou privado. Por sua vez, a pichação legalmente seria quando alguém “conspurca um monumento urbano”, ato qualificado como crime. Deste modo, o fio condutor para qualificar o graffiti e a pixação enquanto artes seria o quanto estes valorizariam a propriedade. Cf. BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. **Diário Oficial da União**, Brasília: 26 maio 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Essas dinâmicas de desigualdades e exclusão sociais apontavam ainda para elementos de compreensão de como efetivariam o acesso e as lutas por direitos na cidade. Sendo assim, as práticas de comunicação e de uso do espaço público pelos jovens, bem como as formas mais ou menos incisivas de reivindicação, se revelavam formas de colocar no espaço público. Mesmo que não se configurassem em tornos de pautas bem delimitadas e específicas, pareciam emergir em formas de se reivindicar um lugar na cidade em termos de direitos. Neste ponto, refletir sobre a cidade seria também necessário para pensá-la em termos de espaço público, lugar onde se configuram os processos de disputas e negociações em torno de direitos sociais. Sendo assim, a temática dos direitos em geral para os jovens, mas mais objetivamente aquilo que se refere mais amplamente ao direito à cidade, perpassa toda a reflexão desse trabalho.

Neste sentido, ao delimitar os materiais em que buscaria evidências sobre essas questões decidi trabalhar com uma diversidade de documentos que compreenderia: leis, pesquisas e sistematizações de dados sobre a juventude no Brasil, em Minas Gerais e em Uberlândia, além de jornais locais, mapas e entrevistas com jovens da cidade.

Ao lidar com fontes como leis, portarias e outros documentos produzidos em diferentes esferas do Estado, considerava possibilidade de encontrar elementos que permitissem compreender os processos que constituiriam os direitos da juventude no Brasil. Para tal, seria preciso compreender as leis e, principalmente, os direitos sociais não como dados, mas como socialmente produzidos a partir de processos de disputas entre diversos setores da sociedade. Neste sentido, a diversidade contemplada abrange desde documentos como portarias municipais que regulamentam o uso de certos equipamentos público, além de leis que efetivariam as instâncias em Uberlândia que formulam políticas públicas voltadas para os jovens, bem como contempla as legislações de âmbito federal e estadual que dariam sustentação a essas ações.

Entendendo a complexidade do processo de debates e constituição de leis que formulariam uma noção de jovens enquanto sujeitos de direitos, recorro ainda às pesquisas sobre juventude formuladas a partir de 2003. Essas pesquisas serão analisadas como recurso para levantamento de dados sobre os jovens, em diversos âmbitos da vida social, e

compreendidos enquanto indícios de emergências de oposições a certos projetos hegemônicos de sociedade de modo a abrirem caminhos para formulação de um conjunto de políticas públicas para os jovens.

Interrogo essas projetos conforme propõe Josep Fontana<sup>39</sup>, ao considerar que um projeto social seria construído, a partir da história, numa relação contínua entre passado e presente que se efetivariam para endossar uma proposta política. O apoio para tal composição se afirmaria na descrição do presente, que se completaria com uma “economia política” e que nada mais seria que uma explicação do sistema de relações entre os seres humanos que nada mais serviria para justificá-las e racionalizá-las. Com isso, se ocultaria elementos como a desigualdade, a exploração, assim, como a divisão social do trabalho, em funções e termos que associam progresso como a forma que organiza o bem comum. Desnaturalizar a história se coloca então enquanto prática necessária, para compreensão da constituição de certos projetos de sociedade e lhes retirar a áurea de caminho inexorável a ser seguido. Afinal, todo projeto vencedor pressupõe outros projetos vencidos e batalhas que não foram ganhas por outros grupos sociais.

Na relação entre leis e mídias procurei compreender, portanto, como a imprensa se reportava aos jovens, uma vez que num terreno de desigualdades, os jornais, redes de televisão e rádios participariam ativamente no processo de construção de projetos para a juventude pobre da cidade. Neste sentido, lançar questionamentos a esses projetos a partir de documentos (tais como o Estatuto da Criança e da Adolescente e o Estado da Juventude), que se constituíram enquanto marcos para consolidação de direitos para os jovens.

Desta forma, pude verificar que as notícias veiculadas nos jornais, em diversos momentos seriam produzidas com sentidos opostos a construção de agendas públicas para a juventude formuladas a partir da década de 1990. Contrapondo-se muitas vezes a orientações internacionais de organismos de defesa dos Direitos Humanos, tais como a mudança da idade mínima de trabalho de 14 para 16 anos, a imprensa da cidade parecia confrontar essas agendas

---

<sup>39</sup> FONTANA i LAZARO, Josep. **História**: análise do passado e projeto social. Tradução de Luiz Roncari. Bauru-SP: EDUSC, 1998.



de direitos e constituir a sua própria, mobilizando interesses de determinados setores das elites locais.

Neste sentido, relembrar o ECA, mesmo em suas limitações, não se colocaria, portanto, apenas como uma forma de reforçar um marco fundamental para construção das políticas de juventude no nosso país. Sintomático disso, seria o fato de que momento de realização desta pesquisa seria próximo de uma série de discussões que persistiam na sociedade em torno da questão da “menoridade legal”. Assim, mesmo que a noção legal de “menor” se refira a crianças e adolescentes, e que estes últimos não são a totalidade dos jovens, refletir sobre o ECA se revelaria como uma questão histórica para interrogarmos o processo de consolidação da juventude enquanto sujeito de políticas públicas específicas no nosso país.

No processo de escolha dos materiais de imprensa, decidi trabalhar com os dois jornais locais de maior circulação na cidade, sendo estes o Correio de Uberlândia e a Gazeta de Uberlândia. Para fins de compreensão do lugar social que ocupam esses jornais farei aqui uma descrição sobre ambos.

A Gazeta de Uberlândia é atualmente um jornal em formato tabloide que é distribuído gratuitamente na cidade, com periodicidade semanal e com tiragem de 30.000 jornais. O periódico foi criado em 2003 no bairro Luizote de Freitas (considerado o maior conjunto habitacional da América Latina) com o nome Gazeta do Luizote, se tornando o mais expressivo jornal de bairro da cidade.

O fundador e proprietário desse jornal foi Gregório José, filho de Agenor Simão – este último também conhecido como “Capitão Charqueada” quando foi apresentador de programas policiais em rádios AM da cidade. Simão, em determinado momento de sua vida, foi redator do Correio de Uberlândia. Por sua vez, Gregório José em duas ocasiões foi assessor de comunicação da Câmara Municipal (1995 e 2003 a 2005). Entre 1998 e 2012, foi assessor de comunicação da Fundação Maçônica Manoel dos Santos (articuladora de lojas maçônicas de Uberlândia que administrou parte dos equipamentos de saúde pública do município entre a década 1990 até o ano de 2013, quando é instituída a FUNDASUS pelo governo municipal de Gilmar Machado/PT). Foi Diretor da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) do Triângulo Mineiro. Atuou em rádios da cidade desde a década de

1980 e desde 2013 trabalha como repórter e apresentador de programas da TV Band Triângulo.

O redator-chefe do jornal, há mais de 10 anos, é Ademir Torido Reis que dirige atualmente a assessoria de comunicação da Câmara Municipal. Em 2004, o jornal passaria a se denominar Gazeta do Setor Oeste procurando abranger a totalidade da região da cidade onde se localiza o bairro Luizote de Freitas. Em 2005, o jornal mudaria novamente de nome para se chamar finalmente Gazeta de Uberlândia e, em 2013, o jornal foi vendido a um grupo de empresários locais, deslocando a sua sede para a sala de um edifício no centro da cidade, na avenida Floriano Peixoto. Ademir Reis continuou como redator-chefe do jornal e Gregório José se manteve ocasionalmente como repórter e colunista.

No decorrer da pesquisa, pude perceber as mudanças em relação ao jornal que passou de um formato em que poderíamos qualificar enquanto jornalismo comunitário para o que poderíamos definir como imprensa popular de caráter comercial. Neste sentido, passou a ter notícias mais similares, em temas e formatos, a outros jornais locais, além de veicular, cada vez mais, anúncios de empresas de variados cantos da cidade. Seções de entidades como FIEMG, ADESG e CDL se tornaram recorrentes, além de colunas institucionais como “Palavra do Governador” durante o mandato de Antônio Anastasia/PSDB. Além disso, matérias sobre empreendimentos comerciais e industriais de médio e grande porte se tornaram uma constante, bem como da atuação de mandatos políticos (deputados federais e estaduais, vereadores e prefeitura).

Por sua vez, o jornal Correio de Uberlândia foi fundado em 1938 pelo proprietário rural José Osório Junqueira, proveniente de Ribeirão Preto, que também administrava outros sete jornais. À época o jornal teria periodicidade irregular e enfrentaria algumas dificuldades para se efetivar enquanto veículo de comunicação na cidade. Na década de 1940, um grupo de empresários locais ligados à UDN (União Democrática Nacional) se mobilizaria para comprar o jornal. Entre esses empresários que se aliaram para estabelecer essa sociedade verificamos pessoas que dão nomes a logradouros e outros monumentos da cidade de Uberlândia como: Nicomedes Alves dos Santos, João Naves de Ávila – latifundiário local – e Alexandrino Garcia – imigrante português que conjuntamente com a familiares estabeleceu negócios em

Uberlândia. Nicomedes Alves dos Santos e João Naves de Ávila eram ainda sócios num frigorífico da cidade que funcionou entre 1929 e 1980 – a empresa Charqueada Ômega.

Em 1952, Valdir Melgaço Barbosa, advogado e proprietário rural, e então vereador pela UDN, se torna o maior cotista da sociedade e assume a direção do jornal e passa a chefia da redação para Marçal Costa – que hoje dá nome a uma rua no bairro Luizote de Freitas. Valdir Melgaço se tornaria deputado estadual por três mandatos no período entre 1963 e 1975. Aspirando projeção política, em decorrência do golpe político de 1964, Melgaço se filia ao ARENA – partido político que sustentava o regime militar. Valdir Melgaço foi casado com uma das filhas de Alexandrino Garcia.

Em 1971, Valdir Melgaço venderia suas cotas para Agenor Garcia, irmão de Alexandrino Garcia. Num almanaque local, chamado “Uberlândia de Hoje e Sempre”, consta a afirmação de que Marçal Costa foi demitido pelo novo redator chefe do jornal, Sérgio Martinelli. Segundo essa publicação, Martinelli implantou “uma nova linha editorial, que ele chamava de ‘financeira’, ou seja, seguiria os interesses do grupo proprietário”<sup>40</sup>. Em 1986, o jornal se tornou propriedade do Grupo Algar, pertencente à família Garcia, que controla ainda hoje os serviços de telefonia fixa na cidade, além de possuir empresas ligadas aos ramos do agronegócio, telefonia celular, *call center*, internet, TV a cabo, dentre outros.

Atualmente, o Correio é o único periódico impresso e distribuído diariamente em Uberlândia, contando com uma tiragem de cerca de 10.000 exemplares por dia<sup>41</sup>, sendo que seus responsáveis afirmam que cerca de 50.000 pessoas leem diariamente o jornal. O jornal conta ainda, desde 2002, com um sítio na internet, além de páginas em redes sociais como o Twitter e o Facebook.

No período entre 1995 e 2015, em que foi pesquisado o jornal, pude perceber mudanças no seu layout gráfico, que o faziam extrapolar sua característica inicial de ser um

---

<sup>40</sup> CORREIO – 75 anos. **Almanaque Uberlândia de ontem & sempre**, Uberlândia, Ano 2, n. 4, p. 32-33, fev., 2013. Disponível em: [https://issuu.com/neto1/docs/almanaque\\_finalizado\\_em\\_baixa](https://issuu.com/neto1/docs/almanaque_finalizado_em_baixa) Acesso em: 10 maio 2016.

<sup>41</sup> Em novembro de 2016, o Grupo Algar anunciaria o fim das atividades do jornal Correio de Uberlândia alegando ter baseado a decisão em “reconhecidas dificuldades do mercado mundial de mídia e de meses de estudos de viabilidade em decorrência do processo de reestruturação dos negócios (do grupo)”. REDAÇÃO. Grupo Algar encerra o CORREIO de Uberlândia em dezembro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 2 nov. 2016. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/grupo-algar-encerra-o-correio-de-uberlandia-em-dezembro/>. Acesso em: 05 nov. 2016.

veículo de comunicação com pautas locais. Progressivamente, se expandia a quantidade notícias relacionadas a Brasil e o mundo<sup>42</sup>.

Destacar esses aspectos nos ajuda a compreender a circularidade das notícias veiculadas na imprensa, uma vez que o Correio de Uberlândia e a Gazeta de Uberlândia se afirmam tanto a partir de uma rede de relações políticas tradicionais com os grupos e as empresas uberlandenses – em muitos sentidos próximas de agentes que participariam da construção de uma memória das elites sobre a cidade – mas, também acompanhando as transformações tecnológicas e mudanças nas formas de se produzir notícias e jornais ocorridas nacional e mundialmente<sup>43</sup>.

A pesquisa apontou que a imprensa uberlandense, ao falar sobre os jovens, selecionava, compunha, articulava e mobilizava em torno de certos interesses. Além disso, uma contradição deveria ser considerada: Se a imprensa falava e propunha ações e projetos sobre a juventude, por outro lado, os indícios (que serão analisados no primeiro capítulo) apontavam que os jornais escritos seriam cada vez menos lidos pelos jovens.

Em relação às entrevistas com jovens da cidade optei como recurso pela produção de vídeos. A princípio me intrigava a produção desse tipo de fonte, pois considerava ser necessário todo um trabalho de análise da composição de gestualidades dos entrevistados, de análise de ângulos e tantos outros elementos técnicos que vinham à cabeça quando pensava nas dificuldades de analisar esses materiais.

---

<sup>42</sup> “Brasil e Mundo” seria, inclusive, o nome de um dos cadernos do jornal. Em geral, esse caderno era constituído de textos de agências de notícias brasileiras veiculadas em outros jornais impressos e sites jornalísticos.

<sup>43</sup> Raymond Williams, ao escrever sobre as relações entre imprensa e cultura popular no século 19 nos chama atenção sobre as relações entre imprensa e sociedade, principalmente no âmbito da cultura popular, e a necessidade de compreender cultura como um todo. Percorrendo os sentidos que adquire o popular, chega a conclusão de que nesse processo teria se forjado o jornal popular “como um produto de mercado altamente capitalizado, dirigido a uma ‘massa de leitores’ diferenciada”. Ver: WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura: uma perspectiva histórica. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, São Paulo, n. 35, p. 15-26, dez. 2007. p. 24

Cabe citar algumas das questões destacadas por Regina Ilka Vieira Vasconcelos que no processo de confrontação das evidências de sua pesquisa de doutoramento<sup>44</sup>, consideraria que a tentação de se acumular mais expressões em registro, se revelaria na prática como a postura de um colecionador que procura obter fragmentos dos modos de vidas de um sujeito social. Cairíamos na armadilha positivista que considera que quanto maior a visibilidade do material, mais confiável seria a pesquisa. Em se tratando de uma pesquisa em história social, seria mais pertinente, assim, considerarmos o elemento da imagem, como “uma estratégia de conhecimento que se forma a partir da troca entre as pessoas e que, ao final, fica em aberto”.

Essas considerações nos fazem pensar sobre o caráter de nossas fontes, que não são uma essência reveladora do passado. Sempre somos nós historiadores que recorremos aos documentos, ou, no caso da entrevista oral, a pessoas, para indagarmos sobre determinadas questões que se inserem num tempo e na vida social. Portanto, seria equivocado entender nossas fontes a partir de noções como: suporte de fatos duros, narrativa objetivada da história, memórias individualizadas ou mera coletânea de dados.

O que buscava era construção de um conjunto de evidências, que permitissem compreender como esses sujeitos, que ocupavam o espaço público, significavam Uberlândia a partir de suas experiências e nesse movimento produziam memórias e histórias sobre a cidade.

Alessandro Portelli destaca que as fontes orais têm a sua maior riqueza na sua própria subjetividade e, por mais que pareça óbvio dizer, que a peculiaridade desse tipo de fonte é que não estamos lidando com documentos, mas com pessoas<sup>45</sup>. Procuro avançar nesse sentido, através da discussão que levanta o próprio autor, e considero, que a maior riqueza das fontes orais se efetiva por que através delas podemos, enquanto pesquisadores, compreender nas narrativas seu sentido simbólico e compartilhado. Se a preocupação maior de Portelli é a subjetividade (que evidentemente na lida do minucioso processo de interpretar essas fontes é fundamental considerarmos), para além disso, o que provavelmente há de mais relevante de suas considerações para a história social, é a sua consideração acerca do caráter que as fontes

---

<sup>44</sup> VASCONCELOS, R. I. V. **Narradores do sertão**: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses. 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

<sup>45</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 59-72, 1996.

orais e as memórias têm como “campo de possibilidades” compartilhadas, sejam estas, reais ou imaginárias.

Neste sentido, pude observar na pesquisa, que ao falarem da cidade e de acontecimentos de suas vidas, os jovens, nas entrevistas, os dão evidência a partir de suas experiências que se efetivam nesse campo de possibilidades. Compreender esse “campo de possibilidades” requeria, portanto, entender quais significados subjaziam em suas falas e como mobilizavam diferentes tempos, e, portanto, memórias, para construírem suas referências de cidade. Procurei, portanto, trabalhar essas fontes não enquanto suporte de fatos duros, uma narrativa objetivada da História, memórias individualizadas ou mera coletânea de dados. O que buscava era articular um conjunto de fontes, que permitissem compreender como esses sujeitos que ocupavam o espaço público, significavam a cidade, produzindo memórias e histórias de Uberlândia.

Além disso, sendo fontes construídas por mim próprio, isso requeria uma constante avaliação de minhas estratégias de produção de entrevistas. Ligar o gravador, ou uma câmera, como foi o caso, tem certamente um caráter bastante distinto de uma conversa realizada em condições convencionais. A presença da câmera que registra gestos, movimentos corporais e o que se fala se torna um elemento a ser considerado.

Isso, contudo, como bem desenvolve Eduardo Coutinho lembrando o documentarista francês Jean Rouch, não quer dizer que aquilo que as pessoas dizem frente a câmera não seja verdade<sup>46</sup>. Na verdade, como as pessoas agem frente a câmera, pode ser um elemento tão interessante como o que eles diriam sem estarem em frente a ela. Em mais de uma ocasião, depois de desligar o equipamento, os entrevistados perguntavam se “estaria bom” ou se o material produzido teria “ajudado de alguma forma”. Em outros casos, a pergunta foi se aquele material se tornaria, posteriormente, um vídeo-documentário, pois a pessoa dizia que gostaria de se ver nas na edição das imagens por mim produzidas.

Além da presença câmera, pude perceber que as entrevistas, adquiriam dinâmicas distintas dependendo de quem era o entrevistado e como deu nosso contato. Assim, quando

---

<sup>46</sup> COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC/SP, n. 15; p. 165-191, abril, 1997.



entrevistei o grafiteiro Leles, que é estudante do curso de Artes Visuais da UFU, a conversa frequentemente tendia a adquirir um tom mais formal. Como possíveis elementos que fariam com que entrevista se destoasse das demais, podemos destacar a posição social do jovem, distinta em relação aos demais entrevistados (na maior parte jovens pobres que teriam o ensino médio como sua maior escolaridade). Além disso, nosso único contato prévio à entrevista se deu apenas por meio da internet.

Ao contrário, nas demais entrevistas, por já conhecer os entrevistados, através das atividades de campo e da militância política e cultural, as conversas tendiam a correrem mais soltas e descontraídas. A exceção, se daria apenas na conversa no Estúdio DJ Produções, no Bairro Esperança, o qual, mesmo já conhecendo previamente os integrantes, devido ao lugar (estúdio) e o entendimentos aparente dos entrevistados de que, em se tratando de um local de trabalho, o tom deveria ser “mais sério”<sup>47</sup>.

Essas nuances revelam que a produção de uma entrevista nunca se efetiva como mera observação<sup>48</sup>, mas como um encontro, porém este não se dando forma igualitária entre aqueles que participam. Por mais, que tenha vivido minha adolescência e início da vida adulta num bairro de Araxá, que talvez pudesse ser classificado como quebrada ou periferia, lançava minhas perguntas a partir de um lugar social diferente no presente. No entendimento dos jovens, quem falava com eles, ora era um professor, ora um estudante da UFU, ora um conhecido de algum tipo de parceria em organização de algum evento cultural realizado em algum bairro. Entender essa disparidade de lugares, não quer dizer, contudo, que a entrevista não possa ser um experimento de igualdade. Pode se tornar isso, quando nessa relação de alteridade, de compreensão dessas diferenças e desigualdades, trabalhamos na perspectiva de que temos interesse legítimo no que o entrevistado tem a nos dizer<sup>49</sup>.

Ao contrário do que imaginava no início, acabei me deparando com questões que, sequer imaginaria serem relevantes para algum tipo de reflexão sobre as juventudes ou, do alto de minha segurança como pesquisador do tema (e talvez, por arrogância), as tratava de

---

<sup>47</sup> Na seção onde que estão listadas as fontes de pesquisa deste trabalho há uma breve descrição sobre o lugar social dos jovens e dos grupos entrevistados.

<sup>48</sup> KHOURY, Y. A. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. A. e outros (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 22-43.

<sup>49</sup> KHOURY, 2006, p. 22-43.

forma viciada ou até preconceituosa, em decorrência de meus anseios de que a pesquisa apontasse certos resultados. Nem sempre o que os jovens diziam acerca do modo como compreendiam o mundo e as relações sociais era necessariamente o que esperava ouvir no que se refere às minhas convicções políticas.

O caminho escolhido para confrontar esse “percalço” poderia ser de buscar um isolamento de meu lugar social para análise e produção das entrevistas, que permitisse que os observasse com um olhar supostamente “objetivo”. Porém, percebi que seria mais rico, em termos possibilidades de análise, se procurasse compreender essas fontes evidenciando minhas preferências e escolhas políticas, teóricas e metodológicas.

Deste modo, o trabalho com as evidências audiovisuais exigiu um árduo processo de trabalho em que as diferenças dessas posições, minhas e dos entrevistados, se constituiriam como um exercício de compreensão de como percebiam suas experiências enquanto jovens na cidade. Isso não exigiria que abandonasse minhas posições, mas que questionasse certos preconceitos para uma análise mais profunda de muitas das questões que apareceriam nas entrevistas, que poderiam ser chaves para compreensão de uma cidade de Uberlândia vista pelos jovens.

Rememorando a Thompson, talvez, nas sutilezas dessas questões, eu me encontre imbuído de um desejo, de recuperar, nesses limites, a agência humana na história. Uma perspectiva que se propõe, talvez ingenuamente, a ser também humana, e compreende o trabalho da pesquisa nos termos desse árduo trabalho, de encontro e confronto, conosco, nas nossas (perspectivas, preconceitos e expectativas) e com o outro.

Há uma tendência, a meu ver abominável, de considerar a juventude como mero objeto de manipulação (seja pelo consumismo, pelas igrejas, pelos adultos, ou qualquer outro) ou como incapaz de participar “conscientemente” (muitas vezes sem problematizar o que é consciência) da política e das questões sociais. Nesta esteira, haveria outro preconceito recorrente que inviabilizaria uma abordagem em história social sobre os jovens: a ideia de que os jovens não têm memória e portanto, não teriam experiência.

Na contracorrente dessas soluções fáceis, um importante estudo de outra área, a antropologia, se efetivaria como exemplar da recusa dos equívocos dessa premissa. Ao



percorrer uma Medellín marcada por diversos tipos de violências, Pilar Riaño se deparou com uma grande diversidade de memórias através dos quais os jovens referenciavam suas experiências na cidade. Através delas celebravam seus marcos e seus ritos, inclusive da dor pela perda dos amigos<sup>50</sup>.

Além dessa iluminação em termos de proposta de abordagem, um aspecto mais específico da pesquisa de Pilar Riaño se presentificaria durante a prática dessa pesquisa: a dura face da violência sofrida por jovens pobres colombianos, brasileiros e de toda a América Latina. No final do mês de outubro recebi a notícia de que Bruno Silva Brito, um dos jovens que conversei para a pesquisa havia sido vítima de um homicídio violento. Bruno tinha apenas 23 anos no momento em que foi entrevistado, em primeiro de agosto de 2016, junto a seus parceiros da Família Rolê Gringo, Doidera e DJ Red, na Toca Zero13, estúdio do grupo Zero13 Clan, no bairro Planalto, setor oeste de Uberlândia. Registro a admiração por sua figura, não à toa, chamada nos meios do hip hop, como Bruninho Simpatia.

É nesse processo de descobertas, enfrentamentos e angústias é que afirmo que considerar os jovens (ou qualquer outro “sujeito” que buscamos encontrar) como tábulas rasas ou depositórios de ideologia, seria destituí-los de sua humanidade. Por mais óbvio, que seja dizer isso, quando trabalhamos em nossas pesquisas acima de tudo falamos da vida de pessoas, seja hoje ou em qualquer outro tempo. Pessoas que, assim como nós, também vivem angústias e expectativas, e se deparam com as pressões do mundo, em grande medida injusto e desigual, em que vivemos. É nessa medida que toda pesquisa é um encontro, de idas e vindas, entre se fazer e se refazer. Nunca terminamos uma pesquisa do mesmo ponto em que saímos. Nesse sentido, é que encontrar esses jovens na cidade, entre viagens de ônibus para os bairros, batalhas de rap e break, conversas, leituras e escritas, seria impossível continuar ser o mesmo.

Que bom!

===== xxx =====

No primeiro capítulo analiso o processo de produção de memórias e de participação na construção de projetos para a juventude da cidade a partir da década de 1990. Neste sentido,

---

<sup>50</sup> RIAÑO ALCALÁ, Pilar. **Antropología del recuerdo y del olvido**: jóvenes, memoria y violencia en Medellín. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2006.

procuro situar o momento em que se efetua institucionalmente na cidade a construção de uma noção dos jovens como sujeitos de direitos, o que acompanhava um movimento nacional de formulação de políticas públicas de juventude. Um ponto de partida importante será a análise da documentação referente às Conferências e Congressos Municipais de Juventude que começam a se realizar a partir de 2007. Em seguida, será proposto um caminho para pensar essas questões a partir das noções de espaço público urbano e espaço público político, que podem nos ajudar a localizar as práticas de disputas entre esses diferentes projetos para os jovens de Uberlândia. Serão discutidos leis e jornais como recursos para compreensão de como se constituem tanto os processos de construção de hegemonia, bem como se percebe fissuras que contrariam os projetos de dominação. Além disso, procuro confrontar as posições dos jornais da cidade com outras práticas, mesmo que presentes em suas páginas que pareciam se destoar, tais como os processos de reivindicação da juventude por direitos.

No segundo capítulo, o intuito principal é construir elementos que subsidiassem a construção de uma cartografia possível da cidade tendo como referências as experiências de jovens. Para articular esse capítulo, utilizei como referência o trabalho de campo, registrado a partir de anotações e fotografias de espaços de encontro de jovens na cidade, além de entrevistas em vídeo produzidas durante a pesquisa. Será retomada em outros termos a discussão sobre cultura e espaço público e suas contradições em termos de disputas pelo direito à cidade. Como forma de impor questionamentos sobre a cartografia oficial da cidade e determinadas atribuições de cultura, patrimônio cultural e de equipamentos públicos, realizo a análise de mapas que foram instrumentalizados e produzidos pela Prefeitura Municipal. O intuito é compreender como a partir de suas práticas sociais (como o graffiti, as pixações e as batalhas de MCs), os jovens inscrevem outras experiências e memórias sobre a cidade que não aquelas legitimadas pela cultura dominante. Num segundo momento, procuro mapear alguns lugares em que os jovens realizam suas experiências sociais – como praças, estúdios de gravação improvisados e CEUs. O intuito é refletir sobre uma cidade que me era revelada pelos jovens a partir de diferentes experiências sociais, que evidenciavam processos de diferenciação, exclusão e de desigualdades. É nesses termos que procuro alinhar reflexões teóricas e da prática da pesquisa para propor uma possível cartografia da cidade a partir das

experiências dos jovens. Como desdobramento se revelou a necessidade debater algumas noções, como periferia e centro, e como eram significadas por essa juventude.

O terceiro capítulo dá continuidade a essas reflexões para identificar outros elementos sobre os modos de vida dos jovens sujeitos desta pesquisa. Partindo das evidências de pesquisa, busco compreender de modo mais próximo o que significa ser um jovem morador de periferia em Uberlândia - uma cidade em que se verifica múltiplos processos de exclusão e desigualdades. Dialogando com outros tipos de fontes, como sistematizações de dados sobre a vida social, retomo assim, a discussão sobre centro e periferia, enfatizando a necessidade de serem tratadas no plural. Nesse processo se verificou a necessidade de discutir questões como classe, trabalho e expectativas para os jovens. Procuro ainda levantar elementos que sinalizariam para o processo de constituição de redes entre os jovens, especialmente nas práticas de comunicação, que apontariam para dinâmicas de conexão e desconexão.

## **CAPÍTULO 1 – PROJETOS PARA A JUVENTUDE EM UBERLÂNDIA: A IMPRENSA NA CIDADE E OS DIREITOS PARA AS/OS JOVENS (1990-2016)**

### **1.1 - Juventude e direitos: transformações entre 1990 e 2016 em Uberlândia e no Brasil**

A década de 1990 foi um período bastante conturbado para a juventude brasileira. A política neoliberal, implementada no país desde o final dos anos 1980, foi plenamente efetivada nos dois mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), entre 1995 e 2002. Para as/os jovens essa política lhes afetaria diretamente à medida que:

- 1) as taxas de desemprego para a juventude eram significativamente mais altas que a de outras faixas etárias e;
- 2) havia uma grave restrição de direitos sociais (como acesso a saúde, educação e a bens e patrimônios culturais) devido à política de minimização do Estado no que se refere a investimentos sociais.

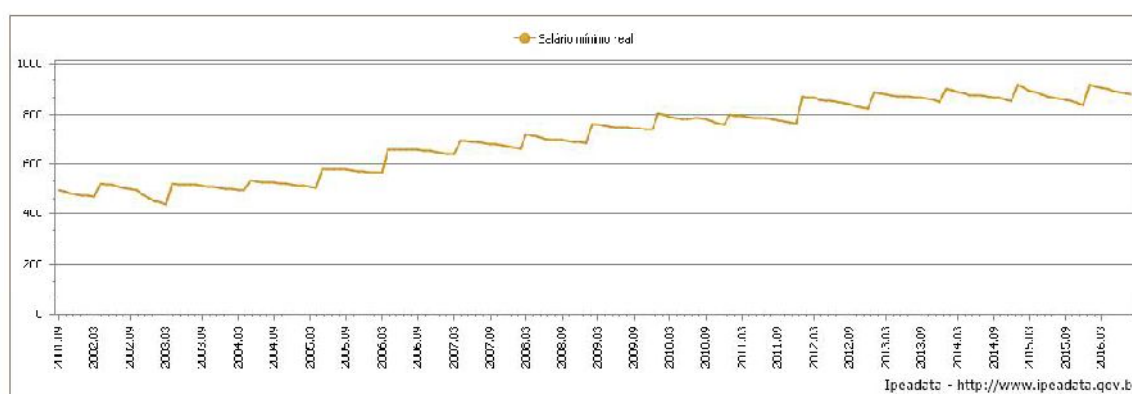
A partir de 1999, no segundo mandato de FHC, essa política econômica neoliberal começa dar sinais de esgotamento com a ocorrência de sucessivas crises financeiras que acometem todo o país. Face a essa situação e com a grande insatisfação de vários setores da sociedade se dariam as condições para que Luís Inácio Lula da Silva/PT fosse eleito presidente em 2002. Não cabe aqui fazer uma retrospectiva do desenvolvimento geral dos governos em que o Partido dos Trabalhadores liderou uma frente partidária que governou o Brasil a partir de 2003. Todavia, é relevante situarmos que, a partir de então, foram efetivadas uma série de políticas que afetaram diretamente a juventude brasileira.

Uma das políticas que certamente tiveram maior eficácia para implementar uma melhora nas condições de vida das famílias brasileiras e que impactou positivamente a juventude, foi a política de valorização do salário mínimo acima da inflação – iniciada a partir

de 2003 e reforçada pela lei federal 12.382/2011<sup>51</sup>, que passou a definir que o salário mínimo passaria a ser reajustado a partir da inflação do ano anterior acrescido da taxa de crescimento da economia dos dois últimos anos.

No gráfico a seguir, podemos acompanhar a evolução do valor real do salário mínimo a partir de 2001, sendo que é perceptível que nos dois primeiros anos o valor é praticamente estável e que a partir de 2003, quando se efetiva a política de valorização do salário mínimo, o sentido do gráfico se torna ascendente.

**Gráfico 1 - Evolução do salário mínimo real entre setembro de 2001 e março de 2016**



Fonte: IPEADATA.

O aumento real dos salários, juntamente com outras políticas de distribuição de renda e de ampliação de acesso a direitos sociais, afetou diretamente a capacidade de consumo das famílias brasileiras gerando um novo lugar social para expressivos segmentos de jovens da classe trabalhadora no país. Além disso, o PROUNI, o PROJOVEM, o Bolsa-Família, o FIES e o REUNI<sup>52</sup> são exemplos de políticas públicas que foram pouco a pouco se efetivando

<sup>51</sup> BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n.º 12.382, de 25 de fevereiro de 2011. Dispõe sobre o valor do salário mínimo em 2011 e a sua política de valorização de longo prazo; disciplina a representação fiscal para fins penais nos casos em que houve parcelamento do crédito tributário; altera a Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996; e revoga a Lei nº 12.255, de 15 de junho de 2010. **Diário Oficial da União**, 28 fev. 2011. Disponível em:

<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112382.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112382.htm)>. Acesso em: 28 abril 2016.

<sup>52</sup> O PROUNI, o FIES e o REUNI fazem parte de distintas políticas que se efetuaram para expansão de vagas no ensino superior brasileiro. O PROUNI é um programa de bolsas (integrais e parciais) para estudantes em instituições privadas. O FIES é uma política de financiamento dos custos de estudantes durante o ensino superior, os quais restituem os valores do financiamento para o governo federal, após a conclusão de suas graduações. O REUNI se constituiu como um programa iniciado em 2007 de expansão das universidades públicas brasileiras. O PROJOVEM, é dividido entre PROJOVEM Campo e PROJOVEM Urbano, e após uma série de processos de

como referências que impulsionaram concretamente a melhoria das condições de vida para esses jovens.

Neste sentido, o debate na intelectualidade e na agenda política a respeito da compreensão do processo histórico procurava apontar algumas respostas acerca dessas mudanças que ocorriam na vida de grandes parcelas da população brasileira: estaríamos vendo surgir uma nova classe média ou uma nova classe trabalhadora<sup>53</sup>?

Grupos de intelectuais, muitos deles ligados ao PMDB, além de dirigentes de determinadas correntes do PT (dentre eles o próprio ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva), defendiam a tese de que, a partir de 2003, as políticas econômicas e sociais do governo federal fariam emergir uma nova classe média no Brasil. Tal tese havia sido formulada pelo economista Marcelo Neri<sup>54</sup>, que ocupou cargos no governo federal enquanto presidente do IPEA (2012-2014) e ministro-chefe na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (2013-2015). É importante destacar o fato de que essa tese, que encontrou ampla repercussão midiática, se difundiu a ponto de justificar uma série de políticas do governo federal. A principal argumentação se efetivava a partir da conclusão que haveria ocorrido no período entre 2003 e 2009 uma expansão da chamada classe C que ascendeu em termos de renda e de acesso a bens de consumo, ao passo que ocorreria uma significativa redução da classe E (a parcela mais pobre da população).

---

definição, é atualmente um programa de especialização e qualificação para jovens, entre 18 e 29 anos, de famílias com renda abaixo de um salário mínimo. São oferecidas bolsas no valor de R\$100,00 mensais por seis meses para conclusão dessas formações.

O Bolsa Família, por sua vez, é um programa de distribuição de renda direta efetuado pelo governo federal a família em situação de pobreza e extrema pobreza no país. Para além da transferência de renda, que impacta positivamente a melhoria da condição de vida dos beneficiados, é importante destacar a exigência do programa de que a família mantenha frequentes nas escolas, os filhos com a faixa etária entre 6 e 17 anos, o que se refere ao período em que deveriam cursar a educação básica.

<sup>53</sup> Com diferentes concepções, as seguintes publicações se posicionavam entre a emergência uma nova classe média ou uma nova classe trabalhadora. BARTELT, D. D. (Org). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.; CHAUÍ, Marilena. Uma nova classe trabalhadora. In: SADER, E. (org.). **10 anos de governos neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. São Paulo: Boitempo, FLACSO Brasil, 2013.; NERI, Marcelo. **A Nova Classe Média: o Lado Brilhante da Base da Pirâmide**. São Paulo: Saraiva, 2011.; POCHMANN, M. **Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.; POCHMANN, M. **O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social**. São Paulo: Boitempo, 2014.

<sup>54</sup> A tese de Neri pode ser sintetizada no seguinte trabalho: NERI, op. cit., 2011. p. 32

A tese, contudo, seria questionada de modo contundente por Márcio Pochmann que, se por um lado verificou mudanças objetivas nos níveis de rendimento e acesso ao consumo por expressivos segmentos da sociedade brasileira nesse período de anos, por outro lado, considerava que seria equivocado identificar esses segmentos como classe média<sup>55</sup>.

Pochmann explorou definições de classe em uma perspectiva macrosociológica e histórica que demonstra que tais alterações promoveram um processo em que veríamos emergir não uma “nova classe média”, mas uma “nova classe trabalhadora”. Alguns dos elementos que sustentam as argumentações de Pochmann são: 1) A noção de classe média deve ser analisada em perspectiva histórica. Resumidamente, podemos dizer que a classe média se configurou, no decorrer do tempo, apoiada à burguesia e com níveis que permitiram, além do acesso a bens duráveis, também à poupança e serviços privados no que se refere à educação, saúde, previdência, dentre outros; 2) É possível verificar um aumento significativo, a partir de 2004, nos rendimentos relacionados ao trabalho sobre aqueles referentes à propriedade; 3) A classe trabalhadora que obteve acesso ao consumo e melhorou sua renda está ocupada principalmente nos setores de serviços e da construção civil, recebendo em geral salários relativamente baixos e gastando tudo o que tem, portanto sem acesso, em geral, à poupança; 4) A ideia de uma “nova classe média” seria então um “mito”, propagado com intuito de orientar políticas públicas num viés neoliberal e consumista. Neste sentido, um dos objetivos seria dizer que se temos então uma “nova classe média” no Brasil, então direitos sociais, como o SUS, a Previdência Social e Educação Pública, poderiam ser substituídos por serviços privados, tais como a classe média, em geral, pleiteia ou tem acesso<sup>56</sup>.

Neste sentido, se procuramos compreender a juventude no campo de suas lutas por direitos, me parece relevante acompanharmos tais transformações à luz do debate nacional e formação de órgãos específicos que emergiam nesse mesmo período. Afinal, de quais juventudes e jovens estamos falando no que se refere à luta por direitos? Ademais, em

---

<sup>55</sup> POCHMANN, 2012; POCHMAN, 2014.

<sup>56</sup> Uma observação pertinente de Raquel Rolnik pode nos situar sobre essa movimentação mais recente do mercado no nosso país, que encontra fundamentação nas noções difundidas no surgimento de uma “nova classe média”: “Os pobres comprem apartamentos, contratam planos de saúde e matriculam seus filhos em escolas e universidades privadas. Mas, para eles, o mercado lança novos produtos, de qualidade muito inferior, reiterando a geografia da desigualdade”. Cf. ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 368.



conjunturas que se revela o embate entre noções como “direitos” e “serviços”, qual o sentido que elas adquirem para efetivar os marcos das formulações das políticas públicas de juventude? Afinal, de contas, de que direitos estamos falando?

Nessa perspectiva, o Estatuto da Juventude<sup>57</sup>, sancionado em 2013, deve ser considerado como produto de um longo caminho, sendo construído por diversos sujeitos sociais, que tinham o intuito de que os direitos sociais para jovens e a garantia da criação e manutenção de políticas públicas de juventude se tornassem garantias a serem oferecidas por governos e Estado.

Deste modo, em um artigo de 2003, que pretendia discutir políticas públicas para a juventude, Carrano e Sposito consideravam que:

no âmbito de uma concepção ampliada de direitos que alguns setores da sociedade brasileira têm se voltado para a discussão da situação dos adolescentes e dos jovens, cuja expressão maior reside no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA – lei federal nº 8.069), promulgado em 13 de julho de 1990. No entanto, parte das atenções tanto da sociedade civil como do poder público voltou-se, nos últimos anos, sobretudo para os adolescentes e aqueles que estão em processo de exclusão ou privados de direitos (a faixa etária compreendida pelo ECA). Esse duplo recorte – etário (adolescentes) e econômico-social – pode operar com seleções que acabam por impor modos próprios de conceber as ações públicas. Se tomadas exclusivamente pela idade cronológica e pelos limites da maioridade legal, parte das políticas acaba por excluir um amplo conjunto de indivíduos que atingem a maioridade mas permanecem no campo possível de ações, pois ainda vivem efetivamente a condição juvenil. De outra parte, no conjunto das imagens não se considera que, além dos segmentos em processo de exclusão, há uma inequívoca faixa de jovens pobres, filhos de trabalhadores rurais e urbanos (os denominados setores populares e segmentos oriundos de classes médias urbanas empobrecidas), que fazem parte da ampla maioria juvenil da sociedade brasileira e que podem estar, ou não, no horizonte das ações públicas, em decorrência de um modo peculiar de concebê-los como sujeitos de direitos<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> BRASIL. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 05 dez. 2015.

<sup>58</sup> SPOSITO, M.; CARRANO P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 16-39, dez. 2003, p. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>>. Acesso em: 05 jun. 2014.



Assim, Carrano e Sposito destacavam a importância do ECA como marco de direitos, mas não deixavam de considerar seus limites e os desafios a serem superados para a efetivação de políticas voltadas para os jovens brasileiros. De todo modo, é significativo observar que até aquele momento as políticas juventude eram regulamentadas praticamente apenas pelo ECA e, portanto, não teriam a capacidade de atingir a parcela de jovens pobres brasileiros historicamente não contemplados plenamente por direitos sociais<sup>59</sup>.

Todavia, constata-se que, especialmente durante o decorrer da década de 1990, o ECA nem sempre foi plenamente efetivado em nosso país. Poucos anos após o ECA ser sancionado, uma exposição proferida por Marilena Chauí, em 1993, indicava que embora se constituísse como um grande avanço em relação aos direitos de crianças e adolescentes, haveria ainda uma grande estigmatização decorrente da noção de “menoridade”.

Há um estigma na palavra menor, não apenas contemporâneo, mas com uma carga muito grande. Ao mesmo tempo que combatemos este estigma, precisamos refletir sobre o que acontece com a criança nas sociedades capitalistas avançadas. Existe um processo de infantilização de crianças das classes dominantes para que ela demore mais para entrar no mercado como um competidor. Em contrapartida as crianças das classes dominadas sofrem uma maturação precoce, tornando-se mão-de-obra rápida e fácil de ser explorada. Face a isto, é importante pensarmos o termo criança não só como uma crítica ao estigma do “menor” mas, além do termo carência e baixa renda também como dominantes e dominados. Na medida em que o processo de escolarização das crianças da classe dominantes se estende ao final da

---

<sup>59</sup> Em um dos textos de uma publicação do Instituto Paulo Freire, que visava comemorar os 25 anos do ECA enquanto marco na formulação de políticas públicas para crianças e adolescentes no nosso país, Moacir Gadotti rememorava o processo de constituição do Estatuto como importante ruptura no que se refere aos direitos desses sujeitos sociais: “O ECA foi fruto de intensas articulações e resultado de muita luta da sociedade civil no contexto da redemocratização e da conquista de novos direitos no Brasil. Muitas foram as discussões que precederam a criação do ECA, sobretudo a partir de 1985, com a criação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, e, depois, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, cujo artigo 227 atribui à família, à sociedade e ao Estado a responsabilidade de se constituírem como um sistema responsável pela efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes. Com a nova Constituição estava superada a doutrina do Código de Menores que considerava crianças e adolescentes vivendo em “situação irregular” como “objetos” de intervenção dos adultos e do Estado, já que não eram considerados “sujeitos de direitos””. Ver: GADOTTI, M. O ECA - avanços e desafios. In: VIEIRA, A. L., PINI, F.; ABREU, J. (Orgs.). **Salvar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2015. p. 14-20.

Universidade, é até aí que os filhos das classes dominantes são considerados crianças. No caso das crianças dominadas, a sua infância termina, em boa parte dos casos, antes da própria escola. Temos, portanto uma distinção de classe, dominante/dominado, importante para trabalhar a noção mesma de criança. Isto se manifesta com fatos, nós chamamos as crianças de classes dominantes de crianças, e as crianças de classes dominadas de menores.<sup>60</sup>

Apesar de se referir mais especificamente às crianças, Marilena Chauí demarcava um campo de desigualdades que se relacionava à classe social que pertenciam suas famílias. Questões que apontavam para a necessidade de problematizarmos inclusive como era utilizada a palavra “menor” que carrega um sentido de hierarquia entre cidadãos, o que em termos de cidadania pode fazer crer que crianças e adolescentes seriam sujeitos de menos direitos que os adultos. Por sua vez, as questões relacionadas à classe social, reforçariam a exclusão social e produziram estigmas para crianças e adolescentes de famílias da classe trabalhadora.

De modo geral, podemos dizer que, até o final da década de 1990, a juventude de modo mais abrangente não seria uma questão objetivamente pensada em termos de políticas públicas pelo Estado brasileiro. Contudo, como indícios de transformações que se efetuavam, o início anos 2000 seria marcado pela sucessiva realização de grandes pesquisas que se empenhariam na compreensão de problemáticas vividas pela juventude brasileira. Essas pesquisas resultariam da confluência de iniciativas promovidas por entidades nacionais (com perspectivas políticas diversas), que fomentavam esforços para a compreensão das condições vividas pelos jovens no nosso país.

Um breve levantamento pode assinalar a densidade que se efetuaram tais pesquisas na primeira década do século 21 em nosso país. Em 2003, foi realizada a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira<sup>61</sup> como iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania em parceria

---

<sup>60</sup> CHAUÍ, Marilena. Exposição proferida em 1993 e publicada posteriormente com o título “Criança ou menor”. Apud. BUFALO, Paulo. Estatuto da Criança e do Adolescente: A luta em defesa dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 14, p. 13-21, jun., 2003. p. 13. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/viewFile/305/288> Acesso em: 04 abril 2016.

<sup>61</sup> INSTITUTO CIDADANIA. **Pesquisa perfil da juventude brasileira**. São Paulo, dez. 2003. Disponível em: [http://novo.fpabramo.org.br/uploads/perfil\\_juventude\\_brasileira.pdf](http://novo.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf). Acesso em: 08 dez. 2015.

com o Instituto de Hospitalidade e com o Sebrae. Essa pesquisa retomava alguns temas e questões sobre os jovens no Brasil investigados, em outubro de 1999, pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo<sup>62</sup>. Em 2004, a UNESCO organizaria a pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”<sup>63</sup>. Em 2008, o Ibase e o Instituto Pólis organizariam a pesquisa “Juventudes no Brasil”<sup>64</sup>, que comporia o projeto “Juventudes sul-americanas: diálogos para consolidação da democracia regional”. Por fim, em 2013, a Secretaria Nacional de Juventude organizou a pesquisa “Agenda Juventude Brasil”<sup>65</sup>. Além disso, diversos indicadores de pesquisas do IBGE, como os dados da PNAD, se orientaram para compreender aspectos vividos pelos jovens no Brasil (tais como trabalho, renda e acesso aos diferentes níveis de educação).

Seria difícil dimensionar o impacto que a produção dessa significativa quantidade de pesquisas teria nos estudos sobre os jovens no Brasil e de como incidiram para configurar as políticas públicas e os direitos de juventude. Mas, sem dúvidas, elas sinalizam para esse movimento histórico em que os jovens vão se efetivando enquanto preocupação social, não mais apenas em termos de um problema (no sentido negativo do termo), mas enquanto cidadãos que, fazendo parte de um segmento específico da sociedade, teriam demandas de políticas públicas específicas.

Neste sentido, cabe observar que é em meio a essa temporalidade que, a partir de 2005, as políticas públicas de juventude começavam a efetivamente a ganhar forma com a criação

---

<sup>62</sup> A Fundação Perseu Abramo, conforme afirma em seu site, é uma instituição ligada ao Partido dos Trabalhadores destinada a fomentar “a reflexão política e ideológica, de promoção de debates, estudos e pesquisas, com a abrangência, a pluralidade de opiniões e a isenção de idéias pré-concebidas que, dificilmente, podem ser encontradas nos embates do dia-a-dia de um partido político”. FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Histórico. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/historico-0>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

<sup>63</sup> ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (Orgs.). **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

<sup>64</sup> INSTITUTO PÓLIS; IBASE. **Pesquisa sobre juventudes no Brasil**. Disponível em: <[https://www.ibase.br/userimages/Brasil\\_ultimarev.pdf](https://www.ibase.br/userimages/Brasil_ultimarev.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2015.

<sup>65</sup> BRASIL. Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Brasília, 2013. Disponível em: <[https://issuu.com/participatorio/docs/agenda\\_juventude\\_brasil\\_-\\_pesquisa\\_/1?e=12152407/10902032](https://issuu.com/participatorio/docs/agenda_juventude_brasil_-_pesquisa_/1?e=12152407/10902032)>. Acesso em: 09 nov. 2015.

da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ)<sup>66</sup> e da Política Nacional de Juventude (PNJ). Além disso, também fora instituído no mesmo ano, 2005, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) composto por 1/3 de representantes do poder público e de 2/3 de representantes da sociedade civil<sup>67</sup>.

Em 2008, seria realizada ainda a primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude. Como questão histórica, chama a atenção o texto inicial de seu Caderno de Resoluções Política tecia críticas à grande mídia e suas práticas de produção da memória:

Quando os jornais datados de 2008 estiverem amarelados de tão antigos, não adiantará consultá-los. A 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude não repercutiu com alarde em vistosas manchetes nem ofereceu o sacrifício de mártires à memória nacional. Mas que as próximas gerações saibam e tenham certeza: foi um acontecimento histórico. Ao longo de oito meses foram realizadas 840 conferências municipais e regionais, em todos os 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Além disso, 690 conferências livres foram promovidas por grupos, instituições e organizações em todo o país<sup>68</sup>

As conferências realizadas em vários municípios, portanto, subsidiaram os trabalhos das etapas estaduais e nacional das conferências de juventude. Deste modo, seria significativo situarmos como se efetivaram em Uberlândia tais conferências e o processo de criação de um órgão dirigido à formulação de políticas públicas para os jovens do município: a Superintendência Municipal de Juventude.

---

<sup>66</sup> Conforme afirmava a página da Secretaria de Governo da Presidência da República, em 2015, a Secretaria Nacional de Juventude se efetiva pela instituição de ações que se orientam tanto para a ampliação tanto da participação e protagonismo juvenil, além de, na primeira vez na história traçar um horizonte para formulação de políticas públicas que têm as/os jovens como foco. Cf. Disponível em:

BRASIL. Secretaria de Governo da Presidência da República. **Histórico**. <<http://www.secretariadegoverno.gov.br/iniciativas/juventude/secretaria-nacional-de-juventude/historico>>.

Acesso em: 21 jun. 2015.

<sup>67</sup> A dissertação de mestrado de Édson Pistori fornece elementos que nos auxiliam na reflexão sobre a construção das políticas públicas de juventude no Brasil: PISTORI, E. C. **A geografia das políticas públicas da juventude no Brasil**: uma proposta de Sistema Nacional da Juventude. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

<sup>68</sup> BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Caderno de Resoluções Políticas da Primeira Conferência Nacional de Juventude**. Brasília: SNJ, 2008.

Atendendo a dinâmica orientada pelo governo federal, de realização das etapas preparatórias para a Conferência Nacional de 2008, a primeira Conferência Municipal de Juventude, em Uberlândia, ocorreu em agosto de 2007, durante o primeiro mandato de Odelmo Leão Carneiro (PP)<sup>69</sup>. Segundo o regulamento dessa Conferência, constante no Diário Oficial do Município, os temas que norteariam o evento seriam: I -Empreendedorismo; II - Inclusão Digital é Educação?; e, III - Esporte como Inclusão Social. O regulamento determinava que a Conferência Municipal seria presidida pela Secretária Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho ou outra pessoa por ela designada.

Porém, contrariando a lógica de construção das Conferências municipais realizadas por todo o país, o mandato de Odelmo Leão daria maior ênfase a um outro tipo de evento chamado “Congresso da Juventude”, ocorrido pela primeira vez no ano de 2007. A Gazeta de Uberlândia noticiou a ocorrência do evento na primeira página de uma de suas edições, através um pequeno texto situado dentro de um quadro que continha ainda uma foto em cores, afirmando:

O 1.º Congresso da Juventude de Uberlândia - “O Jovem no Século XXI” foi apresentado para mais de mil pessoas, entre jovens de 60 escolas das redes municipal, estadual, federal e particular, além de representantes de unidades escolares. O encontro mobilizou e integrou os jovens do município, por meio da discussão de temas ligados ao seu cotidiano, na busca da construção de uma juventude mais consciente e fortalecida, frente aos problemas de nossa sociedade<sup>70</sup>

Entre 2007 e 2012, os mandatos ex-prefeito Odelmo Leão organizariam 6 congressos municipais da juventude pelos. Em geral, esses eventos eram realizados em locais de grandes proporções, como o Parque do Sabiá. Neles, ocorriam palestras destinadas a um grande

---

<sup>69</sup> UBERLÂNDIA. Prefeitura de Municipal. Decreto Municipal n.º 10.719 de 14 de junho de 2007. Inclui no Calendário Oficial a “Conferência Municipal da Juventude” e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Uberlândia**, Uberlândia, 15 jun. 2007.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto Municipal n.º 10.811 de 21 de agosto de 2007. Aprova o Regulamento da I Conferência Municipal de Juventude. **Diário Oficial do Município de Uberlândia**, Uberlândia, 22 ago. 2007, p. 1.

<sup>70</sup> JUVENTUDE. **Gazeta de Uberlândia**. Uberlândia, 23-29 maio 2007.

número de jovens, envolvendo diretamente as escolas públicas e outras organizações que costumavam receber as condições de transporte para que seus alunos se deslocassem aos eventos.

Em 2009, o regulamento do terceiro Congresso da Juventude destacava como seu tema principal: "Jovens por uma cidade melhor". Por sua vez, os subtemas eram: I - Drogas e Criminalidade; II - Mercado de Trabalho; III - Sexualidade; IV - Relacionamento Familiar. A justificativa para o tema apontava que o objetivo seria: “a integração e a ampliação do conhecimento dos estudantes de Uberlândia, por meio de discussões que serão realizadas visando a preparação destes jovens diante de uma sociedade globalizada”.

Dentro dessas proposições de atividades se inseriam orientações para o chamado “mercado de trabalho” e, sutilmente, se reforçava a criminalização de jovens, os estigmatizando como “problema social”, ao correlacionar “drogas” e “criminalidade”. Nessa noção, portanto, não caberia a compreensão do jovem como sujeito de direitos, uma vez que bastaria que fosse instruído a partir dos temas e da proposta elaborados pelas instâncias do governo ligadas à juventude e à adolescência.

Confirmando essa lógica, no ano de 2012, último do segundo mandato de Odelmo Leão, o Correio de Uberlândia destinava praticamente uma página inteira para noticiar a realização do 6º Congresso Municipal da Juventude ocorrido na Arena do Sabiazinho (um grande ginásio localizado no setor leste da cidade, entre os bairros Santa Mônica e Tibery). Uma foto, de grandes proporções em relação à página, mostrava o ex-prefeito falando para uma multidão de jovens presentes no Ginásio. A legenda abaixo dizia: “Em tom de despedida, o prefeito Odelmo Leão chorou durante o 6.º Congresso da Juventude ontem na Arena do Sabiazinho”<sup>71</sup>. Segundo os registros, o evento contou com palestrantes da Polícia Militar, de ONGs e outras organizações, direta ou indiretamente, voltadas para ações destinadas aos jovens do município.

De modo geral, os Congressos Municipais de Juventude, realizados pela gestão do ex-prefeito, tinham, portanto, uma concepção de tutela de jovens. Observe-se ainda, a partir

---

<sup>71</sup> PACHECO, P. Congresso da Juventude reúne 4 mil estudantes. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 29 jun. 2012.



de vídeos e das referências encontradas nos jornais locais, que a maior parte dos jovens que participavam desses Congressos eram de escolas que recebiam as condições de transporte para se deslocarem aos locais de realização das edições do evento. Isso, se por um lado garantia as condições de massificação das atividades, por outro lado, faria que uma parcela significativa de jovens com mais de 18 anos, especialmente aqueles que não cursavam os ensinos fundamental e médio, não tivessem condições objetivas de participação nas conferências. Podemos concluir, deste modo, que a promoção dos Congressos Municipais de Juventude, em Uberlândia, acabava efetivando, na prática, uma concepção de direitos de juventude em que seus sujeitos se restringiam, na prática, aos adolescentes que frequentavam o ensino médio nas escolas do município.

Na busca por documentos relacionados às Conferências Municipais propriamente ditas, contudo, pude constatar que praticamente não se dispõe de muitos registros, havendo dificuldade até mesmo para encontrar a legislação a respeito da oficialização de suas edições durante os dois mandatos de Odelmo Leão.

Em 2013, com o início do mandato de Gilmar Machado (PT) como prefeito, é possível perceber algumas mudanças no que se refere à concepção municipal sobre as políticas públicas de juventude, tais como a criação da Superintendência de Juventude logo no primeiro ano de governo. Nesse primeiro momento, a Superintendência seria vinculada à Secretaria Municipal de Ação Social e Trabalho, então administrada por um grupo político ligado ao deputado estadual Tenente Lúcio, à época filiado ao PDT. Nesse contexto, a Superintendência de Juventude passou a ser administrada pelo advogado Felipe Machado Vieira, conhecido como Felipe Felps, como indicação desse grupo político.

A 4.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude foi realizada em um anfiteatro da UFU no dia 21 de setembro de 2013. A organização do evento se deu em parceria com o DCE da universidade, então sob coordenação de coletivos ligados ao PT (Kizomba) e ao PCdoB (UJS) – partidos que integravam o governo municipal. A programação do evento incluiu eixos que pretendiam estimular a noção de “protagonismo juvenil” (tais como “participação”, “inclusão” e “cidadania”) e incluía uma dinâmica de debates através de grupos de trabalho

sobre esses temas. O *release* do evento, de autoria da SECOM/PMU<sup>72</sup>, que foi direcionado para as mídias locais, afirmava que ocorreriam grupos de trabalho que debateriam os seguintes temas: “Educação”; “Vida saudável e Política sobre Drogas”; “Cultura e Conexão”; “Segurança”; “Sexualidade”; “Respeito às Diferenças”; “Direito de se Associar”; “Diálogo com o Governo”; e “Trânsito e Mobilidade Urbana”. Percebia-se, portanto, uma maior sintonia com os debates de temas e pautas que estavam sendo efetuados, em âmbito nacional, por entidades e movimentos de juventude, sendo importante destacar que, naquele período, a conjuntura política se encontrava bastante acirrada devido à ocorrência próxima das chamadas “Jornadas de Junho”, que, neste capítulo, procurarei melhor situar como se realizaram localmente.

Nos meses seguintes, como resultado da realização da Conferência de 2013, foi instituído o Conselho Municipal de Juventude de Uberlândia (CMJ/UDI), que teria como competência promover estudos, propor e fiscalizar políticas públicas que visassem “assegurar e ampliar os direitos da juventude”<sup>73</sup>. Um dos aspectos do documento que institui o CMJ/UDI é que ele reforçava a tendência nacional para formulação de políticas públicas, que concebe como jovem aquele sujeito compreendido na faixa etária entre 15 e 29 anos.

---

<sup>72</sup> SECOM/PMU. Conferência da Juventude amplia espaço para discutir políticas públicas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 20 set. 2013, Cidade e Região. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/conferencia-da-juventude-amplia-espaco-para-discutir-politicas-publicas/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

<sup>73</sup> UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Lei Nº 11.464, de 20 de Agosto de 2013. **Diário Oficial do Município de Uberlândia**, 22 ago. 2013.



Figura 1 - Programação da 4.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude.



Fonte: Secretaria Municipal de Juventude (2016).

Em 2015, com a ocorrência de uma reforma administrativa municipal, a Superintendência Municipal de Juventude passa a ser administrada por Patrícia Cunha, militante do PCdoB e ex-vice-presidente da União Nacional de Estudantes. Como condição do partido para assumir o cargo, a Superintendência de Juventude passou a compor a Secretaria de Governo. Pude observar que a concepção do PCdoB incidiu em mudanças significativas nas proposições de políticas públicas municipais e no formato da 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude<sup>74</sup> ocorrida naquele ano.

A quinta edição da Conferência, ocorrida em 08 de agosto de 2015, foi denominada “Bonde da Juventude – As várias formas de mudar Uberlândia” – que se remetia, assim, a

<sup>74</sup> Cf. SUPERINTENDÊNCIA vai valorizar o jovem como protagonista da transformação social. **Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, 10 mar. 2015, Agência de notícias. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/9324/superintendencia\\_vai\\_valorizar\\_o\\_jovem\\_como\\_protagonista\\_da\\_transformacao\\_social.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/9324/superintendencia_vai_valorizar_o_jovem_como_protagonista_da_transformacao_social.html)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

uma expressão usada por alguns grupos de jovens, em especial os funkeiros, para designarem a sua “galera”. Buscando modificar a estrutura das edições anteriores da Conferência Municipal de Juventude, a organização propôs, para além da realização de debates, a inserção de atividades artísticas e culturais tais como: apresentações musicais, graffiti, batalha de MCs e oficinas. Diferentemente das edições anteriores, em que palestrantes (até mesmo da Polícia Militar) orientavam os jovens, ocorreriam rodas de conversa e oficinas com produtores de novas mídias – entre *Youtubers* e blogueiros - e artistas ligados ao funk e ao hip hop da cidade. Os eixos propostos para discussão seguiam uma perspectiva em que se reforçava direitos sociais e problemáticas relacionados à vida dos jovens: “Trabalho e Formação Profissional”; “Diversidade e Igualdade”; “Direito à Cidade”; “Saúde e Sexualidade”; e “Direito ao Lazer, Cultura e Esporte”<sup>75</sup>. Conforme material produzido pela Superintendência de Juventude, a partir de dados coletados durante o credenciamento no evento<sup>76</sup>, o público estimado foi de 1.000 participantes, sendo que entre estes, 390 teriam credenciado. Entre os jovens credenciados no evento, 184 teriam entre 14 e 29 anos, e a maioria dos participantes credenciados seriam moradores dos bairros Jardim Canaã (21), São Jorge (33), Santa Mônica (29) e Shopping Park (21). Dentre os credenciados, 291 seriam estudantes, sendo que 26% estudavam e trabalhavam e a maior parte desses jovens (67%) declarou não ter conhecimento sobre os projetos e políticas públicas de juventude.

---

<sup>75</sup>Cf. SECOM/PMU. Oficineiros vão compartilhar arte e histórias de vida na Conferência da Juventude. **Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, 08 ago. 2015. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10127/oficineiros\\_vao\\_compartilhar\\_arte\\_e\\_historias\\_de\\_vida\\_na\\_conferencia\\_da\\_juventude.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10127/oficineiros_vao_compartilhar_arte_e_historias_de_vida_na_conferencia_da_juventude.html)>. Acesso em: 21 jun. 2016.; SECOM/PMU. Conferência da Juventude leva mil jovens ao debate de políticas públicas. **Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, 08 ago. 2015. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10211/conferencia\\_da\\_juventude\\_leva\\_mil\\_jovens\\_ao\\_debate\\_de\\_politicas\\_publicas.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10211/conferencia_da_juventude_leva_mil_jovens_ao_debate_de_politicas_publicas.html)>. Acesso em: 21/ jun. 2016.

<sup>76</sup> UBERLÂNDIA. Superintendência de Juventude. **Dados da 5.ª Conferência Municipal de Juventude: Bonde da Juventude**. Uberlândia, 2015. 9 slides, color.

**Tabela 1 - Quantidade de participantes, por idade, da 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia**

<b>Idade</b>	<b>Quant.</b>
7 a 10	7
11 a 13	41
14 a 16	110
17 a 22	107
23 a 29	57
Acima 30	68

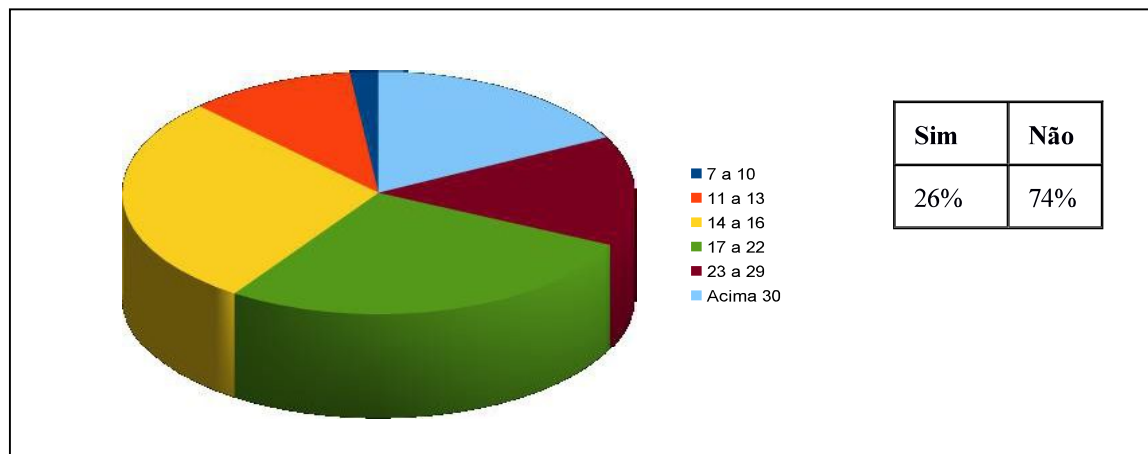
Fonte: Elaboração SMJ/Uberlândia (2015).

**Tabela 2 - Quantidade de participantes, por bairro, da 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia**

<b>Bairro</b>	<b>Quant.</b>
Brasil	13
Jardim Canaã	21
Granada	11
Jardim Brasília	12
Laranjeiras	19
Luizote de Freitas	18
Martins	18
Pres. Roosevelt	13
São Jorge	33
Santa Mônica	29
Shopping Park	21
Outros	182

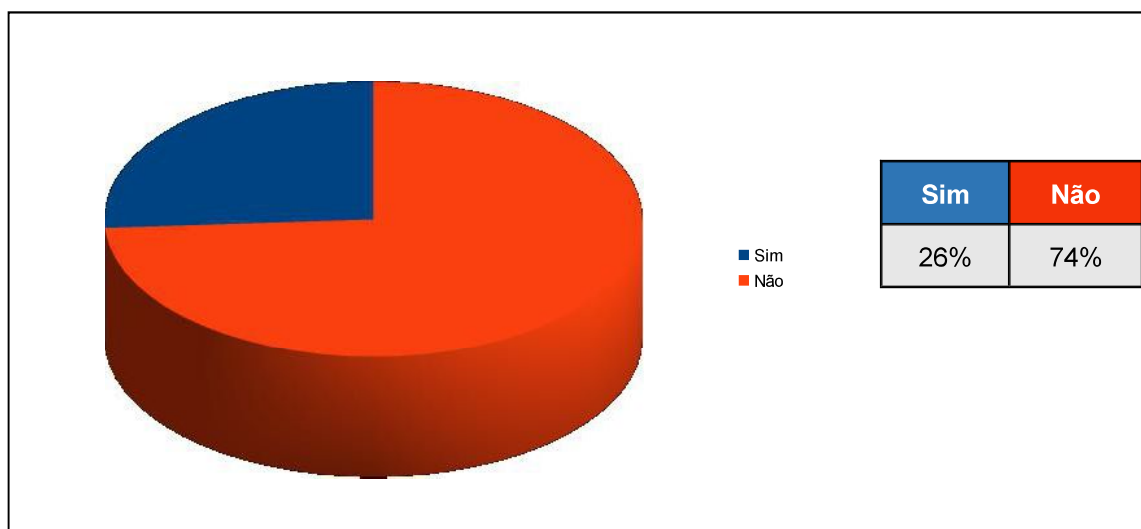
Fonte: Elaboração SMJ/Uberlândia (2015).

**Gráfico 2 - Participantes da 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia que se declararam estudantes.**



Fonte: SMJ/PMU (2015).

**Gráfico 3 – Participantes credenciados na 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude de Uberlândia que afirmaram que estudavam e trabalhavam no momento da realização do evento (Amostragem com 291 jovens que declararam estudar).**



Fonte: SMJ/PMU (2015).

Figura 2 - Folder de divulgação da 5.ª Conferência Municipal de Juventude veiculado pela Superintendência Municipal de Juventude através da internet.



Fonte: SMJ/PMU e SECOM/PMU (Acervo digital).

Figura 3 – Atividade artística realizada durante a 5.ª Conferência Municipal de Juventude (foto).



Fonte

SMJ/PMU e SECOM/PMU (Acervo digital).



**Figura 4 – Atividade artística realizada durante a 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude (foto).**



Fonte: SMJ/PMU e SECOM/PMU (Acervo digital).

Esses dados evidenciam, assim, que a 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude teve o significativo avanço na participação de segmentos de jovens de várias localidades da cidade, em especial de jovens de bairros populares. Todavia, esses dados parecem acompanhar a tendência percebida através das grandes pesquisas nacionais de juventude que detectaram a baixa participação política dos jovens, seja em organizações políticas ou, como podemos inferir, nas próprias instâncias que foram criadas a partir de 2005 – tais como as Secretarias Nacionais e Estaduais e as Superintendências Municipais de Juventude e os próprios Conselhos de Juventude.

Considerando a capacidade de articulação para realização do evento, cabe mencionar que parte substancial desses jovens tomou conhecimento da realização da Conferência através de convites articulados pela Superintendência de Juventude. Destes, muitos eram membros de instituições religiosas, ONGs de bairros da cidade ou próximos a movimentos/coletivos de juventude baseados prioritariamente na UFU, mas que mantinham alguma proximidade com estudantes do Ensino Médio de escolas públicas ou de faculdades particulares.

Por outro lado, constatei, a partir de contatos com a Superintendência Municipal de Juventude, que a mobilização via redes sociais (como o Facebook) e a movimentação gerada por grupos culturais (como *rappers*, dançarinos e grafiteiros) possibilitaram o envolvimento de uma diversidade maior de participantes (para além daqueles ligados a juventudes partidárias e movimentos sociais propriamente organizados em torno de pautas da juventude, tal como na edição anterior da Conferência).

Todavia, caberia uma reflexão mais aprofundada se essa estratégia de mobilização, calcada em atrações artísticas e culturais, pode resultar no rebaixamento da ênfase no debate político sobre os direitos para juventude. Esses elementos e limitações lançam luz sobre a necessidade de se construir formas de participação política da juventude, sejam estas fomentadas pelos governos ou que partam da própria iniciativa dos movimentos de juventude. Há um grande segmento de jovens, especialmente de moradores de bairros pobres das cidades brasileiras, que, por não vislumbrarem qualquer horizonte de participação política e de efetivar suas lutas por direitos, acaba sendo excluído do processos de proposição e formulação de políticas públicas para a juventude.

## **1.2 - Jovens na cidade: espaços públicos e direitos sociais**

Ao refletir sobre direitos sociais, o conceito de espaço público pode se tornar uma boa ferramenta para refletirmos sobre as dinâmicas de exclusão e inclusão existentes na cidade. Entendendo a relevância do uso desse conceito para este trabalho, procurarei problematizá-lo de modo a compreender as diferentes dinâmicas que pode assumir para um debate que se proponha a uma articulação entre os eixos: juventude, direitos e cidade.

Uma das definições de espaço público mais recorrentes que foram desenvolvidas no Brasil deriva das reflexões de Hannah Arendt, em que o conceito se enraíza nas noções de *polis* grega e de *res publica* romana. Segundo Arendt, os antigos gregos e romanos tiveram o cuidado para resguardarem o domínio público, lugar onde se preconizaria a imortalidade e se efetivaria a liberdade, e que assim se distinguiria do espaço fugaz da esfera privada, domínio das necessidades. Porém, o avanço da propriedade privada efetivado com a modernidade (e



consigo o avanço da esfera privada), produziria o domínio da necessidade e a recusa à vida política<sup>77</sup>.

Essas considerações de Hannah Arendt se tornariam uma referência para que muitos estudiosos afirmassem a existência de uma chamada crise do espaço público que se efetuou com a modernidade e que teria sido ampliada com a chamada pós-modernidade. Como contraponto a essas noções, Sérgio Luís Abrahão<sup>78</sup>, ao discutir o processo de construção e disseminação da concepção de espaço público urbano no nosso país, verifica a recorrência de certas definições modeladas no campo das ciências sociais e políticas. Segundo o autor, uma significativa parcela dessas noções se consolidariam a partir das obras de autores como Jürgen Habermas, Richard Sennett e a própria Hanna Arendt. Abrahão propõe, então, que o debate entre os urbanistas efetue a distinção entre espaço público político e espaço público urbano.

Nessa compreensão, o espaço público político seria o lugar da cidadania e da construção dos direitos sociais e o espaço público urbano se constituiria na materialidade dos espaços construídos na cidade que se projetam para a vida social. Contudo, se a princípio cabe fazer essas distinções, quando passamos a falar sobre a necessidade de se promoverem transformações e justiça social, o autor considera a necessidade de se unirem esses dois termos na perspectiva de construção da cidade e da vida urbana enquanto realização sociopolítica<sup>79</sup>. As questões destacadas por Abrahão auxiliam a nos desvencilharmos de uma perspectiva abstrata e a-histórica para construção de formulações sobre o espaço público. Apesar de provirem de outra área, são pertinentes à História Social, à medida que são observadas as nuances dos conceitos e o lugar social em que são produzidos.

Neste sentido, observando a historicidade dessas noções, Ângelo Serpa, através de estudos que procuraram entender o espaço público na contemporaneidade (pesquisando lugares públicos e privados nas cidades de Salvador, Paris e São Paulo), lança outra

---

<sup>77</sup> ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

<sup>78</sup> ABRAHÃO, S. L. **Espaço público**: do urbano ao político. São Paulo: EDUSP: Annablume, 2008.

<sup>79</sup> ABRAHÃO, 2008.

importante indagação: Estaríamos diante de espaços verdadeiramente públicos ou de espaços concebidos e implementados para um tipo de público específico<sup>80</sup>?

Considerando as especificidades tangentes ao espaço público da cidade contemporânea, Serpa constata que o capital escolar e os modos de consumo se constituem como elementos determinantes das identidades sociais. Diferença e desigualdade se articulariam no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica. Assim, a privatização do espaço público, a qual determinados grupos tomam para si parcelas ou a totalidade de determinados lugares, se efetiva a partir da constituição de fronteiras simbólicas que passariam a definir a apropriação desses lugares. O que regularia estes processos seriam as diferenças (que não contêm a princípio a possibilidade de hierarquização) e as desigualdades (que exigem um parâmetro comum, classificatório e que permitem uma comparação global). A dinâmica das cidades contemporâneas se fundaria, assim, numa alteridade que expressa dimensões de classe, de modo que a acessibilidade ao espaço público é, em última instância, hierárquica. Serpa considera ainda que o espaço público se torna então uma justaposição de espaços privatizados: ele não é compartilhado, mas sobretudo dividido entre os diferentes grupos. A acessibilidade não seria mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente. Faltaria, assim, interação entre esses territórios, que na prática seriam percebidos (e utilizados) como uma maneira de neutralizar o “outro”, em um espaço que não é acessível a todos<sup>81</sup>.

Neste sentido, Teresa Caldeira, analisando o que chama de novas visibilidades e circulação em espaços públicos em São Paulo, nos fornece elementos valiosos para aprofundar nossa compreensão sobre os significados do espaço público nas cidades atuais na dimensão de suas transformações históricas<sup>82</sup>. Para a autora, a ação dos movimentos sociais nas décadas 1970 e 1980 trouxe os moradores da periferia para o centro da arena política, uma

---

<sup>80</sup> SERPA, A. Acessibilidade. In: \_\_\_\_\_. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>81</sup> SERPA, 2007, p. 15-35.

<sup>82</sup> CALDEIRA, T. P. R. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, n. 94, p. 31-67, nov. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 set. 2016.

vez que, como resultado das lutas sociais efetivas se verificou uma série de melhorias para as cidades, tais como infraestrutura e serviços públicos para os bairros, sendo que muitos desses direitos conquistados se efetivariam nas próprias disposições da Constituição Federal de 1988.

Todavia, nesse mesmo período se produziu socialmente uma “fala do crime” — que articulando preconceitos, justificava a intolerância e corroborava com um novo modo de produção do espaço urbano. A cidade se tornou, então, cada vez mais um lugar de segregação social, à medida que parcelas de seus habitantes erguiam enclaves fortificados para viver, trabalhar, consumir e se divertir. Nesse processo, muitos dos espaços privados acabaram sendo modelados por tecnologias de proteção, vigilância e encerramento que se transformaram em indicadores de status e de estilo de vida. Em decorrência disso, os espaços públicos se tornaram relegados à condição de territórios abandonados, percebidos como áreas de tensão e perigo<sup>83</sup>.

Posteriormente, com a expansão do consumo, consolidado especialmente a partir da segunda metade da primeira década de 2000, a invisibilidade social deixou de ser determinada a partir do status conferido pelo consumo. Um exemplo, seria o crescimento da quantidade de carros, pois, se num período anterior, o transporte público demarcava o lugar dos pobres, com o aumento do acesso a automóveis, isso não seria mais tão nítido. Em cidades em que, por vezes, o número de carros chega próximo ao número da quantidade de habitantes<sup>84</sup>, seria evidente que apenas não só os membros das classes alta e média que usariam carros particulares<sup>85</sup>.

Na esteira dessas reflexões sobre o espaço público e o lugar dos direitos sociais, parto

---

<sup>83</sup> CALDEIRA, 2012.

<sup>84</sup> Segundo levantamento do IBGE, através de dados do DENATRAN e do Ministério das Cidades, Uberlândia teria 231.064 automóveis em 2015. Um levantamento de 2013, registrava que “se nos próximos anos o desenvolvimento da cidade seguir o mesmo patamar registrado nos últimos 11 anos, em 2023 o número de veículos da cidade deve ultrapassar o de uberlandenses, quando serão 785 mil veículos contra 765 mil moradores. No entanto, como os dados incluem caminhões e ônibus, quando estas categorias são excluídas, pode-se considerar um veículo para cada morador”. NOGUEIRA, D. Projeção aponta que Uberlândia pode ter um veículo por morador em 2023. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 08 set. 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/projecao-aponta-que-uberlandia-pode-ter-um-veiculo-por-morador-em-2023/>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

<sup>85</sup> CALDEIRA, 2012.

da consideração de que não são apenas abstrações, e que portanto, existem na vida social, no âmbito de suas contradições. Discutir direitos demanda, assim, a consideração de questões que se requerem necessárias para pensarmos as noções como as de pobreza, de exclusão e de desigualdade, conforme propõe Nascimento<sup>86</sup>.

Para este autor, aprioristicamente, a desigualdade pressuporia uma distribuição diferenciada das riquezas. Distingue-se, portanto, de pobreza que significa a situação em que determinados sujeitos se encontram despossuídos para viver dignamente com as condições mínimas para suprir suas necessidades básicas (sendo importante considerar que as próprias noções de “vida digna” e “necessidades básicas” são determinada pelas condições históricas). Seria relevante destacar ainda que para além de sua dimensão material, a pobreza pode incluir ainda os processos de destituição simbólica.

Neste sentido, conforme demonstra Salama<sup>87</sup>, seria necessário articularmos as noções de pobreza absoluta e de pobreza relativa. A pobreza absoluta costuma ser definida a partir do momento em que uma pessoa não dispõe de rendimentos monetários acima de 50% do rendimento mediano. Neste sentido, portanto, a pobreza relativa tem relações intrínsecas com a desigualdade, o que se configuraria como um problema quando partimos para análises sobre os países latino-americanos – entre eles o próprio Brasil, em que mesmo com políticas, efetivadas entre 2003 e 2015, que obtiveram êxito na redução da pobreza absoluta, não se veria nas mesmas condições a eliminação da pobreza relativa devido à grande desigualdade social e à concentração de renda.

Considerando as interfaces entre desigualdade e pobreza, pode ser combinada a noção de exclusão, que teria no mínimo três acepções, conforme expõe Nascimento<sup>88</sup>: a). Genericamente, como o ato de excluir ou ser excluído, ou podemos dizer, de estar à margem na sociedade. Em geral, nessa perspectiva a exclusão se opera através de processos de

---

<sup>86</sup> NASCIMENTO, E. P. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. **Caderno CRH**, Salvador, n.21, p.29-47, jul./dez. 1994.

<sup>87</sup> SALAMA, P. Pobreza: luz no fim do túnel: **Revista Nexos Econômicos**, Salvador, vol. 4, n. 6, p. 9-29, jun. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revnexeco/article/view/4860/3591>>. Acesso em: 30 set. 2016.

<sup>88</sup> NASCIMENTO, 2014.

diferenciação, tais como no caso das práticas de racismo e misoginia; b). Operando no âmbito dos direitos, constituindo processos de exclusão de determinados segmentos sociais. É possível afirmar, nessa perspectiva, que determinados grupos que não se encontram integrados ao chamado “mundo do trabalho”, e, por isso, não teriam acesso a condições mínimas de vida. Sofreriam, assim, um processo específico de não inclusão no mundo dos direitos ou dele serem expulsos parcial ou totalmente; c). A terceira acepção se operaria para além da negação dos direitos, se recusando a reconhecer a própria humanidade de um semelhante. Seria sintetizado pela máxima da negação da expressão “ter direito a ter direitos”, de autoria de Hanna Arendt.

Refletindo sobre essas distintas modalidades de exclusão, Nascimento observa que no Brasil haveria, contudo, um processo histórico em que se efetivaria uma cidadania hierarquizada e uma exclusão específica, ou seja, o sentido muda para a noção de que ser incluído significa ter “direitos a ter direitos”, pois alguns grupos teriam mais direitos que os outros, fazendo assim, que determinados direitos se tornassem, na prática, privilégios. Além disso, é notável que não raro, em nosso país, as situações de pobreza, exclusão e desigualdade se fundam para grande parte da população. Talvez, por isso que, ao supormos a condição de uma jovem, negra, pobre e moradora de uma periferia urbana, seja falarmos de alguém que simultaneamente vive essas três situações.

Em perspectiva similar, Marilena Chauí<sup>89</sup> situa algumas problemáticas para se pensar a construção da democracia no Brasil. Os processos históricos, especialmente no século 20, marcados por ditaduras, como a do Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985), e os períodos de restrição de direitos e liberdades democrática (como entre 1946 e 1964), inviabilizariam a condição de podermos falar de um período de “redemocratização” do país vivido a partir de 1985. Neste sentido, ao contrário de noções que atestavam que o Estado brasileiro seria autoritário, a autora estende essa crítica afirmando que, na verdade, o autoritarismo historicamente estaria presente na própria sociedade brasileira.

Pensar nesses termos, se faz necessário uma vez que quando falamos de direitos

---

<sup>89</sup> CHAUI, M. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. In: \_\_\_\_\_, **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Organização: André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

estamos os situando nessa história de uma sociedade profundamente marcada por esses processos de exclusão social. Logo assim, toda ação de jovens e outros sujeitos sociais excluídos, que disputam os lugares da cidade e reivindicam certos direitos, se revela, em maior ou menor grau, enquanto práticas emergentes que confrontam uma dada hegemonia social. Contra os privilégios naturalizados, entram em cena o lugar histórico dos direitos sociais.

Acrescente-se aos aspectos da exclusão, da pobreza e da desigualdade, a necessidade de refletirmos sobre as dinâmicas de como se distribuem os bens sociais e os patrimônios culturais. Isso requereria refletir sobre este momento em que as possibilidades de constituição de redes extrapolam os limites da localidade, mas isso não se efetiva necessariamente para todos com as mesmas condições de acesso. Se alguns aspectos são inegáveis como a expansão do acesso à internet, ao uso de computadores e *smartphones*, por outro lado não se anulam os termos em que combinam a desigualdade, a pobreza e a exclusão. Neste sentido, para além de pensarmos os elementos citados, se torna necessário que também pensemos nos termos das formas com as quais se averiguam os processos de desconexão e conexão<sup>90</sup>, em que estar conectado (não só à internet, mas às redes onde se distribuem os bens sociais e patrimônios culturais) se torna elemento para se acessar, garantir e lutar por direitos.

No decorrer deste trabalho me interessa discutir as questões vividas numa dinâmica de cidade em que, se por um lado, há formas de se reprimir e se procurar disciplinarizar os movimentos que reivindicam direitos, mas que, por outro lado, há a persistente criação de formas de se impor na vida social das cidades, isto é, no seu sentido público. No decorrer dessa pesquisa pude verificar que os jovens que vão às ruas em protestos ou aqueles que ocupam praças e outros lugares para promover suas sociabilidades, demonstram ter uma compreensão nítida das tentativas de negação de seus direitos. Por isso, esses jovens criam formas de intervenção pública que nem sempre condizem com o modo que determinados lugares foram projetados, ou que os governos e empresas tentam lhes impor, constituindo o que Rogério Proença Leite definiu como contra-usos do espaço público ao analisar os

---

<sup>90</sup> Cf. GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.



processos de *gentrification* em Recife<sup>91</sup>.

Considero que, ao observar esses outros tipos de usos e ocupação do espaço público, é necessário que o façamos em franca oposição a qualquer espécie de naturalização do tempo e das relações sociais vividas na cidade. A partir disso, se coloca na perspectiva da mudança, que se baseia especialmente, no caso na perspectiva de que os direitos sociais devam ser ampliados e garantidos a todos. Configura-se, conforme definia Lefebvre, nos anos 1960: “O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou retorno às sociedades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada”<sup>92</sup>.

Mais recentemente, David Harvey observaria as profundas conexões internas entre urbanização e produção e uso excedentes. Para esse autor, vivemos um momento em que uma pequena elite política e econômica cada vez mais teria o poder e as condições para moldar a cidade conforme suas necessidades, negligenciando os direitos da maioria da população. Neste quadro, retomar as proposições de Lefebvre sobre o direito à cidade significa a necessidade de unificar as lutas dos espoliados socialmente para reivindicar o direito a mudar o mundo, a mudar a vida e reinventar a cidade de acordo com seus mais profundos desejos<sup>93</sup>.

Remeto-me, portanto, ao direito à cidade enquanto concepção e projeto político que veio a se desenvolver como importante referência no processo de construção de políticas públicas para a juventude e que compõe a produção gerada a partir de Conferências, Conselhos e da Secretaria Nacional de Juventude, instituídos no nosso país a partir de 2005. Entre 2007 e 2008, um dos cadernos que orientavam os debates nas etapas municipais e estaduais da 1.<sup>a</sup> Conferência Nacional de Juventude tinha por tema a cidade para os jovens. Respalhando-se na Constituição e na Declaração dos Direitos Humanos um dos textos da publicação afirmava que a noção de direito à cidade: “traz como uma das responsabilidades

---

<sup>91</sup> LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, p. 115-134, Fev. 2002, p. 130. Disponível em: <[http://nauai.ufsc.br/files/2010/09/Proença\\_Contra-usos-e-espaço-público.pdf](http://nauai.ufsc.br/files/2010/09/Proença_Contra-usos-e-espaço-público.pdf)>. Acesso em: 10 de out. 2016.

<sup>92</sup> LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. p. 117-118

<sup>93</sup> Cf. HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.



das cidades e dos territórios possibilitar, além da mobilidade, a convivência juvenil, facilitando aos jovens o acesso à educação, ao trabalho, à moradia, à cultura e ao lazer”<sup>94</sup>.

Figura 5 - Página do caderno preparatório para a 1.ª Conferência Nacional de Juventude que trata do direito



Fonte: Caderno Preparatório para a 1.ª Conferência Nacional de Juventude (2007).

Dialogando com essas questões, procurarei situar a imprensa uberlandense como lugar privilegiado na construção do modo como a juventude é pautada produzindo uma memória

<sup>94</sup> BRASIL. Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude. **Cidade**. Caderno preparatório para a 1.ª Conferência Nacional de Juventude. Brasília: SNJ, 2007. p. 6

social sobre os jovens da cidade entre 1995 e 2015. Porém, nos limites dessas pressões, pude constatar a emergência de novos sujeitos, novas pautas e contestações aos projetos e, em alguns momentos, ao próprio processo de construção de hegemonia social efetuado pelas classes dominantes.

### 1.3 - Jovens e imprensa: projetos para Uberlândia em disputa

A página 12 do jornal *Correio de Uberlândia*, de 18 de abril de 1998, chamava a atenção por apresentar em destaque uma foto, em preto e branco, intitulada *Polícia*, em que um jovem aparecia com o rosto sendo coberto por uma camiseta<sup>95</sup>. Articulado texto e imagem, a legenda impõe uma conotação à fotografia: “O menor M.A.C., apreendido em flagrante, depois de assaltar a loteria”. Ao lado, uma coluna com texto menor procura associar o acontecimento com outro assalto ocorrido em um banco em março daquele ano. Num trecho desse mesmo pequeno texto podemos ler: “M.A.C., cujo nome não pode ser divulgado porque o Estatuto da Criança e da Adolescência proíbe, tem apenas 16 anos, mas tem o tamanho de um homem adulto. É alto, forte e assume seus crimes”<sup>96</sup>.

---

<sup>95</sup> COMERCIANTE reage a assalto à loteria e baleia bandido. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 18 abr. 1998, p. 12.

<sup>96</sup> Segundo o artigo 17 do ECA, deve ser garantido o direito ao respeito a integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, o que inclui “a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. Além disso, o ECA define como “ato infracional” as condutas descritas como “crime” ou “contravenção penal” garantindo a crianças e adolescentes a inimizabilidade de crianças e adolescentes mediante a essas ocorrências. São garantidas às crianças e adolescentes, assim, penalidades específicas e a impossibilidade de serem julgadas sobre os mesmos critérios que os adultos. Cf.: BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

Figura 6 - Detalhe de notícia do jornal Correio de Uberlândia sobre assalto envolvendo jovem em 1998



Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia 18 abril 1998.

Acervo do Arquivo Público Municipal. Foto. (2016).

Nas sutilezas do que seria apenas uma narrativa a respeito de um crime ocorrido na cidade de Uberlândia, o leitor do jornal se depara com a emissão de uma opinião que vai para além do fato narrado em si. Essa posição emite um valor, algo dito não muito explicitamente, mas que conduz a pensar que o jovem (apesar de ser “menor de idade” e tendo, por isso, assegurado o sigilo de sua identidade pela lei) seria plenamente capaz de “responder por um crime cometido”. No texto do jornal, o ECA, portanto, deixa de ser instrumento para garantia de direitos para crianças e adolescentes e se torna uma espécie de empecilho para que esse jovem adolescente fosse punido.

Nesta linha, pouco menos de um ano depois, em 1999, o Correio publicaria, em pelo menos duas de suas edições, nos dias 29 e 30 de janeiro, matérias sobre um jovem que teria realizados roubos em alguns estabelecimentos de áreas centrais da cidade. Na primeira delas, apresentada novamente na seção Polícia do jornal, vemos uma foto grande em preto e branco que mostra um jovem negro com a cabeça baixa. Na legenda, aparecia a seguinte descrição: “Osvando José de Oliveira Júnior, o Gaguinho, preso ontem à tarde, após roubar mais três

lojas”<sup>97</sup>. Na mesma página, outras três colunas com textos menores, se propunham a descrever uma trajetória da vida desse jovem. Seus títulos eram: “Antes de ser preso, ladrão roubou 3 lojas”; “Assaltante é vaidoso e usa tênis importado”; e, “Gaguinho começou a roubar aos 15 anos”.

Esse último texto, que aparece à direita da foto, se colocava como uma transcrição de uma entrevista entre a reportagem do *Correio* (que não assina os textos) e o jovem. Introduzindo a dinâmica entre perguntas e respostas curtas, uma pequena introdução que afirmava:

O assaltante mais procurado pela Polícia Militar nos últimos dias tem 18 anos, é foragido do Cisau de Uberlândia, o único lugar que existe na cidade para prender menores criminosos, tem família, e não se arrepende do que fez. “Comecei a roubar com 15 anos, com alguns amigos, e não parei mais”, relatou Gaguinho à reportagem.

No dia seguinte, na mesma seção, porém com menor destaque na página *Polícia*, um texto busca fazer associações entre os acontecimentos e a trajetória do jovem no Cisau<sup>98</sup> - uma instituição de apreensão de jovens que existia na cidade. A matéria enfatiza ainda alguns detalhes de uma fuga do jovem quando se encontrava detido na instituição que menciona como o “único lugar da cidade destinado à recuperação de menores criminosos”<sup>99</sup>. Cabe notar ainda, que diferentemente da matéria do dia anterior, o nome do jovem é destacado apenas com suas iniciais. Além disso, em tom jocoso, o texto utilizava a gíria “xadrez” para designar a delegacia onde o jovem estaria preso e, apesar de mencionar outros jovens que participaram da citada fuga do Cisau, o autor do texto dava destaque aos apelidos de dois deles: Cabeção e Trincado.

---

<sup>97</sup> MILITARES prendem ladrão que fez 33 assaltos. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 29 jan. 1999. *Polícia*, p. 13.

<sup>98</sup> O Cisau (Centro Integração Social da Criança e do Adolescente de Uberlândia) foi uma instituição de apreensão de crianças e adolescentes julgados por terem cometido algum tipo de ato infracional. Em 2007, a instituição passou a se chamar Ceseu (Centro Socioeducativo de Uberlândia).

<sup>99</sup> MILITARES, 1999, p. 13.



Destaco essas impressões que me causaram essas duas notícias para refletir acerca de como a imprensa pautava os jovens pobres na cidade de Uberlândia no período em que se refere este trabalho. Problematizo esse ponto, pois considero que a imprensa não propagava apenas “informações”, mesmo que costumasse evocar princípios calcados numa suposta neutralidade e imparcialidade. Pelo contrário, parto aqui do pressuposto de que atuaria acompanhando os processos de negociação e conflitos existentes na cidade e, em meio a isso, não raramente se associando a interesses e posições de determinados grupos sociais.

Conforme destacam Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto, abordar a imprensa nessa perspectiva requer que compreendamos a sua historicidade, bem como sua participação na consolidação de determinadas hegemonias na sociedade. Neste sentido, as autoras, em diálogo com Robert Darnton, consideram a imprensa como ingrediente do processo histórico e não apenas como registro de acontecimentos. Assim, uma abordagem sobre a imprensa requer que a situemos:

no interior de um processo histórico, que a cada desafio reinventou o mercado como centro da vida social, e que sob a égide do capital costura a hegemonia burguesa sobre os modos de vida, [para que possamos] indagar sobre a especificidade histórica de suas diversas temporalidades<sup>100</sup>.

Ao trabalhar com os jornais Correio de Uberlândia e Gazeta de Uberlândia, interessava, portanto, não apenas fazer um mero levantamento de notícias que se referiam a jovens da cidade no período entre 1995 e 2015. Tampouco, interessava afirmar esses materiais como espelhos de uma realidade cristalizada pelos seus produtores. O que buscava era evidências sobre como se constituiu, no decorrer desses anos, o papel desses jornais enquanto agentes na construção de determinados projetos para a juventude da cidade.

Para uma reflexão nesse sentido, nos auxilia o trabalho de Marta Emisia Barbosa ao discutir o processo de constituição de uma iconografia dos famintos que recorria às secas do Ceará entre o final do século 19 e início do século 20. A autora demonstra como os setores da imprensa, especialmente a localizada em São Paulo e Rio Janeiro, foram partícipes na articulação de uma memória que percebia os sertanejos associados a fome, doenças, atraso e

---

<sup>100</sup> CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

barbárie<sup>101</sup>. Por conseguinte, Barbosa, no decorrer de sua tese, desvela como diferentes circuitos e linguagens se constituíram em redes de comunicação que participaram na construção dessa memória hegemônica.

Apesar de tratar de sujeitos distintos, essa reflexão nos permite vislumbrar o papel da imprensa, enquanto prática social, que, em suas narrativas, evidencia, anula, seleciona e silencia sobre determinadas questões da sociedade. Numa análise que considere o papel de intervenção da imprensa na vida social, seria possível verificar como a linguagem da imprensa participa ativamente na constituição/instituição dos modos de viver e pensar<sup>102</sup>. Pesquisando os jornais, pude perceber que as duas notícias destacadas no princípio desta seção do capítulo não se limitavam a informes pontuais a respeito de jovens pobres da cidade de Uberlândia. Determinadas notações, afirmações, temas e considerações a respeito da juventude se remetiam a alguns lugares comuns, conforme se apresentavam as conjunturas. Muito mais do que noticiar “acontecimentos ou fatos brutos”, os jornais atribuíam juízos, enfatizavam determinadas posições, ratificavam certos projetos. Do mesmo modo, corroboravam a constituir uma memória que frequentemente associava jovens à delinquência, objeto de determinados tipos de consumo pelo mercado ou como problema (ou ameaça) para a sociedade.

Sendo assim, me remetendo a Walter Benjamin, em suas Teses sobre a História<sup>103</sup>, procurei me ocupar da tarefa de “escovar a contrapelo” esses documentos. Ao confrontá-los com outros documentos produzidos, às vezes por mandatos de governos e/ou oriundos de processos de mobilização populares, pude averiguar lacunas e outros projetos para a juventude silenciados ou mesmo combatidos por esses dois jornais. Do mesmo modo, pude perceber como apresentavam nuances conforme os campos de articulações na cidade e as

---

<sup>101</sup> BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Famintos do Ceará: Imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX**. 2004. 309f. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

<sup>102</sup> BARBOSA, 2004, p. 22

<sup>103</sup> BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 8.<sup>a</sup> ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.

formas como se apresentavam variavam de acordo com os sujeitos que os produziam em cada temporalidade.

A notícia aparentemente isolada que destacamos no princípio desta seção do capítulo, em que o repórter do jornal Correio estabelecia relações entre o assalto cometido por Gaguinho e o ECA, merece, assim, maiores considerações. Meu interesse por essas questões se redobrava, uma vez que as indagações que lançava à pesquisa partiam de um tempo presente que era entrecortado por outra prática de negação de direitos conquistados por adolescentes através do ECA. Naquele momento, concomitantemente à primeira etapa da pesquisa, eram discutidas no Congresso Nacional, com adesão de determinados setores da sociedade, uma proposta de redução da maioridade penal<sup>104</sup>. Neste sentido, contrastando com o processo de ampliação de políticas públicas para os jovens, socialmente se efetivava uma disputa em que determinados setores pretendiam retroagir certos direitos.

Num período anterior, quando o jornalista traçava essas associações com o ECA, produzia ao mesmo tempo uma significação de que a lei não deveria se aplicar àquele jovem, pois em termos físicos já seria um adulto. A emissão dessa opinião se fazia não de modo panfletário, mas nas sutilezas de um texto jornalístico que se articulava a outras proposições correntes na sociedade, que também produziam uma dada forma de tematizar socialmente a juventude para a sociedade. Quais, portanto, seriam as conexões entre o passado e o tempo presente e em que medida se articulam no tratamento dado aos jovens pela imprensa na cidade?

---

<sup>104</sup> Nessa conjuntura, em meio a tensos debates, diversas organizações de defesa dos direitos humanos iriam se posicionar contrárias à proposta de redução da maioridade penal no Brasil. Entre elas, o escritório da ONU no Brasil, se posicionava em um documento que comparava a questão da maioridade penal no país e no Mundo e seus impactos: “[...] a redução da maioridade penal opera em sentido contrário à normativa internacional e às medidas necessárias para o fortalecimento das trajetórias de adolescentes e jovens, representando um retrocesso aos direitos humanos, à justiça social e ao desenvolvimento socioeconômico do país”. Cf. ONU. **Adolescência, juventude e redução da maioridade penal**. Brasília: Organização das Nações Unidas no Brasil, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/06/Position-paper-Maioridade-penal-1.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.



### 1.3.1 – Imprensa, juventudes e direitos: páginas que negam a vida social?

No dia 02 de junho de 2013, o jornal Correio de Uberlândia estampava, com bastante destaque na sua página A4 do caderno Cidades & Região, um conjunto de textos que era organizado da seguinte forma: Na chamada para a matéria principal da página, em letras maiúsculas, se lia: “INFRATORES - CENTRO ABRIGA 130 ADOLESCENTES”; em seguida, o título destacava: “Drogas traçam destino de menores do Ceseu”. O subtítulo seguia delineando um olhar sobre notícia afirmando: “Falta de estrutura familiar faz pare do perfil dos internos”.

O texto se iniciava com o seguinte trecho:

Adolescentes com idade entre 14 e 17 anos, usuários de drogas, filhos de dependentes químicos, de família sem estrutura e de baixa renda, moradores da periferia de Uberlândia, que sofrem agressões em casa e são apreendidos por tráfico de drogas e/ou roubo. Este é o perfil de pelo menos 80% dos 130 adolescentes que estão no Centro Socioeducativo de Uberlândia (Ceseu), de acordo com dados da Vara da Infância e da Juventude da cidade.<sup>105</sup>

Deste modo, a repórter procurava demarcar um “perfil” dos adolescentes que seriam internos da instituição que recebia internos que seriam apreendidos por praticarem atos infracionais. Ao associar as figuras de “adolescentes” e “menores”, a matéria reforçava certas noções, às quais se estigmatizaria um determinado grupo de jovens na sociedade. Ao traçar esse “perfil”, a jornalista traçava, nas entrelinhas, uma relação praticamente direta entre criminalidade e pobreza e, simultaneamente, delimitava um local na cidade de onde proviriam os adolescentes que eram internos da instituição: a periferia.

A seguir, o jornal introduzia uma série de pequenos textos que associavam o assunto da notícia anterior com a superlotação de instituições de apreensão de jovens entre 14 e 17 anos, definidos como “infratores”, e a discussão a respeito de propostas que pretendiam reduzir a maioridade penal de 18 para 16 anos. A organização desses textos se respaldava em argumentos de especialistas jurídicos, contrários e favoráveis, sobre a proposta.

---

<sup>105</sup> NOGUEIRA, Daniela. Drogas traçam destino de menores do Ceseu. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 02 jun. 2013. p. A4.

Neste sentido, observo que o jornal mesmo se apresentando democrático, procurando os “dois lados” da questão, reduzia a questão da maioria penal a um mero debate técnico, feito por especialistas, a despeito das posições dos principais sujeitos envolvidos: os jovens adolescentes. Por fim, associava uma questão local, a da superlotação do Ceseu, de modo a dar ênfase a um assunto que era debatido no cenário nacional.

Enquanto vasculhava as notícias do jornal Correio, pude observar que constantemente era reiterada a prática de convidar especialistas, políticos e organizações para que falassem pelos jovens, principalmente em assuntos referentes a propostas para a juventude da cidade que poderiam ser classificados como assuntos de criminalidade, assistência social e política.

A Icasu (Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia)<sup>106</sup> era uma das instituições que apareciam com frequência no jornal. Em 17 de janeiro de 1999, a primeira página do jornal fazia uma chamada para a seguinte matéria situada nas páginas 13 e 14:

Desde o final do ano passado, o trabalho com vínculo empregatício está proibido para menores de 16 anos. Anteriormente essa proibição era até 14. Essa ampliação surpreendeu profissionais que trabalham com menores. Muitos questionam a medida e alegam que a permissão de trabalho somente depois dos 16 anos, no Brasil, vai piorar a própria situação familiar, pois há muitos garotos de até 12 anos que, mesmo na informalidade, já cooperam com a renda familiar e ainda outros que são arrimos de família.<sup>107</sup>

Nessas duas páginas internas, o jornal procurava dar ênfase à informação de que as entidades de formação profissional para jovens não teriam tomado conhecimento dessa

---

<sup>106</sup> Segundo seu site: “A Icasu - Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia - foi fundada em 27 de novembro de 1967 por autoridades municipais e representantes de diversos segmentos da sociedade. Constitui-se como uma entidade filantrópica, assistencial e beneficente, de natureza socioambiental, educacional, profissionalizante, cultural, produtiva e sem fins lucrativos. Sua finalidade é promover o desenvolvimento humano mediante a implementação de Programas, Projetos e Ações de atendimento às famílias, às crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de risco e vulnerabilidade social. A fundação da Icasu teve como proposta inicial a criação de uma instituição que tivesse a seguinte finalidade: Reunir e congregar, em um espaço único, o trabalho assistencial a ser promovido e desenvolvido na cidade, arregimentando entidades de caridade e beneficência, clubes de serviços, associações e sindicatos de classes e lojas maçônicas”. Icasu. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.Icasu.org.br/institucional>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

<sup>107</sup> GUARANY, A. Menores de 16 anos estão proibidos de trabalhar. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 17 jan. 1999. p. 13.

alteração aprovada pelo Congresso Nacional. Nos textos, se afirmava que a alteração seria prejudicial para os adolescentes que na realidade brasileira dependeriam do emprego. Uma das principais entrevistadas, que aparece no texto, é Elaine Pereira Clemente, presidente da Icasu, que afirmava que a medida seria muito prejudicial para os jovens da instituição que chegariam a perder seus contratos de trabalho.

Posteriormente, no dia 27 de junho de 2005, o jornal discorria em quase uma página inteira sobre uma notícia com o seguinte título: “Lei do Aprendiz já vale para jovens”<sup>108</sup>. A notícia, embora, parecesse simpática a uma política pública de formação profissional para a juventude, destacava especialmente o papel da Icasu. Num trecho afirmava: “Em função da modificação da Lei do Aprendiz, a Icasu vai oferecer a partir de agosto, o curso de aprendiz em governança para atender os bares, hotéis e restaurantes da cidade”. Associando-se ao texto, numa foto em preto e branco, seria possível ver jovens, a maior parte negros, em uma das salas de aulas da Icasu. Logo abaixo, em outra matéria com o título “Icasu amplia espaço para o ensino e cria incubadora”<sup>109</sup>, era relatado que a instituição ampliaria suas instalações que seriam inauguradas em 29 de julho daquele ano. Em um trecho era destacado quem seria o público-alvo da Icasu:

Como o foco da instituição é atender à população carente, não são todos os alunos que pagam mensalidades. Alguns recebem bolsas de 30% a 100%, mas para isso, uma equipe é responsável para fazer a triagem e acompanhamento da família<sup>110</sup>.

A este texto, seguia-se uma fotografia em preto e branco de uma mulher branca, que seria a presidente da Icasu, e se relacionava com a legenda “ELAINE CLEMENTE – Tendência é o aumento de vagas”.

---

<sup>108</sup> CASTRO, Margareth. “Lei do Aprendiz já vale para jovens”. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 27 jun. 2005. p. A5.

<sup>109</sup> CASTRO, Margareth. “Icasu amplia espaço para ensino e cria incubadora”. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 27 jun. 2005. p. A5.

<sup>110</sup> CASTRO, Margareth. “Icasu amplia espaço para ensino e cria incubadora”. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 27 jun. 2005. p. A5.

Pouco menos de uma semana depois, a primeira página do caderno Cidade, contudo, publicaria a notícia de que toda a diretoria da Icasu foi afastada sob a acusação de desvio de dinheiro e má gestão de recursos<sup>111</sup>. Segundo a reportagem, a diretoria da instituição era investigada pelo não registro de R\$500.000,00 em sua contabilidade, empregos irregulares de subvenções destinadas à manutenção do atendimento a crianças e adolescentes que viviam nas ruas e pagamento de contratos com familiares da presidente da instituição. Desta vez, uma foto similar àquela do dia 27 de junho, porém em cores, mostrava alunos numa das salas de aula da instituição. A foto era assim legendada: “INSTITUIÇÃO dá atendimento a 3 mil pessoas por ano e cursos para jovens”.

Em 2013, a Icasu ganharia mais uma vez amplo destaque no Correio de Uberlândia, fazendo parte de uma série de matérias publicada aos domingos sobre instituições da cidade “que tem cunho social”. A matéria do jornal se proporia a mostrar a importância desses trabalhos, de onde viriam suas receitas e, em alguns casos, de que forma as empresas e a comunidade poderiam ajudá-los a ampliar seus atendimentos<sup>112</sup>. Um trecho em destaque, atribuída a Antônio Naves, então presidente da Icasu, uma fala em que afirmava que a instituição trabalhava na perspectiva da “recuperação dos jovens”<sup>113</sup>.

Esse conjunto de notícias, de um período de mais de 10 anos relacionadas à Icasu, apontam para evidências sobre os grupos com os quais o Correio de Uberlândia se associava, tecendo uma rede de relações na cidade que definiria suas pautas e qual abordagem seria conferida a determinados temas.

Em face das evidências desse tipo de associações, Heloísa Faria Cruz, em seu trabalho sobre periodismo e vida urbana em São Paulo, nos anos entre 1890 e 1915, ajuda-nos a refletir sobre as relações entre imprensa, mercado e propaganda. Cruz demonstra como a partir do desenvolvimento da linguagem da propaganda e a formação de uma imprensa comercial, seria possível compreender como se forjariam na cidade, redes de comunicação e, a partir destas, a

---

<sup>111</sup> TADEU, R. Toda a diretoria da Icasu é afastada. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 05 jul. 2005. p. B1.

<sup>112</sup> BELAFONTE, C. 4,5 mil jovens devem ser atendidos pela Icasu. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 26 maio 2013. p. A8.

<sup>113</sup> BELAFONTE, C. 4,5 mil jovens devem ser atendidos pela Icasu. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 26 maio 2013. p. A8.

conformação de relações de poder<sup>114</sup>.

O jornal Correio pode ser definido, portanto, como produto, que no modo de produção capitalista adquire um significado mercadológico. Porém, isso não ocorre de modo simplificado, pois simultaneamente se efetiva enquanto tal num espaço tênue, eivado de contradições<sup>115</sup>. Assim, podemos dizer que por um lado o jornal comercial se concretiza pelo seu caráter de se efetivar a partir de uma intencionalidade de mercado: ser vendido para leitores e ter anunciantes para garantir sua viabilidade comercial. Porém, participa ainda de uma intencionalidade política construída dentro do campo social e político que compõe. Portanto, longe da neutralidade que afirma para si, um jornal se efetiva a partir de posicionamentos políticos e de um lugar social.

Considerados esses aspectos, me parece importante nos atentarmos para a dinâmica em que essas redes de comunicação se ampliam com a difusão da internet que estabeleceu novos circuitos que possibilitaram a interação de outros sujeitos: os leitores que passam a interagir com os textos publicados nos sites de jornais ou em blogs, além de formarem comunidades, redes e outros espaços virtuais em que comunicam entre si. Os comentários nos sites de jornais estabelecem outras formas de se comunicar, que modificam as relações da imprensa com a sociedade, estabelecendo outro ritmo e outras formas e tempos na circulação de notícias<sup>116</sup>. O Correio de Uberlândia passa por mudanças importantes a partir de 1995

---

<sup>114</sup> CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013

<sup>115</sup> O Correio de Uberlândia disponibiliza na internet um material chamado Mídia Kit, em que procura se expor para anunciantes a partir de noções como: “Credibilidade, hiperlocalismo, apartidarismo e jornalismo crítico. Esses são os lemas que norteiam o trabalho dos profissionais do Correio de Uberlândia”. Segundo o jornal, essas noções expõem um modo de se produzir conteúdos jornalísticos a partir de valores que o colocariam com um suposto status de isenção e legitimidade para noticiar o que acontece na sociedade. Todavia, parece importante questionar: Sobre qual perspectiva e em qual campo de relações esses valores são construídos? CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Mídia Kit**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/midiakit/>>. Acesso em: 19 abril 2016. 29 slides, color.

<sup>116</sup> BARBOSA, M. E. J. História em redes: imprensa e memória. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder-ANPUH/SP-, 19, **Anais...** São Paulo, SP, USP, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Marta%20Emisia%20Jacinto%20Barbosa.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

quando é lançado seu site na internet (reproduzindo conteúdos da versão impressa) e quando, a partir de 2000, começa a se especializar na produção de notícias para a web<sup>117</sup>.

No cuidado com a produção de sua própria memória, em um texto publicada na sua página da internet, é fortemente destacado o processo de mudanças gráficas ocorridos no jornal impresso: “O projeto gráfico é moderno e arrojado e novamente é destaque na ANJ (Associação Nacional de Jornais) que reconhece mais uma vez que o jornal Correio é tanto na parte gráfica quanto editorial um dos mais modernos do interior do Brasil”. O que se evidencia são circuitos variados, os quais participa o jornal que envolvem tanto a relação com seus formatos (em suas versões impressa e online), bem como de relação com outros jornais, com outras empresas produtoras de jornais (através da ANJ e ao reproduzir conteúdos de outros jornais e agências de notícias brasileiras), com seus leitores<sup>118</sup> e seus anunciantes.

Dialogo nesse sentido com Raymond Williams, ao reconhecer enquanto questão de teoria geral, os meios de comunicação enquanto meios de produção. Tal noção procurava denotar que o caráter dos meios de comunicação (das formas mais simples – como a fala – até formas físicas mais avançadas da tecnologia) como elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção. Os meios de comunicação seriam tanto produtos como meios de produção, portanto diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico<sup>119</sup>.

Pensar os meios de comunicação a partir desse ponto, incluindo-se o jornal, requer,

---

<sup>117</sup> Segundo dados disponibilizados em seu material Mídia Kit, o jornal Correio de Uberlândia tem cerca de 800.000 acessos mensais e 3.500.000 visualizações de páginas. Evidentemente, esses dados devem ser questionados, assim como tiragem diária atribuída em 10.000 exemplares e a estimativa de 50.000 leitores diários da versão impressa. Afinal, é procedimento comum das empresas jornalísticas elevar esses números para angariar um maior número de anunciantes. Conforme: CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Mídia Kit**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/midiakit/>>. Acesso em: 19 abril 2016. 29 slides, color.

<sup>118</sup> Segundo informações divulgadas pelo Correio de Uberlândia quanto ao que define como “perfil do internauta”, 53% de seus leitores seriam homens e 47% mulheres. 15% teriam entre 18 e 24 anos, 38% entre 25 e 34 anos, 21% entre 35 e 44 anos, 11% entre 45 e 54 anos e 15% teriam mais de 95 anos. CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Mídia Kit**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/midiakit/>>. Acesso em: 19 abril 2016. 29 slides, color.

<sup>119</sup> WILLIAMS, R. Meios de comunicação como meios de produção. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

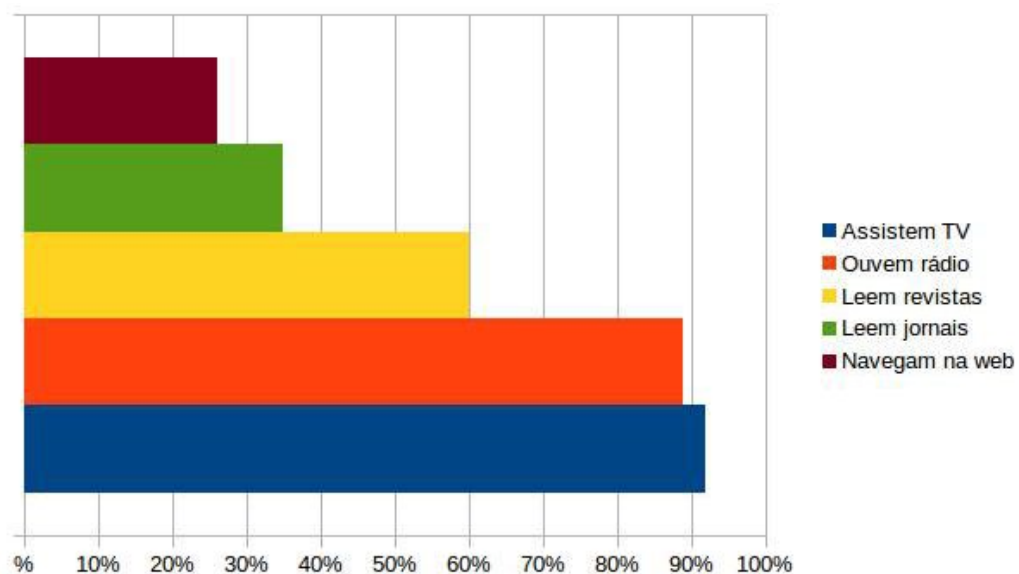
portanto, pensa-los enquanto meios de produção, fundamentais para desenvolvimento humano, mas que no modo de produção capitalista foram apropriados pelas classes dominantes. Deste modo, tendo em vista a dinâmica de desigualdades na produção e no acesso ao que é produzido, considero que ao analisar esses materiais é preciso compreendê-los a partir dos modos com os quais a sociedade os utiliza e os vive cotidianamente.

Assim, ao procurarmos compreender como agentes diversos em Uberlândia produziram memórias e participaram da construção de projetos políticos para a juventude da cidade nestas últimas décadas, é relevante que compreendamos seus hábitos de leitura e por quais meios se acessa a informação. Quando partia de uma das problemática iniciais desta pesquisa, que seria compreender o caráter em que os jornais se efetivam enquanto meios de comunicação que participam da produção de hegemonias na cidade, ao mesmo tempo queria melhor entender qual a relação que estabelecia com as/os jovens.

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, em 2003, apontava os seguintes dados relacionados às mídias utilizadas por jovens entre 15 e 24 anos no Brasil. Entre segunda e sexta-feira, as respostas desses jovens afirmavam que: 92% assistiriam TV, 89% ouviriam rádio, 60% leriam revistas, 35% leriam jornais e 26% navegariam na web. Por sua vez, as respostas sobre esses hábitos nos finais de semana teriam o seguinte resultado: 87% assistiriam TV, 89% ouviriam rádio, 46% leriam revistas, 33% leriam jornais e 17% navegariam na web.

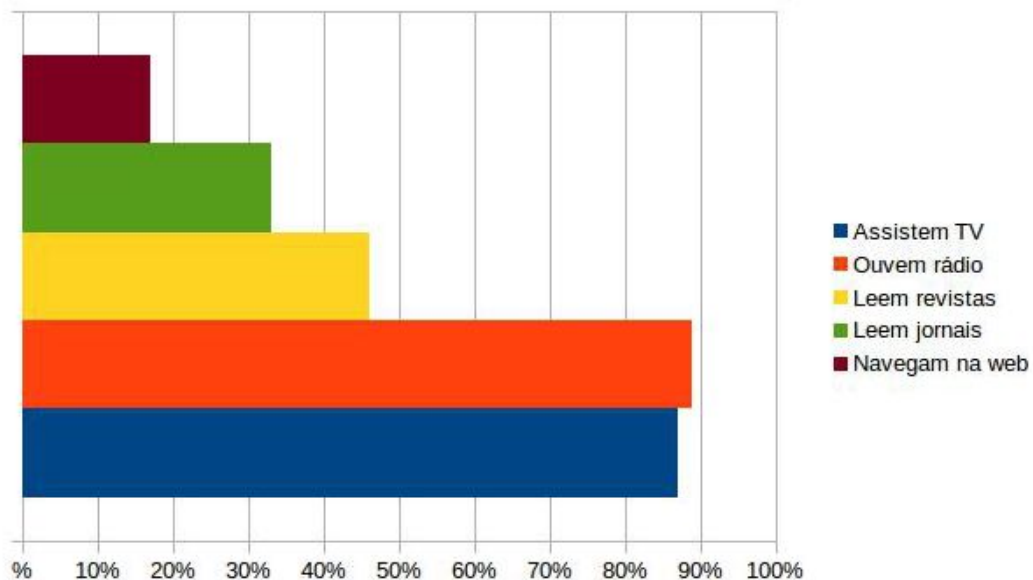


**Gráfico 4 - Mídias usadas por jovens (de 15 e 24 anos) entre segunda e sexta-feira. Brasil.**



Fonte: Pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (2003).

**Gráfico 5 - Mídias usadas por jovens (15 a 24 anos) nos finais de semana. Brasil, 2003.**

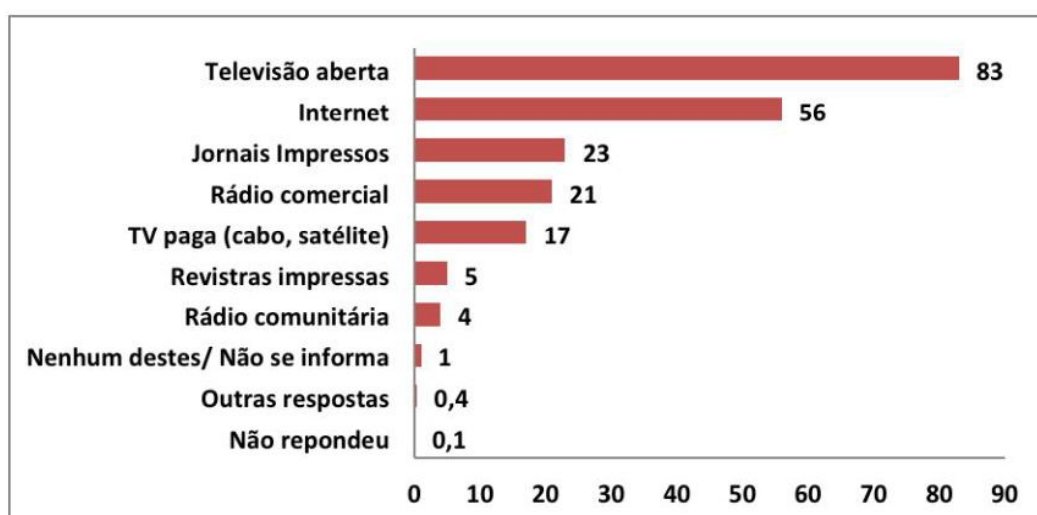


Fonte: Pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (2003).

A pesquisa da UNESCO, de 2004, apontou as seguintes informações a respeito de jovens entre 15 e 29 anos: 21,4% nunca leriam livros, 22% nunca leriam revistas, 29,5% costumariam nunca ler jornais e 49,5% nunca costumariam ler revistas em quadrinhos. Sendo que 18,1% afirmavam costumar sempre ler jornais; 7,7% sempre ler revistas em quadrinhos; 19,6% sempre lerem revistas e 21,9% sempre lerem revistas.

E em 2013, a pesquisa Agenda Juventude Brasil apontou os seguintes dados sobre os meios que jovens entrevistados, entre 15 e 29, costumavam buscar informações sobre o que aconteceria no Brasil e no mundo:

**Gráfico 6 - Meios que jovens (15 e 29 anos) costumam buscar informações sobre o que aconteceria no Brasil e no mundo (em porcentagem)**

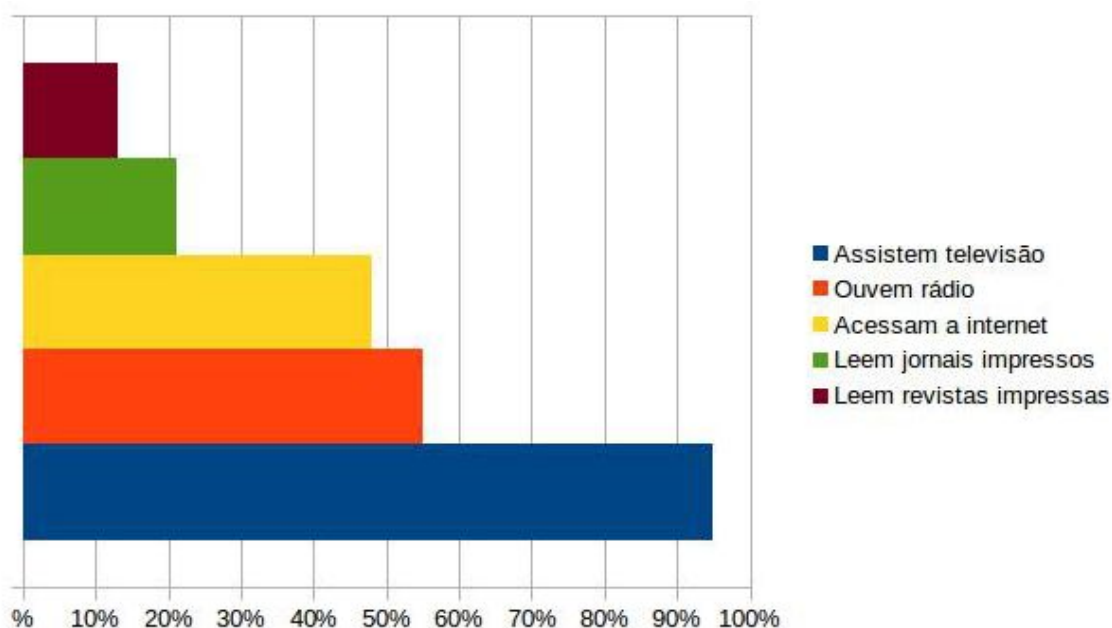


Fonte: Pesquisa Agenda Juventude Brasil, SNJ. ( 2013).

Uma outra fonte que pode nos oferecer evidências acerca das formas em que os jovens acessam informações é a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira”<sup>120</sup>, organizada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, tendo sido realizada em 2014. O resultado dessa pesquisa estimou que 95% dos brasileiros assistiriam televisão, 55% ouviriam rádio, 48% acessariam a internet, 21% leriam jornais impressos e 13% leriam revistas impressas.

<sup>120</sup> BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

Gráfico 7 - Meios de comunicação mais acessados como fontes de informação no Brasil



Fonte: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. (2014).

O que de modo geral esses dados apontam é que os jornais impressos cada vez menos são veículos de informações lidos pelos jovens brasileiros. Apesar das diferenças de metodologia e de referenciais para estabelecimento de faixa etária que se verificam nas pesquisas, elas indicam que em termos percentuais, os jornais seriam no mínimo 10% menos lidos pelos jovens brasileiros entre 2003 e 2013. Um dado interessante, é que mesmo com esse significativo decréscimo da quantidade de leitores, os jornais ainda seriam tidos como a fonte de informações mais confiável pelos brasileiros, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia<sup>121</sup>.

Em se tratando de uma pesquisa em história, esses números ajudam-nos a compreender como a imprensa se constitui enquanto prática social. Como se efetiva no dia a dia enquanto linguagem que constrói ritmos e memórias para os acontecimentos.

Quando falamos de jovens em Uberlândia, seguindo tendências de outras cidades

<sup>121</sup> BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Brasília: Secom, 2014. p. 7

brasileiras, podemos notar como a imprensa e as mídias em geral constituem uma cartografia da cidade que segmenta e estereotipa os espaços onde vivem e frequentam jovens pobres. A recorrência de notícias que associam violências aos bailes funks que ocorrem na cidade, pode fornecer evidências a respeito disso<sup>122</sup>. Não seria equivocado dizer que o funk, sendo forma de lazer da juventude pobre em Uberlândia, ao contrário de ter espaço no caderno Cultura, é presença constante nas páginas policiais do Correio<sup>123</sup>. No processo de seleção operado pela imprensa uberlandense notamos então a produção social de uma memória que coloca as práticas de diversão dos jovens, em geral, como ameaças para a sociedade.

Deste modo, para a imprensa uberlandense, a juventude pobre realçada como um “problema para a sociedade” permaneceria como uma tônica, seja com os adolescentes, mas também, com as adolescentes. Na primeira página do Correio, de 17 de julho de 2005, uma foto, no centro, mostrava duas jovens: uma delas grávida e outra segurando uma criança de cerca de um ano de idade. Sem apontar de onde partiam os dados, a foto se relacionava com um box com título: “18% dos bebês nascem de adolescentes”. Seguia-se uma longa matéria, no interior do caderno Cidades, com mais de duas páginas, que com textos e imagens se propunha a debater a questão da gravidez na adolescência<sup>124</sup>. Ao expor com tanta ênfase essa questão, o jornal dava contornos de que a gravidez na adolescência era um problema bastante preocupante para a sociedade uberlandense. A contradição consistia, contudo, no fato de que o

---

<sup>122</sup> BOENTE, Fernando. Adolescente de 16 anos é assassinado em baile funk. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 24 de junho de 2013. p. A5

Em uma busca no site do jornal é possível encontrar mais de 16 postagens de notícias em que foi atribuída tag “baile funk”, todas relacionadas a crimes ocorridos em bairros como Luizote de Freitas, Tubalina e Shopping Park. Cabe observar que parte significativa das apreensões policiais relatadas se deu por questões relacionadas a porte de drogas para consumo ou outros delitos menores.

<sup>123</sup> Sobre os bailes funks na cidade, uma indicação seria o documentário “É o Fluxo”, de 2014, realizado por Roberto Camargos e João Augusto Neves Pires. No filme aparecem diversos jovens ligados ao funk em Uberlândia apresentando diversas práticas de lazer e diversão que ocorrem nos próprios bairros da periferia da cidade. Evidencia-se, assim, no campo da cultura uma série de possibilidades encontros, contradições e conflitos. É O FLUXO. Direção de: Roberto Camargos e João Augusto Neves Pires. 1 filme (57 min.), Uberlândia: Centelha Filmes, 2014, son., color. Disponível em: <<http://eofluxo.com/>> Acesso: 11 out. 2015.

<sup>124</sup> SILVA, S. 18% dos uberlandenses nascem de adolescentes. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 07 de jul. de 2005.

próprio texto apontava um decréscimo entre as adolescentes grávidas no município, caindo de 22% para 18%, a partir de 2000. Ademais, o texto pouco produzia um sentido de refletir mais detidamente sobre questões referentes a sexualidade entre adolescentes<sup>125</sup>.

Corroborando essa perspectiva, seria no mínimo sugestivo o fato de que, em 1999, o Correio reservou esse grande espaço para uma extensa reportagem sobre a mudança da idade mínima para trabalho de 14 para 16 anos, com textos que continham uma série de críticas feitas pela Icasu que acabavam por respaldar uma concepção que ia na contramão dos debates mundiais acerca da formulação políticas públicas e direitos para juventude<sup>126</sup>. Além disso,

---

<sup>125</sup> Interessante notar os dados sobre o Brasil da pesquisa “Juventudes, juventudes: o que une e o que separa” realizada pela UNESCO e publicada em 2004. A respeito da permissão de pais para que filhas(os) dormissem com as(os) parceiras(os) casa o número de proibições era 78,1% entre as/os jovens. O estudo apontava ainda diferenças de gênero em relação ao modo de viver a sexualidade entre jovens mulheres e jovens homens. Enquanto entre mulheres 80,4% tiveram somente um parceiro sexual, entre os homens esse número cai para quase a metade (42,6%), entre as/os jovens pesquisados. Em relação a gravidez juvenil, 70,2% de mulheres (entre 15 e 24 anos) informariam terem engravidado, enquanto o número de homens que afirmavam ter engravidado alguém seria quase a metade (36,9%). Cf. UNESCO, 2006. Por sua vez, um estudo do Fundo de População das Nações Unidas sobre Gravidez na Adolescência no Brasil realizou o seguinte diagnóstico: “Muitas gravidezes de adolescentes e jovens não foram planejadas e são indesejadas; inúmeros casos decorrem de abusos e violência sexual ou resultam de uniões conjugais precoces, geralmente com homens mais velhos. Ao engravidar, voluntaria ou involuntariamente, essas adolescentes têm seus projetos de vida alterados, o que pode contribuir para o abandono escolar e a perpetuação dos ciclos de pobreza, desigualdade e exclusão.” FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Gravidez na adolescência no Brasil**. UNFPA-Brasil, Brasília, 201-. Disponível em:

<<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/Gravidez%20Adolescente%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2016.

Maria Rita Kehl discute, sob o referente da cultura, a gravidez para as jovens adolescentes. A partir dos estudos da ONU e das colocações da autora, podemos refletir em que sentido os aspectos culturais, em situações de abandono e violência familiar, constituem aspectos que corroboram para adolescentes pobres coloquem a gravidez e o casamento precoces seriam uma saída. KEHL, M.R. Juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 89-113.

<sup>126</sup> Segundo o parágrafo 3 do artigo 2 da Convenção 138 da Organização Internacional do Trabalho: “A idade mínima fixada em cumprimento do disposto no parágrafo 1 do presente artigo, não deverá ser inferior à idade em que cessa a obrigação escolar, ou em todo caso, a quinze anos”. A referida matéria foi resultado de um esforço de anos de consenso entre diversos Estados-nacionais e adotada em 1973. Porém, o Brasil se tornou signatário desta apenas em 2001. Disponível em: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenção n. 158 da Organização Internacional do Trabalho. Dispõe sobre a idade mínima para admissão. **OIT**, 1973 Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/node/492>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

naturalizava uma noção de que seria inevitável que adolescentes nessa faixa etária, e que fizessem parte de famílias em situação de miserabilidade ou numa determinada condição de pobreza, devessem trabalhar para prover o sustento de suas famílias.

Neste sentido, o Correio mantinha afinidade com as proposições forjadas a partir de políticas neoliberais, que estimulavam o individualismo e a ação do chamado “terceiro setor” (através de instituições privadas e Organizações Não-Governamentais<sup>127</sup>) no desenvolvimento de ações sociais destinadas a jovens pobres. Por isso, omitiria, ou não enfatizaria, elementos que possibilitariam a compreensão mais ampla da problemática do trabalho enfrentada pelos jovens da cidade<sup>128</sup>.

Durante os anos 1990, o Brasil vivenciava a expansão de políticas neoliberais implementadas pelos dois mandatos (1995-1998 e 1999-2002) do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Coadunando com essa conjuntura nacional, em Uberlândia, os governos municipais se efetivariam, durante toda a década de 1990, enquanto base aliada dos governos FHC, a partir de um grupo político ligado ao ramo imobiliário e ao Sindicato dos

---

<sup>127</sup> Em artigo que analisa as relações entre mídia e neoliberalismo Dênis Moraes afirma que os grupos e conglomerados midiáticos: “Não apenas vendem e legitimam o ideário global, como também o transformam no discurso social hegemônico, propagando visões de mundo e modos de vida que transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas. A retórica da globalização intenta incutir a convicção de que a fonte primeira de expressão cultural se mede pelo nível de consumo dos indivíduos e coletividades. Como se somente o mercado pudesse aglutinar o que se convencionou chamar de organização societária”. MORAES, Denis. Mídia e globalização neoliberal. **Revista Contracampo**, Niterói, n. 7, 2002. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/472/237>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

Considero que para tal, basta verificar a linguagem tecnicista e economicista dos noticiários econômicos que, em geral, tratam os aspectos econômicos – a partir do interesse de grupos financeiros e corporações privadas transnacionais – como se estivessem acima de um debate mais profundo sobre as questões que afetam a vida das pessoas.

<sup>128</sup> Note-se que o próprio grupo empresarial, em 1994, criou o Instituto Algar que afirma investir em “programas sociais voltados à comunidade, com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade da educação brasileira”. Como afirma ainda em seu site, a criação da OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (espécie de ONG criada pela iniciativa privada), permite a dedutibilidade de parte do imposto de renda do grupo empresarial. INSTITUTO ALGAR. **Governança**. Instituto Algar. Disponível em: <<http://www.institutoalgar.org.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2016. Essa forma de gestão de ONGs e OSCIPS começou a ser arquitetada a partir da lei federal 9.249/95 criada no primeiro ano da primeira gestão FHC e, pode se dizer que é marcada por uma concepção que transfere responsabilidades de Estado para a iniciativa privada (como os direitos sociais à saúde, educação, acesso e produção artístico-cultural, etc.).



Produtores Rurais. Virgílio Galassi foi prefeito entre 1989 e 1993 e entre 1998 a 2001. Seu ex-secretário de Finanças e Desenvolvimento, Paulo Ferolla, foi prefeito entre 1994 a 1997. Sendo importante ressaltar que esse grupo composto por latifundiários e outros agentes ligados à especulação imobiliária, pelos quais ambos foram eleitos, seriam os mesmo que formaram a sociedade para comprar o Correio de Uberlândia nos anos 1940. Tais grupos, ligados diretamente à defesa dos interesses de manutenção da propriedade da terra, não viam maiores problemas para efetivar na cidade, as políticas neoliberais cultivadas pelo governo federal que seguia as orientações político-econômicas de organismos financeiros como o FMI e o Banco Mundial.

Nesse sentido, não seria destoante o fato de que entidades do “terceiro setor”, como a Icasu, aparecessem constantemente e tivessem a simpatia do jornal. Construía-se, nessas condições, uma memória e uma imagem favorável dessas instituições, ao passo que as políticas que confrontavam os interesses dessas instituições e empresas eram apresentadas de forma negativa para o desenvolvimento da cidade. No geral, se passava a impressão de que o Estado seria ineficiente, e que essas instituições seriam um modelo a ser seguido.

Essa noção política não se confrontaria com a prática de construção da criminalização da pobreza, uma vez, que existindo essas instituições, não haveria a necessidade de políticas públicas desenvolvidas a setores específicos da sociedade, entre eles os jovens. Tudo seria uma questão de escolha individual, que se daria entre o jovem que seguisse o crime, e aquele que tivesse algum êxito, que seria facilitado, nessa perspectiva, pela ação de certas instituições privadas de caráter social.

O Cisau, assim, ocupará com destaque as páginas dos jornais da cidade em diversas ocasiões. Tal como na notícia de uma reunião, em que jovens internos da instituição tratavam de reivindicações com a diretoria e órgãos de segurança pública, após uma rebelião ocorrida na instituição em agosto de 2007<sup>129</sup>.

Cerca de um mês antes, em julho de 2007, a Gazeta de Uberlândia estampou com grande destaque uma imagem de um conjunto de prédios que ocupava mais da metade de sua

---

<sup>129</sup> CORREIA, G. Reivindicações são atendidas por comitê. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 12 ago. 2007. p. B3.



primeira página. Dentro do quadro onde aparecia essa imagem, a partir da utilização de recursos gráficos, se localizava o texto: “Cisau vai reintegrar jovens”<sup>130</sup>.

Na página 5, uma matéria indicava uma mudança de nome na instituição: “Cisau passa a ser o Centro Socio-Educativo de Uberlândia”<sup>131</sup>. O texto relatava a entrega oficial do prédio da instituição, que teria contado com a presença do Secretário de Segurança de Minas Gerais do governo Aécio Neves (PSDB). Uma foto mostrava homens brancos de gravata, sendo que um deles falava numa tribuna, e de frente, poderia se reconhecer o então prefeito Odelmo Leão. Abaixo, a legenda destacava: “Secretário reafirma compromisso mineiro de valorização da vida”.

Em outra matéria, também de 2007, o jornal Correio estampava uma foto de um homem branco de terno e gravata seguida por uma legenda que atribuía uma fala ao Juiz da Vara da Infância e da Juventude, Edson Magno: “escola em tempo integral é a melhor forma de educar os filhos”<sup>132</sup>. Antecedendo o título da matéria, se lia “Meninos do Tráfico”, como forma de introduzir o assunto. Buscava-se assim uma associação com o documentário “Falcão – Meninos do Tráfico”, produzido pelo *rapper* MV Bill, por seu empresário Celso Athayde e pelo centro de audiovisual da CUFA – Central Única de Favelas. Dividido em episódios, o documentário foi exibido em série no programa dominical Fantástico, da Rede Globo, durante o ano de 2006. Sua proposta seria de “retratar” a vida de crianças e jovens de favelas do Rio de Janeiro que viviam do tráfico de drogas<sup>133</sup>.

Essa matéria do jornal Correio de Uberlândia relatava ainda dois acontecimentos

---

<sup>130</sup> Cisau vai reintegrar jovens. **Gazeta de Uberlândia**, Uberlândia, 27 de junho a 03 jul. 2007. p. 1.

<sup>131</sup> Cisau passa a ser o Centro Socio-educativo de Uberlândia. **Gazeta de Uberlândia**, Uberlândia, 27 jun. - 03 jul. 2007. p. 5.

<sup>132</sup> CORREIA, G. Menino negocia casa do pai para pagar dívida de drogas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 10 ago. 2007. p. B3.

<sup>133</sup> Seria digno de nota o fato de que o programa Fantástico começou a exibir o documentário em meio à discussão sobre as invasões militares dos morros cariocas em 2006, sendo que o próprio Celso Athayde classificaria essa situação como “oportuna”. Considero que cabe refletirmos em que medida o intuito original do documentário de sensibilizar a sociedade sobre a violência vivida por aqueles jovens teria sido apropriada para justificar a criminalização e a ação de repressão militar nas comunidades do Rio de Janeiro. Cf. MATTOS, Laura. Garotos em guerra. Folha de São Paulo. São Paulo, 19 mar. 2006. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1903200606.htm>> . Acesso em: 18 jan. 2016.

relacionados a jovens pobres moradores de bairros de Uberlândia. O primeiro, seria um jovem de 16 anos que o pai teria vendido a casa para quitar uma dívida com drogas do filho. O outro jovem, de 15 anos, teria saído de casa para morar em um barraco alugado por 100 reais na avenida Solidariedade no bairro Morumbi. Com ele teriam sido apreendidos 50 gramas de maconha, os quais afirmaria serem para consumo próprio.

O jornal afirmava que ambos os jovens seriam encaminhados para o Cisau para cumprirem penas socioeducativas. A fala de Edson Magno é destacada no texto como voz autorizada para discorrer sobre a questão: “As famílias estão brincando de educar os filhos. Educar exige persistência, atenção e juízo. Ter filho não é para qualquer um, muitos não poderiam tê-los, porque não souberam cuidar deles próprios, como vão cuidar dos filhos?”<sup>134</sup>.

Na contramão desse tipo de julgamento, era produzido no Brasil, desde 1998, o Mapa da Violência<sup>135</sup>, que destacava que entre 1979 e 1996 o número de mortes por homicídios e outras violências teria aumentado em 97%, sendo que entre os jovens o incremento teria sido de 137%, ou seja, 37 pontos percentuais a mais.

Em sua última versão, de 2013<sup>136</sup>, o Mapa da Violência, utilizando dados de 2008 a 2011, afirmava que a taxa anual de jovens (entre 15 e 24 anos) mortos por homicídio a cada 100.000 habitantes no Brasil era a maior em comparação a outros doze países. Os números de violência contra jovens no Brasil, de acordo com a pesquisa demonstravam que a taxa de homicídios chegava a ser maior do que em países com conflitos bélicos declarados.

A publicação apontava ainda que no Brasil, entre 1980 e 2011, o crescimento da taxa geral de homicídios foi de 109%, mas, entre os jovens, teria mais do que dobrado, registrando uma taxa de crescimento de 209% nesses anos. No ano de 2011 o total de homicídios sofridos

---

<sup>134</sup> CORREIA, G. Menino negocia casa do pai para pagar dívida de drogas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 10 ago. 2007. p. B3.

<sup>135</sup> WASEFISZ, J. J. **Mapa da violência contra os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

<sup>136</sup> WISEFISZ, J. J. **Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil**. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2013. Note-se que no ano de 2013 a publicação passou a compor o programa Juventude Viva da Secretaria Nacional de Juventude e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. O programa seria uma iniciativa do mandato da presidenta Dilma Rousseff que objetivava ampliar direitos e prevenir a violência que atinge os jovens negros nas cidades brasileiras. O programa partia da premissa do diálogo e articulação entre diversos entes da sociedade e do poder público para promoção e inclusão social de jovens em territórios atingidos pelos mais altos índices de vulnerabilidade social.

por jovens atingiu 17.426 vítimas, sendo que entre 2002 e 2011 a taxa de jovens brancos mortos por homicídios decaiu em 37,9% e a taxa entre jovens negros aumentou em 22,1%.

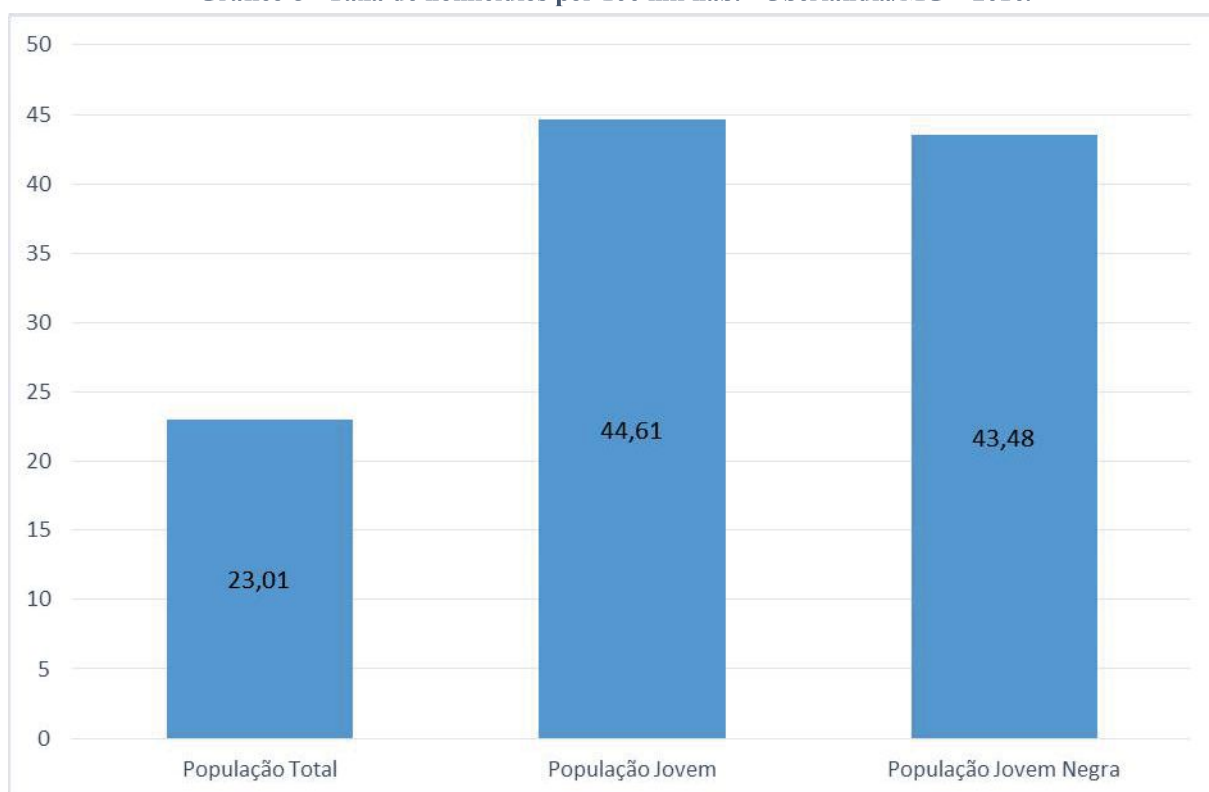
Registre-se que no estado de Minas Gerais, entre os anos 2001 e 2011, o crescimento da taxa de homicídios de jovens a cada 100.000 habitantes aumentou 83,9%. Nesse mesmo período, o estado de Minas Gerais era governado por Aécio Neves (2003 a 2010) e Antônio Anastasia (de 2010 a 2014), ambos do PSDB. Neste sentido, é cabível nos perguntar:

Em que medida a fala do ex-Secretário de Segurança do estado de Minas Gerais, na inauguração da nova sede do Ceseu, questionava a realidade desses dados? Por sua vez, poderíamos dizer que as falas atribuídas pelo jornal Gazeta aos governantes participantes do evento poderiam ser caracterizadas, de fato, como “o compromisso mineiro de defesa à vida”?

Em Uberlândia, segundo um levantamento do Ministério do Desenvolvimento Social, a taxa de homicídios de jovens teria se mantido entre 48 e 36 homicídios entre 2001 e 2008. Todavia, entre 2008 e 2012, período em que a cidade foi governada pelo ex-prefeito Odelmo Leão, ligado ao Sindicato dos Produtores Rurais, o número de homicídios de jovens passou para 60, tendo atingido o número de 95 homicídios. Em 2010, a taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes foi de 23,01, sendo que a da população jovem foi quase o dobro, 44,61, e da população jovem negra foi de 43,48. Deste modo, a taxa de homicídios entre jovens foi de 1,94 vezes a da população geral e a taxa de homicídios entre jovens negros foi de 1,89 vezes a da população geral em 2010.

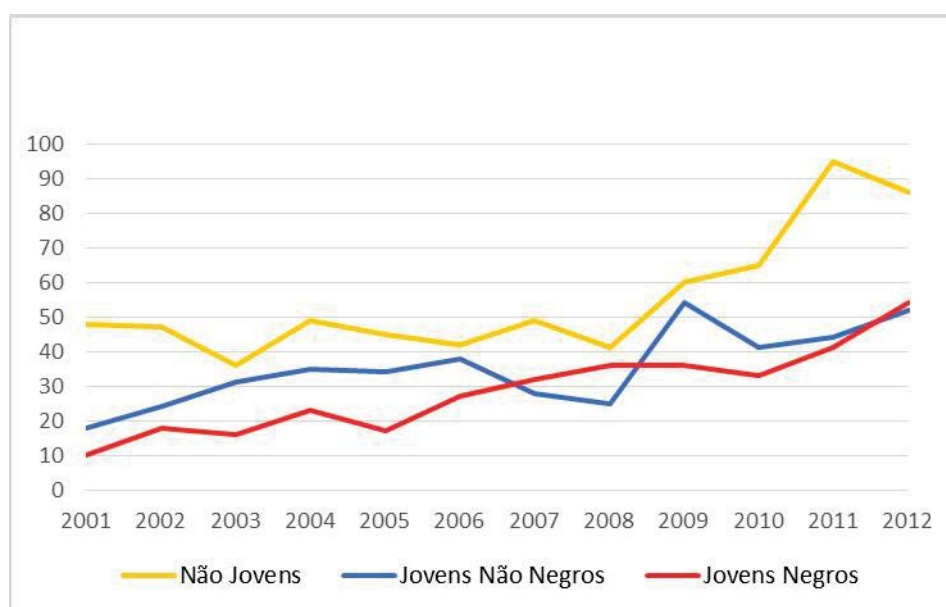
Outra tendência pode ser observada quando analisamos a evolução da taxa de homicídios em Uberlândia. Podemos verificar que, se a população não jovem permanece com os maiores índices (percebendo-se um grande aumento a partir de 2008 e queda entre 2011 e 2012), quando analisamos os dados referentes aos jovens de modo geral e aos jovens negros, é perceptível uma tendência ascendente nas taxas de homicídios praticados contra jovens – tanto em relação aos jovens não negros, como em relação aos jovens negros.

**Gráfico 8 - Taxa de homicídios por 100 mil hab. - Uberlândia/MG – 2010.**



Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (2010).

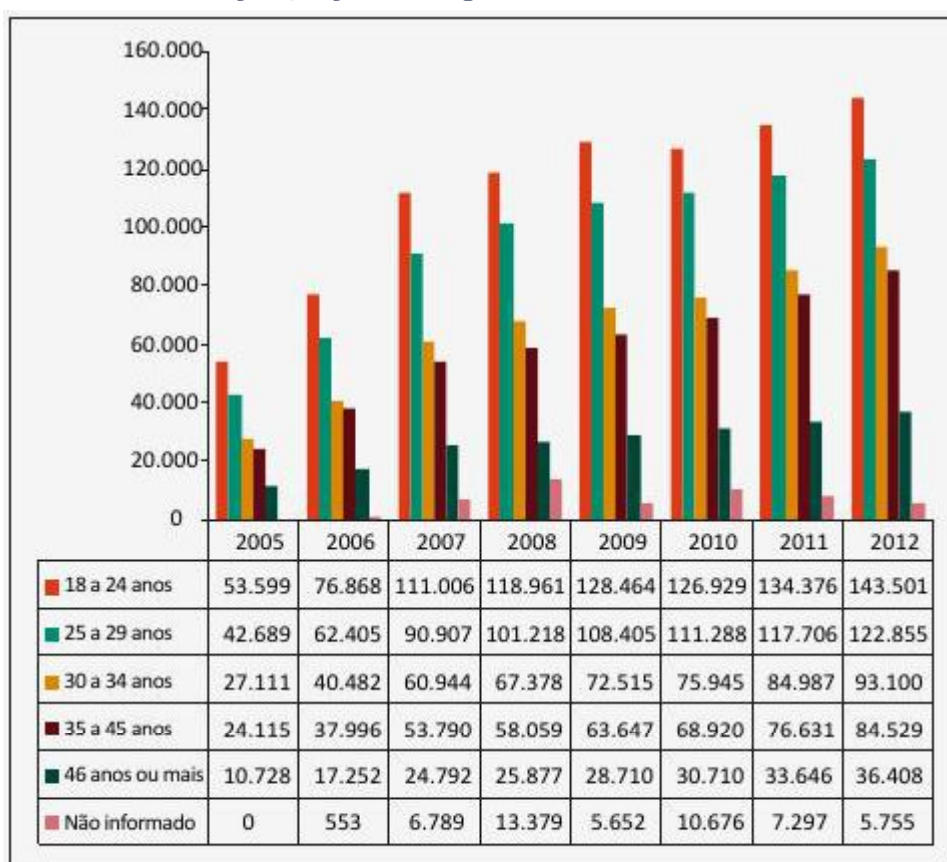
**Gráfico 9 - Evolução da quantidade de homicídios a cada 100 mil habitantes em Uberlândia (2001-2012)**



Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (2012).

Outra publicação de 2015, o Mapa do Encarceramento da Juventude<sup>137</sup>, apontava elementos sobre os problemas vividos pela população prisional brasileira. Em números absolutos essa população teria aumentado em 74%, entre 2005 e 2012, passando de 296.919 para 515.482 presos. Destes, contabilizavam 266.356 presos na faixa etária entre 18 e 29 anos em 2012. A população negra ocupava 295.242 dessas vagas. Ou seja, mais da metade dos presos no Brasil são jovens e negros.

Gráfico 10 - População prisional segundo faixa etária. Brasil. 2005 a 2012.



Fonte: INFOPEN. Sistematização: BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil. Brasília. (2015).

Minas Gerais foi o segundo estado com a maior população prisional, registrando 45.540 presos em 2012, com uma superlotação de 1,7 na razão preso/vaga. Entre 2005 e 2012, o estado de Minas Gerais registrou o maior aumento do percentual de variação da população

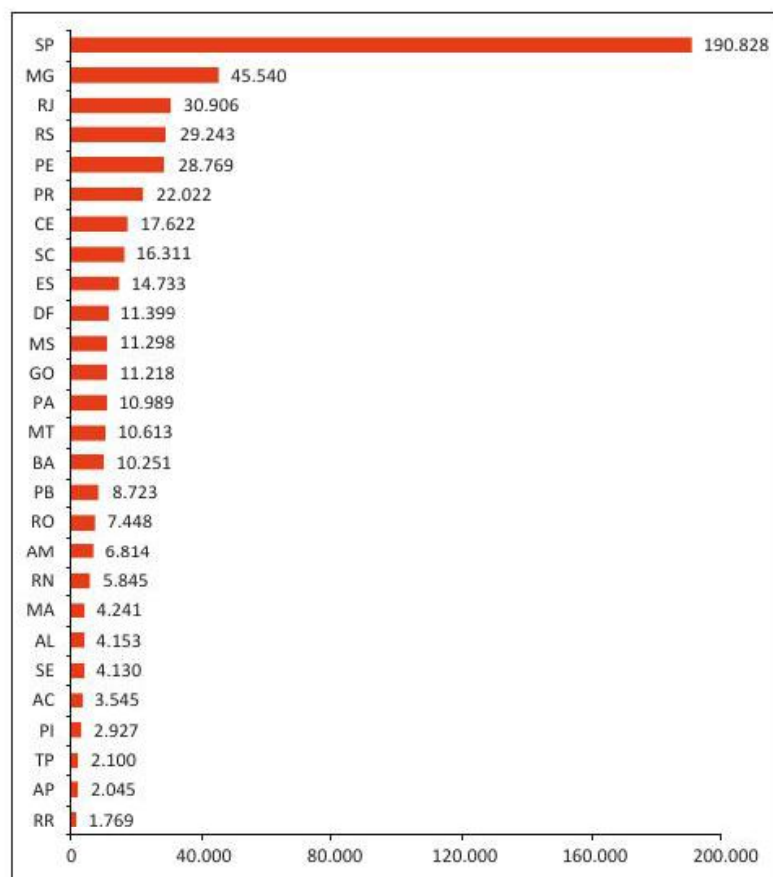
<sup>137</sup> BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2015.

encarcerada do Brasil: 624%.

Em relação ao percentual de atos infracionais cometidos por adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, o estudo conclui que pelo menos 66% seriam qualificados como roubo ou tráfico. Ao contrário da ênfase generalizada da mídia em momentos de crimes que geram ampla comoção na sociedade, que seriam utilizados para respaldar a posição sobre a redução da maioridade penal, os crimes como homicídios ficariam com uma porcentagem bem menor, abaixo de 10%, e outros em porcentagens abaixo dos 5%.

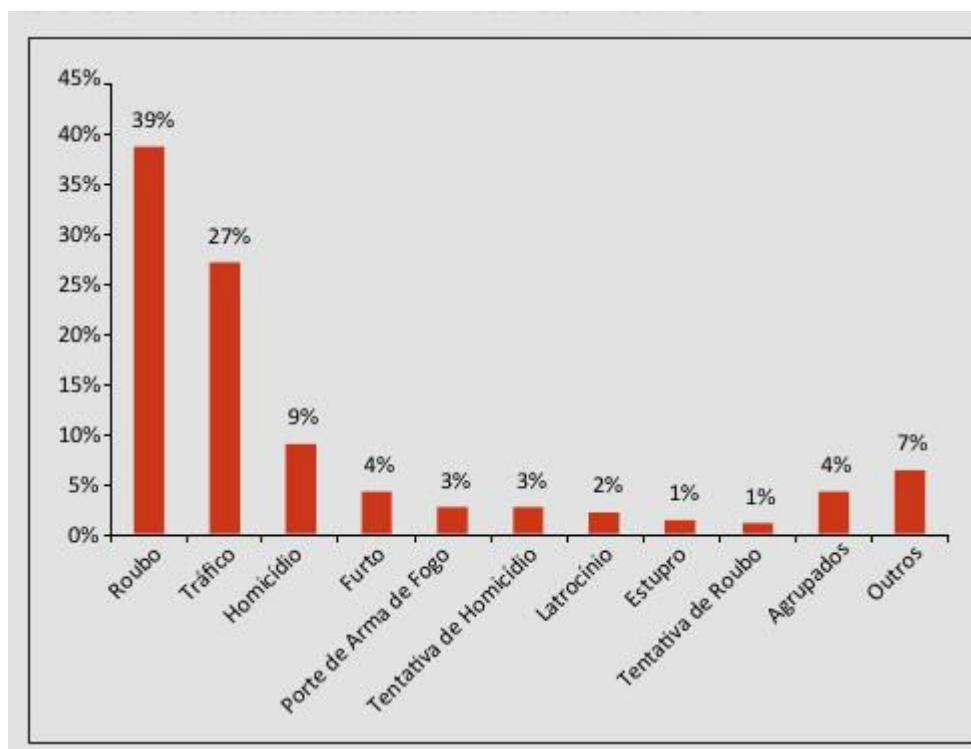
Em Minas Gerais, 1.411 adolescentes cumpriram penas socioeducativas em 2012, num total de 2.037.617 jovens com idade entre 12 e 17 anos. A taxa para cada 100.000 habitantes foi, em 2012, de 69 adolescentes.

**Gráfico 11 - População prisional brasileira em números absolutos segundo Unidades Federativas. Brasil. 2012.**



Fonte: INFOPEN. Sistematização: BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil. Brasília. (2015).

Gráfico 12 - Percentual dos atos infracionais. Brasil. 2012.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Sistematização: BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil. Brasília. (2015).

O que essas taxas parecem apontar é que é necessário o aprofundamento de uma reflexão sobre a situação da juventude brasileira, conforme se verifica a partir dos debates iniciados em relação a direitos de jovens a partir da primeira década dos anos 2000, ao contrário de uma suposição que pareceria naturalizada de enfatizar o papel de instituições de apreensão de jovens adolescentes, como o Ceseu. Assim, ao significar as/os jovens pobres como problema social – pensado muitas vezes nos termos famosa expressão “caso de polícia” – ou atribuindo a algumas faixas etárias noções como a de “menor”, a imprensa e as mídias adentravam num campo político que lhes negaria a condição de sujeitos de direitos.

Seria entre a primeira e a segunda década do século 21, que grupos de jovens realizariam processos de lutas em espaços públicos da cidade que questionariam tais narrativas produzidas pela imprensa da cidade. As fissuras nos modos em que os jornais da cidade narravam esses acontecimentos podem nos indicar elementos importantes para outros projetos de cidade que se evidenciavam naquele momento.



### 1.3.2 - Nas fissuras das páginas dos jornais: lutas de jovens por direitos na cidade

No dia 02 de junho de 2005, o *Correio de Uberlândia* citava, em sua primeira página, um protesto em que teriam participado mais de 350 jovens que reivindicavam a redução da tarifa de ônibus. A imagem mostrava um grande contingente de policiais que parecia impedir os manifestantes de terem acesso à faixa onde circulavam os ônibus no Terminal Central da cidade. Dando sequência à notícia, numa argumentação construída entre texto e imagem, o jornal afirmava: “Embora não sejam os mais prejudicados com o reajuste da passagem do transporte coletivo, já que têm desconto de 40% e pagam R\$1,14, os estudantes fizeram uma manifestação contra os novos valores que entraram em vigor ontem”<sup>138</sup>.

Em seguida, partir de foto colorida em destaque, na primeira página do caderno “Cidades”, seria possível perceber uma manifestação, que nos textos anexados, o jornal dizia ter ocorrido na região central envolvendo estudantes de universidades e de escolas públicas. Um dos boxes se intitulava: “Categoria que reclama é a que teve menos impacto no bolso”, e pretendia demonstrar como os estudantes seriam os menos prejudicados com o aumento das passagens:

A mobilização dos estudantes contra o reajuste da tarifa traz à tona duas situações que chamam a atenção da população. Uma delas é que os protestos mais acirrados vêm justamente da categoria que sofreu o menor impacto no bolso. Enquanto quem paga o valor integral vai desembolsar R\$0,04 a mais em cada viagem, os estudantes terão um acréscimo de R\$0,24 na sua despesa com o transporte<sup>139</sup>.

O jornalista Gustavo Correia argumentava que o outro ponto seriam as diferenças, entre uma cidade e outra, em relação ao desconto oferecido aos estudantes e, com isso, procurava imprimir um sentido técnico ao texto ao dialogar com uma planilha localizada na parte superior da página. Considero que, para o repórter, as reivindicações estudantis se

---

<sup>138</sup> ESTUDANTES fazem ato público no Centro. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 02 jun. 2005. p. A1.

<sup>139</sup> MOREIRA, Gustavo. Estudantes protestam no centro da cidade. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 02 jun. 2005. p. B1.

resumiriam a uma questão de consumo, sendo, assim, o transporte público um serviço. Além do mais, podia se notar uma desqualificação do sujeito que realizava os protestos: “categoria que reclama é a que teve menos impacto no bolso”<sup>140</sup>.

Nos dias seguintes, outros protestos pela redução da tarifa seria um dos assuntos mais destacados nas páginas do *Correio de Uberlândia*<sup>141</sup>, ocupando espaço para além das notícias e alcançando artigos de colunistas e comentários de leitores publicados pelo jornal. O jornal relatava ainda que, no decorrer daqueles dias, as manifestações de jovens na cidade cresciam em número de participantes.

Na primeira página do dia seguinte (03 de junho de 2005), pode se ver uma foto de uma estudante com o rosto pintado em estilo *clown*. Logo a frente dela, que está mais ao centro, é possível visualizar as pernas de dois policiais militares de costas, enquanto, atrás da estudante, se percebem manifestantes sentados e atrás deles outros com tambores. A legenda descrevia:

TUMULTO - Estudantes e polícia entram em confronto ontem na segunda manifestação contra o aumento da tarifa do transporte coletivo em Uberlândia. Dois jornalistas e alguns estudantes foram agredidos por policiais militares. Seis pessoas foram detidas. O confronto começou depois que os manifestantes conseguiram bloquear todos os acessos do Terminal Central, impedindo a entrada e saída dos ônibus<sup>142</sup>.

Apesar desse segundo protesto ter contado com a participação bem maior de manifestantes – que chegaram a bloquear todas as entradas do Terminal Central, fazendo paralisar a maior parte do transporte público no sentido do centro da cidade –, o grande

---

<sup>140</sup> Cabe notar que Gustavo Moreira, posteriormente, seria assessor parlamentar de Gilmar Machado, quando este foi deputado federal, e se tornou secretário de Comunicação Social do município de Uberlândia no mandato de Gilmar como prefeito municipal de Uberlândia entre 2013 e 2016.

<sup>141</sup> As notícias a respeito das manifestações de jovens pedindo a redução da tarifa do transporte público naqueles dias do mês de junho de 2005 dividiam espaço de destaque com um outro acontecimento em que o vereador Carlito Cordeiro (que se desvinculava no mesmo momento do Partido dos Trabalhadores), gerava uma ampla polêmica ao propor um projeto de lei que pedia a inclusão da frase “Deus está aqui” na bandeira do município. Destaco esse acontecimento relatado nos jornais, porque é possível ver em alguns momentos textos de apoio e (a maioria) de indignação com a proposta. Por vezes, alguns desses textos eram e-mails e cartas de leitores, entre eles jovens.

<sup>142</sup> ESTUDANTES fazem ato público no Centro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 02 jun. 2005. p. A1.

ênfoque dado pelo jornal *Correio* foi a repressão policial. As evidências apontam que um dos motivos de tal tipo de abordagem pode ter sido o fato de que cinegrafistas, fotógrafos e repórteres da TV Integração e do *Correio* haviam sido agredidos pela Polícia Militar.

Naquela edição, as imagens enfatizavam a ação policial, valorizando elementos que mostravam seu caráter repressor. Numa das imagens, aparece a fumaça de umas das bombas lançadas contra os manifestantes. A legenda descrevia: “Manifestação é dispersada com gás de efeito moral”. No final da matéria, em tamanho menor, aparece o título “Imprensa”. Destaca-se, logo de início, a seguinte ênfase: “Durante o tumulto os policiais tentaram impedir o trabalho da imprensa”. E, em seguida, o texto afirma que os profissionais teriam sofrido agressões dos policiais.

Destoando dessa abordagem, contudo, no próximo dia (04 de junho de 2005), o jornal publicava duas fotos na primeira página:

A primeira mostrava estudantes concentrados em manifestação em frente ao Centro Administrativo Municipal. A segunda registrava uma reunião entre o prefeito Odelmo Leão, sua equipe de governo e jovens estudantes (sendo que uma delas estava com o rosto pintado em verde-amarelo – o que parecia remeter simbolicamente ao movimento dos cara-pintadas na década de 1990). Entre eles, era ainda possível perceber um homem que, pelas suas roupas, aparentava de um movimento social de luta pela reforma agrária. Além disso, estavam presentes vereadores e outras pessoas ao fundo<sup>143</sup>.

Abaixo das fotos, uma legenda procurava descrevê-las:

TRANSPORTE - A terceira manifestação contra o aumento das passagens de ônibus terminou com a concentração de estudantes em frente ao Centro Administrativo. Uma comissão foi recebida pelo prefeito Odelmo Leão, que explicou que os motivos do reajuste de 26% e não aceitou o pedido de revogação do aumento. Ao fim da reunião, que durou mais de duas horas, os estudantes reafirmaram a decisão de continuar fazendo manifestações diárias.<sup>144</sup>

Ainda na primeira página, logo acima das imagens, havia um destaque de trecho de

---

<sup>143</sup> TRANSPORTE. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 04 jun. 2005. p. A1.

<sup>144</sup> TUMULTO. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. 03 jun. 2005. p. A1.

um texto do colunista Ivan Santos<sup>145</sup>: “Desta vez, os estudantes movimentaram-se sem comando e insuflados por oportunistas políticos que os transformaram em massa-de-manobra contra a Prefeitura”<sup>146</sup>.

Na página A2, o colunista Ivan Santos intitulou o texto de sua coluna como “Ação decepcionante” afirmando a seguir que os/as manifestantes “Portaram-se de forma irracional, sem comando e desinformados”. Segundo o colunista, os/as manifestantes desconheciam ainda os motivos do aumento das passagens, tais como aumento do preço do petróleo, e diz que qualquer desconto para os estudantes pesaria no bolso da “massa que utiliza o transporte público”. O autor afirmava ainda que os estudantes estavam sendo manipulados por ativistas políticos e que: “Praticaram atos semelhantes aos de baderneiros”.

Porém, contrariando a linha exposta pelo jornal, da administração municipal e do colunista, uma pequena mensagem na seção Opinião do Leitor, intitulada “Aumento do ônibus”, destoava da ordenação construída na totalidade da edição do jornal. O texto era assinado por um homem, que afirmava ser consultor de vendas, e que revelava estar indignado com o aumento das passagens. A seu ver, seria:

[...] revoltante saber que passagem de ônibus aqui da cidade é uma das mais caras do estado, e mais revoltante saber que a frota vai continuar do jeito que está, pois tenho medo de que nada vai mudar [...] quem paga por esses absurdos é o povo novamente[...]<sup>147</sup>.

Na coluna de Ivan Santos, no dia 08 de junho de 2005, o autor afirmaria mais uma vez que as pessoas que se manifestavam contra o aumento da tarifa seriam manipuladas por políticos oportunistas, e seriam “massa de manobra para produzir efeitos eleitorais” e que as

---

<sup>145</sup> A partir de informações disponíveis na internet consegui mapear parte da trajetória de Ivan Santos. O jornalista teria começado a trabalhar no Diário Carioca no Rio de Janeiro por volta dos anos 1960. Posteriormente, viria à Uberlândia trabalhar no extinto jornal O Triângulo a partir dos anos 1970 tendo trabalhado na cobertura política da cidade. Na década de 1980, foi comentarista político de programas jornalísticos da também extinta TV Triângulo. Desde o final da década de 1980, assina uma coluna política no Correio de Uberlândia, sendo atualmente editor da seção Opinião do mesmo jornal.

<sup>146</sup> SANTOS, Ivan. Ação Decepcionante. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 04 jun. 2005. Opinião, p. A2.

<sup>147</sup> CRUZ, Cristiano Carletti. Aumento do ônibus. Opinião do Leitor. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 04 jun. 2005. p. A1.

manifestações atrapalhavam o “direito de ir e vir”. O autor questionava ainda a participação dos movimentos de luta pela terra:

É bom lembrar às lideranças dos movimentos de protesto que não é correto nem democrático tentar desviar a atenção das pessoas para o que ocorre em Brasília. Por exemplo, induzir trabalhadores sem-terra a protestar contra o transporte urbano em lugar de cobrar o governo federal o cumprimento das promessas de assentamento feitas há muito tempo não é salutar<sup>148</sup>

O autor segue o texto fazendo considerações sobre como deveriam ser conduzidas as manifestações e afirmando que as manifestações não poderiam atrapalhar a normalidade da cidade, tampouco os direitos individuais:

Não dá para misturar alho com bugalho no processo social nem no processo político. Não é correto esconder uma realidade política, boa ou má. Então é preciso agir com respeito ao direito dos outros para depois reivindicar os próprios direitos. Um dos princípios fundamentais em todas as democracias é popularmente descrito assim: O teu direito termina onde começa o meu. Manifestações de grupos de pressão organizados e responsáveis sim, mas com ordem e respeito. Fora disto é baderna pura. E baderna é crime<sup>149</sup>

Na primeira página do dia 09 de junho de 2005 uma foto colorida na primeira página mostrava manifestantes numa área central da cidade:

TRANSPORTE - Os estudantes voltaram às ruas de Uberlândia para protestar contra o aumento do valor da passagem do transporte coletivo e, desta vez, tiveram apoio de movimentos sociais. Foi a maior manifestação desde o reajuste, no dia 1º. As entradas do Terminal Central foram bloqueadas durante toda a tarde, ação que deixou cerca de 100 mil pessoas sem transporte. O trânsito do Centro ficou congestionado. Apesar dos transtornos, não houve incidentes durante a manifestação<sup>150</sup>

Ocupando toda a página A7, uma grande propaganda financiada pela prefeitura era intitulada “Falando francamente, você conhece bem o transporte coletivo, hoje?”. O recurso

---

<sup>148</sup> SANTOS, Ivan. Ações com responsabilidade. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 04 jun. 2016. p. A2.

<sup>149</sup> Ibidem.

<sup>150</sup> TRANSPORTE. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 09 jun. 2005. p. A1.

utilizado pela propaganda parecia confrontar diretamente o conteúdo dos protestos de modo a lhes retirar o sentido de sua causa.

A linha de argumentação do texto, organizado em tópicos de perguntas e respostas, se sustentava em expor que a gestão de Odelmo Leão teria assumido recentemente e teria encontrado a frota de ônibus e a malha viária do transporte coletivo em situação crítica e, que partir disso, a administração municipal teria solicitado uma “revisão total do sistema” e as empresas teriam apresentado uma planilha para renovarem sua frota tendo pedido um reajuste para R\$2,06, mas a administração municipal o teria reduzido para R\$1,90. Esse valor da tarifa seria ainda baseado em análise de custos de passagens seria respaldo pelos técnicos da SETTRAN, auditada pela profa. Dra. Denise Labreia, do Instituto de Geografia da UFU e receberia parecer favorável do engenheiro Reinaldo Drumond, técnico e especialista da BH TRANS de Belo Horizonte.

Procurando responder as críticas de que nada ia melhorar, a propaganda institucional afirmava que iria renovar 117 ônibus, colocar à venda passes escolares em todos os terminais e colocar em operação o Corredor (de ônibus) da Av. João Naves de Ávila, que agilizaria o trânsito da cidade. Finalizando a propaganda, era feito um chamado que pretendia dissolver as posições contrárias que, segundo a administração municipal estariam inviabilizando a melhoria da cidade: “Com seu apoio e de todo o povo de Uberlândia vamos, com trabalho e seriedade, melhorar os serviços e a qualidade de vida em nossa cidade”<sup>151</sup>.

A seguir, na Página B1, que iniciava o caderno Cidades, um título enfocava: “100 mil pessoas ficam sem transporte”. Na sequência, constava a afirmação de que o protesto contra o reajuste da tarifa teria tumultuado o trânsito no centro da cidade, tendo o jornal informado ainda, que a manifestação contou com cerca de 2.000 manifestantes e fechou o acesso ao Terminal Central. O jornal diagramava, nessa página, uma sequência de duas fotos, uma ao lado da outra, sendo que a segunda mostrava carros parados devido ao bloqueio efetuado pelas pessoas que se manifestavam<sup>152</sup>.

---

<sup>151</sup> UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Falando francamente, você conhece bem o transporte coletivo, hoje?. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 09 jun. 2005. p. A7.

<sup>152</sup> SILVA, Selma. 100 mil pessoas ficam sem transporte. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 09 jun. 2005. p. B1.



A primeira imagem, contudo, apresentava elementos que se distinguiam da argumentação central construída pelo jornal e pelos seus anunciantes, que procuravam deslegitimar a pauta dos manifestantes (no caso, o governo municipal) e apontar que atrapalhavam o andamento “normal” da cidade (no caso, o Correio). A primeira foto focava a manifestação, mostrando o trio elétrico e manifestantes com faixas fazendo alusão à repressão policial: “Transporte coletivo... / mas não no camburão / Odelmo. Prefeito repressor!”. Ao lado, era perceptível outra faixa, com letras em caixa alta que reivindicava: “DCE/UNITRI EXIGE MAIS RESPEITO À CIDADANIA”.

Logo abaixo, a partir de um box, situado nessa mesma página, no canto esquerdo, intitulado “Entenda o caso”, o jornal pretendia ordenar a sequência dos fatos, segundo sua visão. Assim, ao mesmo tempo em que o jornal afirmava que o tumulto no espaço urbano fora causado por aquelas e aqueles que “atrapalhariam o tráfego”, se colocava na condição de selecionar os acontecimentos e coloca-los numa ordem de acordo com um ritmo que procurava impor.

No dia 17 de junho de 2005, uma foto localizada um pouco abaixo do meio da primeira página mostra que um grupo de cerca de 20 manifestantes bloqueia a passagem de ônibus numa rua aparentemente central de Uberlândia. Estavam sentados logo à frente de uma faixa de pedestres. A imagem mostra 4 ônibus parados, sendo que os trabalhadores (motoristas e cobradores) estariam do lado de fora conversando. Os manifestantes são estudantes e membros de movimentos sociais, o que seria possível visualizar pelos bonés e pelas bandeiras.

MANIFESTAÇÃO Estudantes e integrantes de movimentos sociais voltaram ontem às ruas para o sexto protesto contra o aumento da passagem do transporte coletivo. O ato deixou o trânsito caótico e impediu muita gente de chegar ao destino. Dois estudantes foram detidos pela polícia. As ruas e o Terminal Central foram liberados por volta das 16 horas<sup>153</sup>.

As imagens da reportagem no caderno Cidade, desta vez deslocadas para sua segunda página, davam a impressão de o movimento estar reduzido em relação aos atos anteriores.

---

<sup>153</sup> MANIFESTAÇÃO. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia. 17 de junho de 2005. p. A1

Nos textos recaem palavras como “tumulto” e a ideia de direito individual. Num dos trechos, a jornalista destacava que um tenente coronel da PM:

[...] sugeriu que as próximas manifestações ocupem apenas a Avenida Afonso Pena para que os ônibus possam continuar circulando. Ele garantiu que, se for preciso, fará uso da força para desbloquear o trânsito. “A polícia procurou todas as formas de negociação, mas se reserva no direito de usar a força a qualquer momento para garantir a segurança e o direito da população”<sup>154</sup>

Nos próximos dias, novamente o jornal iria denotar que as manifestações tumultuariam o trânsito, mas dessa vez progressivamente noticiando que as manifestações estariam caindo em número de participantes. Encerrando a sequência de reportagens sobre as manifestações pela redução da tarifa do transporte público, no dia 24 de junho 2005, uma pequena matéria anexada a uma foto em preto e branco mostrava uma caminhada de estudantes, sendo que o título do texto enfatizava o esvaziamento do protesto<sup>155</sup>.

Considero a necessidade de analisar o teor dessas páginas de junho de 2005, pois permitem a compreensão de como a imprensa corrobora na constituição de narrativas e na produção de memórias que delimitam a legitimidade da luta por direitos na cidade. Àquele momento ocorriam em todo o país outras manifestações contra os aumentos de tarifas em diversas cidades. Em 2003, várias manifestações ocorreram em Salvador, com adesão especialmente de estudantes secundaristas de escolas públicas. Esses protestos se diferenciavam daqueles que tradicionalmente ocorriam no país, pois ocorriam de forma descentralizada, sem utilização de carros de som e não eram vinculadas diretamente a entidades estudantis<sup>156</sup>. Incorporando a linguagem dos próprios jovens, os protestos baianos ficariam marcados como a “Revolta do Buzu”. Pelo Brasil, nos anos seguintes, ocorreram

---

<sup>154</sup> CORREIA, G. Estudantes voltam às ruas do Centro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 17 jun. 2005. Cidades, p. B2.

<sup>155</sup> CORREIA, G. Protesto de estudantes é esvaziado. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 24 jun. 2005. Cidades, p. B2.

<sup>156</sup> O documentário “A Revolta do Buzu” se constituiu como um dos registros mais referenciados sobre a memória das manifestações em Salvador durante o ano de 2003. A REVOLTA DO BUZU. Direção de Carlos Pronzato. Salvador: Focu’s imagens, 2004. (70 min) 1 filme, son., color. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=dQASaJ3WgTA> Acesso em: 20 jun. 2016

manifestações similares como a “Revolta da Catraca”, em Florianópolis (2004), em Vitória (2006) e outras cidades brasileiras. No ano de 2005, durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre ocorreria, com inspiração nas lutas de Salvador e Florianópolis, a fundação do Movimento Passe Livre – o MPL.

No esforço de compreensão sobre questões que suscitavam a Revolta do Buzu, o Ibase e o Instituto Pólis, em 2007, subsidiaram a produção de um estudo que apontava:

Dentro da lógica que minimiza a participação do Estado nas políticas sociais, os serviços públicos vêm perdendo a qualidade e aqueles indivíduos que têm condições de pagar migram para os serviços privados. É o que vem ocorrendo com o sistema de transporte público, a exemplo da educação, da saúde, da segurança. Cada vez mais, cabe à população que não pode arcar com veículos particulares vivenciar em seu cotidiano as mazelas de um serviço que é fundamental para assegurar a mobilidade nas cidades e o acesso a todos os demais direitos sociais, civis e políticos conquistados. Segundo o IBGE, as famílias das regiões metropolitanas com renda mensal de até dois salários mínimos gastam até 8% de seus rendimentos com transporte. Não é sem motivo que os aumentos da tarifa de ônibus sejam responsáveis pela elevação do número de pessoas que dormem nas ruas dos centros urbanos, ou no ambiente de trabalho, por não terem condições de retornar à sua moradia após o dia de trabalho<sup>157</sup>

Diferentemente da linha de construção das narrativas do jornal Correio de Uberlândia, podemos assim compreender por outros caminhos as manifestações ocorridas na cidade em 2005. Primeiramente, podendo serem relacionadas com questões mais profundas ligadas à estruturação das cidades brasileiras<sup>158</sup> – uma vez que pareciam ter alguma relação com as

---

<sup>157</sup> CARVALHO, A. P.; OLIVEIRA, J. R. (Orgs.). **A Revolta do Buzu - Salvador (BA)**. Manifestações dos estudantes secundaristas contra o aumento da tarifa de ônibus. São Paulo: IBASE/Instituto Pólis: 2007.

O referido trabalho compõe o projeto “Juventude e Integração Sul-Americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis”. Conforme expõe o site do Instituto Pólis, o projeto contou com o apoio do *International Development Research Centre* (IDRC, do Canadá) e foi desenvolvido por meio de uma rede colaborativa sediada nos seis países integrantes do projeto. O estudo ouviu, ao longo de 2007, 960 jovens e especialistas em juventude: no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia. Cf. SOUTO, A. L. S.; ABRAMO, H. W.; PONTUAL, P. **Juventude e Integração Sul-Americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis** – Relatório Nacional do Brasil. Disponível em:

<<http://polis.org.br/publicacoes/juventude-e-integracao-sul-americana-caracterizacao-de-situacoes-tipo-e-organizacoes-juvenis-relatorio-nacional-do-brasil/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>158</sup> MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**. Alternativas para a crise urbana. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. No artigo “Planejamento para crise urbana no Brasil” e nos demais textos do livro, a autora, que teve a

mobilizações que ocorriam em outras localidades, que reivindicavam não apenas a redução de tarifas, mas também começavam elaborar propostas alternativas para o transporte público – e por assim dizer, pelos elementos que contradiziam as narrativas dominantes da imprensa, revelarem que a luta podia ser compreendida para uma dimensão maior do que a de consumo de um serviço público.

As lutas em Uberlândia em 2005, podem assim, ser entendidas a partir das desigualdades e contradições vividas pelas pessoas no território urbano<sup>159</sup> que se revelam numa cidade em que a mobilidade urbana seria tratada como um serviço prestado à comunidade e não um direito social<sup>160</sup>

Em 2009, no primeiro ano do segundo mandato de Odelmo Leão, as passagens sofreriam pela primeira vez, depois de 2005, um novo reajuste. A partir de então, os aumentos de tarifas seriam anuais, porém, as manifestações ocorreriam em número menor de manifestantes do que nos protestos de 2005.

---

experiência de participar ativamente de gestões municipais em São Paulo, aponta-nos elementos importantes para compreensão da complexidade para resolução das questões que envolvem as cidades brasileiras e a efetivação de direitos e cidadania.

<sup>159</sup> Beatriz Soares apresenta uma leitura de como a produção social do espaço em Uberlândia se efetivou na segunda metade do século 20 a partir de interesses do capital imobiliário e quais as contradições existentes nos projetos de habitação urbana do município. SOARES, B. R. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1998. 290 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

Por sua vez, Rosângela Petuba, a partir do processo de ocupação do Bairro Dom Almir, em Uberlândia, nos aponta para as experiências de luta pelo o direito à cidade. PETUBA, R. M. S. **Pelo direito à cidade: experiências de luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir - Uberlândia (1990-2000)**. 2001. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

<sup>160</sup> A Emenda Constitucional 90/15, que tramitou enquanto projeto de autoria da deputada federal Luiza Erundina (então no PSB) desde 2011, incluiu o transporte como direito social garantido pela Constituição Federal. A nova redação do artigo da C.F. passou a ser “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”. BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional n.º 90, de 15 de setembro de 2015. Dá nova redação ao art. 6º da Constituição Federal, para introduzir o transporte como direito social. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 set. 2016. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2015/emendaconstitucional-90-15-setembro-2015-781520-publicacaooriginal-148098-pl.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Seria em junho de 2013, contudo, que ocorreriam novamente grandes manifestações que questionavam a lógica do transporte público na cidade. Os protestos acompanhavam a onda de manifestações ocorridas em várias localidades do país, tendo surgido após o êxito dos manifestantes de Porto Alegre, que no início do ano conseguiram reduzir a tarifa do transporte público da cidade. Porém, o grande estopim para proliferação de grandes manifestações nas cidades brasileiras certamente foram as ações de solidariedade aos manifestantes que foram agredidos pela repressão policial em protestos organizados pelo Movimento Passe Livre em São Paulo. No dia 13 de junho de 2013, a grande mídia relatava que mais de 240 manifestantes haviam sido detidos, cerca de 100 pessoas haviam feridas, dentre elas sete jornalistas<sup>161</sup>. Assim, se a princípio o tom das grandes empresas midiáticas era questionar as pautas dos protestos referentes à questão da tarifa, a partir do momento em que jornalistas foram agredidos, se viu obrigada a noticiar a repressão policial (sofrida, inclusive, por aqueles próprios sujeitos que produziam as notícias). De forma correlata à dinâmica ocorrida em Uberlândia em 2005, era a partir do momento da agressão policial a jornalistas, que a grande mídia passava noticiar os acontecimentos com enfoque diferente daquele que até então as associava ao vandalismo e à “baderna”.

Nesse cenário, a primeira grande manifestação em Uberlândia ocorreria no dia 20 de junho de 2013. No dia seguinte, o *Correio* relatava terem participado mais de 30.000 manifestantes<sup>162</sup>. No recorte que se dava à narrativa dos acontecimentos, o jornal procurava, a cada manifestação, dissociar as maneiras legítimas de se protestar – chamadas de pacíficas –, daquelas que não seriam válidas – feitas pelo que classificava como “vândalos” e “baderneiros. Entre uma e outra frase dos textos, o jornal destaca que lojas centrais fecharam mais cedo por receio do caráter das manifestações e sobre o trânsito parado em algumas áreas.

---

<sup>161</sup> Cf. UOL. Em dia de maior repressão da PM, ato em SP termina com jornalistas feridos e mais de 240 detidos. **UOL Notícias**, São Paulo, 13 jun. 2013. Cotidiano. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/13/em-dia-de-maior-repressao-da-pm-ato-em-sp-termina-com-jornalistas-feridos-e-mais-de-60-detidos.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>162</sup> BOENTE, F.; BELAFONTE, C. Povo nas ruas. Participantes pedem melhorias na saúde e educação. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 21 jun. 2013. p. A3

A seleção operada pelo jornal segmentava, ainda, quem do “povo que ia às ruas” que teria espaço ou não para falar em suas páginas. Em determinado momento, o jornal parecia conduzir as manifestações para um sentido que, antes de coletivo, era individual, através da pergunta “Você protesta por quê?”. Num quadro no interior do jornal, após relatar a manifestação o jornal traçava um “histórico” de manifestações em Uberlândia traçando relações com as manifestações de 2005 e com o chamado “Quebra-quebra” ocorrido em 1959 na cidade – protestos populares com saques a mercados e outros estabelecimentos em decorrência da carestia e do alto custo de vida. Relacionava ainda as manifestações com as mobilizações nacionais também ocorridas na cidade, durante as décadas de 1980 e 1990, que pediam as “Diretas Já” e o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Melo.

Ao operar com esses múltiplos tempos, o jornal conferia um sentido e um valor àquelas manifestações estabelecendo uma noção de que não estavam suspensas no tempo, mas que faziam parte de um movimento histórico de grandes manifestações ocorridas na cidade. Nas artimanhas do texto, significaria as manifestações de 1959 e 1995 como não legítimas por conterem elementos, com os quais o jornal definia como vandalismo ou depredação do patrimônio.

No dia 22 de junho de 2013, o jornal complementaria a sequência de matérias sobre as manifestações: na primeira página, dentro de um quadro, estava escrito “Dia seguinte”, frase seguida de uma seta que direcionava para uma imagem da Praça Cívica da Prefeitura Municipal, onde havia pichações, supostamente feitas no dia anterior, com conteúdo de reivindicações e protestos sociais. Segundo o jornal, os vândalos teriam se aproveitado da manifestação para depredarem o patrimônio público<sup>163</sup>.

Um elemento seria importante para nossa compreensão: 2013 foi o primeiro ano do mandato de Gilmar Machado, eleito pelo Partido dos Trabalhadores como prefeito municipal, interrompendo, pela terceira vez na história do município, os mandatos das elites locais ligadas à propriedade da terra<sup>164</sup>. Gilmar Machado foi eleito com uma votação

---

<sup>163</sup> VANDALISMO. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia. 22 jun. 2013. p. A1.

<sup>164</sup> Além de Gilmar Machado, o médico Zaire Resende (PMDB) exerceu dois mandatos entre 1983 e 1988 e entre 2001 e 2004.



expressivamente maior que o candidato apoiado por Odelmo Leão e o Sindicato dos Produtores Rurais e teria àquele momento constituído uma maioria de apoio parlamentar na Câmara de Vereadores.

Desde o primeiro ato público, o prefeito teria recebido representantes da população para apresentarem uma pauta de reivindicações, o que, conforme relata o *Correio*, se realizou com dificuldades, devido a dois motivos: 1) as manifestações não apresentavam líderes; 2) os representantes que participaram das reuniões, devido a dispersão de reivindicações e a falta de articulações, não conseguiram apresentar uma plataforma de pautas comuns<sup>165</sup>.

Nas negociações que se seguiram, o governo municipal apresentou a proposta de viabilizar a redução da tarifa mediante à desoneração dos impostos PIS/COFINS para as empresas privadas que administravam o transporte público.

No dia 24 de junho de 2013, um pequeno texto afirmava que a segunda manifestação seria adiantada para aquele dia. Porém, diferentemente das notícias anteriores sobre as manifestações, essa notícia foi disposta na mesma página que a de um assassinato de um adolescente em um baile funk<sup>166</sup>. Não coincidentemente, é a partir de então, à medida que as manifestações deixavam de terem pautas generalizantes e se direcionavam à reivindicação mais concreta da redução da tarifa, que o jornal passaria a mudar a característica de suas notícias que atribuíam um valor positivo aos protestos. O *Correio* passou então a enfatizar dois pontos em suas matérias: 1) atribuir como ações de vândalos; 2) valorar as manifestações como menos significativas por serem menores que a do dia 20 de junho<sup>167</sup>.

Cabe ressaltar que, apesar das contradições e de suas limitações as manifestações de junho apontavam para anseios emergentes que se confrontavam em certa medida com as velhas formas de se governar e de se informar. Sintomático disso é que determinados grupos

---

<sup>165</sup> BOENTE, F.; BELAFONTE, C. Povo nas ruas. Participantes pedem melhorias na saúde e educação. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 21 jun. 2013. p. A3

<sup>166</sup> SEGUNDA passeata é adiantada para hoje. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 24 jun. 2013. Cidade & Região, p. A5.

<sup>167</sup> BELAFONTE, C. 2.º Protesto em Uberlândia reúne cerca de 3 mil pessoas. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. 25 jun. 2013. p. A3.

MACHADO, Diogo. 4ª Manifestação termina com 34 pessoas levadas à delegacia. *Correio de Uberlândia*. 03 de julho de 2013. p. A6.

se insurgiam contra as grandes empresas midiáticas brasileiras atribuindo-lhes o título de velha mídia. Pela internet e pelas redes sociais, a narrativa dos grandes jornais passava a ser confrontada por transmissões ao vivo, imagens e outros conteúdos produzidos pelos próprios manifestantes que denunciavam a violência policial e propunham alternativas nos modos de narrar aqueles acontecimentos. A câmera difundindo imagens pela web era, ao mesmo tempo, arma que denunciava a violência policial, mas também permitia fazer surgir o que “não era visto” a uma velocidade que se propunha a ser em “tempo real”<sup>168</sup>. O principal coletivo de mídias alternativas que emergia expressava, através do acrônimo que se denominava, o caráter em que se desvirtuava das velhas formas midiáticas: NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.

Para além das questões destacadas pelo jornal Correio – percebido pelos “ninjas” como um exemplar da velha mídia –, que rotulava os diversos sujeitos envolvidos e estabelecia a validade de um tipo ou outro de manifestação, o que se evidencia é que havia questões além da dicotomia entre pacíficos e vândalos naqueles atos ocorridos em junho de 2013 ou mesmo no outro, de junho de 2005, em Uberlândia.

Essas questões me fazem recordar algumas das considerações de Georges Rudé, que nos chama a atenção para a necessidade de uma abordagem em perspectiva histórica da “multidão”. Dialogando com autores da sociologia, psicologia social e da historiografia, constata equívocos teórico-metodológicos derivados de preconceitos e abstrações em abordagens sobre esse tema. Em sintonia com as abordagens do Correio, uma dessas fórmulas, por exemplo, trataria as “multidões” como “ralé” ou “turba”, em uma associação que tenderia a marcar às grandes agitações populares características que apontam para ações marcadas por impulsos e manipulação.<sup>169</sup> Neste sentido, Rudé destaca a importância de darmos um passo adiante e buscarmos os “rostos da multidão” enquanto possibilidade de compreendermos as dimensões históricas de tais processos, bem como de situar o lugar e o campo de relações em que ocorrem.

---

<sup>168</sup> BENTES, Ivana. Estéticas Insurgentes e Mídia-Multidão. **Liin em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 330-343, maio 2014.

<sup>169</sup> RUDÉ, Georges. **A multidão na história**: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

Assim, longe de serem selvagens, ou vândalos, ou algo do gênero, aqueles jovens que apareciam naqueles protestos de junho de 2013 se revelavam, portanto, uma novidade que merece uma análise que fuja das noções de uma massa amorfa. Os protestos de 2013, acima de tudo evidenciavam a insatisfação de diversos setores da juventude com os modelos de urbanidade e as limitantes formas de participação democrática<sup>170</sup> historicamente construídas no nosso país.

Ademais, seria significativo de que, de forma praticamente concomitante a esses protestos, se revelariam outros novos personagens entrando em cena – especialmente um contingente de jovens que teria melhorado de vida com a melhora da economia nos anos anteriores e a expansão de políticas públicas, os quais procuraremos melhor compreender no decorrer desta dissertação. Buscar uma possível compreensão sobre quem seriam alguns desses jovens, em especial aqueles que ocupavam espaços públicos da cidade, será o objetivo principal dos capítulos posteriores.

---

<sup>170</sup> Praticamente em simultaneidade com os acontecimentos daquelas manifestações, que seriam transformadas em marco histórico, com o nome de Jornadas de Junho, foi publicada uma série de artigos de intelectuais, ativistas e militantes que se contrapunha à memória construída pela velha mídia. MARICATO, E. et al. (Orgs.) **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

## CAPÍTULO 2 – CARTOGRAFIAS DA CIDADE: EXPERIÊNCIAS DE JOVENS POBRES EM UBERLÂNDIA

Junho de 2014. Um vídeo compartilhado através da rede social Youtube denuncia uma agressão sofrida por jovens negros no Center *Shopping* em Uberlândia. As imagens tremidas e em baixa resolução, feitas a partir de um celular, mostram vigilantes de uma empresa que presta serviços ao *shopping* confrontando esses jovens que, segundo os relatos no vídeo e outros materiais a eles associados, estariam sendo expulsos do espaço por “não estarem consumindo”<sup>171</sup>.

À época, quando essa denúncia se disseminava pelas redes, era praticamente impossível não traçar associações com os movimentos dos chamados rolezinhos, em que jovens pobres de várias das grandes cidades brasileiras combinavam, através de redes sociais, encontros em grande número em *shopping centers*<sup>172</sup>.

Se a princípio os rolezinhos pareciam ser eventos pontuais, contudo, numa análise mais detida se revelavam como indícios de uma dinâmica social e econômica complexa em que, se vivenciávamos uma melhoria real nas condições de vida da população brasileira, por outro lado, emergiam evidências da exclusão, da desigualdade e da segregação sociais que pareciam estar latentes no nosso país.

---

<sup>171</sup> SEGURANÇAS do Center *Shopping* agredem jovens negros. Vídeo enviado ao Youtube por: Edvaldo Brito. Uberlândia: [S.I.], 2015. 1 filme (2:48m), son., color. Disponível em:

<<https://www.Youtube.com/watch?v=STvQrptJk-E>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

No portal Geledés – que tem por característica divulgar pautas de luta dos movimentos de negritude –, em um texto são citadas denúncias do pai de um dos jovens agredidos através de uma rede social. PACHECO, Tânia. Racismo e agressão física a menores no Center *Shopping* de Uberlândia, Minas Gerais. **Portal Geledés**, São Paulo, 04 jun. 2014. Disponível em:

<<http://www.geledes.org.br/racismo-e-agressao-fisica-menores-center-shopping-de-uberlandia-minas-gerais/#ixzz4GTCJ1nSx>>. Acesso: 01 fev. 2016.

<sup>172</sup> Para uma leitura sobre a prática dos rolezinhos por jovens pobres nas cidades brasileiras: CALDEIRA, T. P. R. Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 98, p. 13-20, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n98/02.pdf>>. Acesso em: 31 set. 2015.; ALMEIDA, R. S. +O rolezinho da juventude nas ruas do consumo e do protesto. Juventude em movimento. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 03 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1581>>. Acesso em: 31 set. 2015.

Assim, como sinal de transformações ocorridas no país e no cotidiano das pessoas, se situaria o próprio vídeo, que teria a peculiaridade de se tornar acessível a partir do aparelho celular com câmera, tendo tipo de aparelho, por sua vez, se tornado um item cada vez mais comum à juventude brasileira em quase todas as camadas sociais. Esse uso do celular e da câmera modificou certamente o curso e o tráfego de informações e conteúdos produzidos pelas pessoas, que, através desses usos, deixam uma interação limitada, no que se refere a sua relação com as mídias, para terem acesso a práticas de interatividade mais rápidas e dialógicas possibilitadas por novas tecnologias. Note-se, assim, que a pessoa que faz a gravação afirma em um trecho que estaria filmando o acontecido e que seria dela esse direito. À medida que esse vídeo circula na internet, visto e compartilhado por diversos sujeitos ganha uma amplitude de denúncia que não seria possível por outros meios de comunicação.

Por outro lado, como aspecto da denúncia propriamente dita, em idas a campo a esse *shopping*, realizadas entre 2015 e 2016, pude perceber o constante conflito entre seguranças do estabelecimento e os jovens pobres, que costumam ir em grupos àquele local para se divertirem com seus amigos..

Usando-se do referencial jurídico do que seria o “menor” de idade, e impondo a partir desse elemento a obrigatoriedade de que os adolescentes tenham que ter suas idas ao estabelecimentos tuteladas por um adulto, o *shopping* estabeleceu que, nos finais de semana, jovens com idade inferior a 18 anos não poderiam frequentar o estabelecimento desacompanhados de seus pais ou responsáveis. Tem se tornado recorrente, assim, que adolescentes, especialmente pobres e negros, sejam barrados na entrada do estabelecimento.

Em decorrência dessas ações, na página de uma rede social desse *shopping*, é possível observar a tensão entre seus frequentadores nos comentários que classificam a qualidade do estabelecimento. Uma mulher, aparentemente jovem qualifica o lugar da seguinte forma: “Antes era bom[,] agora vc vai lá só vê vilenos da ate medo de ser assaltada ai dentro um bando de moleques da quebrada muito mal frequentado”. Porém, nem todos coadunam com essa perspectiva e, se para essa mulher ir ao *shopping* é entendido como um “risco”, para um adolescente, sua noção é outra, tanto do lugar, como dos rolezinhos em si: “Bom pra fazer

rolezinho, e pra dá uma refrescada lá, só os seguranças barrando agente nos finais de semana que estraga o passeio!”<sup>173</sup>.

Considero que uma contradição a essas posturas do *shopping* reside no fato de que ao mesmo tempo em que a administração do *shopping* nega ou procura inibir o espaço do estabelecimento a esses setores da juventude, é este o mesmo local em que diversos segmentos de jovens são submetidos a trabalhos com condições precárias de empregabilidade (especialmente no ramo de serviços, seja em lanchonetes de *fast foods* ou numa grande empresa *call center* que funciona em suas instalações).

Essas questões nos remetem a necessidade de uma compreensão que tome as práticas de diversão e lazer como diametralmente opostas e isoladas das relações de trabalhos. Magnani, ainda nos anos 1980, problematizava concepções que entendiam o lazer para os trabalhadores como binômio do trabalho – como o tempo de ociosidade, de alienação pelos grandes meios midiáticos ou válvula de escape da realidade. Para o autor, o lazer, mais que isso, seria o tempo que se pode escolher o que fazer, mesmo que isso se verifique de formas limitadas, devido as restrições impostas pelas altas jornadas de trabalho e dos poucos recursos disponíveis através dos baixos orçamentos familiares de moradores das periferias<sup>174</sup>.

Iniciar algumas reflexões a partir dos elementos dos rolezinhos, me leva, portanto, a indagar sobre as contradições de uma cidade que se revela como um terreno de desigualdades

---

<sup>173</sup> Na página do referido *shopping*, na rede social Facebook, é possível ler uma série de comentários de pessoas que sofreram algum tipo de racismo ou outras violências da vigilância ou que denunciam agressões sofridas por jovens que situam, em geral, como negros e moradores da periferia.

Um programa televisivo, veiculado no início de janeiro de 2016, relata uma operação policial que impediu jovens de entrarem nesse *shopping* por terem recebido a “denúncia” de que alguns grupos teriam marcado, pelas redes sociais, um rolezinho no local. O tom é de referenciar positivamente a ação policial, e de reforçar sutilmente a criminalização dos adolescentes justificando a proibição de que acessassem o espaço. O apresentador ao final da reportagem destaca sobre a ação policial “È melhor prevenir do que remediar”. Observe-se que a ação policial foi feita aparentemente apenas na entrada do *shopping* que é acessível para aqueles que chegam ao estabelecimento de ônibus. É significativo notar, que em geral, adolescentes, filhos de famílias com maior poder aquisitivo não vão ao *shopping* de ônibus, apesar de lá se encontrarem também com seus grupos de amigos. Cf. ROLEZINHO! Polícia fiscaliza menores em *shopping*. Uberlândia: TV Paranaíba, 11 jan. 2016. 1 filme (1:32m), son. color. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=1MgBlx10bMM>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

<sup>174</sup> MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaço**: Cultura Popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec: UNESP, 2003.



e segregação para determinadas juventudes. Afinal: Por que o *shopping center* enquanto espaço de encontro e diversão? Quais os locais e práticas de encontro, lazer e diversão vividas por jovens pobres na cidade de Uberlândia? Para isso, torna-se necessária uma reflexão a respeito das relações entre espaço público, juventudes, classes sociais, diversão e lazer.

## **2.1 - Espaço público, sociabilidades e patrimônio cultural**

De certa maneira, podemos dizer que os *shoppings*, os prédios, as praças, as ruas e todos os equipamentos da cidade compõem paisagens. Arantes, ao refletir sobre essas paisagens urbanas, considera que as pessoas se deslocam pelo espaço urbano, este entendido enquanto espaço comum<sup>175</sup>. A noção de espaço comum, contudo, se efetivaria a partir de fronteiras simbólicas que separariam, nivelariam, hierarquizariam, e, portanto, ordenariam, as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Neste processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significação e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência cultural e se efetivam enquanto marcos de “pertencimento”. Mais que territórios complementares e bem delimitados, seriam sobretudo, zonas de contato, onde se situaria uma moral contraditória. Neste sentido, Arantes percebe um problemático processo de “deslocamento de direitos de cidadania pela cultura do consumo”<sup>176</sup>.

É de nosso interesse, em especial, a concepção exposta por Arantes da complexidade desse espaço que se é comum, não é igual para todos. Contudo, se o autor expõe a cidade enquanto um cenário, considero que mais do que atores, aqueles que nela vivem, são seus próprios construtores. Mais do que suporte físico de lembranças e significações, os lugares do espaço público se constituem como lugar construído e significado pelas pessoas que vivem na cidade.

---

<sup>175</sup> ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens Paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas-SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

<sup>176</sup> ARANTES, 2000, p. 13

Em Uberlândia, pude observar que o espaço público vivido pelos grupos de jovens pesquisados, se não é por eles em primeira instância construído, é continuamente transformado por esses mesmos sujeitos. As praças, pistas de skate, o pátio do Teatro Municipal, são lugares que confrontam a noção de que seriam apenas suportes para práticas sociais, uma vez, que seus usos, sentidos e sua própria disposição (seja estética ou na adição de outros elementos) são continuamente transformados pelos jovens.

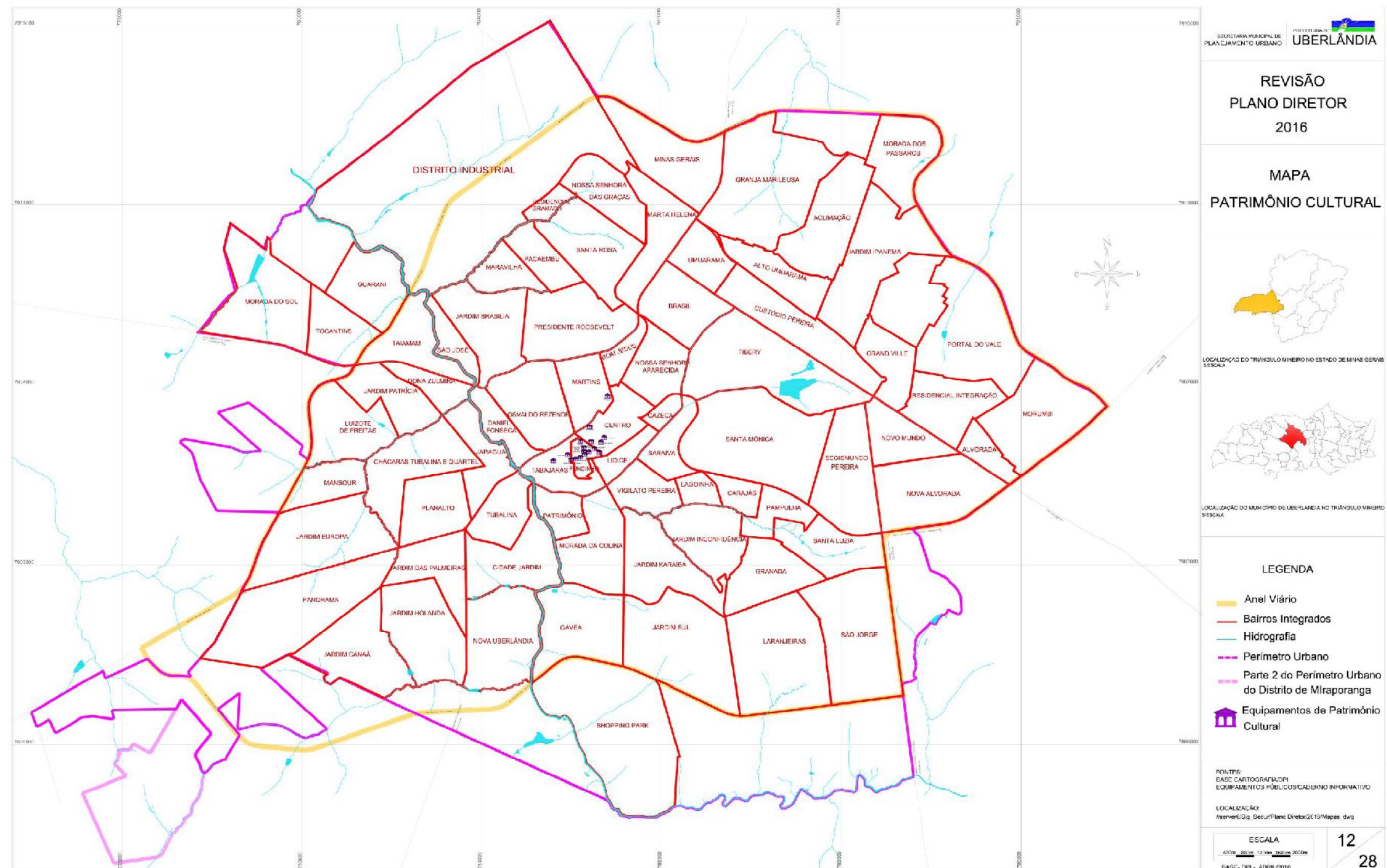
Ao pensar esses lugares, notei uma contradição no tocante de que grande parte daquilo que a prefeitura classificava como equipamentos culturais de Uberlândia parecia se associar a uma proposta de “preservação histórica” que se dissociava de sua significação coletiva e da experiência social<sup>177</sup> no que se refere aos jovens.

A revisão do Plano Diretor da cidade, do ano de 2016, conferiu como equipamentos públicos culturais da cidade, apenas locais referendados pela “memória oficial” – ou a memória dominante –, tendo basicamente todos os pontos localizados em regiões centrais, em especial no chamado núcleo fundador da cidade, no Bairro Fundinho.

---

<sup>177</sup> PAOLI, M. C. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. SÃO PAULO (cidade). Secretaria de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, p. 25-28.

Mapa 2 - Patrimônio Cultural. Revisão do Plano Diretor 2016. Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2016.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento Urbano/PMU (2016).



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento Urbano/PMU (2016).



Mais do que apenas pontos dispostos num mapa, a ratificação do poder público municipal a uma memória e história elaborada pelas elites locais, revela um projeto de poder. Ao analisarmos mais detidamente esse tempo projetado nesses mapas de equipamentos e patrimônios culturais, instituídos enquanto memórias que pretendem ser “a história” do município, se revelam os recursos utilizados para dominação e produção de hegemonia cultural.

Neste sentido, em uma de suas teses sobre o conceito de História, Benjamin denuncia essa operação forjada de continuidade por aqueles que num dado momento dominam para se constituírem como herdeiros de todos que venceram antes.

Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. Eles são chamados de bens culturais. O materialista histórico os observa com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê tem uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror<sup>178</sup>

Evidentemente não se trata aqui da tentativa de se realizar uma história de vencedores contra vencidos, mas as considerações de Benjamin permitem analisar criticamente os documentos que partem dessa noção de patrimônio e de bens culturais e que se afirmam numa abordagem pautada por uma pretensa “neutralidade”. Assim, cabe observar a quem servem determinados projetos de preservação patrimonial que, a despeito de sua pretensa universalidade, compõem interesses e projetos de classes e grupos sociais. Essa tão difundida

---

<sup>178</sup> BENJAMIN, 2012, p. 244.

noção de patrimônio que forja essa noção de universalidade – presente quando falamos em “Patrimônio Universal da Humanidade”<sup>179</sup>, tão ao gosto de organizações transnacionais – oculta as operações efetuadas de elaboração de uma memória dominante e a construção de uma tradição seletiva<sup>180</sup> que se impõem. Neste sentido, no início dos anos 1990, Déa Fenelon questionaria essa concepção de patrimônio cultural enquanto “legado” ou “herança”, que pretende se confundir com uma noção de História sacralizada, produtora de uma “amnésia histórica” que reforçaria a ordem estabelecida e negaria temas questionadores como do Trabalho, dos trabalhadores, minorias ou quaisquer grupos contestadores<sup>181</sup>.

Mediante essas questões, me afirmo diante de uma concepção, que preocupada com a compreensão sobre os modos como os jovens participam da construção social do espaço público, que se questiona sobre: 1) o significado desses espaços que participam da instituição de marcos fundadores de uma memória que se coloca enquanto “a história de Uberlândia”; 2) a noção de “patrimônio cultural” que atribui a esses lugares o sentido de que seriam únicos espaços reconhecidos como “lugares de cultura”.

Recuso, portanto, as atribuições efetuadas pela prática social de dominação que dão a conotação de que a cultura se restringe a determinadas formas classificadas como eruditas ou ainda, as segmenta em formas, como as de “cultura popular”, restringida a uma dada “tradição” e das formas “tradicionais” de vida (e interpretadas como produto de um impulso meramente conservador, retrógrado e anacrônico)<sup>182</sup>.

---

<sup>179</sup> Uma publicação do IPHAN, de 2008, define da seguinte forma o processo de consolidação da noção de Patrimônio Mundial, nos termos de seu valor “universal”: “Em 1972, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco estabeleceu a Convenção do Patrimônio Mundial para incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade. Essa Convenção enseja que estes bens tenham um valor universal e um interesse excepcional que justifique que toda a humanidade se empenhe em sua preservação, enquanto testemunhos únicos da diversidade da criação humana”. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E CULTURAL. **Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento** – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972: para saber o essencial. Brasília, DF: IPHAN, 2008.

<sup>180</sup> WILLIAMS, 1979, p. 118-123.

<sup>181</sup> FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 40, p. 27-51, jan-jun., 2009. p. 34.

<sup>182</sup> HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: \_\_\_\_\_. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 250



Conforme define Stuart Hall, há uma luta contínua, irregular e desigual, no que se refere à cultura dominante, que procura desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular. No tempo em que escreve, considera que essa luta seria contínua, e ocorreria nas linhas complexas da resistência e aceitação, da recusa e da capitulação que transformariam o a cultura em uma espécie de “campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”<sup>183</sup>. Portanto, falar de cultura requer que pensemos além de uma dinâmica de compartilhamento, mas também das disputas que ocorrem nesses termos, bem como se efetuam os processos de construção de hegemonia cultural, de dominação e exploração.

Em noções como a difundida no “Mapa Patrimônio Cultural”, da revisão do Plano Diretor do Município de Uberlândia, esse movimento de desorganizar e reorganizar a cultura popular, promovido pela cultura dominante, está presente (mesmo que às vezes se trate de um governo “popular”). Logo, as lutas e as resistências não aparecem e o patrimônio é cristalizado em uma concepção de que a cultura se restringe a museus e prédios que são entendidos como históricos. Problematicar essas práticas que reivindicam a cultura para si, ou a segmentam de forma hierárquica, é então, assim, problematizar como abordamos o próprio conceito de cultura em seu processo histórico de construção<sup>184</sup>.

Contudo, se buscamos os sentidos de cultura poderíamos perceber o quão equivocado seria compreendê-la a partir de uma concepção “intemporal” ou de uma “História Universal” evolutiva, tal como poderíamos abordar a partir do que lhe era seu quase conceito correlato: a ideia de “civilização”<sup>185</sup>. Longe de uma pretensa neutralidade, as noções de cultura e de civilização, que intercambiaram historicamente muitas vezes entre si<sup>186</sup>, foram desenvolvidas ainda no século 18 e mantinham estreitas relações com o processo de consolidação do capitalismo industrial efetuado a partir do continente europeu.

---

<sup>183</sup> HALL, 2003, p. 255

<sup>184</sup> WILLIAMS, 1979. p. 17.

<sup>185</sup> WILLIAMS, 1979.

<sup>186</sup> EAGLETON, T. Versões de cultura. In: \_\_\_\_\_. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandro Castello Branco. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 9-50.

Deste modo, em termos do processo de construção do conceito, já no século 19, quando a antropologia (assim como história) se definiria enquanto disciplina, o termo “cultura” seria reelaborado com base na noção de “progresso” e, portanto, para aferir a evolução ou o grau de progresso de uma cultura. Evidentemente, o padrão para se medir o avanço ou atraso culturais, foi o da Europa capitalista, a partir de elementos tais como o Estado, o mercado e a escrita<sup>187</sup>.

A noção do primitivo só pôde ser elaborada, nessa perspectiva, a partir da noção do não primitivo, ou seja, da figura que teria realizado a “evolução”. Porém, é nesse momento que a ideia de “cultura” sofre uma decisiva mutação principalmente a partir da filosofia alemã, se efetivando a partir da oposição entre natureza e história: “A cultura seria a ruptura da adesão imediata à natureza, adesão própria aos animais, e inaugura o mundo humano propriamente dito. A ordem natural ou física é regida por leis de causalidade necessária que visam o equilíbrio do todo”<sup>188</sup>. A cultura, a linguagem e o trabalho seriam, *a priori*, os elementos com os quais os seres humanos se dissociariam dos animais, a partir do momento que a ação humana não se resumiria à ação vital, mas, se efetivando na capacidade de homens e mulheres transformarem o mundo. Ousadamente poderíamos dizer, a partir desses últimos elementos, que o ser humano a partir da cultura se configura então como agente histórico.

No século 20, a crítica antropológica reestruturaria a ideia de cultura questionando os valores impostos pelo capitalismo internacional e as noções evolutivas pautadas no darwinismo social. Todavia, ainda permaneceriam por um bom tempo oposições como “sociedades simples” e “sociedades complexas”. Além disso, seria possível verificar uma relação de oposição entre “sociedades” e “comunidade”. A Antropologia do início do século 20 se direcionava aos estudos dos chamados “grupos tradicionais” e permanecia muito calcada numa noção de comunidade – numa concepção de relações primárias, de proximidade, de laços de sangue.

---

<sup>187</sup> CHAUI, M. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

<sup>188</sup> CHAUI, 2008, p. 56

Seu oposto seria a noção de sociedade: caracterizada por relações secundárias, pela convenção, anonimato, troca de equivalentes. Essa noção seria importante, posteriormente para se constituírem estudos sobre a cidade a partir da perspectiva antropológica, sendo um marco as concepções cunhadas pela Escola de Chicago entre as décadas de 1910 e 1930 – período caracterizado pelo grande crescimento das cidades estadunidenses.

Cabe situar que a reflexão dos intelectuais de Chicago se voltava a princípio ao binômio comunidade e sociedade a partir do referencial da ecologia e a partir da elaboração de categorias como invasão, sucessão e dominância. Compreendia-se aí a noção da competição por espaço, recursos, controle-político e aquilo com que se delimitava as "áreas naturais", produzindo as diferentes "zonas" concêntricas da cidade<sup>189</sup>.

Somente num período mais recente foi que a antropologia reelaborou as questões direcionadas à cultura numa perspectiva mais ampla, não delimitada à esfera das comunidades. De todo modo, nessas intersecções e a partir especialmente de uma compreensão de cultura, tal como propõe Thompson, enquanto “modos de vida”, foi que se constituiu enquanto grande contribuição para reflexão de problemas da disciplina história.

O intuito de delinear esse movimento de transformações (e de embates) acerca da definição do conceito de cultura, é de buscar entendê-lo não apenas como um “conceito aplicável”, mas problematizando seus usos e atribuições em sua relação com o processo de construção social da cidade.

Edward Said quando analisa o processo de construção social do Oriente, não apenas como um “lugar da natureza”, mas como espaço criado em relação a processos de construção de hegemonia cultural partindo da Europa (o Ocidente), que portanto, mantêm estreitas relações com o colonialismo e o imperialismo. Esse autor, a respeito do Oriente, afirma:

O Oriente não é um fato inerte da natureza. Não está simplesmente lá, assim como o próprio Ocidente não está apenas lá. Devemos levar em consideração a notável observação de Vico, segundo a qual os homens fazem sua própria história e que só podem conhecer o que fizeram e aplicá-la à geografia: como entidades geográficas e culturais — para não falar em entidades históricas —, os lugares, regiões e setores geográficos tais como o “Oriente” e o “Ocidente” são feitos pelo próprio homem.

---

<sup>189</sup> MAGNANI, 1996.

Portanto, assim como o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento e imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apoiam e, em certa medida, refletem uma à outra<sup>190</sup>

Coadunando com as posições de Said, considero que ao levarmos em conta que os seres humanos produzem sua própria história, e que, estes, na sociedade capitalista, não estão situados numa posição de igualdade social, então isso significa refletir a produção social do espaço, em termos dessas desigualdades, que não se efetivam apenas na materialidade, mas também simbolicamente. As fronteiras que demarcam uma cidade, um estado ou um país, portanto, não são ainda apenas produto da natureza. As fronteiras se constituem assim, na intersecção profunda entre a natureza, o trabalho, a cultura e a história. Quem teria criado as fronteiras e os limites da cidade, senão seus próprios habitantes num dado tempo da história?

Nesse sentido, proponho a reflexão sobre cidade e cultura para além de um viés de mecanismos de transmissão (de herança, de legado ou de tradição des-historizada), entendendo essa relação num espaço concreto em que se conformam processos de dominação e construção de hegemonias culturais. Afinal, se há algum sentido em pensar historicamente o espaço, este deve ser entendido como socialmente produzido pelos seres humanos através do tempo<sup>191</sup>.

Ao trabalhar na perspectiva de produção de uma cartografia da cidade então procuro entender como se configuram suas paisagens, seus lugares e os tempos que evocam, mas entendendo-as na relação com os modos com os quais as pessoas vivem esse espaço. Como destaca Zukin, a paisagem é em grande parte uma construção material, mas também construção simbólica das relações sociais e espaciais. Assim:

A paisagem “coloca” homens e mulheres em relação com os grupos sociais e os recursos materiais, bem como nos coloca – como observadores – em relação com os homens e as mulheres, as instituições e os processos sociais

---

<sup>190</sup> SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 16-17

<sup>191</sup> SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 81-100, jun. 1977.

observados por nós. A paisagem é uma poderosa expressão das restrições estruturais de uma cidade. Com frequência, o que observamos como paisagem – aquilo que é construído, escondido e que resiste – é uma paisagem de poder.<sup>192</sup>

Sendo essa paisagem, uma paisagem de poder, que oculta o que resiste, cabe analisarmos suas contradições, desvelando os projetos que estão em disputa, bem como as noções de patrimônio, cultura e memória são instrumentalizadas na produção de hegemonias que consolidam determinados grupos no poder. A paisagem de um patrimônio cultural de Uberlândia consolidada apenas em prédios como o da antiga Prefeitura (hoje, Museu Municipal), na Casa da Cultura, Oficina Cultural e uns poucos prédios que pouco fogem do eixo da região do Bairro Fundinho, se naturalizam ratificando uma história cristalizada, monumentalizada, de nomes e datas. Ao mesmo tempo que as concepções teóricas que legitimam determinadas políticas públicas quando se orientam a partir de uma concepção de “cultura popular” associada a patrimônio, num sentido conservador de tradição e preservação, também conferem a práticas sociais-culturais (tais como a Congada, em Uberlândia) um sentido de algo fora do tempo, dissociando as conexões entre presente e passado (por mais que se efetivem como resistência concreta no tempo presente).

Deste modo, ao me debruçar sobre as análises que se seguem, em entrevistas e outras fontes, uma fala em específico de um jovem sintetizava as minhas preocupações a respeito das noções de cultura e as desigualdades e processos de exclusão que ocorrem no espaço da cidade, ao dizer que: “Porque a favela existe cultura nela, entendeu?”<sup>193</sup>

Pensava em termos da necessidade de elaborarmos uma compreensão nos termos da construção de uma cidadania cultural, o que significa a garantia de direitos tanto à produção cultural, bem como o acesso aos bens culturais<sup>194</sup>. Porém, mais que isso, a fala desse jovem

---

192 ZUKIN, S. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

193 MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. **[Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Zero13 Clan Produtora]**. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

194 BUSSE, M. P. **Cultura e cidade: prática e política cultural em São Paulo no século XX**. 2005. 190f. Tese (Doutorado em História). – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2005.

me confrontava na necessidade de refletir a negação desse direito, quando a cultura nas mãos de setores conservadores das classes dominantes é instrumentalizada para segmentar a dimensão das atividades simbólicas humanas entre cultura e não-cultura.

Numa reflexão, pensava na dimensão violenta da produção social da cidade, que poderia significar no seu aspecto mais duro, a desumanização daqueles que são excluídos de determinados circuitos da produção cultural. Valeria, neste sentido, relembrar a irônica etimologia comum entre cidade e civilização. A cultura passaria, nessas posições, a uma espécie de retorno às suas formulações iniciais do século 19, definindo preconceituosamente quem seriam os novos bárbaros e selvagens de nossas cidades contemporâneas.

Ao mapear vivências de jovens em espaços onde são realizadas atividades culturais na cidade, procuro assim, situar tempos variados que emergem entre tensões e convergências, que revelavam outras práticas, concepções e projetos que colocavam a cultura em outras esferas, que não as instituídas. Assim, espaços que foram projetados para determinados fins, foram significados de outros modos pelas práticas sociais de jovens pobres da cidade – tal como na ocupação de espaços como o pátio do Teatro Municipal – ou que, mesmo sendo aquilo que foram pensados por arquitetos, engenheiros e urbanistas, se revelaram não se fixar inertes no tempo, ganhando outras formas, sentidos e usos.

## **2.2 - O espaço público é para todos? Contradições sociais no direito à cidade para os jovens.**

Até o final do ano de 2011 quando foi reinaugurada a pista de skate do Parque do Sabiá<sup>195</sup>, um decreto municipal impunha uma série de restrições a seu uso:

---

<sup>195</sup> O Parque do Sabiá é um parque e zoológico, administrados pelo município de Uberlândia, localizado entre os bairros Tibery e Santa Mônica, setor leste de Uberlândia. O Parque do Sabiá possui uma área de com área de 1.850.000m<sup>2</sup> e, juntamente com o Estádio Municipal do Parque do Sabiá e a Arena Tancredo Neves (Poliesportivo Sabiazinho), compõe o Complexo Virgílio Galassi. O complexo começou a ser construído em 07 de julho de 1977 e foi inaugurado no dia 07 de novembro de 1982. Diariamente milhares de pessoas circulam nas áreas desse complexo de lazer e de esportes. Cf. HISTÓRIA. Parque do Sabiá. Uberlândia, [201-]. Disponível em: <<http://parquedosabia.uberlandia.mg.gov.br/historia/>>. Acesso em: 30 set. 2016.



Art. 2º Neste espaço somente se permite a prática de skate.  
Art. 3º A pista de skate terá o horário de funcionamento abaixo descrito:  
I - de quarta a sexta-feira: das 14:00 às 18:00 horas;  
II - aos sábados, domingos e feriados: das 12:00 às 18:00 horas<sup>196</sup>

A pista do Parque do Sabiá, localizada na área externa do parque propriamente dito, foi construída com rampas e obstáculos de madeira, era delimitada por muros, telas de arame e portão. Aberta apenas no período da tarde, seria necessário o cadastramento de todas as pessoas junto a um órgão da prefeitura (a FUTEL, administradora de parques, praças e outros equipamentos públicos ligados ao esporte e ao lazer) para que pudessem usar a pista para a prática esportiva. Desde modo, se a prática desse esporte já impõe limitações devido à necessidade de compra de peças e manutenção do skate, se via ainda a demarcação e imposição de um único período para utilizar a pista, que restringia o acesso a jovens que trabalhassem nesse período, por exemplo. Nesse período eram limitadas opções para essa prática do skate, contando com, além da pista do Parque do Sabiá, no Setor Leste da cidade, apenas com a pista da Praça Paris, no bairro Presidente Roosevelt, Setor Norte.

Destaco essa questão, da restrição do acesso aos jovens do espaço público, pois ela se impunha como um lugar comum nas concepções tanto do programa intitulado NAICA, desenvolvido na gestão de Odelmo Leão, e que teve certa continuidade enquanto concepção, nas mudanças promovidas por setores do Governo Gilmar Machado (associados ao PDT especialmente) que, mesmo mudando a nomenclatura desses equipamentos urbanos permaneciam considerando as ações neles desenvolvidas como formas de fazer com que os adolescentes “não estejam na rua”<sup>197</sup>.

---

<sup>196</sup> UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto nº 11.905, de 28 de outubro de 2009. Regulamenta o uso da pista de skate localizada no "complexo de esportes, turismo e lazer de Uberlândia Cícero Diniz", no parque municipal Virgílio Galassi e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Uberlândia**, Uberlândia, 29 out. 2009. Disponível em: < [http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/4921.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/4921.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2016.

<sup>197</sup> Em uma fala, de 2007, publicada pelo jornal Correio de Uberlândia, a então secretária de Desenvolvimento Social – Iracema Barbosa Marques – afirmava: “O Naica oferece, a crianças e adolescentes, atividades socioeducativas, recreativas, esportivas e culturais e, assim, evita que menores fiquem nas ruas[...]” MATUZIRO, Lorena. Prédio abandonado há 4 anos será reativado. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. 10 ago. 2007. p. B2

Essas definições de uso específico, contudo, nem sempre acabavam por definir, na prática, quais os usos dos equipamentos públicos da cidade seriam efetuados pelas pessoas.

O Teatro Municipal da cidade demorou cerca de quinze anos, entre vários mandatos municipais para serem concluídas as obras. O equipamento público tem uma área construída de cerca 5.000 m<sup>2</sup> dentro de uma área total de mais de 66.000m<sup>2</sup>, sendo comumente chamado pelas pessoas por termos nada elogiosos como “elefante branco” ou “caixa d’água” (em certa medida, em decorrência de sua cor branca, dimensões e formas).

No que se refere a seu uso pela população, a princípio, haveria dois complicadores para uso desse equipamento: sua localização, em uma área que circulam poucos ônibus; e a prática que se estabeleceu sobre a programação teatral em que predominavam ingressos a preços pouco acessíveis para boa parte da população uberlandense.

Contudo, entre 2013 e 2014, a grande estrutura de concreto, concebida pelo arquiteto Oscar Niemeyer para comportar um grande número de pessoas em seu ambiente externo se revelaria, para um número significativo de pessoas, como espaço bastante propício para as práticas de lazer, tais como o *skate* e a patinação. Consequentemente, pouco a pouco, outros grupos começariam a participar daquele espaço, muitos deles jovens que iriam com o intuito

---

Cabe notar que, especialmente durante os governos de Odélio Leão, se costumou omitir que os recursos para construção dos NAICAs advinham do governo federal. Ademais, caracterizavam-se pela contradição de compartilharem aspectos de uma noção assistencialista de Assistência Social. Cf. UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. **Compromisso de Cuidar de quem mais precisa**. Uberlândia: Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2012. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/1503.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1503.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

Por mais que oferecessem uma série de serviços integrados para as comunidades, como o CRAS, assistência a grupos em vulnerabilidade social (população em situação de rua e migrantes, etc), cadastramento e manutenção do Programa Bolsa Família, a noção desenvolvida nessas unidades parte de uma perspectiva que confunde o assistencialismo com numa perspectiva ampliada da Assistência Social enquanto direito. Os NAICAs, e em certa medida também a Estação Crescer, se confrontam nas seguintes posições: de um lado o assistencialismo focalizado que compõe o projeto das elites locais; de outro, se constituem a partir de um conjunto de políticas integradas de Estado que dariam as condições para criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) desenvolvido a partir do governo Lula em 2005.

Para uma leitura sobre assistência social enquanto direito social e da criação do SUAS: SPOSATI, A. Assistência Social: da ação individual ao direito social. **Revista Brasileira de Direito Constitucional** – RBDC, São Paulo: Escola Superior de Direito Constitucional, n. 10, pp. 435-458, jul./dez. 2007.; SPOSATI, A. Desafios do sistema de proteção social. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=420>> Acesso em: 02 abril 2016.

de encontrar amigos e pessoas de faixas etárias próximas com interesses parecidos. Pude observar ainda que, em dias de semana, especialmente nos fins de tarde, o público presente no pátio do Teatro se restringia especialmente a adolescentes.

As arquibancadas eram o espaço favorito de alguns grupos para conversar, para tocar e cantar músicas. A partir de buscas na internet, pude verificar que alguns desses grupos, como skatistas, utilizavam o Facebook para articularem seus encontros no Teatro. A internet se configuraria, não como em concepções que enfatizam seu aspecto de isolamento entre os jovens, mas como recurso que potencializa as suas possibilidades de encontro.

Aos domingos, o fluxo se intensificava com uma diversidade enorme de sujeitos. Mães, pais, filhas e filhos que, pelo estilo e qualidade de patins e brinquedos, aparentavam terem boas condições de vida conviviam com jovens que vestiam roupas comuns a jovens das periferias. A dimensão de antagonismo era realçada por situações em que carros “tunados” com altíssimos volumes compartilhavam o espaço com práticas meditativas de budismo zen.

Foi durante as idas a campo a esse lugar, que pude ter contato inicial, em 2015, com um grupo de jovens que chamava a atenção por organizarem Batalhas de Rimas naquele local. O que especificamente despertava meu interesse, era o fato de que aqueles jovens, de diferentes lugares da cidade organizavam uma forma de difundir o rap e a cultura hip hop a seu próprio modo, sem qualquer incentivo de entes públicos ou privados. Ansioso para definir, a partir de minhas próprias referências, considerava que parecia algo que se remetia à máxima que caracterizou o “faça você mesmo”, que associamos, em geral, ao movimento punk nos anos 1980. Contudo, essas conclusões prévias não caberiam para a proposta desta pesquisa, a não ser como alusões a tal tipo de caracterização semelhante.

Bruno Silva Brito<sup>198</sup>, integrante dos grupos Família Rolê Gringo e Zero13 Clan<sup>199</sup> Produções, foi um dos jovens que participaram nesse primeiro momento de organização daqueles eventos. Na entrevista que concedeu juntamente com seu parceiro de grupo, Euler

---

<sup>198</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão

<sup>199</sup> Leia-se “zero treze clan”.

Barreto Martins (mais conhecido como Doidera WL no meio do rap), assim foi relatado o que consideram como início da organização daquelas batalhas:

**Bruno:** Eu comecei com meu parceiro... que eu comecei iniciando fazendo batalha... de MCs... foi lá no Teatro...

**Doidera:** Teatro Municipal...

**Bruno:** Estacionamento do Teatro Municipal... a galera no começo deu um apoio muito grande e liberalizou um público bem agradável mesmo porque na terceira edição eu já consegui fazer uma conexão com a galera lá de Uberaba. Trazendo MCs de lá...

Doidera: E fez Uberlândia contra Uberaba...<sup>200</sup>

Numa das situações, no dia 28 de junho de 2015, em que o grupo de Bruno conseguiu equipamentos de som para a realização de uma das edições do evento, a equipe de vigilância e manutenção do Teatro não permitiu que continuassem a usar a energia do local, alegando não ser uma atividade autorizada por órgãos da prefeitura. Ao rememorem a ocasião do evento, Bruno e Doidera tecem as seguintes considerações:

**Bruno:** Deu uma média de... um público assim de 400 pessoas. Até assustei quando eu cheguei lá. Como assim? Aí... foi... aí gerou um público lá bem grande no dia, só que nesse dia tava havendo uma apresentação lá dentro do Teatro.

**Doidera:** Não! Um ensaio! Um ensaio!

**Bruno:** Nem era apresentação...

**Doidera:** Ensaio!

**Bruno:** Era ensaio de uma banda. Aí eles falou que aquele movimento lá do lado de fora tava atrapalhando lá. Lá dentro que se não parasse eles iam chamar a polícia. E eu... tipo... ia enquanto eu... aí até ho... quando eu iniciei, não até hoje eu faço isso. Eu sempre tirei dinheiro do meu bolso para mim fazer as batalha.

**Doidera:** Isso. Tanto quanto que nós não pode fechá, cara.

**Bruno:** Que eu sempre alug... é... trabalhava pra levantar o dinheiro, alugava os equipamentos, fazia o evento e colava lá no local. E era lá no Teatro e esse dia eles fizeram isso e chamaram a polícia. Aí eles cercaram lá realmente, eu tive que desmontar o som...

**Doidera:** Reprime mesmo... foi por aí.

**Bruno:** Tive que desmontar o som. Eles oprimiu... Ow. Eu desmontei o som. A galera sem... Eu fiquei muito triste. No dia eu ia parar... de fazer isso. Porque eu tava fazendo só pra fortalecer a galera mesmo e aí a galera chegou na boa ideia. E eu não parei. Aí eu comecei a realizar aqui na pa...

**Doidera:** Porque o espaço lá, tá lá para ser aproveitado, né não?

---

<sup>200</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

**Bruno:** É um espaço público além de tudo. E no dia, eles virou... ow, tipo assim, cê sabe que aquele estacionamento lá que a galera fica andando de skate no Teatro?

**Diego:** Sei.

**Bruno:** Cê vê. Primeiramente eles cortaram a energia! Lá é um lugar público! Onde criança anda de skate, patins, pá, tem família lá. Não se pode cortar a energia. Aí eles cortaram para não realizar o evento, porque eles sabiam que ia ocorrer. Mas mesmo assim eu conversei com a tiazinha do açai, ela deixou eu usar o gerador dela. Eu mesmo assim montei o som no gerador dela (risos). Eles ficou mais puto ainda!

**Doidera:** Salve! Ela me representa!

**Bruno:** Representou no dia mesmo! Aí eles ficou mais puto ainda por ter dado certo aí eles pegou e fez essa... Sacanagem...

**Doidera:** É que foi o seguinte, a gente correu até atrás de... beneficiá e... conseguir lá com os direitos, tá ligado? Isso da... associação cultural de Uberlândia. E... na época não era a pessoa que está presente hoje na frente, entendeu? Dali daquela associação. Aí... o cara falou assim que... como era um projeto que não visava lucro então eles não queria beneficiar o projeto... [pausa] A pessoa que estava lá antes, entendeu?

**Bruno:** Aí eu perguntei até se... num tinha como ocorrer aquilo em algum dia que não ocorresse evento lá, eles falou que mesmo assim iriam chamar a polícia tendo evento lá ou não.<sup>201</sup>

Pude perceber que enquanto Bruno mobilizava sua memória para narrar suas experiências, as relacionava com seus sentimentos, dificuldades e frustrações. A conquista de um som para o evento é associada ao que conseguiu poupar, através do trabalho assalariado, para poder alugá-lo. A frustração, por sua vez, se relaciona a não ter cumprido sua expectativa de realizar o evento como planejado e, por isso, não conseguir “fortalecer a galera” como esperado. No vídeo, quando Bruno fala de seus sentimentos de tristeza, em relação a essa situação baixa o olhar e diminui a intensidade com que gesticula.

Além disso, nas falas de Doidera e Bruno, o espaço teria uma contradição eminente: estaria lá para ser “aproveitado”, mas seria dificultado seu uso para atividades culturais que não passassem pelo crivo do órgão encarregado de gerir o Teatro.

A contradição se explicitava ainda mais quando os dois jovens afirmam que, a despeito do Teatro Municipal ser público, só se permitiria a realização de eventos, quando estes visassem o “lucro”. Mesmo em dias que não houvesse programação definida, haveria esse impeditivo. Porém, é interessante notar, que através de contatos, mais ou menos

---

<sup>201</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

próximos, como a vendedora ambulante, que cede energia de seu gerador, e os amigos e parceiros envolvidos na organização do evento, os jovens persistem a realizar a atividade. Neste sentido, se há imposição de uma determinada ordem, também há resistência, reivindicação e prática do uso e acesso ao espaço público.

Interrogava-me, diante dessas evidências, da seguinte maneira:

Observando as atividades desses jovens, como Doidera e Bruno, poderíamos falar de uma falência do espaço público como se costuma explorar em algumas abordagens?

Nos rolezinhos nos *shoppings*, nas praças ocupadas pelos eventos de rap, nos muros estampados pelos graffitis e pixos, a pergunta mais apropriada para mim parecia: Qual cidade está sendo reivindicada por esses jovens?

E, se, por um lado, tais práticas não se enquadrariam nas formas tradicionais de protesto e de reivindicação, em que medida, apontavam para elementos que permitiriam que enxergássemos valores e práticas alternativos ou opositores à cultura dominante?

Neste sentido, as evidências levam a pensar num sentido inverso, ao contrário desse chamado declínio do espaço ou do homem público<sup>202</sup>, estaríamos vivenciando, (mesmo que se possa efetuar uma crítica ao consumismo como valor associado a muitas das práticas culturais), nos limites das contradições, um afloramento de usos e intervenções no espaço da cidade como potencialização da esfera pública, talvez como nunca visto.

Penso, assim, nas afirmações de Williams que, atento aos processos de transformação do acesso e produção da cultura durante a segunda metade do século 20, assinala que, se por um lado há uma expansão do que muitos considerariam como “cultura de má qualidade”, também verificaríamos que o acesso a produtos culturais de boa qualidade (sejam livros, músicas e exposições de arte) também nunca fôra tão grande<sup>203</sup>.

Assim, fazendo um paralelo com questões deste trabalho, podemos constatar que a suposição de deterioração do espaço público ou da cultura, na prática, recai em argumentos fáceis que encobrem posições elitistas. Similarmente, na contracorrente das afirmações que

---

<sup>202</sup> SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Tradução: Lygia Araujo Watanabe. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

<sup>203</sup> WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: \_\_\_\_\_. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. pp. 3-28.



buscam atribuir a destruição de vários aspectos da vida social, em decorrência da ascensão de uma “cultura de massas”, Williams questiona o próprio termo “massas”, demonstrando o preconceito embutido na palavra, e, afirmando que o que existe “são modos de ver as pessoas como massas”<sup>204</sup>.

Fazendo coro com Williams, procuremos encontrar, não a juventude, enquanto uma massa homogeneizada, mas as pessoas, esses jovens que circulam pela cidade de Uberlândia, ocupando e significando a cidade, construindo seus próprios trajetos e cartografias da cidade.

Figura 7 - Cartaz de divulgação: 3.º Encontro de MCs no Teatro Municipal. Junho de 2015.



<sup>204</sup> WILLIAMS, 2015, p. 16.

Fonte: Acervo digital – Família Rolé Gringo/13Clan Produções (2015).

### **2.3 - Construindo referências para uma cartografia possível de lugares de sociabilidades de jovens em Uberlândia**

Enquanto realizava as atividades de campo em espaços de lazer frequentado por jovens, pude verificar uma cidade experimentada pelas juventudes em múltiplas formas. Assim, à medida que conhecia melhor esses locais, percebia pontos de intersecção e lugares comuns, em que era possível verificar uma série de estratégias criadas especialmente por jovens, em geral moradores de periferias, para vivenciarem uma cidade profundamente conservadora como Uberlândia.

Deste modo, embora não tivesse a pretensão de fazer um trabalho etnográfico (que iria requerer todo um esforço metodológico e analítico, com os quais os antropólogos dispõem de ferramentas muito mais elaboradas), me dispus a trabalhar na perspectiva de realizar uma cartografia dos circuitos de jovens na cidade pensando os diferentes ritmos e temporalidades que me eram visíveis na cidade. Partia, a princípio, dos diálogos com os jovens que tive contato em ocupações culturais, que expunham modos de se referir aos espaços da cidade.

Nesse primeiro momento da pesquisa, partia a princípio de algumas considerações de Magnani que permitiam visualizar algumas formas de se mapear as práticas de sociabilidades de grupos nas cidades. Assim, para esse autor, ao analisar o cotidiano vividos por trabalhadores em bairros periféricos seria necessário compreender a dinâmica vivida nos núcleos onde se vivencia com maior proximidade as suas redes de relações sociais – o que denomina “pedaço”. Por sua vez, em trabalhos posteriores, Magnani desenvolve uma metodologia de trabalho que passa a considerar ainda uma maior dinâmica dessas relações, inserindo então as noções de “manchas” – onde se constituem espaços comuns que aglutinam uma rede de sociabilidades; e de “trajetos” – lugares pelos quais determinados grupos transitam entre manchas e pedaços. Na articulação que se estabelece entre pedaços, manchas

e trajetos, determinados grupos constituem seus circuitos, ou seja, uma rede de relações mais ampla, em que se têm referências comuns<sup>205</sup>.

Partindo de lugares, assim como o *shopping* e o Teatro Municipal, interessava-me, portanto, investigar quais circuitos de jovens subjaziam a partir desses pontos de encontro. Mais que isso, considerava que esse horizonte de reflexões me possibilitaria refletir sobre uma intersecção entre cultura e direito à cidade, colocando em questão assim, como propõe Arantes, a tensão entre a emergência de grupos que reivindicam direitos e cidadania e de projetos que colocam em primeiro lugar a “cultura do consumo”.

Foram-me significativas para melhor desenvolver uma forma de nomear os espaços e movimentos da cidade, as noções desenvolvidas por Kevin Lynch, ao se empenhar a compreender as percepções visuais da cidade, a partir da análise nas cidades estadunidenses de Nova Jersey, Boston e Los Angeles. A partir do trabalho de levantar como se configuravam essas percepções, Lynch analisou como se estruturava a imagem que os habitantes tinham sobre suas cidades<sup>206</sup>. Se, neste trabalho o intuito, não é elaborar, como Lynch, um mapeamento estrutural ou ecológico da cidade, a partir das percepções visuais de seus moradores, todavia, é de nosso interesse, as potencialidades desse trabalho de classificação dos diferentes espaços da cidade, a partir do modo como são percebidos pelas pessoas.

Deste modo, busquei desenvolver a perspectiva de construção de um quadro de referências que me possibilitasse mapear lugares e trajetos da cidade a partir das experiências e memórias de jovens que ocupam o espaço público. A partir da proposta de construção de uma cartografia possível<sup>207</sup> da cidade, que não se enquadrasse necessariamente dentro das cartografias oficiais, buscava trabalhar uma perspectiva que articulasse os significados do que,

---

<sup>205</sup> MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 1996.

<sup>206</sup> LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa : Edições 70, 1988.

<sup>207</sup> Cf. SILVA, 2008; SILVA, 2005.

para esses jovens, seria viver em Uberlândia, tendo em vista suas relações com seus diferentes espaços.

Neste sentido, descrevo preliminarmente algumas noções que serão melhor desenvolvidas nas próximas seções desta dissertação. A formulação dessas noções se realizou a partir do diálogo entre evidências e as referências teóricas destacadas para mapeamento do circuito de sociabilidades dos grupos juvenis ligados à periferia da cidade. Longe, portanto, de serem noções estanques resultam do específico esforço de pesquisa e reflexão deste trabalho.

**Centro** - É o espaço da cidade onde se localiza prioritariamente a concentração do comércio e de determinados serviços. O centro seria, a princípio, então, o lugar da impessoalidade, onde em geral, se efetivam contatos mais frios. Para os jovens entrevistados, contudo, o centro se revelou também lugar de encontrar com diferentes grupos da cidade, e, portanto, pode ser lugar privilegiado para apresentar trabalhos e para se realizar eventos de maiores proporções. Ocupar o centro para realizar algum evento seria então, a possibilidade de expandir, ir para além dos limites da periferia e do circuito convencional que participam.

**Periferia** - Mais do que demarcação ou espaço geográfico, a periferia se torna também uma referência, ou um laço, o qual se mantém certo sentimento de pertença. Ser da periferia, para esses jovens, é fazer parte de uma “quebrada”, mas ao mesmo tempo ser parte de um grupo maior, no qual fariam parte todos aqueles que moram em bairros que podem ser entendidos dessa forma.

**Quebradas** - A quebrada é o lugar de sociabilidades mais próximas. No trabalho desta pesquisa identifiquei que, em geral, uma quebrada é um bairro, não sendo, contudo, qualquer bairro, pois, somente aqueles bairros que podem ser considerados periféricos, para além das noções geográficas, que o seriam. Equivaleria em certa medida ao que Magnani trabalha como “pedaço”. Podemos dizer que a quebrada, assim como a periferia, se efetiva de um movimento que transforma estigmatização em um valor positivo para certos grupos. Durante uma das entrevistas, pedindo para que me explicasse o que seria a quebrada, improvisando um rap, Doidera a definiu da seguinte forma:

**Doidera:** [rimando]

Quebrada. Localidade onde me fiz sujeito homem. Onde me criei e descobri que os polícia nunca foi super-homem. Essa é a quebrada... Onde corre... sangue pela calçada. Onde mãe chora, pela lágrima... de quem já se foi. Não tem lugar pra desaguar, porque o mar está longe. Essa é a quebrada. Onde os cara fuma crack na quina, pivete joga bola perto. Porque os polícia não puxa o bonde. Essa é a quebrada. Onde estão o patrão. (...) Que não tem atitude pra cobrar. E quando cobra é de sujeito que era sangue bom. Essa é a quebrada, tá ligado? [para de rimar]

Então isso aí é desse jeito...

Mas a quebrada te ensina, a quebrada te cria... A quebrada te faz sujeito homem. Entendeu? Essa é a quebrada. No centro não. No centro é pomba rolando. (risos)<sup>208</sup>

Assim, segundo Doidera, a quebrada pode ser demarcada por fronteiras concretas, através da desigualdade social, pois é onde estão aqueles que são pobres, os trabalhadores, onde está prioritariamente estruturado o tráfico de drogas e onde há maior violência policial. Ao mesmo tempo, a quebrada é delimitada de modo simbólico: a quebrada significa também violência e sofrimento, mas ao mesmo tempo é afirmação, onde se efetivam enquanto sujeitos na sociedade, tal como a compreendem. Por isso, a “quebrada” ensina e cria. A quebrada se opõe necessariamente ao centro, pois é um lugar de sociabilidades bastante próximas em que estão “os mais chegados” e, em decorrência disso, se é mais propício à organização de redes de solidariedade mais densas.

Para esses jovens, ser de uma quebrada é fazer parte de um lugar e se identificar com aqueles que fazem parte dela, e, também, em outro nível, em relação aos que fazem parte de outras quebradas. Portanto, fazer parte de uma quebrada diferente, não é necessariamente algo negativo, pois o que tem maior força é se entender enquanto “periférico”. Neste sentido, talvez possamos dizer, que a quebrada se aproxima analogamente do que Kevin Lynch define como bairro, que, não se restringe apenas aos limites do que seria a uma noção de bairro como divisão administrativa, tal como nas cidades do nosso país. Na prática, o que as pessoas consideram como bairro não se dá apenas nesses limites, mas a partir de referências comuns que permitem que seja percebido como alguém que vive um mesmo lugar. Talvez, por isso,

---

<sup>208</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016, Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.



em alguns momentos “periferia” e “quebrada” sejam termos que se confundem, embora não sejam a mesma coisa.

**Zonas** – Em Uberlândia, é usada a nomenclatura oficial de setores, que é dada, segundo a localização geográfica, para determinadas junções da área de bairros da cidade. Contudo, pude perceber que quando os jovens se referiam a esses lugares se referiam a esses setores como “zonas”. Neste sentido, quando afirmavam que faziam parte de uma zona da cidade, percebia ligação dessa expressão com significações desenvolvidas pelo movimento hip hop da cidade de São Paulo – onde, se não foi o lugar onde o rap se difundiu inicialmente no Brasil, certamente é onde se encontram a maior parte das referências desses jovens. Assim, entender-se como sendo da Zona Norte, em Uberlândia, quer dizer fazer parte de uma rede de sociabilidades em que fazem parte tanto os que moram no bairro Esperança, como aqueles que moram no bairro Pacaembu. Por vezes, ser de uma zona da cidade, em nível diferente do bairro, quer dizer também ser de uma quebrada.

**Picos** - Um pico é um lugar de encontro. Tal como costumam definir os jovens do rap e do graffiti: um lugar agradável, onde podem acontecer atividades de sociabilidade e diversão. Nem sempre o que é um pico para um grupo, é um grupo para outros. Por exemplo, um lugar pode ser pico para aqueles que preferem os bailes funks, mas pode não ser para aqueles que preferem frequentar eventos de rap. Para o pessoal do graffiti, um pico é ainda lugar onde seu trabalho vai ser visto e reconhecido por aqueles que são “parte do movimento”, assim, não é apenas ponto de encontro presencial, mas onde se comunicam através de seus símbolos em muros e paredes que pela sua localização têm, para esses jovens, um certo valor.

**Rolês** - Um rolê para os jovens é, em certa medida, circular pela cidade. Esses jovens, em geral, atravessam por pontos diversos da cidade para exercerem suas sociabilidades. Dar um rolê pode incluir passar pela casa de um amigo que mora em outro canto da cidade, pelo centro da cidade para encontrar os seus ou simplesmente passear, num *shopping*, pelo Teatro Municipal, em pistas de skate... Na analogia com Magnani, seria equivalente ao trajeto, mas com um adendo de que se constitui por essa característica nada rígida desses jovens em moldá-lo. Abarca um campo comum de referências sobre esses certos lugares da cidade, mas,

ao mesmo tempo, se amplia pela grande capacidade de circulação desses grupos entre os diferentes pontos de encontro.

## 2.4 - Seguindo o fluxo de uma cartografia possível da cidade para os jovens

**Johny:** Mas assim... a maioria dos eventos são esses. É periferia. Dom Almir, Shopping Park, Canaã... é... Esperança... é mais pra esses lado, entendeu? Os rolês são os... Mais os fluxos do funk como se dizem aí. Fluxos do funk. Na rua mesmo. (risos)<sup>209</sup>

“Seguindo o fluxo”, é assim, que os jovens ligados ao funk, costumam se referir a quando saem para circular pela cidade em busca de divertimento. Ao mapear os picos da cidade, entre centro e quebradas, essa perspectiva de movimento auxiliou a identificar a constituição de circuitos articulados por jovens da periferia.

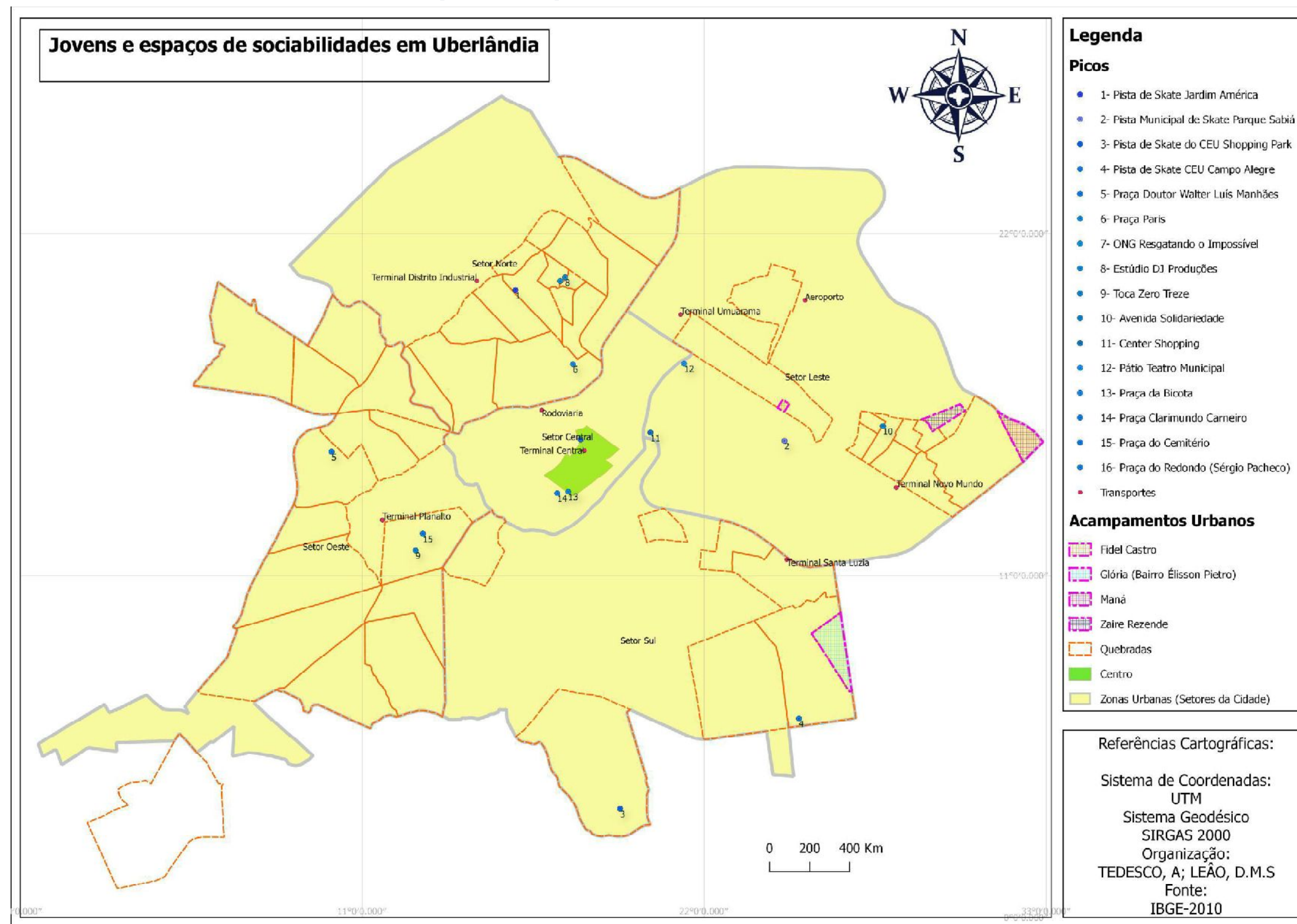
No movimento da pesquisa procurei mapear quais seriam os lugares de encontro desses jovens cidade: os chamados picos. Esses picos se efetivam em diferentes locais da cidade, entre centro e periferia, onde podem se averiguar diferentes ritmos, relações e práticas de sociabilidade. A disposição dos picos que foram identificados pela cidade pode ser visualizada no mapa localizado na próxima página.

Todavia, conforme mencionado, esses locais para a pesquisa foram apenas pontos de partida. Identificar e analisar os rolês e fluxos desses grupos de jovens é que permitiu compreender os inúmeros processos de identificação e exclusão que vivenciam em Uberlândia.

---

<sup>209</sup> SOUSA, Johny Magalhães. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Mapa 4 - Jovens e espaços de sociabilidades em Uberlândia. 2016.



Fonte: TEDESCO, A.; LEÃO, D.M.S. Acervo da pesquisa (2016).

#### 2.4.1 - Seguindo o fluxo: centro da cidade

O processo de descobrir novamente a cidade, a partir das experiências dos jovens, revelava constantemente algumas surpresas. Antes de entrar em contato com alunos que estudavam numa escola estadual do bairro Jardim das Palmeiras, não havia percebido que o lugar que eu conhecia como Teatro de Arena, localizado na Praça Sérgio Pacheco, era chamado, por um significativo número de jovens, de Praça do Redondo.

A chamada Praça do Redondo para diversas juventudes (como *rappers*, grafiteiros, punks e adeptos do *hardcore*, entre outros) é um ponto de encontro na cidade. Nos fins de tarde, durante a semana, à medida que o sol se esconde é possível ver que grupos pequenos de jovens, pouco a pouco, chegam ao local para se sentarem nas arquibancadas. Alguns andam de skate; outros praticam o esporte de transposição de obstáculos urbanos de origem francesa, chamado Parkour; certos jovens estão ali apenas para encontrar com outros grupos de gostos semelhantes; e outros estão de passagem para fumar (substâncias lícitas ou não). Casais de namorados, em geral, com roupas que remeteríamos a estilos como o rap ou hardcore tiram um tempo para ficarem sentados nas arquibancadas.

Na disposição do espaço, cabe notar, que em sua parte murada, e em menor grau nas arquibancadas, se verifica o aumento gradativo de grafítis e pixações, que às vezes se combinam, se cruzam ou se confrontam – percebendo-se, às vezes, a ocorrência do chamado “atropelo”, que é quando um grafiteiro ou um pixador passa por cima do trabalho de outro, o que se considera uma grande afronta àquele que inicialmente pintou essa parte do muro.

Quanto à localização, o mapa da cidade determina que os limites da Praça Sérgio Pacheco se dariam desde as imediações do Terminal Central até seu encontro com as Avenidas Fernando Vilela, Monsenhor Eduardo e Brasil. Contudo, para esses jovens, isso não se efetiva do mesmo modo, sendo que o diferencial desse ponto da praça, em que é atribuído o nome Redondo, se dá por dois aspectos.

O primeiro seria pela própria estrutura do Teatro de Arena que é composto por uma forma circular, tendo arquibancadas semicirculares que convergem para um muro, também semicircular, onde se situa o palco para apresentações musicais e artísticas.

O segundo elemento se caracteriza à medida que, essa parte da Praça Sérgio Pacheco, não seria, na visão desses jovens, parte do mesmo espaço, uma vez que se encontra segmentado por uma via que dá acesso à Avenida João Pessoa, que após suas imediações seguiria sentido ao bairro Presidente Roosevelt e ao setor norte da cidade. Tal característica decorre das sucessivas modificações realizadas na praça a mando de prefeitos nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Inicialmente concebida de forma integrada, portanto, sem a divisão de ruas atual, a praça passou por diversas transformações em decorrência de intrigas e divergências de concepção entre esses representantes das elites locais<sup>210</sup>. Essas disputas

---

<sup>210</sup> Alguns elementos de um documento da política de preservação de memória do município, a partir de um levantamento efetuado pela PMU, por volta de 2006, revelam algumas características do espaço do Teatro de Arena e como ele passou por uma série de modificações até adquirir as suas características atuais: “O terreno onde hoje se encontra a praça (Sérgio Pacheco), corresponde à área onde foi instalada a Estação de Ferro Mogiana, em 1895, que na época distava, aproximadamente, seis quilômetros do primitivo núcleo de Uberlândia. O desenvolvimento comercial e a expansão da cidade para terrenos acima da linha do trem, na direção Noroeste, fez com que essa passasse a ser um empecilho e um perigo para a população. Assim, em 1970, a Estação foi transferida para outro local e a Prefeitura Municipal de Uberlândia, através de um convênio, com a proprietária do terreno, Cia Mogiana de Estradas de Ferro, recebeu a cessão de uso do pátio ferroviário, por 99 anos. Segundo a quarta cláusula do convênio, a área deveria ser usada para fins cívicos ou sociais. O terreno tornou-se palco de uma intensa disputa de grupos políticos quanto ao destino e projetos a serem implantados – e, até mesmo quanto ao nome a ser dado - representados pelos dois prefeitos que se revezaram no poder municipal em quatro mandatos sucessivos: Renato de Freitas (1967 a 1970 e 1973 a 1976) e Virgílio Galassi (1971 a 1972 e 1977 a 1980, estendido até 82). São conhecidos quatro projetos para a praça: o primeiro constitui-se de um de estudo de autoria do arquiteto João Jorge Coury, realizado em 1962, em parceria com o arquiteto José Geraldo Camargo e o engenheiro civil Rodolfo Ochoa, a pedido do então prefeito Raul Pereira, designado como Ante-Projeto – Plano de Urbanização, quando a transferência da Estação Ferroviária já era tema de debate. O projeto constava de Prefeitura, Câmara Municipal, Fórum, Coletorias, Cartórios, Catedral, Teatro, Estação Rodoviária, além de resolver questões de tráfego. O segundo projeto foi realizado por uma equipe de profissionais da cidade, formada pelos arquitetos Elifas Lopes Martins, Arlem José Simão, Paulo de Freitas e os engenheiros Rodolfo Uchoa e Marônio de Menezes, durante a primeira gestão do prefeito Virgílio Galassi. Em janeiro de 1973, nos últimos dias de seu mandato, a execução do projeto foi aprovada pela Câmara Municipal (Processo n. 3356/Projeto n. 3327) e o prefeito construiu dois viadutos planejados para fazerem as interligações rodoviárias e as passarelas para pedestres assegurando assim, de alguma forma, a sua conclusão pelo próximo prefeito. Ao assumir o poder em 1973, o prefeito Renato de Freitas obteve da Câmara Municipal aprovação para um reestudo da praça e convidou o arquiteto do Rio de Janeiro Ari Rosa, que se responsabilizou pelo projeto urbanístico, em parceria com Burle Marx que executou o projeto de paisagismo. A praça com anfiteatro ao ar livre, grande lago com peixes e plantas aquáticas, 1.000 árvores, pista para bicicleta, ringue de patinação, caixas de areia e bancos, foi inaugurada em novembro de 1976. Da mesma forma que Renato de Freitas em 1973 ignorou o projeto que havia deixado, Virgílio Galassi, ao tomar posse em 1977, também decidiu questionar e modificar a obra que acabava de ser inaugurada, retomando parte de seu projeto anterior. Os aterros que



política interviam, portanto, no espaço socialmente construído, mas, por outro lado, não conseguiam inviabilizar que, a partir das próprias restrições impostas (como a dificuldade de se deslocar do núcleo principal da praça para o Teatro de Arena), isso estimulasse que o espaço se tornasse referência para determinados grupos da cidade – especialmente os jovens, desde pelo menos a década de 1990 com as primeiras apresentações de breakdance e rap.

Assim, Artur, membro do grupo Quartel General MC's e mais conhecido nos círculos do rap como MC Patolino, descreve a Praça do Redondo, como um dos lugares que pôde pela primeira vez cantar em batalhas de rimas, através de um evento chamado “Rima na Praça”:

**Artur:** A gente... no começo, as batalhas que eu quando eu cheguei pra batalhar, era as batalha que a gente fazia mesmo e... a batalha da... do Rima na Praça, batalha do Redondo, tinha. Tinha a batalha da... a batalha da esquina, que eu acho que foi a Batalha da Esquina.<sup>211</sup>

Não seria de menor importância analisar o movimento que Artur faz dessa trajetória. Inicialmente, participava de círculos mais restritos a seu bairro, mas ao participar da batalha de MCs na Praça do Redondo, se inseriu numa rede mais ampla, tal como se evidencia na afirmação de Gabriel, o China, seu parceiro no grupo: “O Artur foi primeiro que eu a ter coragem de por as cara pra rimar...”.

Nesse sentido, “por a cara pra rimar” significava se expor nas batalhas com a presença de jovens de vários cantos da cidade. Ao passar por essa situação, e participar de outras batalhas, Artur destaca que começou a almejar outros horizontes. Primeiro pensou em gravar

---

propiciavam a acústica do teatro de arena foram eliminados, o lago foi desmanchado e, no seu lugar, foi construída uma quadra, caminhos e canteiros; os viadutos que haviam sido “disfarçados” foram evidenciados pelas vias que foram abertas, seccionando a praça. Em 1995, na gestão do prefeito Paulo Ferolla (1992/1996), a praça sofreu nova remodelação com a construção de um campo de areia para futebol society, uma quadra de vôlei e peteca, cinco mesas de jogos; os bancos de madeira foram substituídos por bancos de alvenaria e a quadra poliesportiva foi iluminada. A praça tem passado por reformas de seu paisagismo e recebido equipamentos para adequação a novas necessidades. A intervenção mais significativa dos últimos anos, no entanto, foi a construção do Terminal Central de Transporte Urbano “Paulo Ferolla”, inaugurado no início da gestão seguinte, em 1997, na área central, entre as avenidas Afonso Pena e João Pinheiro”. Cf. UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. **Inventário de produção do acervo cultural:** Praça Sérgio Pacheco. Uberlândia: PMU, 2006. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/5586.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/5586.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

<sup>211</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.



sozinho, e, finalmente, optou por criar o grupo de rap, inicialmente com Gabriel, que hoje tem 4 participantes. Portanto, para o grupo, há o entendimento de que o marco de surgimento do Quartel General MC's se confunde com as suas trajetórias individuais, tendo como marco o momento que Artur começa a participar das batalhas no centro da cidade.

Para outro jovem, Felipe Leles, a Praça Sérgio Pacheco guarda um significado especial. Emocionado, fala sorrindo e com gestos, como que, durante um de seus passeios de skate com os amigos, descobriu o que era o graffiti:

**Diego:** [...] queria que você me contasse sobre sua trajetória... Com o graffiti.

**Leles:** Trajetória? Bom... Eu, como eu sempre andei de skate assim, convivi bastante... com... no meio do skate, a gente sempre vai nas pistas e vê muito graffiti, pixação, assim. A gente (...) na rua. Então eu via e já me interessava muito então. Mas depois que eu... comecei a ter um interesse maior, quando eu vi, um... vi como um amigo meu fazendo de nugget, aqueles de engraxar sapato... Fez um enorme assim! Na caixa d'água lá no... na praça Sérgio Pacheco. Fez um grandão de nugget assim e eu... fiquei "Cara, o que que cê fez? Que doido! Não sei o quê...". Fiquei, sabe? Admirado com aquilo lá que ele fez. Grandão assim! De dia, num domingo. E eu fiquei "Nossa!". Aí eu me encantei com aquilo

Demonstrando os múltiplos processos de significação desse local para os jovens, da cidade, o grupo Resistência Rap, que realizou eventos de hip hop no Teatro de Arena entre os anos de 2013 e 2015, receberia recentemente do gabinete da Secretária da Cidadania e da Diversidade Cultural, Ivana Bentes<sup>212</sup>, a certificação do espaço do Teatro de Arena como Ponto de Cultura. Na página do Ponto de Cultura na internet, o grupo justificava a necessidade de tal certificação com a seguinte argumentação:

O Espaço Entitulado 'Teatro de Arena', é muito conhecido pela Cultura Hip Hop e suas vertentes, pois desde a década de 90, é espaço dos Encontros de RAP, então buscamos resgatar este espaço, que se tornou um Marco do Hip

---

<sup>212</sup> Cabe notar que a referida secretaria foi extinta pelo governo interino de Michel Temer (PMDB), mediante o afastamento da presidenta Dilma Rousseff (PT) em abril de 2016. Do mesmo modo, se empreendeu uma tentativa de extinção do próprio Ministério da Cultura (MinC) ao qual era vinculada. Mediante a mobilização popular, em especial de artistas e outros grupos ligados à produção cultural, o governo interino acabou recuando e reinstituindo o MinC. Todavia, neste momento há uma farta crítica sobre aspectos que ao ver desses grupos, mediante a perspectiva conservadora do governo interino, poderiam resultar em retrocessos para a área cultural.

Hop em nossa Cidade e Culturalmente esta revitalizando o espaço para ser um local de Cultura para outras áreas. E isso esta acontecendo de forma natural<sup>213</sup>.

Assim, o grupo afirmava, diante destes elementos, a necessidade de “resgatar o espaço”. Tais palavras, num primeiro momento, poderia nos levar a pensar que se assentaria na mesma perspectiva de patrimônio cultural enquanto preservação, contudo, por outro lado, coloca outros elementos relacionados à produção de uma memória alternativa. Para o grupo, o espaço é o local conhecido pela “Cultura Hip Hop e suas vertentes” da cidade, lugar de encontros de rap desde os anos 1990. O espaço aparece ainda relacionado a esse tempo da memória, reivindicando seus sentidos para ser reconhecido institucionalmente pelo Estado como “local de Cultura” para “outras áreas”. Caracteriza-se, assim, uma intervenção no espaço motivada a partir das possibilidades abertas pela política pública do governo federal que instituiu os pontos de cultura e que permitiu com que o grupo pudesse reivindicar essa condição para o espaço – ao contrário das concepções políticas de preservação cultural do município. Deste modo, se o grupo afirma “que isso está acontecendo de forma natural”, não o afirma com intuito de colocar a ação dos sujeitos envolvidos tal como um processo no âmbito da natureza, mas de realçar o significado do movimento cotidiano da praça que se efetiva pelos diversos grupos que a frequentam.

É significativo para nós, esse denso processo de construção da memória social, em que diferentes referências, concepções e valores são atribuídos para aquele lugar. Se na cartografia dura dos mapas oficiais da Prefeitura é só mais um equipamento cultural de uma praça, esse mesmo lugar se revela com diferentes significados, valores e lembranças para Felipe Leles, para os jovens do grupo Quartel General, ou para os integrantes do grupo Resistência RAP.

Tais considerações me fazem recordar Portelli, que ao se debruçar sobre as memórias daqueles que sobreviveram ao massacre na pequena italiana de Civitella<sup>214</sup>, ocorrido durante a

---

<sup>213</sup> COLETIVO MUSICAL RESISTÊNCIA RAP. Praça Sérgio Pacheco – Teatro de Arena. Disponível em: <http://culturaviva.gov.br/agente/610/#tab=sobre> Acesso em: 30/07/2016.

<sup>214</sup> PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chianna (Toscana: 29 de junho de 1944) mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 103-130.

Segunda Guerra Mundial. Portelli, percebe, a princípio, um incômodo geral dos habitantes atuais da cidade, pelo que parecia ser uma “memória coletiva” da cidade sobre o massacre, dentro da qual se atribuía culpa aos jovens que participaram da Resistência, devido a retaliação que fizeram os alemães que, por isso, teriam reagido de modo violento. Contudo, esse autor ao se deter sobre sua investigação verifica uma série de elementos que não permitiriam tais tipos de simplificações. Entre eles, as próprias considerações dos sobreviventes que expunham diferenças tais como enxergavam a Resistência de acordo com seu papel local ou nacional. Além disso, Portelli constata que os próprios depoimentos dos sobreviventes se transformavam com o tempo. Veríamos então, o que chama de uma memória dividida, portanto, social e compartilhada.

Essas colocações de Portelli lançam luz para compreendermos os diferentes processos de constituição de memória nos lugares da cidade. Longe de serem lugares meramente compartilhados, as relações com esses lugares se efetivam mediante os diferentes modos de se relacionar com esses locais, o que não quer dizer, contudo, que sejam meras experiências individuais.

### **Praça do Redondo (ou Teatro de Arena da Praça Sérgio Pacheco)**

**Figura 8 - Visão aérea da praça Sérgio Pacheco no centro de Uberlândia.**



Foto: SECOM/PMU. s/d.

**Figura 9 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia, 2013.**



Foto: SECOM/PMU (2013).

Evento de forró realizado pela Secretaria Municipal de Cultura em 2013 na Praça do Redondo.

**Figura 10 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia. 2015.**



Fonte: Registro do evento, i9 Fábrica de Imagens. Foto. (2015).

Evento “A Resistência RAP” realizado em 2015 na Praça do Redondo.



Figura 11 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia. 2015.



Foto: i9 Fábrica de Imagens. 2015.

Evento “A Resistência RAP” realizado em 2015 na Praça do Redondo.

Figura 12 - Detalhe de poema em arquibancada do Teatro de Arena/Praça do Redondo. Centro de Uberlândia (2016).

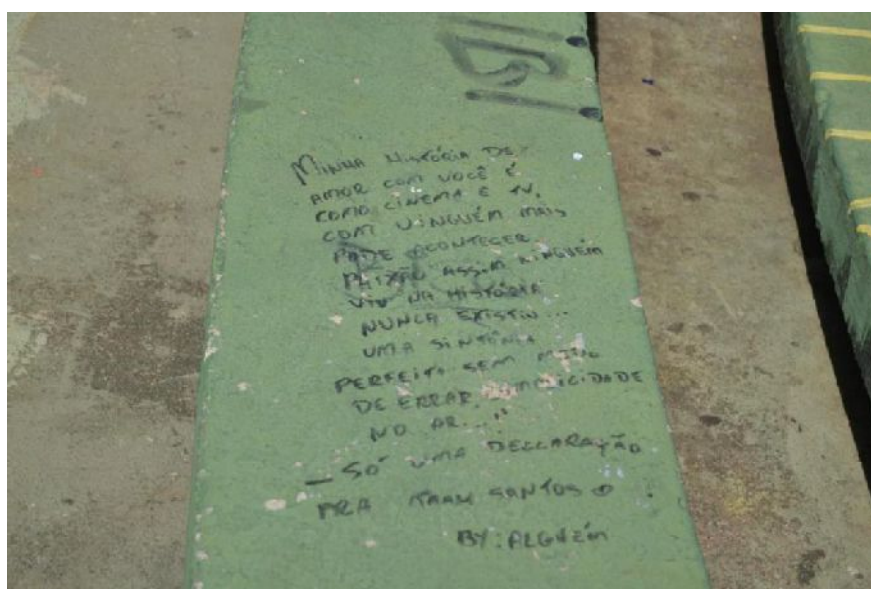


Foto: Diego Marcos Silva Leão. Acervo da pesquisa (2016).

Poéticas da cidade ou “só uma declaração”. Poema em arquibancada da Praça do Redondo (ou Teatro de Arena da Praça Sérgio Pacheco), setor central de Uberlândia

Figura 13 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia, 2016.



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).

Lado A: A Praça do Redondo como um pico de pixações.

Figura 14 - Teatro de Arena/Praça do Redondo, centro de Uberlândia, 2016.



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).

Lado B: A praça do Redondo como pico de graffitis? Ou intervenção urbana de jovens permitida?



Seguindo o mapeamento dos picos onde se encontram os jovens pela cidade, próximo à Praça Sérgio Pacheco se localiza o Terminal Central. O Terminal Central foi inaugurado em 1997, durante a gestão de Virgílio Galassi, como projeto desenvolvido a partir da noção de Transporte Integrado concebida pelas elites locais.

Diariamente circulam por esse terminal grandes quantidades de pessoas, incluindo milhares de jovens que se direcionam a trabalhos em empresas de *call centers* locais. As plataformas de ônibus para esses locais de trabalho costumam ser bastante concentradas em várias partes do dia.

Em outras plataformas, é possível ainda ver jovens de diversas idades pelas manhãs e, em vários períodos do dia, se deslocando para escolas e universidades. No segundo piso, após uma escadaria, é possível ver jovens que prolongam a passagem no Terminal para fazer com que se torne, para além de local de passagem, também ponto de encontro com colegas e amigos que vêm de outras escolas, bairros e trabalhos. É interessante notar que, em geral, esses jovens não saem, a não ser pelos 15 minutos permitidos, da área de ônibus do Terminal, a qual é dividida, por catracas, da outra área do prédio que contem lanchonetes, lojas e outros estabelecimentos comerciais. O motivo dessa não saída seria principalmente para evitar que tivessem que pagar outra passagem de ônibus.

Entre os jovens que se dirigem diariamente ao Terminal, como ponto de acesso a seus trabalhos, está Artur, que, no momento da entrevista se encontrava empregado na empresa Callink. Os parceiros de Artur do grupo Quartel General, costumam destacar que ele sempre se atrasa para os ensaios, em decorrência do tempo de seu trajeto entre o trabalho e o bairro Pacaembu, Zona Norte da cidade:

**Hudson:** Todo mundo sai cedo [do trabalho] e nós tem que esperar o... o nosso mano Patolino sair do trampo...

**Ulisses:** Sempre atrasado! Sempre atrasado! Sempre!

**Hudson:** Às dez horas, sempre atrasa.

**Ulisses:** Sempre!

**Hudson:** Eles sempre chega onze! Chega com fome ainda.

**Gabriel:** Aí a gente... tipo...

**Artur:** Os cara marca o ensaio dez hora, eu saio do trampo dez.

**Gabriel:** Não, véi... Nós marca dez e meia.<sup>215</sup>

Assim, para além de uma questão específica, a situação vivida por Artur aponta para um aspecto da dinâmica vivida pelos jovens de Uberlândia que participam de grupos de rap, mas que têm que conciliam essas atividades com o trabalho remunerado em empresas da cidade..

Ainda no centro, a Praça Rui Barbosa – que é conhecida popularmente por Praça da Bicota devido a uma sorveteria com esse nome ali situada – é outro ponto do centro da cidade atualmente muito frequentado pelos jovens, tendo um grande movimento especialmente às sextas-feiras e sábados. À noite nesses dias, é visível uma grande quantidade de jovens de diferentes grupos, classes sociais e locais da cidade. Assim, enquanto roqueiros vestidos com roupas pretas estão num canto da praça e tomam vinho barato, em outro é possível ver jovens que dançam funk e grupos ligados ao hip hop.

A Batalha da Bicota é um dos eventos que, em duas ocasiões ocorreram durante o ano de 2016. Em geral, o evento tem como principal a atração, os duelos de MCs sem utilização de equipamentos de som. Na segunda edição do evento, realizada no dia 22 de maio, uma cena inusitada ocorreria: devido ao grande número de participantes a batalha teria que ser realizada em frente à Igreja do Rosário, ao lado da Praça da Bicota. A ação cultural daqueles jovens incidia duplamente: por um lado, deixava ainda mais evidente a presença de juventudes de bairros onde vivem famílias de trabalhadores e trabalhadoras, e, por outro, fazia com que vários tempos se mobilizassem nos sentidos simbólicos no desenvolvimento da ação. De modo a caracterizar a diversidade do caráter do evento, compartilhavam o espaço estudantes de universidades, professores e várias pessoas que circulavam nas intermediações – chegando por curiosidade para entender o que acontecia de diferente no lugar.

Aquela situação teria ainda uma significação histórica, pois, em certo sentido, a Igreja do Rosário significava a oficialidade das políticas de preservação cultural conservadoras. A

---

<sup>215</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Igreja fôra, a princípio construída com tijolos de adobe como espaço destinado aos cultos, missas e outras atividades religiosas de negros católicos que se libertaram da escravidão no final do século 19. À medida que, nas primeiras décadas do século 20, a área do centro da cidade era ocupada por famílias das elites locais, estas passaram a se incomodar com a forma da edificação, e se mobilizaram para construir outra capela. Naqueles tempos, em que se impunha nas cidades brasileiras um projeto de modernização nos termos de ampliação global do capital monopolista, seria incômodo para as elites, conviver com um prédio que remetia ao velho ou às práticas das camadas populares. Assim, não é à toa que em várias cidades brasileiras nesse período ganham forma as políticas de planejamento para a cidade que se remetiam a concepções associadas ao higienismo social<sup>216</sup>.

Posteriormente, a igreja, se tornando alvo da política de preservação cultural conservadora, atualmente só retorna uma vez por ano às práticas culturais da classe trabalhadora com a Festa do Congado, em que se reúnem diversos grupos da cidade para os festejos.

Porém, durante a Batalha da Bicota essa dinâmica era quebrada e o tempo do patrimônio no sentido da preservação era subvertido por uma juventude que reivindica o direito à cidade, à cultura e à diversão. Esses jovens involuntariamente invertiam os sentidos de uma arquitetura e de um projeto que neutraliza a Igreja do Rosário, no sentido de sua memória da resistência de grupos de negros pobres da cidade, e dentro do qual só se permite as manifestações, como a Festa da Congada como descoladas de suas relações com a história real, e a sociedade nas suas contradições, colocando-as no âmbito da tradição – mesmo a despeito das condições reais do que representa enquanto resistência, no tempo presente, para milhares de pessoas que moram em diversos bairros da cidade adeptas de grupos de Congo. Essa ousadia, parecia demarcar um novo ritmo e movimento para a cidade que já vinha se

---

<sup>216</sup> Cf. Maricato: “As políticas saneadoras, que a julgar pelos discursos e exposição de motivos, se destinavam a resolver problemas sociais de moradores de favelas e cortiços, no Brasil, se ocuparam concretamente, desde o começo do século XX, em retirá-los das áreas mais valorizadas pelo mercado imobiliário, sem nunca apresentar qualquer eficácia em relação à questão social. Foi assim nas reformas urbanas higienistas do início da República, foi assim durante o populismo varguista e foi assim durante o regime militar”. MARICATO, Ermínia. **Metrópole na Periferia do Capitalismo: Ilegalidade, Desigualdade e Violência**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

configurando nos últimos anos. O recado parecia ser: as juventudes da periferia chegaram para ficar<sup>217</sup>.

Figura 15 - Batalha da Bicota. Evento realizado em maio de 2016.



Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Cleber Couto. (2016)

Contra o domínio dos mapas que configuram uma paisagem que se pretende homogênea, destacada entre pontos de um patrimônio cultural supostamente universal, se confrontava, tal como nos denomina Thompson, o termo ausente: a experiência<sup>218</sup>. Para além,

---

<sup>217</sup> Giulio Argan faz algumas considerações a respeito das configurações das relações entre periferia e centro histórico, que podem nos ajudar a pensar sobre as dimensões que o patrimônio histórico e cultural assume em nossas cidades nas suas relações com as práticas de jovens nesse espaço. : [...] deve-se levar em conta que a condição de sobrevivência dos núcleos antigos remanescentes é determinada pela solução urbanística geral e pelos critérios com que se disciplina, em torno do chamado núcleo histórico, o desastroso *periekon* das periferias urbanas [...]. Essa ação não pode ser apenas defensiva ou inibidora, pois está claro que os tecidos antigos não podem ser conservados se tiverem perdido todas as suas funções e, cortados do dinamismo urbano, constituam uma espécie de terrenos envolvido pela desordem e pelo barulho da cidade moderna". ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. Tradução: Pier Luigi Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 77-78. Se a concepção de periferia que trabalharemos se elaborará em outros termos, contudo, Argan nos fornece pistas para pensar práticas de processos novos e emergentes que surgem no centro enquanto lugar histórico e, portanto, em relação ao patrimônio histórico e cultural institucional.

<sup>218</sup> THOMPSON, 1981, p. 189.

de uma versão (idealista) de cultura apenas como ideias, nos defrontamos assim, com uma intersecção entre experiência e cultura – que se verifica nos modos de experimentar e lidar com sentimentos na cultura, como normas, reciprocidades, valores, ou na arte, nas convicções religiosas, e os diferentes elementos da vida social das pessoas.

#### **2.4.2 - Adentrando pelos fluxos de jovens na cidade: cartografias periféricas**

Longe do Centro, alguns dos lugares mais frequentados pelos jovens, tem como principal atrativo as pistas de skate.

Inaugurado ainda na gestão de Odelmo Leão, em 2011, o complexo poliesportivo do Bairro Jardim América, na Zona Norte, é caracterizado pelos jovens como aquele que possui a melhor pista da cidade, motivo pelo qual atrai muitos skatistas, inclusive profissionais, que costumam frequentá-lo. No espaço, apesar de ser um local de prática do skate, chama a atenção, contudo, no local, a quantidade de cores acinzentadas na pintura. Na área próxima à pista de skate uns poucos graffitis quebram o caráter monocromático do espaço.

Para além dos skatistas, o Complexo Esportivo é ainda um ponto de encontro de jovens daquela região e de outros lugares da cidade que vão ali para participar de atividades de lazer e esporte, tais como a prática da capoeira (realizadas num quiosque próximo a pista de skate), para jogar futebol de salão numa quadra aberta ou mesmo para se encontrarem com os amigos. Numa das idas a campo pude ver mais nitidamente algumas das contradições: em uma área se encontravam os skatistas, em geral jovens de pele branca com roupas e equipamentos de alta qualidade e que tranquilamente praticavam o esporte; e entre jovens negros vestidos com roupas mais simples, porém bastante coloridas, que eram abordados por policiais militares, aparentemente sem nenhum grande motivo.

Contudo, nem sempre a pista de skate no Jardim América foi o principal ponto de encontro para a prática do esporte na Zona Norte da cidade. Segundo Maxwell, do grupo Relato Periférico, entre 2000 e 2005, a Praça Clarinda de Freitas, popularmente chamada de Praça Paris, no bairro Presidente Roosevelt era um dos principais pontos de encontro tanto de skatistas, como de rappers: “Ali na... no Roosevelt, na Praça Paris. Tinha a pista de skate lá.

Colava a galera underground, a gente fez muita coisa lá. Tem o palquim lá também. A gente apresentou muito ali”<sup>219</sup>.

A pista em estilo *half*<sup>220</sup>, com uma grande altura, parece ter sido deixada de lado à medida que foram construídos outros lugares para a prática de skate na cidade, tais como no bairro Jardim América (em geral, pistas com diversos tipos de obstáculos). Nas transformações do uso da pista da Praça Paris, atualmente, é possível em alguns dias da semana ver crianças e adolescentes que a usam pedaços de papelão para deslizarem sobre a rampa. Também atualmente, a quadra de esportes da praça tem o futebol como uma prática esportiva que atrai muitos jovens no fim da tarde e no início da noite e em sua parte central é possível ver com frequência grupos de adolescentes se reunindo.

Pude observar, que assim como em praças da cidade em bairros como Santa Rosa, Esperança (setor norte da cidade), Luizote de Freitas, Planalto (Setor Oeste), Santa Mônica (Setor Leste) e Shopping Park (Setor Sul), é possível perceber aumento significativo de pessoas que frequentam esses espaços. Isso decorre de um programa do governo municipal, instituído a partir de 2013, que promoveu a revitalização dessas praças e a construção de academias populares ao ar livre. Ao se tornarem essas praças mais frequentadas foi estimulada a presença de jovens nesses lugares, seja para realização de práticas esportivas ou outras formas de sociabilidade<sup>221</sup>. Assim, Johny Mago relata como considera o efeito de uma reforma feita na praça próxima à sua casa no bairro Santa Rosa, Setor Norte da cidade:

**Diego:** Você acha que o governo ele tem alguma... é... alguma... responsabilidade nisso (em criar espaços de lazer para juventude)?

**Johny:** Tem! Tem em questão, igual eles fez o... a praça aqui com o... como é que fala? Academia! Eu já vi jovem pra caramba ir lá pra malhar.

---

<sup>219</sup> COSTA, M. R. [Entrevista realizada com Maxwel Roberto da Costa]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>220</sup> Estilo de pista de skate curvilínea, com extremidades num nível mais alto e seu centro, em geral, no nível mais baixo.

<sup>221</sup> Em julho de 2016, a gestão municipal distribuiu um material nas residências da cidade em que através de um mapa dos diferentes setores da cidade apresentava as obras concluídas. Pelo menos 20 praças tiveram a criação de academias ao ar livre. Além de outras obras em que foram criados parques lineares e outros espaços para a prática esportiva e de sociabilidade. Esse material está disponível em: [http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/13538.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/13538.pdf) Acesso em: 02/07/2016.



Larga de ir na academia, que é a academia que paga aí, pra ir na academia da praça. Entendeu?

**Diego:** Uhum.

**Johny:** Então... já é um assim... já é um passo diferencial ali do governo. Igual o poliesportivo ali debaixo. Fizeram uma pista de skate... Nervosa lá! Entendeu? Muito grande assim, da hora mesmo. Pros jovem mesmo ir lá se divertir. Mas tem muita coisa também que... que eu acho que é... limita os jovens, né? Que é igual os bai... alguns bairros não tem praça. Eles não foi pra fazer uma praça ali no bairro. E querendo ou não, mesmo quando tem a infraestrutura ali na praça é um lugar pro jovem se divertir, entendeu? Então eu acho que eles tem que... ver isso aí também. Em questão quando o bairro tem um... igual o meu bairro aqui. Ele tinha uma... Tem uma praça ali a muitos anos. Ela ficou muitos anos ali destruída! Com parquinho destruído. Com... tipo... quadra destruída, com os banco... Até os banco pra sentar eles destruíram. Entendeu? Muitos anos daquele jeito, depois que eles veio preocupar pra poder melhorar, pra poder... pra pessoa poder vir fazer uma caminhada, uma corrida, sentar ali, fazer um lanche. Ir lá, bater uma bola um com o outro. Então... o governo já...

**Diego:** Isso foi agora?

**Johny:** O governo às vezes ele é bem falho, mas nessa questão, entendeu?

**Diego:** E foi... foi quanto tempo que... muda... arrumaram a praça?

**Johny:** Ah... eles acabou... terminou de arrumar a praça no comecinho do ano agora se eu não me engano. Começou no... no meio do ano passado. A... as reforma, cabô no comecinho do ano. Tá novinha a praça, entendeu? Mas ela passou mais de se... de cinco ano toda destruída, entendeu? Toda destruída mesmo.<sup>222</sup>

Em 2014, a Praça Dr. Walter Luiz Manhães, no bairro Luizote de Freitas, Setor Oeste da cidade, também passou pelo processo de revitalização promovido pela Prefeitura Municipal, que construiu palco, pista de skate, academia ao ar livre e quadra poliesportiva. Em boa parte do dia, a praça é frequentada por jovens. Muitos de seus frequentadores são estudantes da Escola Estadual Profa. Juvenília Ferreira dos Santos, que se situa na própria praça. É, contudo, no fim da tarde e início da noite que a praça se converte num dos pontos mais frequentados por jovens do Setor Oeste da cidade. Entre aulas de dança, como a Zumba, pessoas praticando esportes, skatistas, se veem jovens do bairro e das adjacências sentados em grupos para conversar em praticamente todos os dias.

Nos muros da escola, é possível ver uma série de grafittis de diferentes cores, sendo que a maior parte deles foram feitos durante uma batalha entre grafiteiros que fez parte de um

---

<sup>222</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

evento chamado Rap In Udi<sup>223</sup>, realizado no dia 22 de março de 2015 pela Superintendência Municipal de Juventude, Secretaria Municipal de Educação, Grêmio Estudantil da Escola Estadual Juvenília Ferreira dos Santos e coletivos de rap, graffiti, break e outros grupos ligados a organizações de bairros<sup>224</sup>. Esse evento contou com apresentações de grupos de rap, batalhas de rima, campeonato de skate e apresentações de dança.

Além da referida praça, outros dois espaços, instalados nos bairros Shopping Park e Campo Alegre (ambos no Setor Sul) durante o mandato municipal de 2013-2016, se tornaram referências para a juventude: os CEUs - Centros de Artes e Esportes Unificados<sup>225</sup>. Ambos os

---

<sup>223</sup> O nome do evento fazia um jogo de palavras entre o nome do *rapper* Rappin Hood e a sigla da cidade “UDI”.

<sup>224</sup> Seria interessante pensarmos na dinâmica de patrocínios do evento, que incluía estabelecimentos de tipos específicos como estabelecimentos que vendiam produtos ligados ao graffiti, ao rap e ao skate, além dos comércios de bairro, como lanchonetes do entorno da praça.

<sup>225</sup> Os CEUs fariam parte de um programa do governo federal realizado a partir de 2010 através do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. Apesar de não possuir nenhuma bibliografia relacionada, há evidências de que foram inspirados nos CEUs – Centros Educacionais Unificados do município de São Paulo criados em 2003 na gestão de Marta Suplicy, então no PT.

Para uma leitura a respeito dos CEUs de São Paulo: PADILHA, P. R.; SILVA, R. **Educação com qualidade social**: a experiência dos CEUs de São Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004.

Assim, como os CEUs de São Paulo, os do governo federal são complexos que integrariam num mesmo espaço: “espaço programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital, para promover a cidadania em territórios de alta vulnerabilidade social das cidades brasileiras”. BRASIL. Ministério da Cultura. **O programa**. CEUS. Brasília: MinC, [s.i.]. Disponível em:

<<http://ceus.cultura.gov.br/index.php/home/o-programa>>. Acesso em: 01 jul. 2016. Os centros podem contar com seguintes equipamentos: biblioteca, cineteatro (48, 60 ou 125 lugares), laboratório multimídia, salas de oficinas, espaços multiuso, Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), além de pista de skate. A gestão dos centros é compartilhada entre prefeituras e comunidades. Em Uberlândia tanto o CEU Olímpio Silva/Pai Nego (Shopping Park) como o CEU Leandro Carvalho (Campo Alegre) por decreto tem estatutos que garantem a representação na gestão de ambos os segmentos. Cf. UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto nº 16.541, de 25 de maio de 2016. Aprova o estatuto do Grupo Gestor do Centro de Artes e Esportes Unificados do Bairro Shopping Park – CEU Olímpio Silva “Pai Nego”, no município de Uberlândia. **Diário Oficial do Município**, Uberlândia, 25 maio 2016, p. 6-10. Disponível em:

<[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/14889.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/14889.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2016.; UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto nº 16.542, de 25 de maio de 2016. Aprova o estatuto do Grupo Gestor do Centro de Artes e Esportes Unificados do Bairro Campo Alegre – CEU Leandro Carvalho, no Município De Uberlândia. **Diário Oficial do Município**, Uberlândia, 25 maio 2016, p. 10-13. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/14889.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/14889.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2016.

CEUs costumam receber um número considerável de pessoas, em especial crianças e jovens. No CEU Campo Alegre, grupos de skatistas e grafiteiros costumam se reunir frequentemente, vindos de bairros como Parque São Jorge e Santa Luzia que são próximos.

**Figura 16 - Evento Periferia in Foco realizado em 02 de julho de 2016 no CEU Olímpio Silva no bairro Shopping Park .**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).

**Figura 17 - Evento Periferia in Foco realizado em 02 de julho de 2016 no CEU Olímpio Silva no bairro Shopping Park.**



No CEU Olímpio Silva “Pai Nêgo”, no bairro Shopping Park, além das atividades realizadas diariamente, ocorrem com relativa frequência eventos ligados ao movimento hip hop que são organizados por membros da CUFA (uma organização existente em periferias urbanas de alguns municípios brasileiros). Em geral, nesses eventos ocorrem apresentações de grupos de rap e break, além de batalhas de rima e campeonatos de skate com premiações. Um dos eventos realizados, que até o início deste ano se chamava “Encontros Periféricos”, e que ocorria em outros espaços da cidade, antes da existência do CEU, passou a ser chamado mais recentemente de “Periferia In Foco”, em uma periodicidade média bimestral. Nestes eventos, é perceptível uma certa relação de contato entre jovens integrantes de grupos que articulam o hip hop na cidade (como a Família Rolê Gringo do bairro Planalto) e grupos mais antigos (como o Complexo do Gó com membros do Bairro Lagoinha).

Voltando aos CEUs propriamente ditos, considero que em termos de estrutura são espaços relativamente privilegiados, e seria preciso refletir sobre outros espaços da cidade que não dispõem de estruturas públicas semelhantes. Lugares onde a carência de equipamentos públicos faz com que outras organizações, nem sempre ligadas ao Estado e ao poder público, cumpram o papel de referência como pontos de encontro e sociabilidade juvenil nos bairros que estão inseridas.

Um desses lugares, localizado no Bairro Esperança, Setor Norte, para além de suas atividades principais desenvolvidas se tornou um ponto importante de referência para cultura hip hop na cidade. A ONG Instituto Resgatando o Impossível funciona diariamente promovendo aulas de dança e oferecendo alimentação e outros cuidados a jovens e famílias da região. No período da noite, após as dezoito horas ela se torna um ponto de encontro de jovens e crianças do bairro, devido até bem recentemente não haver sequer praças naquela área<sup>226</sup>. Frequentada por jovens que participam de grupos de funk, break, rap, danças e até

---

<sup>226</sup> Apenas recentemente foi instalada uma academia ao ar livre no terreno onde futuramente será construída a praça do bairro Esperança. Contudo, podemos inferir que um dos motivos para que, ao fim do dia, a academia ao ar livre do bairro não seja tão frequentada, se dê pela má iluminação do lugar e o fato de que logo ao lado há um imenso terreno vazio.

mesmo por grupos de motoqueiros. Essas pessoas, a maioria jovens, costumam se dirigir no início da noite para a sede da ONG, com intuito de se encontrarem com seus conhecidos.

Em alguns dias da semana, um grupo de dançarinos de break (b-boys/b-girls), chamado Gangsta Squad se reúne no espaço da ONG para realizar seus ensaios. O grupo tem membros de vários bairros da cidade, muitas vezes até mesmo de setores extremamente opostos (como no Bairro Parque São Jorge), ou de outros lugares, também distantes (como os bairros Santa Mônica e o Laranjeiras), além de membros que são moradores das próprias imediações. Recentemente, o grupo realizou um evento numa escola estadual do Bairro Presidente Roosevelt que comemorou seus 4 anos de existência em parceria com o DJ Mamede, que é tido como uma das pessoas que teriam iniciado o break e a cultura hip hop na cidade de Uberlândia durante os anos 1980.

**Figura 18 - Ensaio do grupo Gangsta Squad no bairro Esperança.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Ensaio do grupo Gangsta Squad no Instituto Resgatando o Impossível. Bairro Esperança, Zona Norte de Uberlândia. Junho de 2016.



**Figura 19 - Evento Festival Nós por Nós realizado no bairro Esperança.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Evento realizado no Instituto Resgatando o Impossível no bairro Esperança, zona norte de Uberlândia.  
Agosto de 2016.

**Figura 20 - Graffiti no Instituto Resgatando o Impossível no bairro Esperança**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Intervenção de graffiti feita durante evento realizado no Instituto Resgatando o Impossível no bairro Esperança, Zona Norte de Uberlândia. Agosto de 2016.



Como a ONG Instituto Resgatando o Impossível atua em diversas frentes, em especial na área assistencial, há uma divisão por setores dentro da sua organização interna. Johny Mago conta que cuida da “parte cultural” da ONG, definindo da seguinte forma sua rotina de trabalho na instituição:

**Diego:** Johny, fala pra gente um pouco lá da rotina... lá no... na ONG. Como é que é?

**Johny:** Na ONG... Olha eu tô na ONG de segunda a sábado. Praticamente. Às... não tanto no domingo, só quando tem algum tipo de evento. Mas a rotina lá, cara, é pesada. É... o nome ONG, é um peso muito grande. Como se diz, o Keke, né? Ele é o fundador da ONG, ter... é... ser funcionário de uma ONG é um peso muito grande. Igual eu sou professor e lá eu sou Diretor, Coordenador, coreógrafo... de dança... do... na ONG, né? Toda a parte de dança e cultura é comigo. Entendeu? Então... Quem resolve sou eu. E... lá é assim, primeiro é o fundador, depois o diretor, é... não. É o fundador, o braço direito do fundador, o diretor e eu. A escala é essa. O fundador é o Keke Lúcio, né? Que me ajudou bastante no começim. E a rotina lá, cara, é pesada. É de segunda... Pra mim é de segunda a sábado, mas... pro fundador, cara, é de segunda a segunda. E eles... A gente sai de lá, é... onze hora da... da noite. Meia noite. A gente... Tem de... Tem vez que a gente que... O pessoal chega lá é sete... seis, sete hora da manhã e sai de lá só uma hora da manhã, duas hora da manhã. E tudo pra resolver os pepino, pra poder melhorar as coisa lá. Entendeu? A rotina lá é muito pesada. É de segunda a sexta, na correria, na rua, correndo atrás de papel. Correndo atrás daquilo na prefeitura. Problema aqui, problema de carta, tem que arrumar apresentação. É... E ter que arrumar figurino e tem que arrumar ajuda nas partes burocráticas da ONG. Tem a questão social. Ixe. É mó correria, cara. Então... A rotina lá, cara, é pesadíssima. Tem que... É... Não é pra qualquer um não. Tem neguim que entra ali e num aguenta não. Tem até que já passou muita gente e saiu, que é muito pesado. Cara, lá é... complicado. Mas assim, nada que a gente não acostume, que não afirme na luta, entendeu? A gente não desanima não. Mas é bem cansativo, é bem... desgas... Cansativo e desgastante também. Tem que ter uma mente bem firme, senão cê fica meio doido da cabeça. (risos)

Mas lá é... bem corrido, entendeu? A rotina lá é complicado.<sup>227</sup>

Na rotina que descreve, Johny expõe elementos que permitem refletir sobre o papel da ONG no bairro. Quando se refere à “burocracia” se deve à série de atividades que realiza a instituição. Uma característica que a difere, talvez em certo sentido, de outras ONGs, é que está articulada à Associação de Moradores do Bairro Esperança, sendo seu presidente, o

---

<sup>227</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

chamado “braço direito do fundador”, conforme é descrita a hierarquia da instituição. Neste sentido, a ONG, por vezes, acaba assumindo um papel político de reivindicação de demandas do bairro – a coordenação da instituição reivindica a conquista a instalação da academia ao ar livre e o compromisso da construção da futura praça junto ao governo municipal, por exemplo. Esse papel costuma ser legitimado pelos moradores, por conta dos trabalhos desenvolvidos na instituição, sendo que alguns deles são trabalhadores da própria instituição. Temos assim, o que talvez possamos chamar de fusão entre ONG e movimento social. Lugar onde se canalizam demandas locais, e, ao mesmo tempo, se constitui todo um conjunto de atividades, sejam culturais, ou assistencialistas (“questão social”), que são oferecidas à população<sup>228</sup>.

Ainda no bairro Esperança, um lugar que recebe o fluxo de jovens de várias outras partes da cidade é o Estúdio Família DJ Produções. O estúdio fica a cerca de duas quadras da ONG e além, de Johny também tem como sócio, o DJ Deni Borges. Ao solicitar que Johny me explicasse o que seria o estúdio, ele assim descreve:

**Diego:** E essa questão lá do... do estúdio. Como é que é? E o que você faz no estúdio?

**Johny:** É? No estúdio, cara. Nossa, estúdio é uma história muito longa. (risos)

O nome do Estúdio é Família DJ Produções. Muita gente acha que é DJ (dee jay), porque é "D" e "J", né? Mas não é. É Família DJ(Dê Jota) Produções. Que é a família "D" de Deni, que é meu parceiro, e "J" de Johny que é meu nome. Família DJ produções. Família! Que a gente é uma família lá dentro, entendeu? A produtora é o seguinte. Qual que é o nosso intuito... A gente até

---

<sup>228</sup> No campo da sociologia, Maria da Glória Gohn exerce uma crítica às abordagens que tratam as ONGs que surgem no Brasil, a partir da década de 1990, como algo homogêneo, como se todas participassem da mesma estratégia neoliberal de desobrigar o Estado de atuar na área social. Critica ainda, contudo, as abordagens que proclamam que as ONGs são um sinal da falência do Estado, que seria incapaz de penetrar nas microesferas da sociedade. A seu ver, é preciso ter uma postura crítica em relação a ação dessas organizações e analisá-las em conjunto com outras tendências transformações produtivas ocorridas no Brasil e no mundo a partir do avanço neoliberal. Além disso, é preciso observar as peculiaridades dessas instituições, que, nos anos 1980, nem sempre negam o Estado, mas acabam se tornando interlocutoras de reivindicação de direitos da sociedade, mas que com avanço neoliberal, na década de 1990, passam a ser geridos especialmente por empresas que atuam na chamada área da cidadania social. Assim, o terceiro setor atualmente, incorpora critérios da economia de mercado do capitalismo para a busca de qualidade e eficácia de suas ações. Neste sentido, é preciso acompanhar esse movimento histórico, mas também as peculiaridades dentro desse segmento. GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Rev. Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.

fez um vídeo falando sobre isso aí pra... pra gente deixar claro. Nosso intuito lá não é formar só artista, entendeu? É... A produtora a gente quer formar pessoas com caráter, entendeu? Porque muita gente que a gente trabalha lá, tava na droga, tava roubando, tava traficando, e... Tem o talento de cantar, de tocar um instrumento ou de produzir uma música, de... no caso, tirar um... tirar foto, de fa... de produzir clipes, alguma coisa assim e a gente trabalha tanto na... na... na cabeça da pessoa pra ela poder entender que a vida não é daquela forma, que ela tem outras saída, quanto na questão... é... Né? Como a gente pode falar? Da família. No social da família ali. Porque querendo ou não, a família pesa ali. Se a família não tem aquele... Se não for aquele suporte que ele precisa... É... Ele não tem aonde se... é... se apoiar, entendeu? Ele fica sem apoio, sem... meio perdido. Então a gente tenta trabalhar o lado da família pra gente poder melhorar a situação dele ali dentro. Se for... se não for a condição boa ou se for com problema de... é... como é que fala? De convivência ali dentro. É... na questão da pessoa. Na mente da pessoa, entendeu? Pra ela mudar a ideia dela ali. E... A gente além de ser produtor do cara, a gente quer ser a família dele. Pra ele poder contar com a gente pro que ele precisar. Tanto de questão financeira. É... falta de... alimento, dinheiro, desemprego... É... Em tudo! Em geral. Entendeu? A gente não tá ali só pra transformar ele num artista. A gente tá ali pra ajudar ele em tudo que ele precisar, entendeu? Porque... a gente... assim, tem lá que a gente pegou mais pelo talento. A gente vê "Nó! O menino canta, vamo ajudar ele, o menino". O... a pessoa ali canta e tem o talento e a gente vai ajudar a pessoa. A gente também pega aquela pessoa que tem o talento, mas não tem a condição, entendeu? De ir lá e gravar uma música. De... de... como é que fala? Não tem a oportunidade de... subir no palco pra cantar... É uma pessoa mais humilde... de... de... classe mais humilde. Entendeu? Então assim... Nosso intuito ali, vei... É... Tirar o cara do que é errado. A gente mostrar pra ele o que é errado e não presta. Que ele tem que enxergar o sonho dele e a vida dele, entendeu? Ele tem que fazer a vida dele d'uma forma que ele vai se orgulhar no futuro. Então, o intuito do Estúdio é isso. E agora a gente começou o Estúdio... Com... a gente mesmo. Porque quando a gente começou o Estúdio, eu bebia... É... Bebia muito mesmo, de ficar transtornado e bêbado eu ficava. Ficava transtornado na rua. Era perdido! Nossa! Tava sendo complicado. Eu bebia, eu fumava, eu tinha... é... eu andava com más influências. É... Assim, eu era da rua. Era da rua mesmo. E... ele também. Entendeu? O Deni. Só que ele... é... O Deni eu nem vou falar muito porque eu acho que se... for o caso ele te fala. Igual, o Deni já foi muito mais da rua, muito mais envolvido na rua do que eu.<sup>229</sup>

É interessante notar, na explicação de Johny, a divisão entre tempos que estão marcados em sua vida: existiria o tempo em que estaria “perdido” e o tempo, a partir da mudança de hábitos de vida que acabaram incidindo em seus hábitos de trabalho. Johny fala do tempo “da rua”, e de um período mais recente, em que seu grupo teria conseguido se organizar de outro modo, e que a partir disso, se tornou uma missão também “formar pessoas

<sup>229</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

com caráter”. Para Johny, “ser da rua” é tido como algo negativo, porque simbolicamente representa um tempo da vida difícil, além de se tornar uma referência de memória sobre dificuldades que se enfrenta na periferia, tal como o caso de seus conhecidos que acabaram se direcionando para o crime. Vê-se ainda ênfase de ressaltar que o grupo não se resume apenas às atividades artísticas e profissionais: o intuito é se tornar uma “família” para os artistas. A “família”, para o grupo significa, então, não necessariamente laços de sangue, mas, especialmente, solidariedade, segurança, parceria e conforto.

As atividades do grupo Família DJ Produções não se resumem apenas ao estúdio de gravação. Também participam de vários eventos, contando com DJs, dançarinos e MCs, além de serem organizadores de eventos dentro e fora de Uberlândia. Consideram que o principal estilo musical que trabalham é funk, mas, afirmam que também grupos de rap costumam gravar com eles.

Quando fala dos fluxos que costumam seguir para se apresentarem pela cidade, Johny dá um destaque especial ao que chama de “favela”:

**Johny:** Esperança aqui direto. Vire e mexe tinha. Teve uma época que a gente tava fazendo umas domingueira... no... Esperança. Que todo domingo, todo domingo, nenhum domingo mesmo tava falhando, cara. Tava estourando! A gente fazia aqui na domingueira, fazia eventos normal, sexta, sábado. Chegava no domingo a gente fazia o evento lá... mais que era aberto, mesmo do bairro, entendeu? E começou a vir gente de fora pra curtir, pá, não sei o que. Então tava muito da hora. Então os rolê que a gente... É mais... é... os evento que a gente faz é mais da periferia. A gente faz... funk mesmo. Na... na favela mesmo. Que é o Dom Almir, Shopping Park, Esperança, Canaã... Canaã a gente fez muito evento no Canaã. É... É... Dom Almir, Canaã... No Luizote a gente já fez também uns baile no Luizote.<sup>230</sup>

Nesse fluxo, várias quebradas se encontram, sendo que é interessante notar a citação recorrente, quando se fala de funk, do bairro Dom Almir. A principal avenida desse bairro é um pico para os jovens funkeiros, devido a nela se localizarem duas casas de shows que privilegiam o funk como gênero musical: a Via Show e a Black Eventos. Aos sábados à noite, especialmente, a movimentação de jovens de vários cantos da periferia da cidade é enorme.

---

<sup>230</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Além de tais eventos realizados em locais fechados, também haveria os eventos feitos no próprio bairro Esperança, abertos ao público e que receberiam jovens que vinham de outros fluxos e de outras quebradas da cidade.

De modo geral, as palavras de Johny revelam todo uma série de movimentações e fluxos que são específicos de determinados grupos de jovens que são moradores da periferia em Uberlândia. Todavia, essas movimentações não se restringem às áreas delimitadas enquanto periféricas e adquirem outras conotações quando confrontadas com a noção de centro.

### 2.4.3 - Outros fluxos entre periferia e centro

Ainda em 2015, quando foram impedidos de realizar uma das batalhas no Teatro Municipal, Bruno e seus parceiros tomaram a decisão de mudarem o fluxo e fazerem eventos na sua própria quebrada.

**Bruno:** Aí eu comecei a realizar aqui na quebrada que é a Batalha da Z.O. ali na quadra de esportes, do cemitério.

**Doidera:** Aí que foi o que, o mais interessante foi isso e as pessoas que estavam lá e acompanhando nosso trabalho, viu nossa dificuldade que nós passamos: "num vamo parar! Vamo lá". "Vamo na Z.O.!"<sup>231</sup>. Os cara pagava pra vim aqui pra colocar os equipamento, nós faz uma venda de skate aqui, então vamo andar de skate lá. Tem a quadra que os skatista pode vim pra andar de skate ali, entendeu? Pode tomar um açaí também na quebrada. Pá, então vamo pra lá. E o povo num deixou falando e vem visando a Zona Oeste.<sup>232</sup>

Seria relevante notar a inversão de fluxos que os jovens efetuaram: Assim, se num primeiro momento, o Teatro Municipal era o melhor lugar ocorrerem as batalhas, devido à intensa circulação de jovens no local, num momento posterior, devido às dificuldades e restrições impostas para utilizar o espaço, então o grupo se rearranjou. Retornam então ao seu

---

<sup>231</sup> Z.O. é uma sigla para Zona Oeste. A Batalha da Z.O. costumava ocorrer, entre 2015 e 2016, na quadra de esportes do Cemitério Bom Pastor, com periodicidade de cerca de dois meses entre um evento e outro.

<sup>232</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016, Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

bairro (à sua quebrada) e nos momentos em que ocorriam as atividades organizadas na Praça do Cemitério, no bairro Planalto, aquele lugar se transformava em ponto de encontro para um número significativo de jovens de diferentes pontos da cidade<sup>233</sup>.

Bruno e Doidera vão travar um interessante debate a respeito de qual seria o melhor lugar para o tipo de eventos que realizavam:

**Diego:** E... de evento. O que vocês preferem fazer? É... no centro, ou ali pro Teatro Municipal, ou seria pra cá? O que vocês acham? Quais as diferenças?

**Bruno:** É... se for falar de diferença assim porque... dependendo da resposta vai soar de um jeito meio assim (risos), mas não tem como cê num falar um bagueio da quebrada, né?

**Doidera:** A quebrada...

**Bruno:** Eu num quero ficar fazendo só aqui na quebrada, eu quando tiver oportunidade de tá chegando em outros locais eu não vou querer nem saber...

**Doidera:** Porém, é o seguinte, né? A gente vê...

**Bruno:** Vou chegar junto, sempre dar o apoio, mas... num é só falando que eu quero fazer só na quebrada, mas aqui a galera abraça bem mais a causa... dá sempre mais o apoio...

**Doidera:** Mas a visão de fazer no centro também é bom. Não é ruim fazer no centro (...) Entendeu? Nunca falamos isso, bem até pelo contrário...

**Bruno:** Eu só acho...

**Doidera:** O povo de lá é até diferente dos que o povo que vem aqui, entendeu?

**Bruno:** Outro público (voz baixa)

**Doidera:** É. Até vem sendo melhor, não é assim ruim... porque assim, certas formas, tá ali, ó, quem tá ali passando, para já vem, entendeu? Então muitas vezes atra... atrai mais pessoas... entendeu? A conhecer o movimento. Mas que assim, eles vê um pouco pra nós, olha que eles vê uma batalha! Eles: "Que que é isso? Todo mundo rindo, gritando? Vou lá ver, não é não?". Aí hora que eles vai lá ver é o rap, mas é o rap, né? Por... como é que fala entretenimento.

**Diego:** Legal.

**Bruno:** Pessoa curtir. [pausa] Mas nas partes periféricas assim é...

**Doidera:** De quebrada, uai!

**Bruno:** Na quebrada é uma coisa, agora no centro é outro.

**Doidera:** Cê pode falar assim que cê (...) licença, entendeu? Sua formação, sua postura é outra. Cê é MC cê vai chegando no centro, cê vai ver o povo nó... "como assim?". Aí cê tá na quebrada, aí cê nó "Licença pra chegar aí, família? Paz! Salve aí!" Entendeu? Pra comunidade. Aí eu mando um salve, entendeu? Cê flagra alguém já manda um salve. Já chega o primo, já aperta a mão. No centro não, já... vai muito desconhecido. Cê vai na quebrada, cê

---

<sup>233</sup> Além disso, o grupo realizou em algumas ocasiões o evento chamado Hip Hop Sessions, durante o ano de 2016, na sede da ACCIPEN, uma ONG situada no bairro Luizote de Freitas. Esses eventos sempre tinham, além das apresentações de MCs locais, as batalhas de graffiti, que reuniriam um número considerável de grafiteiros da cidade. Além disso, em algumas ocasiões, grupos de outras cidades e estados também tiveram participações especiais.



tem mais conhecido, entendeu? Não importa se é na Zona Oeste, na Zona Sul, na Zona Leste, sempre tem um conhecido. Entendeu? Canta um rap, então tá na sua quebrada. O evento vai ser aí. Aí o cara: "Demorô! Vamo tá junto!" Essa é a ideia. Então na quebrada é mais gente conhecida, e fora da quebrada no centro é muito desconhecido, mas muitas vez também tromba os primo lá.<sup>234</sup>

A partir dessa conversa, os dois jovens chegam a um entendimento de que o centro seria o lugar onde estão os desconhecidos. Isso não necessariamente seria algo ruim, pois se torna uma oportunidade para que outras pessoas, fora dos fluxos do rap, conheçam o trabalho dos grupos e MCs que se apresentam em locais públicos do centro. Os jovens, portanto, identificam que uma das características do centro seria a visibilidade atingida, que potencialmente se distingue em relação àquela atingida nos eventos organizados nas quebradas.

Na compreensão de Doidera, a quebrada é um local múltiplo, por que não existe apenas uma quebrada. Porém, independente de qual quebrada se seja, sempre se terá um conhecido. Evidenciam-se, portanto, redes e zonas de contato. Nos elementos e códigos que identificam o que é ser de uma quebrada, se verificam valores que sinalizam a uma identidade comum. Quando se chega em outra quebrada se pede “licença”, se manda um “salve” e se saúda o outro desejando “paz”. Essa identidade não é, portanto, algo natural, mas construída na vida social, a partir de um lugar que se vive, de modos de vida que caracterizam esse lugar e, especialmente, de experiências sociais que conferem a esse lugar (apesar das diferenças) um reconhecimento como lugar comum a muitas pessoas. Poderíamos falar ainda que o sentimento de pertencimento a uma quebrada e à periferia se efetiva numa relação de oposição ao que é reconhecido como centro.

Assim, lisses, membro do Quartel General MCs, e morador da Zona Norte, ao destacar as diferenças entre os eventos, em geral pagos, que ocorrem no Centro, e as que ocorrem em outros lugares da cidade, gesticulando de forma mais intensa que o habitual, descreve: “Sabe...

---

<sup>234</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo **Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora**]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

o... Num é um lugar que você se sente tão bem como se cê vai por exemplo na Batalha da Z.O.! Cê tá ali todo mundo. É uma interação, cara!”<sup>235</sup>.

Por sua vez, para Felipe Leles, na prática do graffiti, há fronteiras sociais e simbólicas bem definidas quando se fala entre centro e periferia:

**Diego:** Então fala pra gente essa questão da estética da cidade e o graffiti. Como é que é visto?

**Leles:** É. Assim. É... A cidade tem uma estética bem... é... higienista, né? Tipo, coloca os pobres na periferia, pra longe. E... vai colocando os ricos nos bairros bem bonitinhos, alinhados uns entre os outros, né? E o comércio lindo, né? No centro. Então, comércio intocável. Tem uma câmera a cada esquina. No centro comercial. É... então... isso pro graffiti, é meio que... É... é um desafio pintar no centro e é um nosso interesse pintar no centro comercial. Por quê? O graffiti não escreve... você não faz e... coloca algo "Contra o capitalismo!", "Contra a propriedade privada!", ahm, não sei o que... A gente só incomoda. A gente... O nosso papel político é só incomodar a propriedade privada mesmo. Não tem que escrever nada. Ele em si só já diz muita coisa. Mas uma *tag* já incomoda muito, sabe? Então é tipo assim, o pessoal que tem... Quando você faz a *tag*, pro movimento do graffiti é uma assinatura e está no graffiti. Pixação é um pixo e está no movimento do pixo. Mas pra... pras pessoas é tudo a mesma coisa. Aí você faz é... uma coisa coloridinha por mais que seja não autorizada... As pessoas vão ver melhor. Você pode pintar num domingo de manhã no centro que as pessoas vão passar e elogiar. Entendeu? Só que quando você chega e pede... autorização no muro. Aqui no Santa Mônica, por exemplo, que é um bairro mais... elite, (ou) no Karaíba... O pessoal vai ter uma... uma ideia equivocada do graffiti, que o graffiti é arte, mas... o graffiti é arte porque ele reproduz outros movimentos artísticos no muro. Não! O Graffiti tem a própria... linguagem. Tem a própria estética. A letra, o bomb, já é por si só, a arte do graffiti. Num... eles não tem que reproduzir a Mona Lisa lá pra ser arte. Entendeu? Então as pessoas tem esse... essa visão. Isso vai mudando um pouco quando você vai indo pras periferias. Na periferia é muito mais fácil conseguir um muro, autorizado.... Porque as pessoas não estão se importando muito com o que você vai pintar. Pintando qualquer coisa já tá bom. Só que eles perguntam: "Ah, é graffiti?". Ah, então é bonito. Então pronto. Aí já é... já respondeu. Também é um pouco a imagem equivocada porque eles não questionam muito o que que é a arte, o que que é o graffiti, mas pelo menos é, é... melhor. Mais acessível até. Mas assim se te pegar. Em qualquer lugar, se te pegar pintando sem autorização. É... Principalmente à noite. É... uma coisa ruim. Dá um B.O. Bom assim. Mas, é igual eu falei se você vai pixar ou até mesmo dentro do graffiti, eu vou fazer uma *tag*, durante o dia, no centro. Alguém vê. Dá B.O. Mas se você faz, coloca duas corzinha ali, bota um coloridinho, o pessoal vai passar, achar bonito, num vai perguntar, achar bonitinho, beleza. Aí... E quando você pede é mais burocrático ainda. Cê tem que... cê num tem que fazer... cê num tem sua liberdade de... de criação, de expressão não. Cê é... muito limitado. Então tipo... o graffiti comunica muito

---

<sup>235</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão

com o... com a cidade nesse quesito. Não é tão interessante, um grafiteiro, pintar vandal na periferia. É bem melhor pintar num bairro... É... No centro, que vai incomodar o comércio... E... Ou até mesmo num bairro... tipo residencial nem tanto assim. No Santa Mônica, cê sabe que como a vigilância é muito maior, tal, mas... Num tem tanto interesse nesse bairro. Mais no centro mesmo... que a gente vê... um interesse maior. (...) Incomodar o comércio dos outros, né? Que aí a... A pessoa pode até achar bonito. Mas como foi sem autorização, ela já acha o fim do mundo, horrível, quer apagar e não deixa mais nada. Entendeu? Mas se ocê for fazer a mesma coisa com autorização, dá na mesma. Entendeu? Num... Igual...<sup>236</sup>

Leles parece se referir ao fato de que, em Uberlândia, num primeiro momento, a maioria dos graffitis eram aqueles que tinham a predominância de desenhos. Esse tipo de graffiti, que se desenvolveu especialmente no Brasil, seria distinguido pelo senso comum enquanto “arte”, e portanto, socialmente aceito. Tanto é, que haveria certa permissividade para os grafiteiros que trabalham com esse estilo.

É interessante notar que há, contudo, diferentes práticas e estilos de graffiti, entre eles, o *vandal*, que seria, basicamente, quando um grafiteiro, de forma não autorizada assinala uma *tag*<sup>237</sup> pelos muros. Essa prática, em geral, não seria considerada como arte. É interessante notar, as inversões simbólicas nos usos dos termos. Traduzido do inglês, *vandal* quer dizer vândalo. Segundo Leles, a prática do *vandal* seria um protesto pela sua própria forma, sem precisar recorrer a palavras de ordem como ocorre na militância em movimentos sociais mais tradicionais. Por isso, quando se faz *vandal*, a prioridade não são as casas residenciais, mas principalmente, os comércios. Para Leles, o centro é entendido como comércio, acima tudo, e lugar onde não morariam os pobres. Além disso, caberia destacar que para as pessoas, de modo geral, o graffiti feito a partir de *tags* não seria qualificado enquanto arte e seria considerado a mesma coisa que a pichação, no sentido legal do termo, ou seja, algo criminoso.

Observando a região central (entre o Centro propriamente dito e os bairros Fundinho, Lídice, Cazeca e Nossa Senhora Aparecida), alguns lugares, onde não existe a concentração de vigilância, mais se assemelham a corredores onde o fluxo das pichações e os graffitis se concentra. Em algumas vias, como a Rua Coronel Severiano (fluxo de quem vem da Zona

---

<sup>236</sup> CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na DedoSujo Atelier]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>237</sup> Uma *tag* é assinatura ou o nome do grafiteiro, a partir de letras estilizadas, em geral arredondadas.

Oeste ou Zona Sul), Avenida Rio Branco (fluxo de quem vem da Zona Leste) e Avenida Cipriano Del Favero (fluxo de quem vem da Zona Norte), é possível perceber uma grande concentração de pixações, em maior número, e de graffitiis, em uma quantidade menor.

Por vezes, nota-se o atrito entre os grupos de forma bastante evidente. No bairro Fundinho, uma série de graffitiis está assinalada com alvos e ameaças de pixadores. Em geral, isso se dá por conta de alguma divergência, que em muitos casos, pode decorrer de algum “atropelo”, por parte um grafiteiro, feito ao trabalho de um pichador. Isso decorre, não raro, do fato de que em muitos casos os graffitiiros, que tem seus trabalhos considerados como arte, são convidados (ou contratados) para recuperar muros e paredes externas onde ocorreram pixações.

Nas fronteiras, entre centro e periferia, que expõe Leles, a noção de arte entre as classes sociais, se revela no que entende como equívocos sobre o entendimento do graffiti. Nos bairros de classe média, ou ricos, há confusão sobre o graffiti como “reprodução de outros tipos de arte”. Nos bairros da periferia, conseguir autorização para pintar um graffiti, é tido como muito mais fácil, mas, a seu ver, as pessoas também não compreenderiam do que se trata. Considera que teriam apenas a percepção de que aquilo é bonito. Contudo, as pessoas de diferentes lugares da cidade teriam em comum o fato de qualificarem “graffiti” e “pixação” entre o que poderíamos definir como esferas de arte e não-arte (ou também, podemos dizer, entre arte e vandalismo), oscilando, tanto um como o outro, à medida que se relacionam na harmonia da propriedade privada. Contudo, quando analisamos mais detidamente, essa confusão parece agravar, porque, se o graffiti ou a pixação são feitos em muros de propriedades privadas, por outro lado, o que se visa é seu aspecto externo, ou seja, voltada para a rua, o público.

Neste sentido, há um fio condutor entre os impedimentos relacionados à exposição daquilo que esses jovens desejam mostrar e a suas próprias práticas de circulação na cidade. Assim, em tempos que os jovens da periferia ocupam o centro, de uma forma talvez nunca antes vista, para se divertirem e exercerem suas sociabilidades, em que medida podemos refletir se a intensificação de pixos e graffitiis no Setor Central sinalizam uma espécie de revolta contra os usos e limites impostos de como deve se organizar o espaço público?

### **CAPÍTULO 3 - “QUEBRANDO A MONARQUIA”: MEMÓRIAS, DESIGUALDADES, CONEXÕES E DESCONEXÕES ENTRE JOVENS EM UBERLÂNDIA.**

*Então toca esse rap, e foco na missão  
de disseminar o rap pelo mundo!  
Pra ver se um dia toca os maluco  
Faz nego pensar como é complicada  
Essa batalha de pegar no mic  
e cuspir essas palavras pensadas,  
rimadas com conceito  
Sem falar em tramar e achar tempo pra criar  
(Quebrando a monarquia -  
Quartel General MCs)*

Se o intuito desde capítulo é falar de trabalho, exclusão e desigualdades para os jovens em Uberlândia, um bom ponto de partida poderia ser essa música do Quartel General MCs. Começemos assim, não com as respostas, mas perguntas que poderiam ser suscitadas a partir das questões que até então levantamos e aquelas que poderíamos ter quando lemos a letra da música.

O que significa ser *rapper*, jovem e dividir esses aspectos da vida com o “trampo” (o trabalho) em Uberlândia? O que é viver numa cidade em meio a esses vários processos? Como seria viver os processos de desigualdade, exclusão, conexão e desconexão na cidade? Quais as dimensões vividas das artes, da cultura, das comunicações para esses jovens? Quais os processos de construção de memórias em que os jovens significam os caminhos e lugares dessa cidade? Por fim, que “monarquias” a serem quebradas são essas?

#### **3.1 - Entre fronteiras reais e simbólicas: uma cidade revelada pelos jovens**

Retomemos o trecho de uma fala de Leles:

[as pessoas pensam que] o graffiti é arte porque ele reproduz outros movimentos artísticos no muro. Não! O Graffiti tem a própria... linguagem.

Tem a própria estética. A letra, o *bomb*, já é por si só, a arte do graffiti. Num... eles não tem que reproduzir a Mona Lisa lá pra ser arte. Entendeu?<sup>238</sup>

Neste sentido, caberia então buscarmos compreender quais as lógicas envolvidas que efetuam uma distinção sobre quais tipos de intervenção urbana poderiam ser qualificadas enquanto arte. Seria, assim, conveniente dialogarmos com Beatriz Sarlo que nos convida a direcionarmos um olhar político sobre as artes, nos instigando a encontrar os fios de dissidências, ou seja, o que se encontra fora dos padrões, o que frustra as expectativas e o que subverte a pauta do que é comum<sup>239</sup>.

Sarlo considera que, em se tratando do que denomina como “cultura popular”, em sua modalidade estética, haveria também o espaço da diferença e que enquanto intelectuais, devemos nos atentar aos processos de privação e desigualdade que a cultura popular responde com estratégias alternativas. A cultura popular, portanto, não é homogênea, mas campo de tensões e tendências que: “definem momentos revulsivos com relação aos “bons costumes letrados” e também momentos reacionários do ponto de visto do seu próprio regime estético-ideológico”<sup>240</sup>.

Observando o graffiti e a pixação, à luz desse olhar político, podemos compreender alguns de seus aspectos que subvertem a uma dada noção de ordem na cidade. As privações, limites e tensões dessas práticas se observam no constante processo em que se fazem e se refazem na cidade. Cidade esta que, organizada e reorganizada dentro dos processos de estruturação da lógica produtiva do capital, o qual o senso conservador dos segmentos das classes sociais que dirigem esses processos não compactua com o que é emergente – e evidencia sinais de prática de oposição a determinados valores e práticas dominantes.

Verificamos a tendência de classificação, da pixação e do graffiti, em esferas de arte e não- arte, quando se configuram dentro do que valoriza ou desvaloriza a propriedade privada.

---

<sup>238</sup> CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na DedoSujo Atelier]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>239</sup> SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: \_\_\_\_\_. *Paisagens imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997. pp. 55-64.

<sup>240</sup> SARLO, 1997, p. 62.



Assim, no campo de desigualdades, as fronteiras simbólicas constituídas pelas experiências, se efetivam, na vida real, a partir de distintas noções que se configuram a partir de um lugar social de onde se está situado.

Por isso, o graffiti é considerado arte de forma menos restritiva nas periferias, como no caso do bairro Dom Almir. Isso, podemos inferir, porque é significado de um modo que se considera não agressivo, em primeira instância, ao valor e ao preço da propriedade privada, que no caso de moradores de um bairro na periferia, em geral, é antes de tudo o “lugar de morar”. Mas, no centro, ou nos lugares, onde se tem comércio, o graffiti, só é arte quando valoriza o imóvel, quando agrega preço ao seu valor de mercado. Deste modo, para um determinado tipo de graffiti, que é significado enquanto não-arte, para sobreviver enquanto memória pintada nos muros, isso requer inclusive que se utilize da tática de se dispô-lo num lugar oculto durante o período em que os comércios estão abertos no centro – como as portas de lojas que não são vistas durante o horário comercial.

Essas questões nos fazem pensar em dinâmicas sociais mais profundas, de como o dinheiro tem se estruturado na sociedade em que vivemos, de modo a se impor sobre o território<sup>241</sup>. A globalização nos dias de hoje, longe das promessas de trocas culturais irrestritas, entre povos e nações, se configurou acima de tudo, em uma globalização do capital financeiro, no sentido da concentração da riqueza e da desigualdade. Assim, se por um lado, os contatos possíveis através da expansão das redes de circulação e sociabilidade possibilitaram o surgimento no Brasil de práticas culturais como rap e o graffiti<sup>242</sup>, por outro, as condições para exercer essas práticas e as experiências sociais, relativas a elas, não são a mesma coisa.

Ao mesmo tempo, ao pensarmos a pixação e os pixadores, em termos de classe, não estranha que ela seja classificada pelo senso comum enquanto “vandalismo”. O vândalo é

---

<sup>241</sup> SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, Niterói, n. 1. p. 7-13, 1999.

<sup>242</sup> Canclini, a partir de sua definição de culturas híbridas, iria considerar que as histórias em quadrinhos e o graffiti seriam gêneros híbridos. Lugares de intersecção entre o visual e o literário, o culto e o popular, e que aproximariam o artesanal da produção industrial da circulação massiva. Seriam práticas que desde o seu nascimento abandonam o conceito de coleção patrimonial. Para o autor o graffiti, para jovens de diversos lugares do mundo, se trata de uma escritura territorial da cidade, destinada a afirmar a presença e até a posse sobre um bairro. O graffiti seria considerado ainda um meio sincrético e transcultural. Cf. GÁRCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Helíza Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 339-345.

sempre aquele que destrói a ordem. Na cidade o vândalo é, no senso comum, aquele que teria uma postura agressiva contra o patrimônio público ou privado<sup>243</sup>. Todavia, ao refletirmos mais detidamente, podemos perceber que nas cidades, do mundo em que vivemos, construídas a partir de desigualdades, os vândalos seriam àqueles que perturbam mais agressivamente, uma suposta normalidade das coisas e o poder, em seu sentido simbólico. A imagem e a memória dominantes sobre o vândalo evocam, assim, de certo modo, a figura do bárbaro que subverte a ordem do império. Neste sentido, poderíamos falar aí em termos gerais e abstratos talvez de um império da propriedade privada que é subvertido pela pixação?

Fazendo outro movimento, mais específico, vemos que as dinâmicas da pixação, ou do *tagging* no graffiti (que não é considerado como arte), em Uberlândia, seguem, em geral, o fluxo onde estão dispostos os prédios e muros de valor comercial. Se não podemos falar de reivindicações programáticas políticas formais, como estamos habituados, podemos considerar a possibilidade de que se afirmam enquanto experiência social, que, por sua vez, se efetiva em posturas de inconformidade frente a determinados padrões sociais instituídos. Essas práticas são, assim, insurgência e insubordinação. Pixar e fazer *tags* significa transgredir a lei. Esses jovens, portanto, a seu modo, confrontam e questionam a lei que endossa a dinâmica de projetos de uma cidade forjada a partir da segmentação e da compartimentação social. Além disso, em termos visuais são práticas que incomodam devido ao fato de recorrerem a códigos que não são compreendidos pelas pessoas de modo geral, que

---

<sup>243</sup> Evidenciando os conflitos sociais que ocorrem no centro da cidade, um blog organizado por moradores da região central de Uberlândia afirma ter entre em seus objetivos combater as pichações na Praça da Bicota. A autora do blog afirma, além disso, como problema o fato de que vários jovens “menores de idade” ficarem circulando naquela área consumindo drogas e bebidas alcóolicas. Além disso, enfatiza roubos e práticas que acontecem naquela área, afirmando que tudo isso começaria a partir do momento que “o PT assumiu a Prefeitura de Uberlândia”. A autora destaca que a solução seria mais policiamento e leis que não permitissem que a iniciativa privada fizesse uso do espaço público. MAJOT. Temática da Reunião com o Promotor do Meio Ambiente. **Blog Abrace a Praça da Bicota**, Uberlândia, 17 jul. 2016. Disponível em: <<https://abraceapraça.blogspot.com.br/2016/07/tematica-da-reuniao-com-o-promotor-do.html>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

não conseguem, assim, enxergar alguma possibilidade de conferir a elas qualquer espécie de noção de beleza ou de utilidade<sup>244</sup>.

Raquel Rolnik, analisando a produção do espaço socialmente produzido e a constituição de territorialidades na cidade de São Paulo, entre 1886 e 1936, verifica diferentes processos contrários entre si na produção social da cidade<sup>245</sup>. Se, por um lado, a produção social do espaço se dá em termos da lei, orientada em termos de negociações e disputas para garantir o jogo de interesses políticos e sociais, por outro, também construída uma cidade fora da lei (tal como no processo de ocupações urbanas ou na construção de loteamentos pelo capital inadequados para se morar e viver). Neste sentido, configura-se uma cidade legal, onde se tem acesso a direitos e serviços mínimos e uma cidade ilegal, não reconhecida dentro da oficialidade, e, em consequência disso, em termos de direitos básicos.

Por sua vez, Teresa Caldeira<sup>246</sup>, também nos chama a atenção para um padrão de desenvolvimento das cidades, em que não se opera mais a tradicional divisão espacial entre centro e periferia. À medida que o centro se torna especialmente, lugar de consumo, portanto, aberto às pessoas em geral, as classes altas e as classes médias com maior poder aquisitivo passam a se direcionar para áreas mais distantes das cidades, construindo para si os chamados enclaves fortificados. Os enclaves fortificados atuantes com a polícia e vigilância armada (legal ou ilegal), destinados a combater a criminalidade urbana, na prática se efetivariam em um processo de ampliação das dinâmicas de inclusão e exclusão na cidade. Ao mesmo tempo, áreas, antes desvalorizadas, passam por um processo de *gentrification* (enobrecimento ou gentrificação). Deste modo, à medida que são abertas avenidas, se concentram comércios, ou, se efetivam, na produção desses lugares, a construção do espaço nos mesmos parâmetros dos enclaves fortificados.

---

<sup>244</sup> Os graffiti e pichações que recorrem ao *tagging* são, portanto, ainda mais repudiadas dentro daquilo que é tido como vandalismo, uma vez que são compreensíveis apenas por aqueles que participam dessas práticas. Assim, as inscrições que dispõem de mensagens mais nítidas (como frases, palavras de ordem e poesias), embora também não sejam totalmente aceitas, são tidas socialmente como menos agressivas à propriedade privada.

<sup>245</sup> ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1999.

<sup>246</sup> CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

Certos processos sociais expostos pelas autoras, podem ser percebidos em termos similares na dinâmica da produção do espaço em Uberlândia. No Setor Sul, o bairro Shopping Park foi concebido para pessoas de baixo poder aquisitivo nas proximidades de onde há uma concentração de enclaves fortificados construídos para setores da classe média de maior poder aquisitivo e das classes dominantes. O nome do bairro se deve a sua proximidade com um *shopping*, o que se torna irônico, pois concepção do estabelecimento estimula um consumo segmentado de forma mais elitizada, o que acaba inviabilizando, na prática, que a população do bairro o frequente.

Um outro exemplo, são bairros, como Presidente Roosevelt (Setor Norte), Santa Luzia (Setor Leste), São Jorge (Setor Sul) e Luizote de Freitas (Zona Oeste). Bairros estes que foram concebidos para moradia da classe trabalhadora, mas que passaram por processos de valorização de suas áreas com crescimento da cidade. Maxwell, ao contar sua experiência em morar na Zona Norte de Uberlândia, pontua alguns elementos que permitem refletir sobre o caso do bairro Presidente Roosevelt:

**Diego:** Só lembrando... Cê morou aonde mesmo? Era... na Zona Norte?

**Maxwel:** Zona Norte. Eu nasci no Roosevelt. Cresci, né? Até os quinze anos. Uma quebrada muito violenta. É... Segundo a polícia eu, quando era criança eu vi muito falando que tinha os conflitos de... de gangue antigamente, né? Ali no Roosevelt ali era uma das quebradas mais tensa que tinha. De Uberlândia. E... Quem conspirava, né? Que arrumava problema, quando era do Roosevelt sempre levava a pior. Então ali foi uma quebrada muito violenta. Então é onde que eu falo que eu tenho a grande oportunidade dos amigos do crime. Porque eu cresci no meio desses caras, num fiz a mesma coisa que eles, mas enfim... Eu cresci observando isso aí, então... onde que eu tô falando. Eu cresci numa quebrada violenta, hoje em dia o... Roosevelt já é um bairro mais, né? Digamos assim menos violento do que quando eu criança, mas... Igual eu tô te falando, meus amigos tu... de lá que nasceu, cresceu e teve vida na quebrada assim muito violenta então rumaram pro crime.

**Diego:** Por que que você acha que mudou? No seu...

**Maxwel:** É... Foi evoluindo, né, cara? Por ser um, igual eu te falei, a questão de quando mais longe mais barato, mais periférico. O Roosevelt é... É um bairro mais próximo do centro então ali... Se for avaliar também o valor de casa, terreno e também é bem superior. E... Então isso aí foi... automaticamente, ali igual na quebrada lá... Lá no Roosevelt ali onde que eu nasci e cresci tinha... Tinha um terreno vago ali grande, hoje em dia eu vejo que instalou lá várias mansões e várias empresas, entendeu? Então se for ver bem... É... Próximo do Centro vai, é... Instalando quem tem mais poder aquisitivo, então aí... expulsando, né? As pessoas, né? Com... Poder menos aquisitivo. Igual pessoa que mora lá e pagava aluguel, tipo, paga aluguel

morava numa região boa. Assim, num bairro... maio... Né? De classe... mais elevada. Aí... Surgiu a oportunidade de comprar uma casa, onde que o pe... o menos favorecido foi comprar? No lugar mais longe, que é mais barato. Então... Cê perguntou o que melhorou nisso. É... Tipo, o bairro evoluiu. Ficou mais bonito. Mas enfim, expul... Repeliu, né? O periférico, o menos favorecido pras parte. Pro fundão, né? As parte extrema da cidade. "Pra mim evolução, pro periférico, favelado"... Num... não vi nenhuma. Só pra quem tem poder aquisitivo alto mesmo.

**Diego:** Quanto tempo que você mudou do Roosevelt?

**Maxwel:** Eu mudei do Roosevelt com... Catorze pra quinze ano de idade. Então eu estudei até... tem... tem dezesseis ano, mas aí eu mudei pro Jardim América que é bem próximo, mas igual eu te falei, eu fui nascido e criado lá, eu moro aí no Jardim América, mas... Sempre trabalhava e ia pra casa tomar um banho e sempre quando eu ia fazer meus rolê ou querer trombar minha galera, meus amigo, era lá no Roosevelt. Andava de skate lá na praça então eu nunca saí de lá. Então, pode dizer que... A minha vida inteira lá. Só mudei de lá com quinze ano de idade também. É, mudei tipo um quilômetro e meio... de distância do lugar que eu morava antes, mas todo dia eu tava lá. Mesmo lugar.<sup>247</sup>

Nessa memória, é possível notar a ambiguidade da noção de evolução. Evolução é entendida como fazer “o bairro mais bonito” e a redução da violência e da criminalidade. Creio que poucas pessoas considerariam esses aspectos levantados por Maxwel como negativos. Todavia, Maxwel, problematiza em seguida essa “evolução”, a colocando em termos de “como” e “para quem”. Neste sentido, a evolução se dá para quem é incluído nessa nova dinâmica de produção social do espaço do bairro. Contudo, essa mesma dinâmica segregaria aquelas que não estariam incluídos, fazendo com que se desloquem para outros bairros. A periferia não é, assim, apenas uma forma geográfica, é experiência social., por vezes, contraditória em muitos termos quanto ao referente do lugar social. Mesmo com o bairro Presidente Roosevelt passando por todos esses processos, que o diferenciam de bairros, onde moram os mais “periféricos”, lá continuaria sendo a quebrada de Maxwel, mesmo não morando mais lá.

De modo parecido, Leles, estudante de Artes Visuais, empresário de um pequeno *atelier* que vende materiais para grafiteagem e filho de mãe funcionária pública, apesar de morar no bairro Santa Luzia e se identificar com os jovens que moram nas quebradas de Uberlândia, não se entende como morador da periferia. Falando sobre as diferenças entre

---

<sup>247</sup> COSTA, M. R. [Entrevista realizada com Maxwel Roberto da Costa]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

grafitar em diferentes lugares (geográficos e sociais) em Uberlândia e no Brasil, assim considera.

**Leles:** Tem esti... Pinta fora do Brasil vai preso! Mesmo! Cadeia. Aqui no Brasil cê paga uma... multa, uma... serviço comunitário e fica por isso mesmo. Cê pode rodar dez vezes que é isso. Cê não chega a ser preso mesmo. Mas assim... Isso não é empecilho pro cara que quer pintar. O cara quer se expressar, na periferia... Ah, beleza. Eu não sou negro. Eu não sou... da periferia. Eu não sou pobre. Eu tenho outro... Eu faço faculdade de artes. Eu tenho outro... Outro acesso à arte. É... Eu tenho como me expressar, mas pra mim eu acho muito válido essa...<sup>248</sup>

Leles nos faz refletir sobre uma dinâmica da produção de hegemonia dos valores de mercado na cidade, e supor que o capital cultural seja medido em termos do acesso a bens culturais (artes, estudos, etc.), o que confere distinções em relação aos sentimentos de pertença na cidade<sup>249</sup>. Morar num lugar específico, não representa então necessariamente o que é ser ou não periférico, pois há outros elementos que compõem o lugar social que se ocupa.

Assim, se periferia e quebrada, por vezes, se confundam, em outros momentos se evidenciam mais nitidamente as fronteiras reais e simbólicas entre um lugar e outro. Por isso, que, se por um lado, tanto o bairro Santa Rosa e tanto o bairro Esperança, possam ser considerados como quebradas e como periferia, isso não quer dizer que relações de hierarquia, de valores e de desigualdades, não sejam efetuadas na percepção que seus moradores têm sobre a quebrada do outro.

**Diego:** Como é que você foi chegar lá no Esperança.

**Johny:** Como é que eu fui chegar no Esperança?

**Diego:** Porque você é aqui do Santa Rosa, né?

**Johny:** É. Mas foi engraçado. Quando eu era mo... quando eu era moleque, quando eu morava com a minha mãe, a gente morava um pouco mais pra

---

<sup>248</sup> CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na DedoSujo Atelier]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>249</sup> Bernard Lahire ao procurar compreender situações de sucesso e fracasso escolar em meios populares na França, identifica que as condições sociais vividas por estudantes nos bairros seriam indícios importantes para explicar as alternâncias de resultados de crianças e adolescentes nas escolas. Além do bairro e a escola, as condições sociais das famílias seriam também um fator com confluência nas situações de sucesso e o fracasso escolar. LAHIRE, B. **O sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.



baixo ali no Jardim América. É... Eu via na época, quando... A gente via o Esperança um bairro ali que não dava pra entrar não, entendeu? Mas eu sempre tive vontade de entrar lá porque eu sempre fui meio que da rua, entendeu? Minha mãe já até que não, mas eu sempre fui meio que da rua. Entendeu? Eu sempre gostei da rua. Pra mim era a rua. Aí... É... Foi quando eu conheci o Denilson, coreógrafo, pelo face... foi pelo, na época era o MSN. Quando eu conheci ele, aí eu já comecei a frequentar mais com os meninos de lá e pá, aí quando eu vi eu já tava lá dentro, cara. Brincando com todo mundo, conversando com quase todo mundo. O... eu conheci o Esperança através do Deni. Entendeu? Através do... desse amigo meu que foi o Deni. Que já morava lá e ainda mora lá, desde pequeno. Então... Eu entrei no Esperança por amizade. Foi uma amizade que me induziu a entrar lá dentro. Mas, por mim mesmo, eu nunca tive coragem de ir lá, pelo que minha mãe me falava do... do bairro, né? Que hoje em dia, todo mundo sabe, é... Bastante discriminado o Esperança. Mas, assim... Eu tô lá... Eu... Eu... é... Convivo com o pessoal de lá já tem muito tempo. Já tem muitos ano já e não é nada do que o povo fala, entendeu? Não é nada do que sai na mídia, ou do que... é... a vizinhança fala do Esperança. Não é daquele jeito não. Só quem já foi lá dentro pra saber como é que é realmente o Esperança. É... Te falar... Não tem como não gostar daquele bairro. Assim, lógico, tem a parte feia, igual todo bairro tem a sua parte ali que não é legal, mas ali é todo mundo unido (...) É... é gostoso lá. Eu gosto do Esperança.

Diego: Mas... era isso por conta, mais do que a sua avó falava, ou existia outras questões também, que te impediam de... ir lá pro Esperança?

**Johny:** É...

**Diego:** Dá pra...

**Johny:** No caso foi o que a minha avó falava que me dava medo de ir lá. Entendeu? Que ela falava: "Não, se cê for lá, chegando lá os cara vão te bater, porque cê não pode entrar lá, cê é de outro bairro, não sei o que". E eu ficava maior cismado de poder... de nem poder passar na porta do bairro, entendeu? Até então quando eu via um cara saindo de lá, passando na rua da minha casa, eu nem ficava na rua não. Ficava lá dentro de casa que era melhor. (risos)

Que eu tinha medo mesmo. Por... é... Mas e o medo era pelo que eu ouvia, entendeu? Não era nem porque eu sabia que rolava lá, era pelo que eu ouvia. Porque eu sou assim, o cara fala: "Ah, bairro assim, tal, é perigoso, pá...". Beleza, eu ouvi, mas eu só vou acreditar mesmo, quando eu for lá naquele bairro lá e ver que realmente não é, entendeu? É... É igual aqui, muita gente, falava que... Igual o Santa Rosa não é igual outros bairro assim, mas nós tem uma faminha não é tão legal assim não. A fama do bairro. Mas não é o que o povo fala, entendeu? É... Igual muita gente falava assim. "Não, o Esperança é... um bairro que não entra qualquer um e se entrar eles bate, eles ficam pisando, não sei o que"... Num é desse jeito, cara. Não é assim. Eu fui lá, paguei cena realmente, e não é. Não é! Não tem nada a ver. Entendeu? Então assim... Eu não ia por medo e acabei indo por ser curioso, entendeu?<sup>250</sup>

Para Johny, o bairro Esperança era, durante a sua infância, um lugar desconhecido. A possibilidade de se deslocar àquele bairro era motivo de medo, de receio. As fronteiras, para

---

<sup>250</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Johny, diante do que ouvia dizer de sua avó, se revelavam através de sua imaginação, enquanto portas. Por isso, “passar na porta do bairro”, diante dos supostos riscos que lhe eram contados não seria algo muito aconselhável.

Johny, ao recordar esse momento de sua vida, o faz demarcando os tempos em sua memória. Procura mostrar que o bairro não é aquilo que se dizia: “paguei cena”. Nisto, reforça seu sentimento de equívoco diante daquela situação, o que foi possível modificar apenas no instante que começou a frequentar o bairro. A princípio, contudo, o intuito não seria de conhecer o bairro, mas aprender técnicas de Dança de Rua, com um morador do bairro Esperança, que se tornaria seu melhor amigo. É interessante destacar que o contato, com seu futuro amigo, se tornou possível pela internet, com o uso de um programa de mensagens instantâneas (que hoje se tornou obsoleto).

Pergunto então a Johny quem ele considera que constrói essas noções a respeito do bairro Esperança:

**Diego:** E quem que cê acha que... dissemina essa ideia, Johny? De que... os bairros são... violentos, essas coisas desse tipo?

**Johny:** Olha, quem... é... É os... As própria... Os próprios mora... Não. Não é os próprios moradores. As pessoas mesmo ao redor. Nem... É... Às vezes até de quem é dentro do bairro mesmo. Mora dentro do bairro, mas num conhece quem mora dentro do bairro. E acaba falando e... Muitas das vezes, assim, é o mal do ser humano, só enxerga o ruim das coisas. Maioria do ser humano, das pessoas, é assim. Só enxerga o ruim. Eles olha pro Esperança e... Eles só vê droga, vê bandido. Vê viciado. Vê gente na rua. Vê nada que não presta. Mas quando cê entra lá dentro, cê vê gente humilde, vê gente que te cumprimenta na rua. Cê passa, nem conhece o cara e o cara fala bom dia. Não é qualquer bairro que ocê entra e que ocê tá na rua, passa um vizinho seu, ele olha procê "Ow, bom dia!". Não. Lá tem. O cara fala "Oi! Bom dia!". Lá é gente humilde. Gente trabalhadora. Lá a cultura é... a questão... cultura de dança, hip hop... Lá é muito forte. Lá cê não conhece um lá dentro do bairro Esperança que num mexeu com dança de rua. Todo mundo lá já dançou Dança de Rua no grupo... no projeto que tinha. Todo mundo mesmo. Então assim... Lá não é só a parte feia. Lá é... a parte bonita, igual todos os bairros. Todo bairro tem sua parte bonita. Mas eu acho que a mente do ser humano acaba bloqueando... é... as... num consegue soltar a... as coisas boa, sabe? Que eles vê. Eles acha que porque é... meio que periferia, tem que ser discriminado. Tem bandido, tem não sei o que. Agora quando é um bairro mais de classe mais alta. É... Acaba que eles não solta tanto coisa não. Eles não solta coisa ruim. "Lá é um bairro maravilhoso! Lá não tem bandido. Num tem nada". E tem! Entendeu? E tem. Pior que tem. Porque se for parar procê pensar, cara. É... é... os bandidos, os verdadeiros bandidos estão lá na classe alta. No bairro bom. E aqui tá só quem sofre. (risos)

E os cara é gente boa. Aqui eu tô... Nós sofre, mas é todo mundo unido. Todo mundo unido. Entendeu? Não é assim. Então quem dissemina a... a maldade do bairro, a má fala dos bairros, é... o próprio pessoal da rua mesmo. O... os vizinhos, é... na... a... mídia principalmente, cara. A mídia... é... acontece uma coisa ruim no bairro, eles engrandecem. "Ah, morreu fulano. Ah, é! Morreu porque... porque vendia droga, tava envolvido com droga, tinha dívida com fulano, tinha dívida com fulano!". Eles acaba... é... vira um... um... uma bola de neve. Entendeu? Na mão do... dos... a notícia ruim na mão da mídia. Então, a mídia ajuda também nessa... nessa... parte do... da discriminação. Entendeu? Porque... as pessoas acreditam muito mais na TV do que elas mesmo. Entendeu?

**Diego:** Urrum.

**Johny:** Então... acaba que a mídia tem uma influência muito grande nessa parte da... da discriminação dos bairros.<sup>251</sup>

Neste sentido, as narrativas a respeito do bairro Esperança são disseminadas pelos próprios moradores nas considerações de Johny. Contudo, essa relação não é tão simples assim: a TV, e a mídia em geral, é que “influenciariam” as opiniões que discriminam o bairro. Neste sentido, uma reflexão possível seria a respeito das intersecções existentes entre os programas televisivos, principalmente, aqueles que exploram acontecimento violentos na cidade, e a forma, como essas notícias são trabalhadas e retrabalhadas nas conversas de moradores do bairro<sup>252</sup>

Johny percebe ainda, a operação de seleção feita pela mídia: não mostrar os “verdadeiros bandidos” da “classe alta” e do “bairro bom” e discriminar certos bairros. Essa operação de seleção feita pela mídia e que as pessoas comunicariam as notícias ruins do bairro seria a “parte feia”, o que ocultaria a “parte bonita do bairro” (baseada em relações amistosas entre vizinhos e no fato de que boa parte dos moradores já teria “mexido com Dança de Rua”). Não seria difícil verificar que dentro desse imaginário sobre a periferia, são comuns as

---

<sup>251</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>252</sup> Um interessante diálogo pode ser realizado com o trabalho de Letícia Siabra que investigou as experiências de comunicação de moradores pobres em Uberlândia, entre 1990 e 2012, através de um programa televisivo e uma seção destinada a reclamações dos leitores do jornal Correio. A autora demonstra como a ação dos grupos midiáticos participava ativamente da produção social da memória e da construção de projetos para a cidade. Tais produtos jornalísticos tinham em comum a concepção da pobreza como resultado da imobilidade dos moradores de bairros pobres e a formulação de estereótipos para cada um desses bairros. Contudo, é interessante observar que mesmo diante de tais pressões, os moradores dos bairros também se utilizavam dos espaços cedidos do jornal para reivindicar melhorias para o bairro e outras demandas comunitárias. Cf. SILVA, 2013.

associações habilmente operacionalizadas pelas mídias que a caracterizam como o lugar da violência.

Por outro lado, dentro das próprias mídias, há quem praticamente negue as relações de desigualdade entre centro e periferia, como o fez Hermano Vianna num texto que circulou em vários jornais do país, para divulgar um programa televisivo da Rede Globo, falando de uma chamada Central da Periferia. Vianna considerava a partir da evidência, inquestionável, da riqueza cultural produzida na periferia, de que ela é que estaria submetendo o centro e que, por isso, a periferia não precisaria ser “incluída”, pois, isso significaria dizer que a “periferia não tem cultura”. O jogo de palavras usado dava a entender que as desigualdades não eram um termo mais tão relevantes para se pensar as relações entre centro e periferia. No vigoroso reconhecimento de significativas emergências artísticas produzidas na periferia, que é efetuado por Vianna, escapam as relações de inclusão e exclusão vividas pelos moradores desses espaços nas cidades brasileiros. Além, de ocultar movimentos mais minuciosos que evidenciam experiências sociais bastante distintas do que se consideraria “exclusão” e “inclusão”.

Contrariando as noções de Vianna, as palavras de Maxwel, o sujeito periférico é o “excluído”. Por outro lado, Bruno, fazia questão de afirmar que chegar ao Centro, com a organizações de eventos de rap, era um dos seus objetivos. O Centro, que é negado também é o lugar onde os pixadores, muitos vindo de quebradas, também vão deixar marcados seus símbolos em muros e paredes de comércio e das casas das elites e classes médias que ali moram. É, ainda, no Centro que ocorrem batalhas de rimas, encontros de jovens de diferentes pontos das periferias da cidade.

Confrontando soluções fáceis, a periferia se afirma como lugar de resistências e alternativas, de adesões e reivindicações, de uma complexidade que não é possível ser limitada em aspectos recortados. Na complexidade dessas questões, poderíamos incorrer, além da generalização, na aceitação passiva de mitos<sup>253</sup> e em idealizações a respeito do que seriam as experiências vividas por jovens da periferia. Neste sentido, seria interessante

---

<sup>253</sup> Acerca de um debate possível sobre mito e história oral: PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. **Projeto História**. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História, PUC-SP, n. 10, p. 29-40, dez. 1993.

confrontarmos estudos, experiências e evidências de modo a encontrar uma forma de desatar esse nó.

### 3.1.1 - Imagens de uma cidade revelada pelos jovens

**Figura 21 - Aniversário de um ano da Batalha da Z.O.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Evento de comemoração do aniversário de um ano da Batalha da Z.O. Evento organizado pela Zero13 Produções e Família Rolê Gringo. Praça do Cemitério Bom Pastor. Bairro Planalto, zona oeste de Uberlândia. Setembro de 2016.



**Figura 22 - Intervenção de graffiti realizada durante o evento Hip Hop Sessions**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Intervenção de graffiti realizada durante o Hip Hop Sessions, evento organizado pelos grupos Família Rolê Gringo e Zero 13 Clan. Local: Sede da ACCIPEN, bairro Luizote de Freitas, Zona Oeste de Uberlândia. Junho de 2016.

**Figura 23 - Graffitis na Avenida Monsenhor Eduardo em Uberlândia.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

“O muro é uma agressão meu graffiti, não!!”.



**Figura 24 - Evento de aniversário do grupo Gangsta Squad no bairro Presidente Roosevelt em julho de 2016.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Evento com apresentações de batalhas de break realizado pelo grupo Gangsta Squad na Escola Estadual Guiomar de Freitas Costa. Bairro Roosevelt, zona norte da cidade. Julho de 2016.

**Figura 25 - Pixação em prédio da Oficina Cultural de Uberlândia, bairro Fundinho, setor central de Uberlândia.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

“1926-2016”: Lugares, tempos e memórias, ou as pixações dando outras significações no patrimônio cultural municipal.

**Figura 26 - Detalhe de mensagem deixada em um ônibus municipal.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão. (2016).

Os ônibus não são apenas veículos que levam os jovens de um lugar ao outro. São lugares de conversas, de encontros e, até mesmo, lugar onde se inscrevem as mensagens de protesto. Ônibus T121, trajeto Terminal Umuarama (Zona Norte) ao bairro Luizote de Freitas (Zona Oeste).

**Figura 27 - Pixações na Rua Coronel Severiano, região central de Uberlândia.**



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).

Corredores de inscrições pela cidade. Pico de pixações em muro da Escola Estadual Prof. Américo René Giannetti. Divisa entre os bairros Fundinho e Tabajaras. Região Central de Uberlândia.

Figura 28 - Pixações e grafittis no bairro Fundinho, região central de Uberlândia.



Foto: Diego Marcos Silva Leão. Acervo da pesquisa. 2016.

“Fora PEC 241” (Protesto contra a proposta de austeridade econômica do governo Temer) e atropelos entre grafiteiros e pixadores. Bairro Fundinho. Região Central de Uberlândia.

### 3.2 - Periferia - periferias: desatando o nó

Renato Almeida, ao analisar ações de um grupo de jovens moradores em um bairro periféricos, que organizava ações culturais, a posterior transformação dessas ações em programas do governo municipal, nos chama a atenção sobre questões referentes a como é compreendida a periferia, em especial pelos grupos ligados ao hip hop. Lembra que a partir da década de 1990, em São Paulo<sup>254</sup>, as práticas culturais dessa juventude que no início se organizava no centro, vão se deslocar paulatinamente à periferia. Além disso, afirma que:

[...] [ao] associar a localidade, o bairro, a uma categoria mais ampla chamada “periferia”, como o fez o movimento hip hop, tornou os limites territoriais e geográficos do bairro algo menos delimitado e possibilitou certa

---

<sup>254</sup> Acerca das relações entre rap e cidade, uma indicação seria o trabalho de Amaílton Azevedo, que trata da constituição do rap em São Paulo entre as décadas de 1980 e 1990. O autor entrevista, nesse trabalho, vários sujeitos que participaram de grupos e da movimentação do rap na capital paulistana. AZEVEDO, A. M. **No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra - São Paulo - 1980-1997**. 2000. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2000.

cumplicidade entre os jovens moradores de diferentes regiões distantes do centro. Assim, afirmar ser morador da periferia significa ultrapassar os limites territoriais da vila ou do bairro comuns na identidade de gangues, como explicou Zaluar. Isso, além de contribuir para construir certa positividade em relação à palavra “periferia” – coisa que não era comum pelo menos até o início dos anos 1990 – também possibilitou um “empoderamento político” dos grupos juvenis autointitulados “periféricos”<sup>255</sup>

Conforme procurei apontar, no decorrer desse texto, é inegável reconhecer o que existe de unificador que permite assumir a periferia enquanto lugar (social e no interior das cidades) que esses jovens se identificam. Neste sentido, ainda nos anos 1990, uma música dos Racionais MCs afirmava enfaticamente que “Periferia é tudo igual”<sup>256</sup>.

Evidentemente existem códigos, valores e significados que compõem inequivocamente um lugar (ou rede de lugares) que pode ser entendido enquanto periferia. Ao mesmo tempo, se a periferia pode ser entendida enquanto esse lugar onde se há muito em comum, não é, contudo, um lugar que há “sempre o mais do mesmo”. Por isso entre quebradas diferentes, a periferia se revela de múltiplas formas, apontando para, além do comum, para descontinuidades e desconformidades.

Tais descontinuidades e desconformidades podem se revelar a partir de bairros que ganham um status mais elevado, por se localizarem comércios, serviços e equipamentos públicos de forma mais concentrada, mas que não são centros propriamente ditos. São centros fora do centro, ou centros da periferia. Em Uberlândia, bairros que se enquadram nessa situação seriam o Presidente Roosevelt para a Zona Norte, do Luizote de Freitas e Planalto para a Zona Oeste ou o Morumbi para a Zona Leste.

---

<sup>255</sup> ALMEIDA, R. S. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.

<sup>256</sup> “Periferia é periferia... Que horas são, não sei responder... /Periferia é periferia... Milhares de casas amontoadas.../Periferia é periferia... Vacilou, ficou pequeno pode acreditar.../ Periferia é periferia... Em qualquer lugar... Gente pobre.../ Periferia é periferia... /Vários botecos abertos, várias escolas vazias.../ Periferia é periferia... E a maioria por aqui se parece comigo.../Periferia é periferia... Mães chorando, irmãos se matando, até quando.../ Periferia é periferia... Em qualquer lugar.... Gente pobre... / Periferia é periferia... Aqui meu irmão é cada um por si.../Periferia é periferia... Molecada sem futuro eu já consigo ver.../ Periferia é periferia.../ Aliados drogados... /Periferia é periferia... Em qualquer lugar.... Gente pobre.../Periferia é periferia.../ Deixe o crack de lado, escute meu recado... cado... cado...”. ROCKY, Edi. Periferia é periferia. In: RACIONAIS MC’S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD. Faixa 8 [06m02s].



Do mesmo modo, as discontinuidades também emergem nos limites citados por Johny, entre bairros próximos, como Esperança e Santa Rosa, mas que passam por processos de estigmatização e segregação em níveis distintos.

Por sua vez, há a evidência de que a periferia não é realmente apenas um lugar geográfico, pois os condomínios de luxo, cada vez mais distantes do centro, fazem fronteiras com bairros habitados predominantemente pela população mais pobre – tal como no caso do Setor Zul, onde Karaíba (um bairro elitizado) e Shopping Park estão bastante próximos entre si.

Outro elemento se verificaria ainda nos bairros de áreas mais centrais, como Martins, em que nas proximidades do entorno do Terminal Rodoviário, não é raro se deparar com casas que aparentam serem de famílias com menor poder aquisitivo e com pessoas vivendo em situação de rua.

Portanto, é possível que não se dê para se falar apenas em periferia, mas fazermos o exercício de movimento entre singular e plural, ou seja: periferia e periferias. Não no sentido de negar a segregação existente, relativizando-as, fazendo crer, de forma equivocada, que desigualdades e diferenças são binômios. Afinal, as periferias se afirmam na desigualdade, sempre. São interstícios flagrantes de injustiça social nas cidades, mas que são significados e inovados pelos seus moradores, dentre eles os jovens, como lugar de pertença e resistência, não nos termos restritos de uma política restrita, mas em conexão permanente com as questões e necessidades da vida cotidiana.

Nessas diferentes formas de lidar com essas questões da vida social, uma questão me chamaria a atenção. Ao contrário da maior parte dos grupos locais que tive contato, que afirmam fazer o chamado “rap consciente”, eu pude notar uma peculiaridade em relação ao trabalho do grupo Família DJ Produções: seus MCs e grupos costumam dar maior ênfase, no que se refere ao rap, para o estilo chamado “ostentação”, que faz apologia e menções ao consumo por jovens da periferia.

Intrigava-me notar, contudo, que, quando falavam, o que balizava as concepções dos jovens que fazem parte do grupo, seria principalmente o elemento da religião em suas vidas.

O tempo de suas memórias frequentemente era recortado entre o período que frequentavam a igreja e o período que não a frequentavam.

Também os membros da coordenação da ONG Instituto Resgatando o Impossível afirmavam serem frequentadores de igrejas evangélicas de outros bairros da cidade (na placa da sede do Instituto é possível perceber uma passagem bíblica em destaque). Tais elementos, permitem-nos pensar sobre a presença das igrejas evangélicas na vida dos jovens que moram nas periferias da cidade.

Tanto Deni, como Jhonny, frequentam uma das sedes da Igreja Universal localizada no centro da cidade e, assim como o MC Jhonym, eles afirmam não usarem drogas ou beberem e classificam um determinado tipo de funk, que faz menções à sexualidade, como “pornográfico”. Essas questões para além da questão moral, seriam consideradas como elementos que prejudicariam a performance em ensaios e shows e o trabalho de modo geral. Os excessos era vistos como um problema nesse sentido:

**MC Jhonym:** Então. Foi o que que aconteceu no meu caso. Porque eu era envolvido com droga, mexia com bebida demais. Até mulher fora do limite. Aí é o caso que a gravadora foi e me cortou. Tipo assim, tava me ajudando a conquistar meu som, só que também com uma condição: "Se não largar suas coisa errada, a gente não vai ajudar, entendeu?". Aí é a parte que o sonho faz as pessoas largar as coisa errada sim! Porque foi o meu caso. Que eu larguei tudo de errado pra conquistar minha carreira no funk. Igual tem muito preconceito em cima do funk os povo fala. "Não! Quem canta funk é drogado". Não sei o que. "Que quem canta funk só pensa em sexo". "Quem canta funk é bandido". Tudo errado! Porque é através do funk que eu consegui mudar minha vida. Porque através deles falando que ia cortar o funk, cortar as ajuda que eles me davam no funk! Que eu larguei tudo de errado na minha vida. Entendeu?<sup>257</sup>

No que se refere à dinâmica de vida de MC Jhonym, ao se referir a esse tempo anterior de sua vida, nos faz pensar sobre as relações presentes entre violência e periferia e como atingem esses jovens. Quando entrevistava os integrantes da Família Rolê Gringo e lhes perguntava sobre seu surgimento, Doidera rememora trazendo como marco desse momento, o assassinato de um de seus parceiros:

---

<sup>257</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.



**Doidera:** Eu vim... com umas letras, pá. E conheci... um Bruno também, chamado Bruninho Zero Três Um, trabalhava com a Zero Três Um... Lá de Belo Horizonte. E produzia uns instrumental, umas batida, entendeu? Aí a gente formou uma ideia junto e fomo gravar lá com ele. E de lá formamo essa família, né? Família. Mas não tinha então o nome de Rolê Gringo. Era só a família. Aí formou o Rolê Gringo. Pelas ideia nossa e o nosso rolê que a gente fazia, né? As ideia do nosso beat instrumental era gringo pá. Tentava fazer essa pegada mais do hip hop. Até então nós é (...) Mas aí, né? O Brunim sempre foi correria. Um produtor pá, correria. Sempre gostou muito de muié, entendeu? E sempre ele ficava com muitas minas, entendeu? Aí num dia ele foi cobrado. Por... isso aí. E mataram ele.<sup>258</sup>

Mesmo quando o assunto é contar o surgimento do grupo, é essencialmente forte a recordação sobre a violência sofrida ou vivida no cotidiano das quebradas onde viveu. Belo Horizonte é referência de memória onde tudo começaria, mas também significa dor, por conta da perda do parceiro.

Neste sentido, a lógica da noção de “família”, trabalhada por esses grupos, adquire um sentimento de pertencimento e de acolhida. Por isso, na concepção de MC Jhonym, é justificável alguém da família corrigir, “cortar” certas coisas se causam problemas, quando o intuito é melhorar. Afinal de contas, quem é da família, mais do que ser amigo também manteria uma ética de solidariedade em relação aos demais membros.

**Deni:** Só que a gente é o seguinte. A gente pensa em ajudar d'uma forma que possa ajudar todo mundo. Um exemplo: "Ah, ele tá precisando disso e aquilo". "Não. A gente conseguiu um show ali, o show é meu!". "É meu? Não. Mas é meu, ele tá indo comigo, ele precisa desse... desse dinheiro pra ele fazer isso, pra ele se alimentar. Pra ele comprar alguma coisa. Pra ele pagar uma conta. E vou dar a minha parte, uma parte pra ele. Eu vou dar uma parte pra ele. Eu vou ajudar ele". Porque é aonde que ele tando bem. Ele consegue fluir mais e até ajudar a gente melhor ainda. E outra, a gente consegue se ajudar um ao outro. Três pessoas cê multiplica por mais que uma sozinha. O trabalho se multiplica e onde que a empresa cresce mais e mais. E se consegue prosperar mais rápido. É onde que eles fala: "Um só não trabalha sozinho". Tem que contratar um empregado. Tem que contratar um pra limpar, pra varrer, pra fazer todo o serviço. Só que o que? Tendo dez trabalhando. Pros dez, o serviço rende pra trinta, vinte, cem. Rende mais. E é o que a gente vai conseguindo. Cada vez mais sem nenhuma dificuldade.<sup>259</sup>

<sup>258</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>259</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Neste sentido, para além de uma ética aquisitiva, em que ganhar mais dinheiro a partir dos shows daria a tônica ao trabalho desenvolvido pela Família DJ Produções, o que podemos averiguar, especialmente, é a construção de práticas de solidariedade e colaboração entre si, de modo a constituírem melhores condições de enfrentamento às adversidades e dificuldades socialmente vividas.

Na compreensão dessas experiências sociais, a Família DJ Produções estabeleceria uma postura de intervenção nas vidas daqueles que participam da empresa, em diálogo com valores da cultura, que provêm de referências diversas. Assim, o interessante não seria simplesmente uma prevalência de valores baseados numa adesão à Igreja, que poderia ser entendida como um aparato ideológico de poder. Mas, na complexidade dessas relações vemos necessidades que se impõem sobre a experiência e que acabam participando na forma como esses jovens definem e redefinem os rumos de suas vidas, nos limites de certas pressões.

Na variedade de elementos com que dialogam estão tanto referências provenientes do contato com outros grupos de rap e funk, com as questões concretas vividas em sua quebrada e na periferia, com as experiências vividas trabalhando em shows pela cidade, bem como da moral religiosa que acessam através da igreja. Assim, até mesmo os filmes se constituem enquanto referências que justificam, atestam e participam da construção de perspectivas sobre o tempo vivido e expectativas futuras. “Deni: A gente cai... que não tem como levantar. É como se diz no... no filme do... próprio Notorius Big<sup>260</sup>: ‘Quanto mais alto está, é mais fácil pra cair’”<sup>261</sup>.

Além disso, também se impõem expectativas de futuro e avaliações sobre o passado. O tempo que falamos, é entrecruzado por todos esses tempos, constituindo essa série de experiências na memória. Portanto, podemos dizer, que mais do que experiências mediadas pela cultura, são experiências que se constituem na cultura. Evidentemente, não falo de uma

---

<sup>260</sup> Notorius Big é um rapper estadunidense.

<sup>261</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

conceituação de cultura que baseia na noção de trocas uniformes entre indivíduos e que estariam acessíveis a todos nas mesmas condições, mas uma cultura que é construída nesse tempo vivido pelas pessoas, a partir de relações de força, desigualdades, diferenças, e, entre conexões e desconexões<sup>262</sup>.

É pertinente observar, a partir da última fala citada de Doidera, a referência a uma outra cidade: Belo Horizonte. Tendo vivido na capital mineira por alguns anos, Doidera começou a organizar a Família Rolê Gringo por lá. Seu parceiro, seria chamado de Brunim Zero Trinta Um, uma referência nítida ao código telefônico da região. Nos circuitos do rap denominar assim um lugar é uma constante na linguagem utilizada por seus adeptos. Por isso, os jovens do Quartel General MCs afirmam seu lugar ao mesmo tempo que reforçam a unidade entre outras regiões como São Paulo, onde um parceiro contribui com alguns dos *beats* que usam para construir suas rimas: “Ulisses: É o Zero Onze e o Zero Trinta e Quatro na parada!”<sup>263</sup>.

Se, por um lado, essas diferenças reforçam essa unidade, contudo, podemos observar que também se compreende a não uniformidade nos valores que se dão entre o que o produzido em diferentes circuitos:

**Ulisses:** Que nó assim... movimento... do rap, ele sempre viu a margem, né, cara?

**Artur:** Mas o movimento aqui é grande. O movimento aqui é forte.

**Ulisses:** Cê vai analisar o movimento é massificado pra caralho aqui. Acho que tinha que ter mais valorização, né?

**Gabriel:** É igual o Tiago falou, véi... Tipo assim... O povo acha que... tipo, Uberlândia é roça, véi. Que Minas é roça. Aí eles ligam a cara ali só pro lado de São Paulo e Rio de Janeiro.

**Ulisses:** Tem esse pensamento retrógrado.

---

<sup>262</sup> Como nos sugere Canclini, ao buscarmos compreender um “sujeito periférico” se revela a necessidade de colocarmos as categorias de conflito e contradição no núcleo de nossa investigação, uma vez que o objetivo dos especialistas em estudos culturais não deve ser apenas “dar voz aos excluídos”, mas realizar um trabalho consistente de nomear e compreender os lugares nos quais surgem as demandas sociais e a vida cotidiana desses sujeitos e em que medida entram em conflito com outros. Cf. GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 206-209.

<sup>263</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

**Gabriel:** E tipo assim, é igual o Tiago falou... (risos) Cê tá ligado? Hora que eles vim... tipo... pegar a roça aqui, véi... Ver o que tem de rap. O que tem de talento no rap, aqui na roça... Véi, vai explodir!

**Artur:** Mas nós é roça mesmo...

**Gabriel:** A galera tem a cabeça fechada ali pro lado de São Paulo, Rio de Janeiro... Tipo...

**Artur:** Mas num tem dessa aí... É... tem dessa mesmo. Nós é, a gente...

**Ulisses:** É!

**Artur:** Nós somos roça mesmo. É o rap da roça. O flow da roça que estrala!

**Gabriel:** Salve, Udischool! (risos) É o flow da roça que estrala!

**Artur:** É o rap da roça, os moleque da roça...

**Diego:** Que que é esse negócio de rap da roça aí? Conta pra nós...

**Artur:** Rap da roça é isso aí que ele falou. A gente aqui é discriminado como roça, né? Pá! Os cara do sertanejo...

**Ulisses:** Interior...

**Gabriel:** Os mano do Udischool pegou e fez uma música... que tem o refrão, né, véi: "Esse é flow da roça que estrala! Esse é flow da roça que estrala!".

**Artur:** E...

**Ulisses:** É... a gente é localizado aqui... no interior... pra começar... Pensamento da galera da galera aqui totalmente... fechado... Preso aos bons costumes e... Cê vai colocar um rap pra galera ouvir... "Pô, isso daí é... Cê é doido, cara..."

**Artur:** Aqui é uma...

**Ulisses:** "Ouve aqui esse Gustavo Lima aqui!". Entendeu?

**Artur:** Aqui é uma roça, mas a galera aqui tem o pensamento muito de cidade grande. Aqui em Uberlândia é até um pouco complicado, né? Porque... muita gente aqui tem aquele pensamento de... que aqui é cidade grande, mas a gente tem que lembrar que aqui é interior, mas a gente vai... subir! A gente vai crescer! Vamo ter... (...)

**Ulisses:** É... ainda... ainda... ainda...

**Artur:** É os moleque da roça...

**Hudson:** O China falou que o Tiago Beats falou que eles tem mente muito fechada pro... Rio de Janeiro, São Paulo, véi... Do mesmo jeito que tem rap lá, tem rap... rap paulista, rap... carioca, rap mineiro, rap baiano, véi...

**Gabriel:** Tem no Mato Grosso...

**Hudson:** Tem rap em tudo quanto é lugar, mano...

**Artur:** Num é... não é só aqui com a gente não. É... no nordeste mesmo, é... tem muito grupo de rap que... não é reconhecido também.

**Ulisses:** O underground vive, mano.

**Artur:** Muita... muita cultura aqui, eu acho que em si no Brasil, tá faltando um pouco valorizar mais, essa cultura que a gente tem.<sup>264</sup>

---

<sup>264</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Neste sentido, a partir do que afirmam, observamos que se impõe uma hierarquização quanto à produção do rap, efetivada a partir de uma concentração de produção no eixo entre São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, no Brasil haveria uma produção diversificada localizada em vários estados que atestariam a vivência do “underground”. Nesse sentido, essa produção fora do eixo principal também se afirmaria numa consideração de um lugar comum que estariam o rap produzido em Minas, no Mato Grosso, na Bahia, e, conforme genericamente afirmam os membros do Quartel General MCs, no Nordeste. Além do mais, Minas se afirmaria como o “rap da roça”, em que percebemos um processo de significação no qual “roça” pode servir para criar associações com o “caipira”<sup>265</sup> e um dado tipo de “sertanejo”. Essa caracterização, que a princípio poderia ser pejorativa, se torna uma forma de afirmação do lugar onde esses jovens produzem seus raps. Mais que o desejo de ver Uberlândia se tornar uma megalópole se fundem a ideia de “cidade do interior”, de ser uma roça, mesmo que se pense que é uma cidade grande.

Essas hierarquizações e valorações se fazem num movimento contínuo de temporalidades que compõe o que é esse “rap da roça”. Passado e presente se interligam de modo a significar que Minas Gerais se constitui como “roça” e que tem aspectos referentes a uma dada “cultura popular” que está associada à música sertaneja e à vida no campo. Porém, essa imagem de Minas Gerais retorna ao mesmo tempo, através desses jovens, como lugar urbano e da “cultura de periferia”. Se o olhar de fora se equivoca ao homogeneizar o que seria

---

<sup>265</sup> Em *O Povo Brasileiro*, Darcy Ribeiro, afirma a existência de vários “Brasis”: o Brasil Crioulo, o Brasil Caboclo, o Brasil Sertanejo, o Brasil Caipira e o Brasil Sulino. A imagem do caipira se formaria a partir de uma série de processos de miscigenação entre brancos e índios, num período em que a região que se estendia do interior de São Paulo até o Mato Grosso, passando por Minas Gerais, e que era uma região pobre frente ao rico nordeste brasileiro no período colonial. Com a descoberta do ouro, os mamelucos, filhos desse tipo de miscigenação, se tornariam os bandeirantes que desbravaram regiões em busca de ouro e se tornaram matadores de índio e algozes de negros escravizados. Com o processo de extinção das minas auríferas, esse sujeito se veria na necessidade de fixar num lugar, o que significaria, num período que a vida social e econômica brasileira era profundamente rural, se tornar morador do campo. O lugar de trabalhar era a roça, termo o qual que com o tempo passaria a sinalizar também uma ideia da divisão entre campo e cidade.

Cf. RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. Formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Longe de concordar com a abordagem de Ribeiro, é preciso considerar como essas imagens se constituíram para definir determinados modos de significar determinadas populações no Brasil. A imaginação social sobre o caipira o associa como uma pessoa preguiçosa, doente e desleixada, sendo a síntese dessa imagem o Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Em certa medida, ser caipira, pode se dizer, ser contrário aos valores dinâmicos da cidade. Sendo assim, seria irônico o fato de que São Paulo, enquanto província e estado, constituiu a construção daquilo que subsidia a ideia de um Brasil Caipira, embora capital paulistana pareça negar qualquer relação com essa questão.

“mineiro”, ao passo que essa ideia circula em lugares diversos do Brasil, constituindo um mito do que é viver e morar em Minas Gerais, ela é elaborada em outro sentido. Estabelece-se uma continuidade em que se afirma ser “roça que, porém é ruptura, pois se torna ser “cidade” e fazer parte do que seria urbano. Na inversão dos termos, ainda, se coloca uma perspectiva que rompe com a ideia de que o eixo Rio-São Paulo seria mais “evoluído”. Ulisses diz que tal postura de não se valorizar outros circuitos de produção do rap, na verdade, se trata de um “pensamento retrógrado”.

Tais elementos podem nos conduzir a uma reflexão sobre os termos em que se efetivam relações de hierarquia, desigualdade, exclusão e diferenças. Uma vez, que a relação entre a produção do rap é tratada, dessa forma, em termos distintos de acordo com o caráter regionais das produções. Essa diferença, todavia, se transmuta em relações de desigualdade em relação a aspectos técnicos de produção, de circulação e difusão do que é produzido nesses diferentes lugares. São Paulo e Rio de Janeiro se situam mais bem localizados em determinados recursos porque são lugares onde historicamente se concentrou a produção econômica.

Neste sentido, no que se refere à concentração de grandes empresas do ramo fonográfico e visual, há uma situação em que se configurou a produção de hegemonia frente a outros estados. Essa discussão ganha maior sentido quando pensamos a partir da definição de Williams de que os meios de comunicação são meios de produção<sup>266</sup>. No que se refere à música, encarada como trabalho, fazer essas considerações envolve pensar a complexa rede que envolve gravação, filmagens, distribuição, etc. Além disso, é necessário compreendermos esse movimento histórico que não se restringe apenas aos circuitos de produção das grandes gravadoras.

Também, em relação às gravadoras de pequeno e médio porte, ocorre a criação de uma concepção forjada a partir de processos seletivos de memórias, em que se afirma que o rap e outros estilos teriam lugares mais legitimados para serem produzidos. A partir dessa concepção se estabelecem relações hierárquicas em relação a outros lugares (vistos, por exemplo como “roça”). Assim, podemos dizer que diferença de lugar se torna

---

<sup>266</sup> WILLIAMS, 2011, pp. 69-88.



desigualdade/exclusão no que se refere especialmente ao acesso aos meios de produção da cultura. Talvez, não seja à toa, que os *beats*, não raro, sejam produzidos a partir de parcerias com músicos de São Paulo e outros lugares tidos como centros. O que talvez seja uma ironia, quando pensamos que se trata de uma produção cultural que se define como “periférica”, uma vez que, esse próprio estilo de produção, ao se colocar a partir de um centro produz uma relação de entender outros lugares do Brasil como periferias, no sentido negativo, do que é chamado “cultura urbana” em âmbito nacional.

Tendo-nos debruçado nesses termos, poderíamos chegar talvez a uma reflexão de que não existem periferias e que seriam meras construções teóricas definidas a partir do “centro”. Contudo, considero, que por mais que essa seja uma solução possível, ela também é norteadada por uma definição de “centro” e “periferia” em termos intensivamente abstratos e simplificadores. Definir o que é centro e periferia passa então pela necessidade de refletirmos sobre fatores significativos que definem as condições materiais da vida social nas cidades: o trabalho, a exclusão e as desigualdade sociais.

Contudo, antes de me deter a algumas considerações sobre esses aspectos, gostaria de realizar mais algumas reflexões sobre jovens, redes de comunicação e os processos de conexão e desconexão que se efetivam na cidade.

### **3.3 - Redes na(s) cidade(s): conexões e desconexões entre jovens**

Mike Savage, em um artigo que aponta os limites e potencialidades da noção de “formação de classe” em Thompson, afirmava que para aprofundarmos uma compreensão histórica da “formação de classe” seria necessário pensarmos o papel do espaço nesse processo. A alternativa proposta pelo autor seria, assim, de analisarmos os processos de construção de redes para a formação de classes – sejam essas redes articuladas em largo alcance, ligando membros da classe através de lugares diferentes e possibilitando a construção

de organizações e mobilização coordenada; sejam elas mais densas, no nível das comunidades, de relações face a face, que conduziriam à solidariedade local<sup>267</sup>.

Partindo dessas proposições, podemos verificar redes de diferentes níveis que são articuladas entre jovens. Mencionei anteriormente as relações entre os jovens de Uberlândia ligados ao rap com grupos de outras cidades (como São Paulo e Belo Horizonte), bem como alguns dos códigos que utilizam para se situarem nessas redes.

Compondo os grupos procurei assinalar o que seriam as “famílias” (tais como a Família Rolê Gringo e a Família DJ Produções), que caracterizam um tipo de vínculo de solidariedade mais próxima entre esses jovens. No caso, do graffiti, de modo similar a organização num primeiro nível, mais próximo, se dá a partir das *crews*. Ao falar das possíveis divergências entre diferentes *crews*, ao passo que as nega, Leles destaca algumas das existentes em Uberlândia:

**Leles:** Olha... Aqui ainda num tem nenhuma divergência assim em questão. Por exemplo, tem algumas divergências quando você sabe... que a galera de uma crew, né? E você vai faz um corre vandal, por exemplo, tá uma tag no seu muro lá, um bomb e essa outra crew fecha o muro com painel. Aí... Sempre tem a... Aqui, por exemplo, a Arte Fosca, era uma crew mais... voltada pra esse tipo de trabalho assim. Produção... de mural. E... outras crews que num... não são tantas assim ficava meio chateado, né? Tipo "Ah... Os cara vão apaga nosso trampo.". Né? Mas assim num... num chega nem a rolar nenhuma... nenhum atrito não assim. Essa... mais essa questão e... outra é mais questão de nome mesmo, eu acho... Seus amigos mesmo... Igual, a gente tá com outra crew que é a Dassul. Que é crew da Sul. Que é só a galera que mora aqui na Zona Sul, Shopping Park, São Jorge. Então é ti... e, tipo assim, cada graffiteiro num... num precisa ter um crew só. Ele pode ter outras. Então tem... A gente tá montando essa da Sul, mas aí, por enquanto eu só, eu tenho só a FUC, que é a minha crew desde o começo. Aí... Assim... Hoje em dia que tá tendo mais crew, a gente não sabe como é que tá... vai lidar, né? Com outras... essas crews novas. Mas, por enquanto ainda não tem

---

<sup>267</sup> SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. **Revista Mundos do Trabalho**, Curitiba, vol. 3, n. 5, p. 6-33, jan.-jun. 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2011v3n5p6>>. Acesso: 05 maio 2016.

nenhuma rixa. É só uma questão de... de união, de ser amigo mesmo. Sem nem... Sem nenhum fundamento.<sup>268</sup>

Apesar de negar as divergências, é possível perceber uma situação de tensão entre aqueles que grafitam *tags*, e as *crews* que se voltam para uma proposta de produção de murais. Além disso, percebe-se a criação de uma articulação em nível mais localizado como no caso da *crew* Dassul, composta por jovens que moram na Zona Sul da cidade.

Para além das redes de solidariedade locais, também existem uma série de conexões que são realizadas por esses jovens:

**Diego:** Cês têm relação com grupos de fora? Como... é que funciona isso?

**Bruno:** Relações com os parceiros estão começando a aparecer agora. Depois que eu e meu parceiro aqui, Doidera, juntou... a gente fez essa união nossa...

**Doidera:** E abrimo o selo, né? E a gravadora. E começou a ser Rolê Gringo Records e começou a aparecer...

**Bruno:** ...as conexões. A gente conseguir conversar com os parceiros que estavam mais distantes. Até um pouco tempo atrás eu... Salve Narco MCs...

**Doidera:** Registrado!

**Bruno:** ... de Mato Grosso do Sul... dormiu aqui em casa. Dois dias.

**Doidera:** Salve também James Lima. Street Máfia *rappers*.

**Bruno:** Araguari... Patos de Minas... Mato Grosso do Sul... São Paulo... Tá aparecendo é isso: parceirinho pra dar uma força pra gente.<sup>269</sup>

As redes sociais da internet, podem ser vistas ainda, como ferramentas que possibilitam contatos com grupos e pessoas de diferentes lugares do Brasil e do mundo.

**Diego:** E tem parceiros, né... fora... aqui na cidade, como é que é a relação de vocês?

**Deni:** Não... Geralmente tem. Geralmente não. Tem, né?

**Johny:** Tem!

**Deni:** É... Em todo lugar.

**Johny:** Em todo lugar que a gente vai, a gente acaba...

---

<sup>268</sup> CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na DedoSujeito Atelier]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>269</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

**Deni:** E até sem a gente ir. A gente consegue pelo... internet, por outros meios, a gente consegue comunicação e consegue... pessoas que ajudam a gente de tudo quanto é lugar do Brasil.

**Diego:** Você acha que internet ajuda?

**Deni:** Bastante! A comunicação aumenta, né?

**Mago:** Nossa... É uma ferramenta que se você souber usar, cara. Cê... cê alcança muita coisa.

**MC Jhonym:** Cê vai longe. Porque a internet cê pode... pessoa do outro lado do mundo pode te conhecer através... da internet.

**Deni:** É onde que tá... que tá acontecendo. A gente tá tendo contato com pessoas de... fora do país também.

**Diego:** Fora do país?

**Johny:** Fora do país.

**Diego:** Mas aí do... do hip hop... o que que seria... o funk? O que que seria?

**Johny:** Não! Porque a gente...

**Deni:** Tudo! Os dois estilos. Porque pra eles lá é praticamente um estilo só. Pra gente, a gente... separa cada coisa ali. Mas pra eles é praticamente... No nosso olhar é uma mistura dos dois estilos.<sup>270</sup>

Esses jovens dos diferentes grupos se utilizam de diferentes redes sociais para divulgar seus trabalhos: canais no Youtube, páginas no Facebook, mensagens no Whatsapp, fotos no Instagram... Segundo, muitos afirmam, praticamente todas as redes sociais são utilizadas para divulgar trabalhos e estreitar relações com outros grupos e estúdios independentes de outras cidades. Tal como Deni Borges destaca, a internet faz com que a “comunicação” aumente.

A relação com a internet se dá, assim, para esses jovens como potencializadora de seus trabalhos, permitindo com que se contacte pessoas da cidade ou de outras cidades, às quais não se teria talvez acesso, ou o contato se daria em menor frequência.

No graffiti, tanto o registro audiovisual, como a divulgação em redes sociais são formas de ampliar as condições de preservar a memória sobre o trabalho e de comunicar com outros jovens, de outras cidades, que também são grafiteiros.

**Diego:** E essa questão, né, do canal no Youtube. A que veio? Porque o... o graffiti já passa uma mensagem, né? Mas, porque também essa questão do... da câmera, do audiovisual atrelado a isso?

**Leles:** Bom... Eu sempre... mexi com vídeo. Sempre produzi vídeo, foto...

---

<sup>270</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

E... o grafiteiro, a gente faz, e não quer ser esquecido, a gente quer mostrar pros outros que que a gente tá produzindo, que que a gente tá fazendo. Como que é... Como que é, sabe, mostrar pra, não só pras pessoas (em geral), mas principalmente pra outros grafiteiros. Mostrar como é o nosso rolê. Entendeu? Então... Registrar isso... é... interessante porque também a gente pinta num dia, no outro dia talvez não tá lá. Então, registrar é uma forma da gente guardar isso, né? Porque é uma... é uma arte assim que... que some. Tipo assim a gente não dá tanto valor à... à peça em si. "A gente pinta e aquilo é nossa arte. Aquilo tá ali". Não. A gente dá valor. É... Mais pelo rolê. Sabe? É pelo conjunto de outros graffitis, de outras expressões... Não é só o seu, o que você pintou hoje que importa. Mas, registrar eu acho interessante porque é um trem que vai sumir. Cê... Tem quase certeza que vai sumir. Então eu gosto de... de registrar pra mostrar pras outras pessoas. Pra ter lembrança. Sabe? Pra... Sei lá. Até... Quando mostra pra outras pessoas que não são do meio do graffiti, eles até ficam "Nossa, que cês...". E dependendo do vídeo, né? Tem alguns que são muito agressivos. A gente manda *tag* nos carros.

**Diego:** Uhum.

**Leles:** Os caras ficam "Nossa! Mas isso é vandalismo! Isso não é graffiti não!". Falei "Não. É sim. Isso que que é graffiti!". Entendeu? Talvez mostrar que... Como que é o graffiti de verdade. Entendeu? Pessoal acha lindo quando vê lá no muro. Mas não sabe como que foi pra fazer. Entendeu? Mas assim a questão maior mesmo é o... O narcisismo, né? É se ver lá. Mostrar pros outros que cê fazer. Entendeu?

**Diego:** Mostrar um pouco... os caminhos. Né?

**Leles:** É se ver também ali. Tipo cê mostra pro... pra um amigo, outro vai mostrando... "Ah, cê que é o fulano". Se tornar conhecido no meio, né?<sup>271</sup>

Mostrar para as pessoas as dinâmicas e dificuldades de trabalho pode ser também, assim, um intuito quando se divulga os trabalhos. Além disso, estabelecer contatos e se “tornar conhecido”, podem ser outros interesses em meio a esse processo de divulgação. Todavia, pintar um graffiti, para Leles, não é primeiramente se comunicar com as pessoas em geral, mas especialmente entre outros grafiteiros.

Frente à efemeridade, característica do graffiti e da pixação, em que um trabalho feito em um muro pode ser pintado no dia seguinte, registrar (com câmeras) é um modo de se preservar a memória do conjunto de trabalhos realizados: “Pra ter lembrança”. É, ainda, uma

---

<sup>271</sup> CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na DedoSujo Atelier]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

forma de se apresentar aos outros e construir referências sobre si, constituir uma memória que pode ser compartilhada, a partir de ferramentas de comunicação, com outros grafiteiros.

As formas de comunicação, através da internet, contudo, são apresentadas como algo recente por Maxwell:

**Diego:** E como é que era a divulgação do... desses eventos que vocês faziam?

**Maxwel:** Na... Era bem complexo, cara. É... A gente fazia desenho mesmo em papel, escrita na mão e... xerocava, ia na papelaria, porque, tipo, dez ano atrás, se for ver, o Brasil deu uma... puff... reviravolta imensa, né? Com a tecnologia. Hoje em dia procê... divulgar no Facebook, no Whatsapp, é... Um veículo de comunicação que eu vou te falar, né? Mas enfim, antigamente não. Antigamente a gente fazia em papel mesmo e imprimia na papelaria, juntava dinheiro, e ia de em escola em porta de escola, em casa em casa e... nos mano. Dava dez, vinte... "Entrega lá pros seus mano". E nós ia divulgando o trampo assim. Hoje em dia não, hoje tem Facebook, Whatsapp, cê... Cria um folder ali no seu computador, né? Tem um computador na minha casa bão. Graças a Deus hoje eu tive acesso aí, eu com a minha arte, e divulgo lá e o outro divulga e, né? Hoje é bem melhor. Mas antigamente não. Antigamente era mais no boca a boca mesmo, no panfletinho, feito à mão mesmo. Divulgação era feita dessa forma.<sup>272</sup>

Podemos refletir então sobre o caráter do grande acesso a algumas tecnologias (como *smartphones*, computadores e internet) compondo as realidades vividas pela maioria dos jovens brasileiros. Sendo um processo historicamente recente, Maxwell relata toda uma experiência sobre como era divulgar os eventos que organizava a partir de panfletos impressos em papel em um tempo não tão distante:

**Diego:** E como é que... E como é que vocês faziam isso? Né? Esses panfletinhos? Você... Vocês pagavam... Como é que era?

**Maxwel:** Era! Era! Igual eu te falei, a gente desenhava, né? E... Como eu me lembro bem até o valor antigamente era dez centavos uma cópia. A gente fazia mil cópia de... Um desenho feito à mão, né? A gente pensava numa arte ali. Fazer um desenho. Escrever o nome da banda. O horário, o local. E... Pegar uma cópia e uma folha e... Fazer várias cópias, uai! E... igual eu te falei. Era divulgado, porta a porta, né? É... ajuda mesmo de custo, de patrocínio mesmo a gente... Tentou correr algumas vezes atrás e não teve tanto assim. É... Eu tinha outros amigo meu que corria pelo rock, pelo sertanejo, o samba e tipo... Cara bão mesmo! Mandava um som bom mesmo. Profissionais da música, tinha mais acesso, né? Patrocínio. Porque era um

---

<sup>272</sup> COSTA, M. R. [Entrevista realizada com Maxwell Roberto da Costa]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.



estilo musical mais aderido aqui nessa região. O rap, ouvir que não tinha tanto apoio assim, pelo fato de ser rap mesmo. Igual eu te falei, defender o excluído, favelado. Então, apoio mesmo financeiro. Patrocínio, a gente não teve não. É... mais, foi essa força de vontade, de correr atrás, e... A gente mesmo divulgava.

**Diego:** Uhum.

**Maxwel:** E tirava do bolso mesmo, igual eu te falei, fazia... Folha na mão. Fazia cópia e distribuía. Mas pa... pagar alguém pra distribuir, não. A gente sempre pedia ajuda de amigo pra ajudar a distribuir, panfleto, em casa e... Igual eu te falei, dava dez, pra um amigo, mais dez amigo dele e assim divulgando. Mas, custo mesmo, é, ajuda financeira, e custo mesmo assim na distribuição não teve não.<sup>273</sup>

A fala de Maxwell nos direciona a pensar sobre as transformações ocorridas no nosso país com a chamada “popularização da internet”. Longe de considerar a possibilidade de resolver essa questão, creio, contudo, que é necessário nos indagarmos sobre o que significam essas mudanças. Assim, se nesse período não haveria os recursos das redes sociais da internet para serem usados, isso não quer dizer que não existiriam técnicas e estratégias de comunicação usadas pelos jovens. Haveria, assim, outros fluxos, circuitos, técnicas e práticas de comunicação. A técnica do desenho replicado a partir de uma máquina xerográfica ser articulava a uma prática de divulgação em que os jovens falariam de um modo fisicamente mais próximo entre si. Um panfleto circularia entre amigos, que distribuiriam a outros, criando uma amplitude maior de redes de articulação e de informação. Mediante essas questões devemos considerar dois pontos:

Primeiramente, devemos falar sobre a continuidade dessas práticas e técnicas de comunicação. A prática do fanzine (uma espécie de revista artesanal produzida pelos próprios jovens) ou dos mosquitinhos (pequenos panfletos contendo informações básicas sobre um evento) ainda persiste como forma de divulgação de alguns eventos que ocorrem nas periferias. Neste sentido, as interações via internet não substituem as práticas de comunicação face a face, mais próximas. Por outro lado, como vimos, o próprio uso da internet, no caso, de eventos que ocupam lugares públicos, como rolezinhos e batalhas de rimas, se efetiva como elemento impulsionador do encontro e das sociabilidades entre as juventudes em territórios urbanos.

---

<sup>273</sup> Ibidem.

Em segundo lugar, essa novidade das várias tecnologias de informação fazendo parte da vida de milhões de jovens brasileiros deve ser considerada numa dimensão histórica e articulada a uma noção que envolve dinâmicas de inclusão, exclusão, conexão e desconexão em suas formas de acesso. Isso é pertinente, uma vez que nem todos têm as mesmas condições de acessar essas ferramentas de comunicação com a mesma intensidade<sup>274</sup>.

Por outro lado, requer que problematizemos as próprias formas de se usar a internet. Isso, contudo, não pode resultar simplesmente numa perspectiva elitista, que tente impor um determinado uso como adequado ou mais válido. O que gostaria de refletir é sobre a necessidade que temos de pensar essa questão de uma forma que não esteja isolada. Para isso, precisamos refletir o valor da cultura, entendida enquanto o pleno acesso a bens e patrimônios culturais diversos e também enquanto direito. Retomamos então a uma ideia e uma proposição de cidadania cultural que, enquanto articulada a outras formas de combate às exclusões e desigualdades, pode ter potencial para se efetivar como parte do processo de emancipação social e humana. E isso, em certa medida, de diferentes formas, mesmo que não se constituindo em torno de pautas objetivamente organizadas, é o que esses jovens parecem reivindicar a partir de suas práticas sociais.

### **3.4 - Fluxos de jovens por dentro e fora da “cultura”: trabalho, exclusão e desigualdades na cidade**

Apoiando-nos em elementos, como dados de pesquisas, tais como Mapa da Violência, podemos dizer que ser jovem e negro no nosso país é um fator de exclusão social, uma vez que são estes jovens os que mais morrem por homicídios. Essa situação se agrava quando verificamos que a essa situação se associa o fato de que a maior parte desses jovens são

---

<sup>274</sup> A PNAD 2013 revelou que apenas 49,4% da população brasileira têm acesso à internet. No que se refere à juventude, em algumas faixas etárias entre 15 e 29 anos, essa taxa chega a até 75%. Se esse número parece alto, todavia, é importante considerar que 1/4 dos jovens brasileiros, portanto, não teria acesso a internet. A PNAD assinalava ainda diferenças no acesso no que se refere à classe social das pessoas entrevistadas: Enquanto a faixa mais rica chegaria a ter 89,9% de acesso à internet, a faixa compreendida entre aqueles que o rendimento domiciliar não chega a 1/4 do salário mínimo teria a taxa de acesso a internet reduzida para apenas 23,9%. Cf. PORTAL EBC. Acesso à internet chega a 49,4% da população brasileira. **Portal EBC**. Brasília, 29 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/04/acesso-internet-chega-494-da-populacao-brasileira>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

pobres<sup>275</sup>. Longe de ser um dado natural, tanto a pobreza, como o racismo são histórica e socialmente construídos.

Ao falarmos sobre jovens pobres, moradores da periferia, essas considerações colocam a necessidade de verificarmos os processos de exclusão, inclusão, diferenças e desigualdades vividos nas cidades. As formas de dominação, as disputas e formas de resistências em relação aos lugares se revelam, portanto, como necessárias para uma reflexão sobre as relações de classe, e, portanto, das desigualdades.

Assim, para Maxwell, em trecho que destacamos anteriormente, o sujeito excluído se relaciona ao “favelado”, ao “oprimido” e ao “menos favorecido”. Ao lhe indagar sobre mudanças a respeito de direitos para os jovens nos últimos anos, ele tece as seguintes considerações:

**Diego:** Mas você acha que tem diferenças, assim, de quando cê... Sei lá, uns 18 anos... É... De direito pra juventude. Pra... Pra agora.

**Maxwel:** Lógico. Lógico. Eu creio que de lá pra cá, hoje tem mais direitos. Né? Mas também né, que fala o cara que "Ah, vou dar mais direito pro excluído não". Tem mais direito porque... Igual eu te falei lá. Devido... Essa... Esse acesso assim desenfreado aí há... a informatização, né? Digamos assim. Computador, celular. O... Excluído, ele ficou um... Teve um pouco mais de acesso à informação, né? É... o que chega até ele. Porque se, hoje em dia, se a gente tem uma arma imensa na mão, né, que é a internet. Se você for procurar informação cê tem tudo que cê que precisa. Na internet. Mas, tipo... E essa pessoa não só absorve o que chega nela. Então... Devido essa informatização aí, o pobre teve mais acesso à informação. Então... Hoje em dia tem um pouco mais de direito do que antes. Mas, tipo... Dez ano pra cá. Eu vou falar. Evoluiu bem pouco mesmo. Mínimo. O direito do... excluído. Pra mim mesmo na minha visão, na minha concepção... Quase nada. Tá aí, mas... Tipo, não tem acesso, né?<sup>276</sup>

Para Maxwell, a sensação de mudanças mínimas se deve especialmente a transformações que considera importantes, porém mais superficiais, tal como o acesso a bens

---

<sup>275</sup> Acerca das relações entre cidades, pobreza, miséria, racismo, exclusão e segregação sociais, uma boa indicação que se utiliza de diferentes metodologias de análise e materiais (dados, entrevistas, etc.) seria a obra: BRANDÃO, A. A. **Miséria da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Pallas Ed.; Niterói: PENESB, 2004.

<sup>276</sup> COSTA, M. R. [Entrevista realizada com Maxwell Roberto da Costa]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

de consumo que permitiram o acesso a uma maior amplitude de informações. Contudo, Maxwell compreende que isso que não significou uma melhoria na capacidade de compreensão das pessoas quanto a essas informações.

**Maxwel:** [...] E eu creio que é falta de incentivo de governo. Também não adianta cê só construir uma escola e não incentivar o cara estudar. Entendeu? Não adianta cê construir uma biblioteca e não incentivar o cara ir lá ler um livro. Pra mim vai construir uma biblioteca lá e ficar lá dando traça lá e mofo. Se eu não incentivar. Realmente o excluído ele já se sente excluído então ele num se sente no direito de ter acesso a isso aí. Então se cê não incentivar ele a ir lá, ele sempre vai ser excluído. Então... Não adianta só construir e não incentivar.<sup>277</sup>

Em sua concepção, assim, a exclusão também é um arranjo da não inclusão, em que estão situadas as “classes mais elevadas”, e que não foi possibilitada pelas ações (ou falta de ações) dos governos. Desta maneira, considera que a exclusão é uma condição que não se modifica apenas por construção de mais equipamentos públicos culturais, como uma biblioteca, mas em que também seriam necessários certos incentivos. Em sua compreensão, os incentivos reais seriam o estabelecimento de ações de governo (ou de Estado) que se orientem a estimular a participação e a formação intelectual dos que hoje se encontrem excluídos. Afinal, assinala que a exclusão não é só uma condição, mas um entendimento dessa condição, pois, o “excluído já se sente excluído”.

Um aspecto que chama a atenção à respeito da vida dos jovens entrevistados é que, em geral, a atividade do rap ou do funk, mesmo que seja considerada sua atividade principal, costuma ser complementada pelo trabalho remunerado em outras áreas. Bruno trabalhou como jardineiro para conseguir poupar dinheiro para comprar os equipamentos do estúdio. Doidera chegou a trabalhar como servente de pedreiro com a mesma intenção. Jhonny, além de dançarino, é também professor de dança em ONGs e escolas privadas de dança. Maxwell, no período da entrevista, estava desempregado, porém havia trabalhado na empresa atacadista Martins, em padarias, e chegou a ter seu próprio negócio no ramo de “estética automotiva”. Deni Borges divide as atividades de DJ e do estúdio com o trabalho como porteiro,

---

<sup>277</sup> Ibidem.

trabalhando para uma empresa que fornece serviços terceirizados de vigilância para outras empresas do município. Artur trabalha em uma empresa da área de *call center*. Gabriel e Ulisses estavam desempregados no momento da entrevista, mas diziam procurar emprego. Hudson trabalhava como assistente de mecânico há mais de cinco anos, sendo que no momento da entrevista afirmou ter 19 anos!

A situação comum a esses jovens é a situação de estarem todos empregados em áreas do chamado “setor de serviços”, sendo este o ramo com maior crescimento em Uberlândia – tanto economicamente, como no que se refere à oferta de empregos.

Essas questões, que emergem das falas dos jovens entrevistados, portanto, apresentam proximidade com a situação geral vivida pela juventude na cidade no que se refere ao trabalho e ao emprego. Conforme dados divulgados pelos CEPES-UFU, em 2014, é possível perceber que a maior parcela de empregos formais é direcionada a jovens entre 18 e 24 anos (cerca de 79% da geração de empregos formais no ano de 2013), em especial no setor de serviços e com remunerações mensais inferiores a um salário mínimo e meio. Ademais, cerca de 69% dos jovens com empregos formais no município teriam como maior escolaridade o ensino médio<sup>278</sup>.

O que é possível relacionar a partir dos elementos das entrevistas, que estamos falando de uma parcela da juventude uberlandense que, se por um lado parece ter relativo acesso a

---

<sup>278</sup> BOLETIM DO EMPREGO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia: Centro de Pesquisas Econômico Sociais do Instituto de Economia da UFU, n. 6, jan. 2014. 5 p. Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/sites/ie.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Boletim%20do%20Emprego%20-%20Janeiro%20de%202014.pdf>>. Acesso em: 07 abril 2016.

Rui Braga discute, a respeito das manifestações de junho de 2013, a classe social que define de “precariado” que seria uma parcela da classe trabalhadora que se efetivaria a partir da precarização das condições de trabalho, tais quais os jovens trabalhadores chamados de “atendentes de telemarketing”. As contradições vividas por esse setor, localizado especialmente na juventude, se devem ao fato de que ao passo que se beneficiou de políticas como a expansão do acesso ao ensino superior, por outro lado se mantiveram sujeitos a condições de trabalho de baixos salários, alta rotatividade e com altos índices de adoecimento. Essas contradições impulsionariam os processos de descontentamento com a política no país por diversos setores juvenis em 2013. Apesar de manter reservas quanto a denominação de “precariado”, considero pertinentes alguns dos elementos dessa análise, principalmente no que se refere a essa contradição vivida pela juventude da classe trabalhadora que ascendeu socialmente, mas que vivencia as novas formas de exclusão, desigualdade social e a restrição de oportunidades de emprego com melhores remuneração no país. MARICATO, E. et al. (Orgs.) **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

empregos formais, por outro, lida com condições precárias de empregabilidade e está sujeita às instabilidades, crises e flutuações econômicas.

Por outro lado, a ampliação da possibilidade de acesso ao ensino superior pode ser um elemento substancial para compreensão das situações vividas pelos jovens brasileiros. Deste modo, embora a ampliação de políticas públicas (como o PROUNI, o REUNI e o FIES) desenvolvidas a partir de 2003 permitiram o acesso ao ensino superior para um número significativamente maior de jovens, ainda são relativamente baixas as taxas de ingresso de jovens ao ensino superior<sup>279</sup>.

Assim, no que se refere ao tempo médio de estudo, chama a atenção que, em Uberlândia, apenas 10,55% cursariam o Ensino Superior e que somente 17,55% de jovens teriam esse nível como sua maior escolaridade. Ainda neste sentido, seria importante considerar o saldo de emprego formal por faixa etária que, entre 2012 e 2013, para jovens até 17 anos foi de 45,68% e que entre os jovens entre 18 e 24 anos foi de 72,52%. Esses dados sinalizam para uma possível exclusão de jovens que não teriam acesso ao emprego formal devido a não conclusão do Ensino Médio, como apontam que para a maior parte dos jovens da cidade que estaria empregada em empresas da cidade, não se teria expectativas concretas de se cursar o Ensino Superior.

Outro fator de exclusão e discriminação em relação aos empregos formais se evidencia a partir de um levantamento de dados efetuado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome no Boletim de Vulnerabilidade Social e Juventude Negra, realizado em

---

<sup>279</sup> Carvalho e Waltenberg assinalam dados importantes para correlacionarmos com a desigualdade de oportunidades provenientes aos diferentes níveis de acesso ao ensino superior. No Brasil, menos de 20% da população teria qualificações de ensino superior, sendo que apenas 11% dos brasileiros teriam o ensino superior, enquanto no Canadá essa proporção chegaria a 49%; nos Estados Unidos, 41%; no Japão, 43%; no Reino Unido, 33%; e na Alemanha, 25%. O estudo afirma ainda que: “No Brasil, a conclusão de um curso de graduação é acompanhada por uma baixa taxa de desemprego e por um retorno financeiro que, em média, é 2,6 vezes maior do que os obtidos por aqueles que pararam os estudos no ensino médio”. Os autores citam ainda uma pesquisa realizada em 2007 pelo IPEA, em parceria como o PNUD e o CEPAL, com jovens de 18 a 24 anos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro revelaram que gostariam de chegar ao ensino superior. Cf. CARVALHO, M. M., WALTENBERG, F. D. Desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior no Brasil. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 369-396, jun. 2015.

Disponível

em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-80502015000200369&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502015000200369&lng=en&nrm=iso)>.

Acesso em: 30 out. 2016.

Segundo a base de dados da PNAD/IBGE é possível verificar os seguintes números: em 1998, 8,7% dos jovens entre 18 e 24 anos tiveram acesso ao ensino superior; em 2005, esse número sobe para 14,6%; e em 2012, esse número sobe para 21,0%.



2013<sup>280</sup>. Vemos nesses dados que, principalmente em ocupações ligadas à gerência, direção, às áreas das ciências e da intelectualidade e entre os técnicos profissionais de nível médio, que há uma maioria expressiva de não negros que assumem tais ocupações. Já em relação ao chamado grande grupo de “ocupações elementares” estão situados os jovens negros que ocupavam 61,4% desses empregos.

**Tabela 3 - Jovens ocupados em Uberlândia de acordo com Grandes Grupos de Ocupação do IBGE. 2010.**

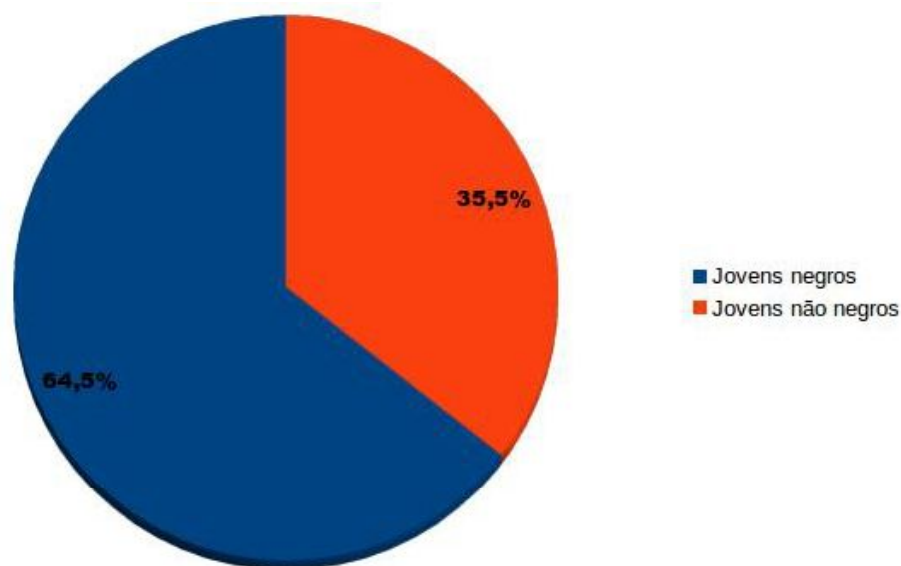
<b>Grandes Grupos de Ocupação</b>	<b>Qtd. de Jovens</b>	<b>% de negros entre os jovens</b>	<b>% de não negros entre os jovens</b>
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	807	54,1%	45,9%
Diretores e gerentes	4396	25,7%	74,3%
Profissionais das ciências e intelectuais	10259	31,5%	68,5%
Técnicos e profissionais de nível médio	10682	39,1%	60,9%
Trabalhadores de apoio administrativo	22099	41,4%	58,6%
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	19010	46,7%	53,3%
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	1141	50,7%	49,3%
Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios	11728	54,1%	45,9%
Operadores de instalações e máquinas e montadores	4884	57,3%	42,7%
Ocupações elementares	14.843	61,4%	38,6%
Ocupações mal definidas	6798	49,7%	50,3%
<b>Total</b>	<b>106647</b>	<b>46,1%</b>	<b>53,9%</b>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Considerando a lógica de uma sociedade que atribui diferentes pesos ao trabalho considerado intelectual, ao trabalho administrativo e ao trabalho braçal, podemos considerar que ocorre em Uberlândia uma dinâmica de segregação e exclusão dos jovens negros em relação ao acesso a determinados cargos e empregos . Além disso, considerando a juventude entre 15 e 17 anos que estaria fora do Ensino Médio, é expressivo que, nessa mesma base de dados, 64,5% desses jovens fossem negros.

<sup>280</sup> BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Boletim de Vulnerabilidade Social e Juventude Negra**: Dados do Município – Uberlândia. Brasília, 02 dez. 2013.

**Gráfico 13 - Jovens Negros e não negros entre 15 e 17 anos fora do Ensino Médio em Uberlândia. 2010.**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2010).

Essas dinâmicas parecem estar correlacionadas, tanto no sentido de que essa parcela de jovens se encontra em situação de maior vulnerabilidade social (pois detêm as piores remunerações, menores níveis de escolaridade, etc), mas, também, podemos inferir processos de diferenciação e discriminação (sutis ou mais escancarados) que limitam a ascensão de jovens negros em cargos nas empresas.

Neste sentido, uma análise de processos referentes à desigualdade social em Uberlândia, no que se refere aos jovens, tem que considerar as dimensões profundas de como se estrutura o racismo na cidade. Seja em termos de violências físicas propriamente ditas ou nos processos de exclusão ainda persistentes contra jovens negros.

Trabalhar e estudar parece ser uma dinâmica complexa, tal como demonstra Artur: “Então, cara... Eu trabalho... e... estudo, né? Fazer uma faculdade... Hoje em dia é meio complicado, né... Sem faculdade. Mas... Os cara aí também trabalha... Só o Ulisses que não faz nada... (risos)”<sup>281</sup>.

---

<sup>281</sup> CAMPOS, Hudson, FONSECA, Ulisses, PEREIRA, Artur e PAIVA, Gabriel. 17 de julho de 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Numa realidade de empregos de baixos salários, inseguranças quanto a estabilidade nas empresas e que se agravam com a conjuntura político-econômica, então, por vezes, a saída para levantar algum dinheiro, são trabalhos na informalidade:

**Ulisses:** Então... eu, cara... um caso complicado. (risos)

**Hudson:** O Ulisses só faz o rap aí... (risos)

**Ulisses:** Não!

**Gabriel:** Ele faz o rap e passa pro pai dele. (risos) Lá vai uma vez na semana.

**Ulisses:** Eu trabalho com meu coroa às vezes, sabe? (risos) É difícil o mercado de trabalho.

**Hudson:** Ele faz uns bico, irmão! (risos)

**Ulisses:** Esse atual Temer aí tá... tá acabando conosco<sup>282</sup>.

Por sua vez, Maxwell descreve sua trajetória de empregos demonstrando uma grande variedade de trabalhos realizou no decorrer de sua vida:

**Diego:** E de trabalho? Me conta um pouco, como é que é sua trajetória? É... Quando... Quando você começou a trabalhar? Quais empregos você já trabalhou? Como é que é?

**Maxwel:** Então, eu... Comecei a trabalhar muito novo. Eu comecei a trabalhar com doze ano de idade. Já comecei a trabalhar aí em empresa, né? Ganhar salário mínimo. Trabalhei na panificadora durante uns três, quatro anos até eu acho que os quinze ano eu trabalhei na panificadora. Saí, trabalhei um período com um vizinho meu que morava na frente, da minha casa. A gente morava numa colônia lá no Roosevelt. E ele mexia com eletrodoméstico, ar condicionado, lavadora, geladeira, essas coisa. E... Comecei a trabalhar com ele, eu tava à toa. Eu trabalhei com ele até próximo dos meus dezoito ano. E... Logo em seguida eu recebi uma proposta de novo na outra panificadora, na onde minha mãe e minha irmã trabalhou muitos ano. E... Trabalhei lá até os dezoito, dezenove, depois trabalhei um tempo com meu pai. Meu pai é pedreiro. É construtor. Trabalhei um tempo ajudando ele. No período do quarto ano eu consegui arrumar emprego, nesse período eu trabalhei com ele. Com vinte e um anos de idade eu comecei a trabalhar no Martins, né? Uma empresa grande, né? E... Trabalhei lá sete anos. E... Durante esse período eu... peguei... todo meu Fundo, né? De pensão, dos meus benefícios e montei uma microempresa pra mim que eu citei, né? Que é a empresa Estética Automotiva. E lá eu trabalhei cinco ano até... vim essa crise aí, né? E me tirar do mercado. Até aí então, agora eu tô vivendo de bico. Mas, minha trajetória é essa. Eu sempre trabalhei! Sempre! Sempre! Nunca fiquei mais do que dois, três meses à toa.<sup>283</sup>

<sup>282</sup> CAMPOS, Hudson, FONSECA, Ulisses, PEREIRA, Artur e PAIVA, Gabriel. 17 de julho de 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>283</sup> COSTA, M. R. [Entrevista realizada com Maxwell Roberto da Costa]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Maxwel, no momento da entrevista, destacava alguns aspectos da política econômica do país que considera haver alguma relação a falência de seu empreendimento no ramo de estética automotiva, o que fez com que ficasse numa situação de desemprego:

**Diego:** E a empresa? Como é que era? Sua empresa? [pausa] Como é que foi o processo dela?

**Maxwel:** Então, é... Inicialmente eu igual eu falei. Eu saí dessa empresa que eu trabalhava... é... Né? É... Fichado. E peguei meu acerto e montei lá. De início não sei se o primeiro mês foi dificultoso. É... Já, eu consegui montar uma clientela boa. E já de lá pra cá eu deslanchei. Eu comecei, consegui me manter, através da minha empresa. Deslanchei bem. Graças a Deus. Consegui comprar um carro. Né? Me manter. Não tenho casa, né? É... Até pouco tempo eu morava com meus pais. Mas, enfim, sempre consegui me manter. E correr atrás das minhas coisas... Através de lá. Mas aí logo veio essa crise e eu tive que fechar... [pausa]<sup>284</sup>

A experiência em empregos informais, de trabalho antes da idade mínima permitida legalmente, o trabalho com o vizinho e o pai, até chegar numa “empresa grande”. São estes, momentos da vida que demarcam tanto a descrição de sua trajetória, mas também um processo que relata vicissitudes e valores em relação às perspectivas de vida. Não estar empregado é tido como algo ruim e, por mais que se tenha uma leitura crítica do momento vivido socialmente, das dificuldades de acesso ao emprego formal, também se afirmaria uma espécie de moral entre certas juventudes. Não trabalhar, para muitos desses jovens, é tido como motivo de piada ou vergonha. Perfilam-se, assim, experiências e memórias que apontam para as dificuldades de ser um jovem que depende da renda do trabalho para sobreviver e ter acesso a determinados bens na sociedade. Ter um “salário mínimo”, por exemplo, como afirma Maxwel, parece ser tanto uma referência de exploração, porque se relaciona com empregos precários, mas também uma espécie de garantia frente as necessidades. E, assim, como Ulisses destacava, também para Maxwel, o elemento das políticas de governo se revela como desorientador de atividades e expectativas. Apesar das diferenças quanto as percepções dos momentos políticos do país que se remetem, é significativo notar que o tempo antes da “crise”, para Maxwel, e o tempo anterior ao governo Temer, para Ulisses, são considerados de

---

<sup>284</sup> COSTA, idem, 2016.

modo similar. Ambos os jovens têm a percepção de que o país estava piorando, que estávamos vivendo uma situação pior que anteriormente.

Mas o emprego formal, numa empresa, não pode ser entendido ao mesmo tempo como fator de realização. Assim como Maxwel, que relatava ter como seus objetivos em seus empregos, usar os rendimentos para poder comprar um som que utilizaria em eventos pela cidade, os jovens do Quartel General MCs revelam outras noções quanto a esse aspecto:

**Ulisses:** Então, meu pai trabalha ali... no ramo do pneu. A gente... pega pneu pra... ressolar ele. Refazer ele. Aí eu trampo com ele às vezes... com... Aí, vei... Mas tô procurando um trampo, né? Porque... foda pra caralho aí...

**Hudson:** (risos)

**Ulisses:** Tem uma pá de coisa aí pra... pra nós fazer do rap aí.

**Artur:** É... é complicado mesmo, porque às vezes o... o trampo que cê precisa por causa da grana, né, num te... mantém emocionalmente satisfeito, né? Às vezes você vai fazer um trampo que num é aquilo que é que cê...

**Gabriel:** Que é chato, vei...

**Artur:** Cê quer...

**Gabriel:** Exatamente por isso eu saí do outro trampo.

**Artur:** Já dizia o... dizia o Verde, né? Do Alacarte.

**Ulisses:** Já dizia o Alacarte, no som deles...

**Artur:** O trampo que cê faz por causa da grana não te mantém emocionalmente satisfeito. E... considero que eu tenho dois emprego, que é esse que eu tenho que viver, pra ter meu dinheiro... e o rap. O rap é o emprego que eu acho que...

**Gabriel:** O rap é compromisso, né, vei?

**Artur:** ...é o que eu mais dedico.<sup>285</sup>

Neste sentido, podemos dizer que participar de um grupo de rap, ao mesmo tempo que é uma forma de sociabilidade, uma experiência que se coloca numa realidade em que se depende de trabalhos em que não mantêm as pessoas “emocionalmente satisfeitas”, é também uma perspectiva. Por isso, trabalhar numa empresa pode se tornar uma condição, frente às dificuldades, para que se possa ter dinheiro, inclusive para manter a atividade no rap. Por isso, o rap se torna o “emprego principal” para Artur e, conforme diz Gabriel, também uma expectativa sobre o futuro, um projeto individual e um sonho: “E o sonho de todo mundo aqui

---

<sup>285</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

também, né, cara... é... viver do rap. Igual eu acho que... é o sonho de todo mundo que tá nessa cena. Que é viver do rap. E... Pra isso tem que lutar demais... (risos) ...da conta”<sup>286</sup>.

Do mesmo modo, os jovens que atuam em pequenas produtoras, o emprego em trabalhos completamente diversos da produção musical não seria algo incomum:

**Diego:** Que que cê tá fazendo hoje, Deni? Da vida assim. Cê...

**Deni:** Hoje eu sou... DJ, produtor musical, produtor de vídeo, trabalho de porteiro. Na Algar Segurança. É... Dou aula de dança de rua e... faço uns trabalhos por fora também.

**Diego:** Jhonym...

**MC Jhonym:** Eu... Eu trabalho numa loja. Tenho minha carreira de artista, de MC, também. E por enquanto só isso também. Dançava, mas parei. Acho que eu deveria voltar também. Que é uma coisa... a mais. E é isso, por enquanto. Mas eu pretendo viver só da música. Mais pra frente.

**Diego:** E o Mago?

**Johny:** Eu... sou DJ, produtor... é... sou bailarino, é... sou professor de dança também na ONG aqui, ali em cima. (risos)

Deixa eu ver... Tô desempregado. Mas também... é... Tô desempregado, mas não tô... Graças a Deus aqui os menino não me deixou na mão. E... É. DJ, produtor, bailarino... Professor, fotógrafo. É... Divulgador. Design. Pai. (risos)

**Diego:** Que coisa, cara!

**Johny:** A gente vai tentando. A gente, assim... O importante é você... Saber que cê tem que fazer alguma coisa. Então assim, Graças a... Ele sabe que ele tem que ter emprego. Ele sabe que ele tem que ter um emprego. A gente ter um sonho. Então aqui todo mundo que tem um. Tem seu corre.

**MC Jhonym:** Cê tem que ter um meio de... ganhar o seu dinheiro pra ocê realizar seu sonho.

**Mago:** É. Tem que ter pé no chão, né?

**Deni:** Porque praticamente... A questão não é ter o pé no chão. É ter seu capital de giro. A gente tem que ter uma coisa que vai sustentar isso daqui. Até a gente conseguir sustentar isso com...

**MC Jhonym:** E viver só da música.

**Deni:** A gente já vive, né? Só que a gente tem que ter sempre uma capital pra poder... injetar. Pra fazer aquilo multiplicar. Porque sempre as coisas vão... ultrapassando.

**Johny:** É.<sup>287</sup>

<sup>286</sup> CAMPOS, Hudson, FONSECA, Ulisses, PEREIRA, Artur, PAIVA, Gabriel. 17 de julho de 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>287</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.



Um elemento marcante da entrevista, ocorrida alguns meses antes de entrevistar Johny pela primeira vez individualmente, é que o jovem dá a entender que havia perdido seu emprego na ONG (o Instituto Resgatando o Impossível, no Bairro Esperança). Quando fala de tal situação, o faz a partir de uma brincadeira, com risos, mas ao mesmo tempo, se revelam preocupações e o que parece ser uma sensação de instabilidade, que, contudo, foi preenchida pelo apoio dos parceiros de estúdio. Há de se considerar, especificamente, a dificuldade vivida por um jovem de 21 anos que mora na casa dos familiares e que depende da renda do trabalho para sobreviver e arcar com o pagamento de pensões alimentícias de seu filho.

Por sua vez, para os jovens da Família Rolê Gringo esse processo significou uma série de trabalhos e atividades para se firmarem no rap, a partir de um estúdio de caráter independente - tal como denominam - e que funciona num cômodo da casa onde mora a família de Bruno, no bairro Planalto.

**Diego:** Como é que é a vida de vocês? Né? Vocês trabalham... Como é que é hoje? Vocês conseguem se manter com... com o trabalho aqui da... Treze, da Rolê Gringo? Ou como é que o cotidiano de vocês?

**Doidera:** Fala um pouco aí do seu cotidiano aí... Fala um pouco do seu cotidiano aí. Aqui cada um desempenha uma função, entendeu? Alguns trabalha, outros não. Uns dedicam um tempo aqui. Fala aí Bruno pra nós por favor.

**Bruno:** Então, parceiro, é que nem eu te falei... Eu... Até hoje... a... após um ano agora que a Treze tá formada agora que tá começando a surgir os frutos que eu comecei a plantar a um ano atrás... Os apoio, as galera querendo ajudar, mas até por esses últimos dias agora, a gente sempre teve com... fazer nosso corre, pra fazer o movimento... porque apoio tava tenso ter. (risos)

**Doidera:** Tava!

**Bruno:** (risos)

**Doidera:** Apoio pro rap sempre foi difícil, né? E...

**Bruno:** Quando... eu tava conversando com meu parceiro aqui no início desse ano: "não a gente virou o mesmo que o outro falou". Vamo aí, cada um fazer seu corre, pra nós comprar nossos bang pra começar... a movimentar. Como que compra, como... Porque nós não tinha nada não, fi...

**DJ Red:** No começo desse ano eu tava mó triste...

**Doidera:** Fala pra ele onde nós gravava! Fala pra ele onde nós gravava!

**Bruno:** Num... netbook. Num netbook!

**Doidera:** Não! Ele tá aqui, ó! O DJ Red deu um grau nele! Cê não vai acreditar! O netbook nem... nem fabrica mais, nego!

**Bruno:** (risos)

**Doidera:** Aí, ó! Cê acha que isso aí fabrica? Nem fabrica mais desse net aí, cara.

**Bruno e DJ Red:** (Risos)

**Doidera:** A gente gravava aí, ó! Pelo audacity... num tinha...

[...]

**Bruno:** No final de 2015, dezembro de 2015, os menino tava gravando nesse netbookzinho aí. Aí... nós tava pensando, pensando, aí no começo do ano...

**Doidera:** Num diálogo. Teve um diálogo muito f... mesmo. Porque se insistiu uma união, insistiu, tá ligado? É bem difícil. Os cara tem que ter compromisso. Eu tenho compromisso, ... tem que compromisso, tem que ser sujeito homem, entendeu? Tem que ter a palavra. E nós é sujeito homem. (...)

**Bruno:** ...a gente falou isso... cada um fazer um corre pra nós comprar. Aí queria envolver os outros primos também da família. Aí eu peguei e virei pra ele "não, mano, se você quiser fechar uma parada, vamo lá que vamo vê. Nós dá conta".

[...]

**Bruno:** Fazer o corre. Aí eu comecei a trabalhar com meu tio na jardinagem, eu parei a poucos dias de trabalhar com ele porque houve uma discussão no emprego, pá... Aí eu parei de conversar com ele, mas era... a partir desse trampo com jardinagem com meu tio que eu tava levantando o dinheiro pra alugar os equipamento da batalha, levantando o dinheiro... porque até hoje, tipo... por exemplo, os monitor aí a gente tá pagando ainda... e a gente tá levantando o dinheiro tudo, aqui na gravadora, bicho... Graças a Deus. É... pouca nossa moeda, mas a gente tá conseguindo leva... pagar o rap com o rap.

**Doidera:** Independentemente.

**Bruno:** Independentemente... Foi isso. Aí no começo quando eu comecei a trabalhar com meu tio na jardinagem. Aí nós foi fazendo os corre comprando celular, computador, monitor... microfone... interface. Achando, fazendo corre.

**Doidera:** Daí com a existência a gente criou um contrato... Entendeu?

**Doidera:** De base... pros primo da Rolê Gringo. Ter direitos aqui acessíveis, entendeu? Ao estúdio de gravações. A participações. A ensaiar no espaço, né? A utilizar bem da formas possíveis e cabíveis... uma... um... Como é que é? Uma quantidade, né? Um valor simbólico. É isso aí, que a gente também.

**Bruno:** A gente tem... assinado o contrato. Aí partir desse contrato a gente começou e aí gerenciando nosso caixa foi começando a rolar as gravações. E a gente foi.

**Doidera:** Eu mesmo. Que ajudei a fazer meu corre independente. Né? Porque eu trabalhei de pedreiro. Servente. Mexi com um pouco de massa ali, aqui. Faz um corre ali, entendeu? Adiantei alguma coisa. Um panfleto, tal. Nunca tive vergonha não. Nem pedi um carro, entendeu? Nunca tive vergonha disso não. O importante é cê não roubar. Roubar é um... po.. fudido. Tem que ser assim, se você tiver com fome mesmo e você não acha nenhuma opção, né, mano? Aí você vai roubar uma comida. E aí, né? Você não tá roubando nada. Porque não tá roubando um cara. Matando ninguém. Mas aí eu... mexo uma massa e ganho uma mixaria. Coloquei um dinheiro aí no caixa, nós juntou, e minha parte e isso foi acontecer... Igual o Bruno, entendeu? [inaudível] risos<sup>288</sup>

---

<sup>288</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Poupar para comprar os *bangs*<sup>289</sup> se torna, portanto, parte das atividades necessárias para se ter acesso aos equipamentos, para organizar as batalhas e para construção e manutenção do estúdio. É perceptível ainda a mescla de termos administrativos, como “gerenciar o caixa”, com uma lógica de valores da cultura do hip hop, tais como as noções de “união” entre os “primos”, que remetem a formas de solidariedade entre si. Participar de um estúdio, ou de uma atividade conjunta, como Doidera afirma, é ter responsabilidade e compromissos, e ser, como diz, “sujeito homem”. Todos devem contribuir, nessa lógica, para o desenvolvimento do estúdio e “adiantar alguma coisa”. Contudo, nem tudo seria válido: cometer crimes como roubos e homicídios não seriam tidos como práticas corretas ou justificáveis, tal como enfaticamente afirma Doidera.

Considerando afirmações anteriores podemos inferir que tal tipo de ética em relação ao trabalho, com bastante pontos em comum afirmados pelos jovens entrevistados, se baliza especialmente a partir de um conjunto de experiências relativamente comuns. Frente às vicissitudes e dificuldades da vida social, é significativo para muitos jovens da periferia se diferenciarem em alguma medida daqueles que se envolvem com o crime. Por isso, talvez, tanto Maxwell, como os jovens da Família DJ Produções fazem diversas considerações sobre a questão tal questão. Tratam a questão especialmente em termos de desigualdade de oportunidades. Para Maxwell, a falta de incentivos para a prática de skate, uma vez que vários de seus amigos se tornaram profissionais, foi um fator para que outros que lhe eram próximos acabassem envolvidos com o crime.

**Maxwel:** [...] Muitos amigos meus se profissionalizaram. E conseguiram sair daqui pra outros países. Se tornou profissional. No skate e... vive do skate hoje em dia. Já outros não. E... a dificuldade que a gente teve aqui foi acesso à pista. Né? Patrocínio. Igual no rap. Ahm... E... As pistas que a gente tinha, a gente mesmo que construía. Ou corria atrás e sempre dava certo, mas... é... da prefeitura, do governo, a gente não teve muito acesso nessa época. Hoje em dia, a gente já qualquer lugar vê uma pista de skate. Né? Mas hoje em dia também não tem aquele... amor, igual a gente tinha antigamente. A gente queria andar de skate, mas não tinha pista. Hoje em dia tem muita pista, mas não tem tanta... tanto skatista. Enfim... E é isso. Se naquela época tivesse, o

---

<sup>289</sup> Dentro de minha compreensão entendo que “*bangs*” são objetos e recursos importantes para esses jovens conseguirem realizar uma atividade, como por exemplo, organizarem uma batalha ou montarem um estúdio de gravação.

governo tivesse investido, muito... Né? Nessa parte. Que... Eu vi vários vereador, vários, né? Políticos, na época da política... é... ia lá. É... A única pista que a gente teve acesso inicialmente foi a... O vertical na Praça Paris. Que é bem antigo. Foi a primeira pista, depois de muito tempo surgiu outras. É... Então ia muitos vereador lá, com promessa de que ia fazer altas pista pra gente votar nele. Mas, tipo, sempre em prol de seu benefício mesmo. Mas, se naquela época esses cara que foi lá comprar (...) tivesse investido realmente, né? No skate. É... teria impedido vários amigos meus do... Talvez, não. Mas, enfim, pelo que eu vi vários que tinha vontade de vencer por aí, que não venceu e rumou pro caminho do crime, talvez se esses... esses políticos eles tivesse investido mais nessa parte da... da questão do esporte, né?<sup>290</sup>

Para os jovens da Família DJ Produções, conforme destacado no capítulo anterior, uma de suas principais missões seria de oferecer uma alternativa, que não a criminalidade, para jovens das quebradas que são próximos pudessem revelar suas potencialidades artísticas. Há de se considerar, neste sentido, que o horizonte de expectativas concretas é rebaixado devido às poucas perspectivas reais de mobilidade social no nosso país. Se na vida social é possível verificar a hegemonia de valores que preconizam a ascensão individual, a prática real, conforme tentamos evidenciar a partir dos dados expostos, não parece ser muito promissora para a maior parte da juventude.

Por isso, atividades que se iniciam a princípio como sociabilidades podem se tornar um projeto de vida. Certamente, podemos efetuar uma crítica mais ostensiva a esses fatores quando verificamos o quão habilmente foi explorada pelos defensores da eliminação dos deveres do Estado, através da difusão de exemplos de iniciativas como as de muitas ONGs que atuam nas periferias e que oferecem práticas esportivas e artísticas. Nesta noção, essas atividades são apresentadas para além de seu caráter pontual para se efetivar enquanto parte de um projeto social, em que se naturalizam as desigualdades e a exclusão social, para uma responsabilidade individual. Assim, mesmo que se permaneça vivendo em condições de pobreza e miserabilidade, a partir do momento em que são oferecidas essas alternativas, bastaria o jovem e a criança escolherem individualmente qual caminho a seguir.

Porém, por outro lado, é pertinente considerar que ter esses sonhos se tornam uma maneira de concretamente resistir às durezas que são vividas por esses jovens. Mesmo que

---

<sup>290</sup> COSTA, M. R. [Entrevista realizada com Maxwel Roberto da Costa]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

sejam alternativas limitadas, são formas de lidar com a vida social, que longe de ser ideal, é vivida a partir de um campo de pressões sociais em que esses jovens tomam suas escolhas de vida. Não podemos deixar de visualizar que, em certos momentos, é nesse conjunto de referências extremamente limitados, é que se mobiliza recursos para humanizar aqueles que são tratados como excluídos, mesmo dentro dos bairros da periferia. As contradições se vislumbram quando, ao mesmo tempo se rejeita uma condição como a de viciado, se verifica emergir experiência que dialoga, entre sonhos e ilusões, com outras possibilidades de se viver a vida. “Johny: É... Porque assim, no meu ponto de vista, não tem... Ali, na rua, é... Assim... Não tem viciado, cara. A maioria que tá ali na rua, é artista que não teve... uma orientação certa”<sup>291</sup>.

Mediante a essas questões, uma colocação de Marx, em o 18 de Brumário de Luís Bonaparte, que costumamos recorrer, pode nos ser útil para a reflexão:

Os homens fazem a sua própria história: contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos<sup>292</sup>

Esse trecho que poderia ser considerado a partir de uma visão estruturalista que negaria astutamente a agência humana na história, contudo, aponta os aspectos das intensas dinâmicas com que se efetiva o conflito social e como podemos trabalhar o exercício de análise das diversas conjunturas. Num abordagem, que tenha referência no materialismo histórico dialético, embora devamos enfatizar o papel da agência humana na história, seria, contudo equivocado retirar de nossa análise o processo histórico em que as classes dominantes constroem sua hegemonia. Do mesmo, engessar uma situação de exploração vivida seria um equívoco, pois um processo social nunca está plenamente definido e portanto, também aqueles que são dominados não estão sujeitos a tal situação como se fosse algo

---

<sup>291</sup> SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>292</sup> MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Tradução e notas: Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

natural. Sem a pretensão de responder questões mais profundas sobre as relações entre jovens e classes sociais, procurarei esboçar alguns breves apontamentos que foram possíveis a partir das reflexões deste trabalho de pesquisa.

### **3.5 - Jovens e classes sociais na cidade: breves apontamentos**

Um caminho possível para efetuar essa análise seria a partir dos próprios elementos que assinalamos anteriormente que apontam para processos de exclusão e de desigualdade sociais que vivem grande parte dos jovens em Uberlândia.

Neste sentido, poderíamos copiar alguns elementos que definem alguns dos debates sobre as classes sociais no Brasil. Poderíamos nos basear aqui no impasse, por exemplo, entre aqueles que debatem sobre a emergência de uma nova classe média contra aqueles que defendem o surgimento de uma nova classe trabalhadora.

Baseando-nos em elementos que considerariam apenas os aspectos das melhorias de vida das pessoas mais pobres, que tiveram maiores condições de acessar o consumo, chegaríamos facilmente à conclusão de que estamos diante de uma nova classe média. Essa possibilidade, contudo, desconsiderariam aspectos significativos como o baixo nível de rendimentos e, o fato, de que como evidenciamos mais recentemente, questões como o desemprego estrutural não foram efetivamente resolvidas no nosso país. Quando falamos da juventude então, seria ainda mais difícil defendermos essa tese, uma vez, que são os jovens aqueles que mais se deparam com o desemprego e as baixas remunerações.

Essa análise poderia chegar ainda nesses termos a uma outra conclusão: estamos diante de jovens que dependem da renda do trabalho para sobreviver, por isso, estamos diante de uma juventude da classe trabalhadora. Certamente, esse seria um caminho que se efetivaria a partir de argumentos sólidos e suas premissas de análise não seriam equivocadas. Dentro de uma proposta de abrangência de análise macro, certamente também não seria equivocado analisarmos as transformações na base da chamada pirâmide social no Brasil. Além disso, é extremamente contundente a crítica de que a noção de “nova classe média” foi instrumentalizada a partir de conotações políticas para orientar projetos econômicos para o



país de cunho neoliberal orientados a criar uma visão de que os direitos sociais não são necessários.

Contudo, para compreensão de elementos pertinentes a nossa proposta de análise, que se dá no campo de um segmento específico de jovens e que vivem numa cidade também específica, essa proposta pode ser insuficiente se quisermos compreender dimensões referentes aos modos de vida desses jovens e como compreendem as contradições da vida social a partir de suas experiências.

Um diálogo, nesses sentido, pode ser travado com um estudo sobre os motins populares de jovens ocorridos em Paris em 2005. Beaud e Pialoux, com intuito de compreender esses protestos destacavam uma novidade: a participação de jovens que classificam como “ordinários”. Assinalam que, em grande parte, os jovens participantes eram moradores dos chamados conjuntos habitacionais (espaços reservados, em geral, para a moradia de famílias imigrantes) e que, apesar de estarem relativamente bem situados em relação ao sistema de ensino e participarem do mercado de trabalho, quase sempre se encontravam sujeitos a condições precárias de trabalho e com pouquíssimas possibilidades de ascensão social. Pese-se nessa condição, o forte racismo existente na França contra muitos dos grupos étnicos dos quais fazem parte esses imigrantes. Muitos jovens brancos em situação de desemprego e que também vivem nos conjuntos, têm culpado os jovens negros e de origem africana, por suas situações de fracasso escolar ou profissional. Considero que uma evidência atualizada dessa situação seriam os recentes êxitos eleitorais da Frente Nacionalista (partido de extrema direita).

Esse quadro se agrava com destruição das condições de trabalho, desemprego, fracasso escolar e fechamento de horizontes de expectativas. Em meio a esse processo de “desestruturação das classes populares”, é chamada a atenção para o entendimento de classe operária, não apenas considerando o sistema econômico, mas também em outras esferas da atividade social (como a escola, a família e a moradia). Falam assim, os autores, a partir desse

processo de desmanche de direitos e de perda de força política das instituições operárias organizadas, em “operários após a classe operária”<sup>293</sup>.

Apesar de guardarem suas especificidades, seja entre os processos históricos ocorridos no Brasil e na França, seja em relação à abordagem teórica, podemos levantar elementos que nos permitem construir subsídios para compreender a condição de jovens em termos de classe. A análise do processo dos motins populares franceses nos faz atentar para a complexidade em que se efetivam as relações de classes, em conjunturas profundamente afetadas pelo neoliberalismo em termos globais, e de processos que não diretamente aparecem como relacionados numa análise que considere aspectos estritamente econômicos.

Neste sentido, uma questão levantada por Thompson pode nos ser bastante útil: é preciso que nos atentemos não apenas para a classe em si, mas especialmente para a luta de classes. Pois:

las clases no existen como entidades separadas, que miran em derredor, encuentran una clase enemiga y empiezan luego a luchar. Por el contrario, las gentes se encuentran en una sociedad estructurada em modos determinados (crucialmente, pero no exclusivamente, en relaciones de producción), experimentan la explotación (o la necesidad de mantener el poder sobre los explotados), identifican puntos de interés antagónico, comienzan a luchar por estas cuestiones y en el proceso de lucha se descubren como clase. La clase y la consciencia de clase son siempre las últimas, no las primeras fases del proceso real histórico<sup>294</sup>

Observar a luta de classes, na concepção de Thompson, requer que consideremos em primeira instância não a definição de classe como primeira instância de análise. Mas, especialmente o processo conflitivo da relação em que sujeitos que vivem condições comuns de desigualdade e exploração se afirmam a partir de seus interesses comuns. Neste sentido, é cabível considerar elementos sincrônicos para análise, como recurso para observar conjunturas determinadas, mas o olhar do historiador, deve observar a diacronia, de como se constituem os processos de luta social, não como uma sobreposição de dados, mas como movimento da luta de classes.

---

<sup>293</sup> BEAUD, S.; PIALOUX, M. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, pp. 37-59.

<sup>294</sup> THOMPSON, E. P. ¿Lucha de clases sin clases?. In: \_\_\_\_\_. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. p. 37.

Para aprofundarmos nossa análise, é importante ainda que fuçamos da tentação de considerarmos que existe apenas uma dimensão de luta de classes entre burguesia e proletariado. Objetando contra tal perspectiva, Domenico Losurdo<sup>295</sup> recupera o termo no plural tal como propunha Marx<sup>296</sup>. Falaríamos então não de luta de classes, mas de lutas de classes. Em tal perspectiva, também deveríamos considerar também em termos da luta de classes: as lutas por libertação nacional, ou seja, contra o colonialismo e o imperialismo; as lutas travadas entre capital e trabalho; e as lutas por emancipação das mulheres. Assim, para Losurdo, as lutas de classes se efetivariam nos planos internacional, nacional e familiar. A grande contribuição de Marx e Engels seria constituir uma teoria geral do conflito social, a partir da noção de lutas de classe.

Se o debate proposto por Losurdo merece considerações mais aprofundadas que não dispomos de condições para realiza-las neste trabalho, é significativa sua contribuição para não incidirmos num olhar sobre as classes sociais de forma binária. Para o historiador, revela-se a necessidade de inversão do olhar. Se a análise dos dados, feita de cima para baixo, pode ajudar a compreender as dimensões sincrônicas do processo que analisa, ou, melhor dizendo, as conjunturas, é preciso compreender o movimento, a diacronia<sup>297</sup>, o processo histórico. Compreender essas nuances no processo histórico, requer que nos empenhemos a também invertermos o olhar para construir uma história vista de baixo<sup>298</sup>, não compreendida apenas em termos delimitados e pré-definidos provenientes de análises de outro escopo, como poderíamos utilizar para situarmos as questões de classes entre os jovens.

Neste sentido, quando busco compreender essas relações para os fins desta pesquisa, acredito que as evidências que assinalam para conflitos de classes podem nos fornecer valiosos elementos para compreensão de processos históricos que atualmente vivenciam os

---

<sup>295</sup> LOSURDO, Domenico. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. São Paulo. Boitempo, 2015.

<sup>296</sup> “Talvez se torne mais claro agora o significado da expressão utilizada pelo Manifesto Comunista: “lutas de classes” (Klassenkämpfe). O plural não quer denotar a repetição do idêntico, o contínuo recorrente à mesma forma da mesma luta de classes; não, o plural remete à multiplicidade das configurações que a luta de classes pode assumir”. LOSURDO, 2015, p. 29.

<sup>297</sup> THOMPSON, 1981, p. 83.

<sup>298</sup> THOMPSON, E. P. A história vista debaixo. In: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

jovens. Quando Maxwell, por exemplo, se remete aos “excluídos”, faz isso criando uma oposição frente àqueles que seriam incluídos.

Poderíamos supor que essa relação entre diferentes classes pode se dar em termos de uma oposição mais efetiva, que incitasse à transformação, mas nem sempre se efetiva nesses termos. Afinal, a consciência de classe, que se efetiva a partir da experiência, tal como aponta Thompson, na sua intersecção com a cultura, que se verifica nos modos como as pessoas lidam e compreendem o mundo<sup>299</sup>. A consciência não é meramente um conjunto de ideias, portanto, mas a própria experiência social na sua relação com a cultura.

Entendo cultura, tal como Williams, enquanto processo onde os seres humanos definem e modelam as suas vidas, mas que só pode sair de um caráter abstrato, à medida que incorporamos o conceito de hegemonia, que relaciona “todo o processo social” como distribuição específica de poder e influência<sup>300</sup>. “Numa sociedade de classe, há principalmente desigualdade entre as classes”<sup>301</sup>. Mais do que um sistema, ou transmissão de uma dominação, a hegemonia é processo ativo, sempre sensível às alternativas e oposição que questionem ou ameacem o dominante. Logo: “A realidade do processo cultural deve, portanto, incluir sempre os esforços e contribuição daqueles que estão, de uma forma ou outra, fora, ou nas margens dos termos da hegemonia específica”<sup>302</sup>.

Neste sentido, se entendemos cultura como processo que se configura na hegemonia, portanto a partir das relações de classe, é compreensível analisarmos mais profundamente as dimensões da vida social dos jovens, para além de soluções que poderiam defini-las como mera expressão da ideologia dominante. Afinal, a hegemonia não é simplesmente a imposição de um conjunto de ideias de uma classe sobre a outra, mas processo permanente, em que se configuram os significados e valores que pretendem justificar socialmente a exploração de uma classe sobre outras classes.

Portanto, o que poderíamos compreender sobre os jovens num processo de construção de hegemonia, em que os valores ligados ao consumo se tornam predominantes?

---

<sup>299</sup> THOMPSON, 1981, p. 189.

<sup>300</sup> WILLIAMS, 1979, p. 111-117.

<sup>301</sup> WILLIAMS, 1979, p. 112.

<sup>302</sup> WILLIAMS, 1979, p. 116.

Analisando a fala de Jhony ao situar as expectativas de onde gostaria que os trabalhos da Família DJ Produções alcançassem, podemos ter alguma perspectiva de análise:

**Diego:** Que que seria esses outros níveis da sociedade que você tá falando aí?

**Johny:** Uai, que são as boates que o... o público mais de classe mais alta, né? Que assim a gente chegar num evento do... público de uma classe mais baixa, a gente atingiu esse público. Entendeu? Então... Falta a gente assim, atingir pessoa pro lado da cidade, que é... um... um público... Como é que a gente fala? A classe A. Ali no London... Digamos, a classe A ali, uma classe mais alta. Entendeu? Que aqui na periferia é uma classe mais baixa. Tem gente que cola da classe A lá na periferia. Mas tem gente que já não vai, entendeu? Tanto é que a gente até já mudou o estilo de... de funk do... do... dos MCs que a gente trabalha. A questão do funk putaria e... funk que induz a usar drogas. A gente não trabalha com esse tipo de funk. É funk dançante, ostentação ou consciente. Entendeu? Com as ideia na... na letra ali mais... Que tanto o pai de família quanto a criança possa ouvir sem ter nenhum problema. Entendeu? Então assim, a gente já começou a mudando... é... o estilo de música do próprio MC. Entendeu? Porque não é todo mundo que... que vai no evento pra escutar uma música que é pornográfico. Que induz a usar droga. Que... fala de crime. Que induz a pessoa a ser bandido. Essas coisas. A gente tá trabalhando com música mais dançante, com alguém que tem uma letra com ideia boa. Ou que canta um ostentação assim que é mais tranquilo. Então assim pra gente atingir... é... o lado mais social ali da cidade. Uma classe mais alta, entendeu? Uma classe ali que... não exclu... num... conhece a gente ainda. Entendeu? Então a gente tá trabalhando pra isso. Entendeu? Começando pelo estilo de música dos MCs. Entendeu?<sup>303</sup>

Nas palavras de Johny existe, assim, uma delimitação de lugares na cidade para onde a “classe mais baixa” iria para se divertir e os lugares onde iria a “classe A”. Johny se situa como pertencente à periferia, à classe baixa, mas o intuito de seu grupo é atingir outras classes sociais. Nota-se ainda o elemento do funk ostentação que seria mais “tranquilo”, porque não se trataria de um tipo de funk que chocaria essa outra classe social. Neste sentido, poderíamos falar de uma relação de classes, que se não se evidencia a luta, propriamente dita em seu

---

<sup>303</sup> SOUSA, J. M. [Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão

caráter mais violento, mas por outro lado, há uma consciência de que se situam, enquanto classes, em lugares distintos na sociedade.

Nos espaços onde encontram classes sociais diferentes entre si, também é, segundo os integrantes do Quartel General MCs, onde se pode verificar, grandes desigualdades:

**Diego:** E no centro? Vocês acham que tem diferença de... de classe quando cês vão lá?

**Hudson:** Tem demais, mano!

**Diego:** Os eventos lá. Como é que é isso?

**Artur:** Tem sim, que isso.

**Hudson:** Esses dias na (...) Esquisito lá.

**Gabriel:** É uma coisa assim que muito engraçada que sempre acontece com a gente. Quando a gente por exemplo... A gente vai e não vai esperar o busão começar a passar de manhã a gente vai táxi. Tipo... É muito difícil dum táxi trazer a gente.

**Hudson:** É...

**Artur:** É, tem isso.

**Gabriel:** Tipo, ele sempre pede pra gente ir pro atrás, ir pro atrás. Porque... sei lá, parece que eles ficam com medo de levar, de trazer a gente aqui pro Pacaembu, saca? Aí sempre o... tiozinho eles fala: "Não! Não sei o quê... Vai pro próximo! Vai pro próximo!". Aí a gente fica lá... procurando um táxi.

**Hudson:** Mas... fala que tá esperando alguém.

**Ulisses:** Mas lá tem um... diferença de classe... gritante, cara!

**Hudson:** Tem, véio!

**Ulisses:** Cê vê... por exemplo, cê pega um boy entrando na ali no London, logo atrás dele ali na... na quina debaixo tem um... um morador de rua dormindo ali. Entendeu? Então... É bem gritante! A desigualdade lá, de classes... Mas ao mesmo tempo que acontece isso, é uma junção de tudo, velho! Tem todo... uma galera ali. Tocando um violão... Outros fazendo *freestyle*. É... Mas é... gritante a desigualdade...<sup>304</sup>

Nessa pergunta, o meu intuito era compreender como viam as questões de classe, a partir do modo como se percebiam frente a jovens e pessoas de outras classes sociais. Por esse motivo, preferi usar a noção de diferença. Porém, Ulisses responde a pergunta afirmando não só a essa diferença que questionava, mas também a desigualdade, que considera “gritante”. Além disso, Gabriel assinala que ir ao centro, também presume ter condições de voltar. O fato de não se ter transporte público durante a madrugada os coloca na necessidade de esperar amanhecer, quando inicia a circulação de ônibus. A segunda alternativa seria dividir um táxi

---

<sup>304</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.



com os amigos. Porém, afirmam ser comum os taxistas não quererem ir ao bairro Pacaembu, por compreenderem ser um bairro perigoso.

Algumas dessas distinções que poderíamos definir como entre ricos e pobres, também surgem, mas de forma distinta quando Doidera fala de um tipo de evento que gostaria de organizar:

**Doidera:** Igual, vamo colocar o Poetizando Momentos. Entendeu, aqui, ó? Vem poetizar aqui. Entendeu? Num tem uma parada ali na praça que assim, igual, podia existir, um o quê? Uma vez por semana! Que seja! O cara chega ali, ó, igual o bonde da juventude, entendeu? A Patrícia<sup>305</sup> tem essa... essa formação aí. Esse poder na mão dela. Chegar lá e criar o bagui assim ó "vamo colocar o som aqui uma vez por semana aqui, vamo colocar o Poetizando aqui, vai começar assim ó, é... uma hora." Pode ser uma hora. Vamo começar nove horas. E parar às duas. Ou então começar quatro horas e ir até às sete. Ou então até a oito. Entendeu? E vamos distribuir uns livros aqui. Vamo falar um pouco sobre poesia, rap, falar um pouco sobre o cultura do artesanato. Falar um pouco sobre a favela. Que seja, entendeu? Porque a favela existe cultura nela, entendeu?  
[...] Existe... existe pessoas na favela, né? (risos) Tem almas boas na favela. Engraçado é isso. Não tem almas ricas de dinheiro, mas tem almas ricas de conteúdo. Entendeu? Então que dê espaço, né? A (...) nesse hipercentro pra que as pessoas possam se expressar.<sup>306</sup>

Pensando-se a partir do que diz Doideira, vemos uma noção que denuncia que cultura não é um privilégio de "quem tem dinheiro". Confere-se uma noção de pobreza que articula as dimensões tanto materiais (os recursos que se dispõe), bem como de pobreza em termos simbólicos e condições de acesso e produção a determinados bens culturais.

As almas ricas de conteúdo que moram nas favelas seriam um elemento, não meramente espiritual, mas a partir do qual se reivindica a cultura como algo de/para todos, ou, nos termos de Williams, algo comum<sup>307</sup>. Neste sentido, a sua fala é uma afirmação, mas também uma denúncia. Ao se remeter a uma instância do governo municipal, a partir da ex-Superintendente Municipal de Juventude, Patrícia Cunha, desvela ainda um caráter de

---

<sup>305</sup> Doidera se referia a Patrícia Cunha, Superintendente Municipal de Juventude em Uberlândia, entre 2015 e 2016.

<sup>306</sup> MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

<sup>307</sup> WILLIAMS, 2015, pp. 3-28.

reivindicação. É preciso que se dê espaço para que se possa apresentar, para ser ouvido e para se ter outros conhecimentos, pois, podemos presumir, que considera isso enquanto um direito.

Por sua vez, nas palavras de Leles, quando diferencia graffiti e pixação, não deixa de notar que no Brasil, existe uma dimensão de classes que lhe permite definir o lugar social de quem pratica cada um desses movimentos:

**Leles:** Quem pinta graffiti no Brasil... É branco, anda com roupa boa. Entendeu? Tem dinheiro. Não é tão reprimido pela polícia. Cê consegue pintar. De dia. Cê consegue fazer um *vandal* de dia. Não incomoda tanto. Não é negro pobre fazendo. É um menino ali classe média fazendo. Então não incomoda tanto. Entendeu? Então ele... o graffiti ele tem... tem... no Brasil tem um pouco disso. Entendeu? Ele tem... Até o... Até... A gente tem um respaldo. Se a polícia enquadrar a gente à noite "Cê é pixador?". "Não! Sou grafiteiro". Pixador é o negro da favela. "Eu não sou pixador". Entendeu? A gente tem esse respaldo. (risos)  
É um... é... muito paia, né? Cê falar disso, mas é... É a realidade, sabe? A gente luta... A gente tenta... Por isso que eu tento, levar o graffiti pra periferia. Mostrar que eles também podem. Que... São donos disso. Que todo mundo é dono disso, né? Mas que... É que... mas eu sei que eles tem outras maneiras. Eu não tento colocar o graffiti como "o salvador da expressão da periferia". Não. Existe uma alternativa. Cê fazer ele ou não. É com eles. Entendeu? Então...<sup>308</sup>

Em outra linha, os jovens do Quartel General MCs afirmam que sua música é de revolta e revolução e se situam socialmente:

**Ulisses:** E... muita gente que tinha que dar mais valor, né, nessa cultura, cara. Que... a gente vê aí... tanta gente aí assolada, por... uma pá de fator aí que acontece na vida delas. Tá ligado? E o rap vem pra isso... O rap é música de revolução. Todo mundo sabe. Vem pra mudar, um bagulho que chegou, não é pra ficar estagnado. Num tá pra passa mensagem de... ficar paparicando o dominante. Nem nada não. É pra atingir eles mesmo, véi. A gente quer tocar na ferida deles.

**Hudson:** Quebrar essas monarquia, porque...

---

<sup>308</sup> CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na DedoSujo Atelier]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

**Ulisses:** A gente quer tocar na ferida deles pra falar: "Ó, a gente... não tá morto. Tamo... tamo vivo. Nunca calado".<sup>309</sup>

“Paparicar o dominante” não faz parte da mensagem que consideram que o rap deve passar. O intuito deve ser atingir e quebrar o que chamam de monarquia e mostrar que estão vivos e que não se calarão. A monarquia que se referem, longe de ser apenas uma noção abstrata daqueles que estão no poder, sinalizam para uma crítica social, que não seria equivocada em aludir o status de “monarcas” a muitos daqueles que concentram algum tipo de poder no país e que têm privilégios a partir dessa condição.

Caracterizar esses elementos que procurei situar pode não fornecer respostas definitivas a respeito das relações entre jovens e classes sociais. Contudo, revelam uma variedade de situações e termos em que se atribuem limites, fronteiras e demarcações de classe que se evidenciam nos territórios da cidade. Se há convergência, resignação e adequação àquilo que se circunscreve dentro dos limites da produção de hegemonia cultural, entre todas as possíveis experiências de jovens, há um lugar especial reservado para a revolta. Vindo debaixo, quebrando monarquias e atacando privilégios.

---

<sup>309</sup> CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações final de um trabalho são sempre uma forma de avaliar as potencialidades e algumas das lacunas de nosso processo de pesquisa. São sempre, portanto, um olhar retrospectivo e um olhar futuro.

No decorrer destas páginas, procurei compreender especialmente o que significa ser jovem em Uberlândia neste momento em que vivemos. Esse trabalho de pesquisa, evidentemente, se revelou na necessidade de escolhas e de delimitações, que nem sempre condiziam com algumas das questões que gostaria de tratar. Nas mudanças de conjuntura, de observância de elementos das intervenções de jovens na cidade, me instigavam constantemente a ampliação de certos elementos para a pesquisa.

Citando apenas alguns desses elementos, poderia citar ao menos três: as formas de protestos emergentes na cidade (como as de ocupações de escola); as práticas de se comunicação (como os cliques produzidos pelos jovens); e a própria complexidade que compreendia mais profundamente o graffiti e da pixação enquanto práticas de intervenção urbana. Todas essas questões, se tornaram, em algum momento, possibilidades que pude visualizar no transcorrer do trabalho de análise das fontes e de outros materiais que tive acesso.

No decorrer da pesquisa percebi ainda a necessidade de uma reflexão futura sobre o lugar das mulheres jovens nas ocupações culturais de locais públicos. Em geral, no momento da pesquisa eu percebia que quem organizava praticamente todos os eventos eram jovens do sexo masculino. Isso por si já poderia ser um elemento para se pensar sobre os processos de exclusão e discriminação das mulheres. Contudo, para além disso, especialmente nos últimos meses pude perceber que as jovens cada vez mais estão à frente da construção desses eventos. Em uma das batalhas pela cidade uma jovem foi vencedora e bastante aclamada. Posteriormente, quando conversei com alguns jovens (homens), eles questionaram o seu mérito. Consideravam que o motivo seria, como o público seria predominantemente feminino, que as mulheres presentes teriam feito a jovem ganhar vantagem.

Por sua vez, saltava os olhos quando, durante os meses de outubro e novembro de 2016, cerca de 30 escolas foram ocupadas por estudantes, e nas coordenações desses processos, me deparei com uma situação em na maioria dessas ocupações eram coordenadas por garotas<sup>310</sup>.

Dados os limites de um trabalho como uma dissertação de mestrado, esses elementos ficaram apenas como objetos e questões possíveis para desenvolvidos num momento posterior. Contudo, não seria tolo dizer que as ágeis dinâmicas com que as juventudes impõem na sua capacidade de transformar o mundo, poderiam nos colocar tantas outras possibilidades, problemas e questões para análise sobre o que é ser jovem e pobre nesse momento em que vivemos no Brasil.

Quando falamos das questões pertinentes aos jovens de todo o mundo podemos dizer que vivemos um período marcado por desolação e esperança. Desolação porque a juventude em diferentes países é o setor social que mais sofre com o desemprego, com a violência e um horizonte rebaixado de expectativas quanto ao futuro<sup>311</sup>. A juventude, por outro lado, pode significar esperança, principalmente no que se refere a uma possibilidade de renovação quanto as práticas de luta que reivindicam por direitos. Exemplos, por aqui e ao redor do mundo não faltam: os Indignados espanhóis, os levantes populares em bairros periféricos da França, parte

---

<sup>310</sup> Em Uberlândia há 34 escolas de ensino médio, em um dado momento praticamente todas estavam ocupadas. O movimento de estudantes protestava contra as medidas de austeridade fiscal e de reformulação do ensino médio propostas por esse governo. Em relação ao

<sup>311</sup> A Pesquisa Juventude Brasil, realizada em 2013, apontava que 61% dos jovens entrevistados acreditavam que o mundo iria ficar como está ou piorar. Em relação à expectativa negativa ou de não-mudança sobre Brasil esse dado ficou em 54%. Quando indagados sobre a vida pessoal há uma mudança brusca: 94% acreditam que iriam melhorar de situação nos próximos cinco anos. Quando confrontados sobre quais fatores seriam mais importantes para se melhorar de vida nos próximos anos, o “esforço pessoal” tem larga vantagem. Dado este que parece descolado da realidade objetiva em que conforme exposto anteriormente são os jovens que nacionalmente mais sofrem com o desemprego. BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Disponível em: [https://issuu.com/participatorio/docs/agenda\\_juventude\\_brasil\\_-\\_pesquisa\\_/1?e=12152407/10902032](https://issuu.com/participatorio/docs/agenda_juventude_brasil_-_pesquisa_/1?e=12152407/10902032) Acesso em: 09 nov. 2015.

Numa situação de exclusão social latente dos jovens pobres na sociedade brasileira, em que medida a noção de que a melhoria da vida se dá por meio do esforço pessoal poderia reforçar a desigualdade e a limitação de direitos sociais? A expectativa negativa sobre o país e o mundo parecem ser mais do que um dado puro, um indício para compreendermos uma possível dimensão em que as expectativas negativadas sobre as esferas coletivas (ou públicas) da sociedade são também uma forma de escamotear as incertezas individuais. Admitir que a mudança da vida se dá pelo sucesso ou fracasso individual, é uma forma também de afirmar como sujeito potencial no mercado de trabalho e para ascender socialmente.

das movimentações das nações islâmicas e os protestos e paralisações de estudantes do ensino médio em defesa da educação como direito, ocorridos no Brasil e no Chile<sup>312</sup>,

Castells<sup>313</sup>, ao analisar alguns desses movimentos, destaca a necessidade refletirmos sobre as práticas emergentes desses movimentos sociais que combinam o local e o global, as articulações nas redes sociais da internet e os protestos nas ruas. Para o autor, tais investigações seriam necessárias para refletirmos sobre uma teoria (e uma prática) da mudança social.

Vivemos um momento em que lidamos com um sentido de redes que não se restringe a um “mundo virtual” (que obviamente é um equívoco chamá-lo assim, pois ele próprio é constituinte e constitutivo do real). As redes se desenvolvem dentro e fora da internet, na dinâmica dos novos movimentos organizados, em geral, pelos jovens. Isso, seja numa escola ocupada, ou com os jovens de periferias que ocupam um espaço público.

Pensar sobre os aspectos se torna relevante à medida que esses processos de mobilização apontam para outras práticas organizativas que revelam caminhos para reformulação das práticas dos movimentos sociais. Não apenas no que se refere à organização luta popular nas ruas, mas também na construção de uma agenda de direitos e um projeto de inclusão, de redução das desigualdades e que amplie as pontes de conexão entre as pessoas.

Ao refletir sobre algumas questões relacionadas às periferias da América Latina, Raúl Zibechi afirma a ocorrência de um movimento histórico em que:

O problema enfrentado pela dominação em muitos países latino-americanos é que as camadas médias são classes em decadência, assim como a classe operária industrial, enquanto os pobres das periferias, os chamados marginalizados ou excluídos, são classe em ascensão <sup>314</sup>

---

<sup>312</sup> “Acabou a paz! Isso aqui vai virar o Chile!”. Era a palavra de ordem que estudantes das escolas ocupadas entoavam se remetendo à chamada Revolução dos Pinguins, ocorrida em 2006, quando estudantes chilenos promoveram processos de ocupação, paralisação e grandes manifestações reivindicando acesso passe livre no transporte coletivo e melhores condições de ensino e na infraestrutura escolar.

<sup>313</sup> CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>314</sup> ZIBECHI, R. **Territórios em resistência**: cartografia políticas das periferias urbanas latino-americanas. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 25.



Em que medida essa consideração serve para nosso país, quando pensamos o temor causado quando os pobres começam a ocupar espaços antes destinados apenas às classes médias e às elites? Mais que isso, nos coloca a necessidade de se enfrentar politicamente a hegemonia do capital financeiro que tem dilapidado parcelas significativas das classes médias e de uma classe trabalhadora industrial (que tinha melhores condições de vida), o que resultou num nivelamento, por baixo, das próprias possibilidades de ascensão dos mais pobres. Atualmente, nos deparamos com uma lógica em que se orienta as pessoas para uma inclusão não em termos de direitos e cidadania, mas nos marcos do poder aquisitivo.

Conforme enfatiza Canclini<sup>315</sup>, vivemos tempos em que: “Propõe-se às novas gerações que se globalizem como trabalhadores e consumidores”. Assim, o projeto articulado pelas grandes corporações financeiras se traduz em trabalhadores (sujeitos a cada vez menos direitos e piores condições de trabalho) e consumidores. Ou seja, ser incluído se tornaria ser incluído no consumo.

Neste sentido, caberia citar a própria proposta de Reforma do Ensino Médio<sup>316</sup> do governo Temer em que se destroem partes significativas de pactos construídos na sociedade (como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e propõe um projeto de educação voltado aos interesses daqueles que defendem uma educação voltada para o mercado de trabalho. A lei duramente aplicada sem quaisquer processos de diálogo com a sociedade, ao passo que ouvia atentamente as vozes mais conservadoras e associadas a interesses no mínimo questionáveis, parecia estar completamente surda às vozes de jovens que ocupavam escolas públicas por todo o país.

Pensando as expectativas de futuro, também seria refletirmos qual será o lugar das juventudes da classe trabalhadora e dos setores excluídos da sociedade nos períodos vindouros. O que significam as viradas que se sinalizam com as propostas advindas de um governo plenamente comprometido com os interesses do capital transnacional e que parece novamente romper a ordem democrática?

---

<sup>315</sup> CANCLINI, 2009, p. 211.

<sup>316</sup> BRASIL. Presidência da República. Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 set. 2016.

Os anos de um projeto neodesenvolvimentista, isto é, de governos que propunham a retomada do papel do Estado para indução, regulação e orientação da economia, geraram as condições para os processos de inclusão pelo consumo, conforme sublinhamos nesta dissertação. Esse processo nas cidades parece ter sido o catalizador de uma situação em que os pobres se tornaram mais visíveis. Essa visibilidade, incômoda para muitos, parece ter relações estreitas com as formas de ocupação da cidade pelos jovens, que se, por um lado, se efetivam nesses termos limitados, a partir do conflito social se tornam possibilidades para que rompamos com parte dos históricos processos de exclusão social.

Assim, vemos as transformações ocorridas em espaços destinados para o consumo, como os *shopping centers*. Com a expansão do consumo os *shoppings* se veem tomados pelas práticas de jovens pobres, moradores das periferias. Evidencia-se os seus caracteres de espaços privados de uso restrito, se partirmos de reflexões possíveis a partir do que diz Teresa Caldeira<sup>317</sup>, ou de espaços pseudopúblicos, como poderíamos dizer a partir das discussões de Mike Davis<sup>318</sup>. Na ânsia e no desejo desses jovens de utilizarem esses espaços de forma livre, sem sofrerem violências de policiais e seguranças de empresas privadas, o conflito se instaura, de modo a retirar os direitos humanos “universais” da abstração e dos privilégios. O direito “de ir e vir” é revelado e denunciado a partir de práticas cotidianas desses jovens como coisa de poucos e reivindicado como algo de/para todos – ainda que aqueles que se encontram em situações de privilégios insistam em não aceitar tais reivindicações.

Contudo, com as recentes propostas ratificadas pelo governo Temer que impõem a austeridade fiscal como projeto de país, as perspectivas para os jovens no que se refere às condições de vida não são das mais animadoras. As experiências de países que em decorrência da crise mundial aplicaram políticas de austeridade econômica (como Portugal, Grécia e Espanha) apontam para o aumento desenfreado do desemprego, especialmente para os jovens. Esse cenário, nos faz indagar: O que poderia significar um processo de pauperização das condições atingidas nos últimos anos da sociedade brasileira para os jovens pobres?

---

<sup>317</sup> CALDEIRA, 2000.

<sup>318</sup> DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo**: escavando o futuro em Los Angeles. Tradução: Marco Rocha e Renato Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2009.

O que se assinala é evidentemente um projeto que coloca em risco uma série de conquistas efetivadas nos últimos anos. E, que a tendência que se aponta pode vir a reformular alguns dos movimentos de mobilidade social ocorridos nos últimos anos. Incluindo-se, nesse sentido, a própria dinâmica limitada da inclusão pelo consumo. Logo, há uma triste projeção de que, além da condição de excluídos dos direitos sociais se tornem novamente também excluídos pelo consumo.

Todavia, mesmo com esse quadro, em que as perspectivas de projeto de governo não são nada animadoras, por outro lado reside essa esperança nas emergências que se caracterizam pelos movimentos organizados por jovens. Sejam eles (no sentido tradicional do termo) politicamente organizados ou não. Aliás, em muitos casos, muitos dos movimentos protagonizados por jovens atualmente têm pressionado as próprias organizações políticas a buscarem a construção de outras táticas de intervenção social. Vivemos um tempo em que muitos dos jovens que antes eram simplesmente invisibilizados ou tratados como ameaças sociais começam a fazer questão de serem ouvidos e de afirmarem sua presença na cidade. Inscrevem, em meio a isso, memórias que reorganizam as perspectivas de futuro e de projeto para a sociedade.

## FONTES

### a). Base de dados de pesquisas e relatórios sobre jovens

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (Orgs.). **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006.

BOLETIM DO EMPREGO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia: Centro de Pesquisas Econômico Sociais do Instituto de Economia da UFU, n. 6, jan. 2014. 5 p. Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/sites/ie.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Boletim%20do%20Emprego%20-%20Janeiro%20de%202014.pdf>>. Acesso em: 07 abril 2016

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil**: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013. Brasília: SNJ, 2013. Disponível em: <[https://issuu.com/participatorio/docs/agenda\\_juventude\\_brasil\\_-\\_pesquisa\\_/1?e=12152407/10902032](https://issuu.com/participatorio/docs/agenda_juventude_brasil_-_pesquisa_/1?e=12152407/10902032)>. Acesso em: 09 nov. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do encarceramento**: os jovens do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2015.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Gravidez na adolescência no Brasil**. UNFPA-Brasil, Brasília, 201-. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/Gravidez%20Adolescente%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2016.

INSTITUTO CIDADANIA. **Pesquisa perfil da juventude brasileira**. São Paulo, dez. 2003. Disponível em: <[http://novo.fpabramo.org.br/uploads/perfil\\_juventude\\_brasileira.pdf](http://novo.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2015.

INSTITUTO PÓLIS; IBASE. **Pesquisa sobre juventudes no Brasil**. Disponível em: <[https://www.ibase.br/userimages/Brasil\\_ultimarev.pdf](https://www.ibase.br/userimages/Brasil_ultimarev.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2015.

ONU. **Adolescência, juventude e redução da maioridade penal**. Brasília: Organização das Nações Unidas no Brasil, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/06/Position-paper-Maioridade-penal-1.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

SOUTO, A. L. S.; ABRAMO, H. W.; PONTUAL, P. **Juventude e Integração Sul-Americana**: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis – Relatório Nacional do Brasil. Disponível em: <<http://polis.org.br/publicacoes/juventude-e-integracao-sul-americana-caracterizacao-de-situacoes-tipo-e-organizacoes-juvenis-relatorio-nacional-do-brasil/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

WASEFISZ, J. J. **Mapa da violência contra os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

WISSELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil**. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2013.

#### **b). Cartilhas, cadernos, revistas e almanaques**

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Cidade**. Caderno preparatório para a 1.<sup>a</sup> Conferência Nacional de Juventude. Brasília: SNJ, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Caderno de Resoluções Políticas da Primeira Conferência Nacional de Juventude**. Brasília: SNJ, 2008.

CORREIO – 75 anos. **Almanaque Uberlândia de ontem & sempre**, Uberlândia, Ano 2, n. 4, p. 32-33, fev., 2013. Disponível em: [https://issuu.com/neto1/docs/almanaque\\_finalizado\\_em\\_baixa](https://issuu.com/neto1/docs/almanaque_finalizado_em_baixa) Acesso em: 10 maio 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E CULTURAL. **Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972: para saber o essencial**. Brasília, DF: IPHAN, 2008.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. **Compromisso de Cuidar de quem mais precisa**. Uberlândia: Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2012. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/1503.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1503.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

#### **c). Documentação cedida Superintendência Municipal de Juventude de Uberlândia**

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Boletim de Vulnerabilidade Social e Juventude Negra: Dados do Município – Uberlândia**. Brasília, 02 dez. 2013

UBERLÂNDIA. Superintendência de Juventude. **Dados da 5.<sup>a</sup> Conferência Municipal de Juventude: Bonde da Juventude**. Uberlândia, 2015. 9 dispositivos, color.

#### **d). Entrevistas**

CAVALCANTE, F. L. [Entrevista realizada com Felipe Leles Cavalcante na **DedoSujo Atelier**]. Uberlândia, 02 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Entrevista realizada no bairro Santa Luzia (Zona Sul de Uberlândia) com Felipe Leles Cavalcante, 19 anos, mais conhecido pelo segundo nome: Leles. É grafiteiro, estudante de Artes Visuais na UFU e proprietário da DedoSujo Ateliê. A Dedo Sujo Ateliê comercializa equipamentos e produtos de grafiteagem em Uberlândia, além de ser uma referência de articulação de ações para vários grafiteiros da cidade. Acervo da Pesquisa

CAMPOS, H.; FONSECA, U.; PAIVA, G.; PEREIRA, A. [**Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs**]. Uberlândia, 17 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Entrevista realizada com integrantes do grupo Quartel General MCs na quadra em frente à Escola de Samba Unidos do Chatão, no bairro Pacaembu (Zona Norte de Uberlândia). Participaram: Hudson Campos – 19 anos, Ulisses Fonseca – 18 anos, Artur Pereira (MC Patolino) – 18 anos e Gabriel Paiva – 19 anos. Acervo da Pesquisa. No momento da entrevista: Hudson trabalhava numa empresa que presta serviços de mecânica automotiva; Artur trabalhava numa empresa de *call center*; Ulisses e Gabriel estava à procura de emprego. A escolha do local da entrevista foi feita pelo grupo, quando pedi que marcassem num lugar que fosse referência de sociabilidades para eles. Acervo da pesquisa.

COSTA, M. R. [**Entrevista realizada com Maxwell Roberto da Costa**]. Uberlândia, 26 jun. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Entrevista realizada no bairro Santa Mônica com Maxwell Roberto da Costa (MC Negão), 31 anos, no bairro Santa Mônica. Maxwell é integrante do grupo de rap Relato Periférico. No período da entrevista, Maxwell havia saído recentemente da casa dos pais para morar com amigos. Trabalhou em diversas empresas de Uberlândia. Depois de trabalhar por cerca de dez anos no Martins Atacadista, usou seu acerto para criar sua própria empresa no ramo de estética automotiva, que afirma ter falido em decorrência da crise financeira (que ocorria no momento da entrevista). Acervo da Pesquisa.

MARTINS, E. B.; BRITO, B. S.; ARAÚJO, I. I. [**Entrevista realizada com o grupo Família Rolê Gringo/Treze Clan Produtora**]. Uberlândia, 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

Entrevista realizada com integrantes da Família Rolê Gringo Records e Zero 13 Clan Produções. A entrevista foi realizada nas dependências da Toca Zero13, estúdio da Zero 13 Clan, no bairro Planalto. Participaram: Euler Barreto Martins – 21 anos (MC Doidêra WL), Bruno Silva Brito – 21 anos e Igor Inácio Araújo (DJ Red) – 20 anos. A Família Rolê Gringo é um grupo de articulação entre MCs, que são principalmente moradores da Zona Oeste de Uberlândia. A Zero 13 Clan, por sua vez, seria uma empresa, segundo seus membros afirmam. Fazem parte da Zero 13 Clã o estúdio ligado ao grupo e que também organiza eventos de hip hop na cidade. O estúdio do grupo, no período da entrevista, funcionava num cômodo da casa de Bruno. Acervo da pesquisa.



SANTOS, E. C.; SILVA, A. B.; SOUSA, J. M. [**Entrevista realizada com o grupo Família DJ Produções**]. Uberlândia, 13 out. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

A entrevista foi realizada com Johny Magalhães Sousa (DJ Mago), Eduardo Santos (MC Jhonym) e Adenilson Borges da Silva (DJ Deni Borges) nas dependências do estúdio da Família DJ Produções, no bairro Esperança, Zona Norte de Uberlândia. A Família DJ Produções é uma produtora musical e de eventos que atua principalmente com o funk na cidade, fazendo parte da realização de vários eventos, em especial nos bairros periféricos. Johny e Deni fazem parte ainda do grupo de rap Códgo do Morro ESP. Acervo da pesquisa.

SOUSA, J. M. [**Entrevista realizada com Johny Magalhães Sousa em sua residência no Bairro Santa Rosa**]. Uberlândia, 29 jul. 2016. Entrevista concedida a Diego Marcos Silva Leão.

A entrevista foi realizada com Johnny Magalhães, 21 anos, em sua casa no bairro Santa Rosa (Zona Norte de Uberlândia). Johnny é membro do grupo de rap Códgo do Morro, produtor e DJ no grupo Família DJ Produções e professor e instrutor de dança no Instituto Resgatando o Impossível no Bairro Esperança. Johny é conhecido como Mago no seu trabalho enquanto DJ. Acervo da pesquisa.

#### **e). Jornais**

Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia: 1995-2015.

Gazeta do Setor Oeste. Uberlândia: 2004; 2004-2005.

Gazeta de Uberlândia. Uberlândia: 2005-2012.

#### **f). Legislações, convenções, regulamentos e portarias**

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional n.º 90, de 15 de setembro de 2015. Da nova redação ao art. 6º da Constituição Federal, para introduzir o transporte como direito social. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 set. 2016. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2015/emendaconstitucional-90-15-setembro-2015-781520-publicacaooriginal-148098-pl.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente - 25 anos**: Lei n. 8.069 de julho de 1990. Ed. comemorativa. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em:

<[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/23239/estatuto\\_crianca\\_adolescente\\_25anos\\_edcom.pdf?sequence=1](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/23239/estatuto_crianca_adolescente_25anos_edcom.pdf?sequence=1)>. Acesso: 15 dez. 2015.

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o

Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 05 dez. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. **Diário Oficial da União**, Brasília: 26 maio 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenção n. 158 da Organização Internacional do Trabalho. Dispõe sobre a idade mínima para admissão. **OIT**, 1973 Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/node/492>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Lei Nº 11.464, de 20 de Agosto de 2013. **Diário Oficial do Município de Uberlândia**, 22 ago. 2013.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto nº 11.905, de 28 de outubro de 2009. Regulamenta o uso da pista de skate localizada no "complexo de esportes, turismo e lazer de Uberlândia Cícero Diniz", no parque municipal Virgílio Galassi e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Uberlândia**, Uberlândia, 29 out. 2009. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/4921.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/4921.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2016.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto nº 16.541, de 25 de maio de 2016. Aprova o estatuto do Grupo Gestor do Centro de Artes e Esportes Unificados do Bairro Shopping Park – CEU Olímpio Silva “Pai Nego”, no município de Uberlândia. **Diário Oficial do Município**, Uberlândia, 25 maio 2016, p. 6-10. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/14889.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/14889.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2016.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Decreto nº 16.542, de 25 de maio de 2016. Aprova o estatuto do Grupo Gestor do Centro de Artes e Esportes Unificados do Bairro Campo Alegre – CEU Leandro Carvalho, no Município De Uberlândia. **Diário Oficial do Município**, Uberlândia, 25 maio 2016, p. 10-13. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms\\_b\\_arquivos/14889.pdf](http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/14889.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2016.

#### **g). Publicidade**

CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Mídia Kit**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/midiakit/>>. Acesso em: 19 abril 2016. 29 slides, color.

#### **h). Publicações diversas**

GADOTTI, M. O ECA - avanços e desafios. In: VIEIRA, A. L., PINI, F.; ABREU, J. (Orgs.). **Salvar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2015. p. 14-20.

UNICEF. **ECA 25 anos** – Estatuto da Criança e do Adolescente. Avanços e desafios para a infância e a adolescência no Brasil. Brasília: UNICEF, 2015. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/ECA25anosUNICEF.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2016

#### **i). Pesquisa eletrônica**

BRASIL, Ministério da Cultura. **O programa**. CEUS. Brasília: MinC, [s.i.]. Disponível em: <<http://ceus.cultura.gov.br/index.php/home/o-programa>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

BRASIL. Secretaria de Governo da Presidência da República. **Histórico**. <<http://www.secretariadegoverno.gov.br/iniciativas/juventude/secretaria-nacional-de-juventude/historico>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

HISTÓRIA. Parque do Sabiá. Uberlândia, [201-]. Disponível em: <<http://parquedosabia.uberlandia.mg.gov.br/historia/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

Icasu. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.Icasu.org.br/institucional>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

INSTITUTO ALGAR. **Governança**. Instituto Algar. Disponível em: <<http://www.institutoalgar.org.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

MATTOS, Laura. Garotos em guerra. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 mar. 2006. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1903200606.htm>> . Acesso em: 18 jan. 2016.

NOGUEIRA, D. Projeção aponta que Uberlândia pode ter um veículo por morador em 2023. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 08 set. 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/projecao-aponta-que-uberlandia-pode-ter-um-veiculo-por-morador-em-2023/>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

NOGUEIRA, D. Projeção aponta que Uberlândia pode ter um veículo por morador em 2023. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 08 set. 2013. Disponível em:

<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/projecao-aponta-que-uberlandia-pode-ter-um-veiculo-por-morador-em-2023/> Acesso em: 01 nov. de 2016.

PACHECO, Tânia. Racismo e agressão física a menores no Center *Shopping* de Uberlândia, Minas Gerais. **Portal Geledés**, São Paulo, 04 jun. 2014. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/racismo-e-agressao-fisica-menores-center-shopping-de-uberlandia-minas-gerais/#ixzz4GTCJ1nSx>. Acesso: 01 fev. 2016.

PORTAL EBC. Acesso à internet chega a 49,4% da população brasileira. **Portal EBC**. Brasília, 29 abr. 2015. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/04/acesso-internet-chega-494-da-populacao-brasileira>. Acesso em: 20 abr. 2016.

REDAÇÃO. Grupo Algar encerra o CORREIO de Uberlândia em dezembro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 2 nov. 2016. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/grupo-algar-encerra-o-correio-de-uberlandia-em-dezembro/>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SECOM/PMU. Conferência da Juventude amplia espaço para discutir políticas públicas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 20 set. 2013, Cidade e Região. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/conferencia-da-juventude-amplia-es-paco-para-discutir-politicas-publicas/>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SECOM/PMU. Conferência da Juventude leva mil jovens ao debate de políticas públicas. **Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, 08 ago. 2015. Disponível em: [http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10211/conferencia\\_da\\_juventude\\_leva\\_mil\\_jovens\\_ao\\_debate\\_de\\_politicas\\_publicas.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10211/conferencia_da_juventude_leva_mil_jovens_ao_debate_de_politicas_publicas.html). Acesso em: 21/ jun. 2016.

SECOM/PMU. Oficineiros vão compartilhar arte e histórias de vida na Conferência da Juventude. **Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, 08 ago. 2015. Disponível em: [http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10127/oficineiros\\_vao\\_compartilhar\\_arte\\_e\\_historias\\_de\\_vida\\_na\\_conferencia\\_da\\_juventude.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/10127/oficineiros_vao_compartilhar_arte_e_historias_de_vida_na_conferencia_da_juventude.html). Acesso em: 21 jun. 2016.

SUPERINTENDÊNCIA vai valorizar o jovem como protagonista da transformação social. **Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, 10 mar. 2015, Agência de notícias. Disponível em: [http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/9324/superintendencia\\_vai\\_valorizar\\_o\\_jovem\\_como\\_protagonista\\_da\\_transformacao\\_social.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/9324/superintendencia_vai_valorizar_o_jovem_como_protagonista_da_transformacao_social.html) >. Acesso em: 21 jun. 2016.

UOL. Em dia de maior repressão da PM, ato em SP termina com jornalistas feridos e mais de 240 detidos. **UOL Notícias**, São Paulo, 13 jun. 2013. Cotidiano. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/13/em-dia-de-maior-repressao->

da-pm-ato-em-sp-termina-com-jornalistas-feridos-e-mais-de-60-detidos.htm>. Acesso em: 20 jun. 2016.

#### **j). Vídeos**

SEGURANÇAS do Center *Shopping* agridem jovens negros. Vídeo enviado ao Youtube por: Edvaldo Brito. Uberlândia: [S.I.], 2015. 1 filme (2:48m), son., color. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=STvQrptJk-E>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

ROLEZINHO! Polícia fiscaliza menores em *shopping*. Uberlândia: TV Paranaíba, 11 jan. 2016. 1 filme (1:32m), son. color. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=1MgBIx10bMM>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

## REFERÊNCIAS

### a). Bibliográficas

ABRAHÃO, S. L. **Espaço público**: do urbano ao político. São Paulo: EDUSP, Annablume: 2008.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. 448 p.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-38, maio/dez. 1997.

ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

ALMEIDA, R. S. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.

\_\_\_\_\_. O rolezinho da juventude nas ruas do consumo e do protesto. Juventude em movimento. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 03 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1581>>. Acesso em: 31 set. 2015.

ANASTÁCIO, E. S. **Periferia é sempre periferia?:** um estudo sobre a construção de identidades periféricas positivadas a partir do rap em Uberlândia-MG (1999-2004). 2005. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas-SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. Tradução: Pier Luigi Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 280 p.

AZEVEDO, A. M. **No ritmo do rap**: música, cotidiano e sociabilidade negra - São Paulo - 1980-1997. 2000. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2000.



BARBOSA, M. E. J. **Famintos do Ceará: Imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX**. 2004. 309f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. História em redes: imprensa e memória. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder-ANPUH/SP-, 19, **Anais...** São Paulo, SP, USP, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Marta%20Emisia%20Jacinto%20Barbosa.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BARTELT, D. D. (Org). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

BEAUD, S.; PIALOUX, M. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-59.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 8.<sup>a</sup> ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRANDÃO, A. A. **Miséria da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Pallas Ed.; Niterói: PENESB, 2004.

BUSSE, M. P. **Cultura e cidade: prática e política cultural em São Paulo no século XX**. 2005. 190f. Tese (Doutorado em História). – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2005.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 98, p. 13-20, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n98/02.pdf>>. Acesso em: 31 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos Estudos: CEBRAP**, São Paulo, n. 94, p. 31-67, nov. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 set. 2016.

CALVO, C. R. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: lembranças e experiências de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990**. 2001. 291 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

CAMARGOS, R. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARVALHO, M. M., WALTENBERG, F. D. Desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior no Brasil. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 369-396, jun. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-80502015000200369&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502015000200369&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 out. 2016.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. In: \_\_\_\_\_, **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Organização: André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

\_\_\_\_\_. Uma nova classe trabalhadora. In: SADER, E. (org.). **10 anos de governos neoliberais no Brasil**: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo, FLACSO Brasil, 2013.

CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 2005. 201 p.

COUTINHO, Eduardo. O Cinema Documentário e a Escuta Sensível da Alteridade. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC/SP, n. 15; p. 165-191, abril 1997.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo**: escavando o futuro em Los Angeles. Tradução: Marco Rocha e Renato Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2009.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. n.24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DOSSIÊ História da Infância e Juventude. **Revista Angelus Novus**, São Paulo, n. 8, 2014. Disponível em:

<<http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/issue/view/Ano%20V%20n.%208%202014/showToc>>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

FEIXA PÀMPOLS, C. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, A.; FEIXA PÀMPOLS, C.; GONZÁLEZ CANGAS, Y. (Org.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras/CEBRIJ, 2004.

FEIXA PÀMPOLS, C.; LECCARDI, C.. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, pp. 185-204, Ago., 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 out. 2016.

FENELON, D. R. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 40, p. 27-51, jan-jun. 2009. p. 34

\_\_\_\_\_. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 40, p. 27-51, jan-jun. 2009.

FONTANA i LAZARO, J. **História: análise do passado e projeto social**. Tradução de Luiz Roncari. Bauru-SP: EDUSC, 1998.

FREITAS, S. S. de. **Por falar em culturas...: histórias que marcam a cidade**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

GÀRCIA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Helíza Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

\_\_\_\_\_. N. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Rev. Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.

GUARATO, Rafael. **História e dança: um olhar sobre a cultura popular urbana - Uberlândia (1990-2009)**. 2010. 226f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KEHL, M.R. Juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 89-113.

LAHIRE, B. **O sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. p. 117-118

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, p. 115-134, Fev. 2002, p. 130. Disponível em: <[http://naui.ufsc.br/files/2010/09/Proença\\_Contra-usos-e-espaço-público.pdf](http://naui.ufsc.br/files/2010/09/Proença_Contra-usos-e-espaço-público.pdf)>. Acesso em: 10 de out. 2016.

LÉVY, Giovanni, SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 vol.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. São Paulo. Boitempo. 2015.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACHADO, F. Q. Por uma história da juventude brasileira. **Revista da UFG**, Goiânia, v. 6, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/juventude/juventude.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/juventude.html)>. Acesso em: 01 mar. 2015.

MAGNANI, J. G. C., SOUZA, B. M. (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografia de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. 279 p.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: Cultura Popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec: UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo** - Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, São Paulo, vol. 2, n. 2, p. 49-51, 1992. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40303/43188>>. Acesso em: 15 out. 2015.

MARICATO, E. et al. (Orgs.) **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARICATO, E. **Brasil, cidades**. Alternativas para a crise urbana. 4. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Tradução e notas: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAES, D. Mídia e globalização neoliberal. **Revista Contracampo**. Niterói, n. 7, 2002. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/472/237>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

MINDURI, Loianne Quintela. **Nos passos do Mangue Beat**: rastros e ecos de uma identidade cultural desde os diálogos com os estudos culturais britânicos. 2016. 222 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

NASCIMENTO, E. P. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. **Caderno CRH**, Salvador, n.21, p.29-47, jul./dez. 1994.

NERI, M. **A Nova Classe Média**: o Lado Brilhante da Base da Pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

PADILHA, P. R.; SILVA, R. **Educação com qualidade social**: a experiência dos CEUs de São Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004.

PAPPÁMIKAIL, L. Juventude(s), autonomia e sociologia. **Sociologia**: Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Cidade do Porto (Portugal), vol. 20, p. 395-410, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

PAOLI, M. C. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, p. 25-28.

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. **Projeto História**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História, PUC-SP, n. 10, p. 29-40, dez. 1993.

PETUBA, R. M. S. **Pelo direito à cidade**: experiências de luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir- Uberlândia (1990-2000). 2001. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PIRES, J. A. N. **Cultura funk e subjetividades consumistas**: sensibilidades da juventude no fluxo das periferias brasileiras (1990-2014). 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

PISTORI, E. C. **A geografia das políticas públicas da juventude no Brasil**: uma proposta de Sistema Nacional da Juventude. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

POCHMANN, M. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: As transformações nos anos 90. In: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (Org.). **Desemprego juvenil no Brasil**: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais. 2.<sup>a</sup> ed. Brasília: OIT, 2001, p. 27-41.

\_\_\_\_\_. **O mito da grande classe média**: capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Nova Classe Média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella Val di Chianna (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política e senso comum. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. M. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 103-130.

PROUST, M. No Caminho de Swann. In: \_\_\_\_\_. **Em busca do Tempo Perdido**. Tradução de Mário Quintana. 5.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Globo, 2006, v. 1.

RAMA, A. **A cidade das letras**. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

REIS, Antero Maximiliano Dias dos. Juventudes no Brasil ditatorial (1964-1985): Aspectos de situação e condição. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...**, 26, 2011, São Paulo. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300071872\\_ARQUIVO\\_juventudesbrasileiras\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300071872_ARQUIVO_juventudesbrasileiras[1].pdf)>. Acesso em 10 de out. 2016.



RIAÑO ALCALÀ, Pilar. **Antropologia del recuerdo y del olvido**: jóvenes, memoria y violencia en Medellín. Medellín/Colômbia: Editorial Universidad de Antioquia, 2006.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. Formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, V. O. Juventude e a reinvenção da ação política na universidade: entrelace de culturas, histórias e projetos em formação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...**, 26, 2011, São Paulo Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313030245\\_ARQUIVO\\_Juventudeeareinvencaodaacaopoliticaunauniversidadereformuladofinal10agos.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313030245_ARQUIVO_Juventudeeareinvencaodaacaopoliticaunauniversidadereformuladofinal10agos.pdf)>. Acesso: em 10 out. 2016.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

RUDÉ, Georges. **A multidão na história**: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALAMA, P. Pobreza: luz no fim do túnel: **Revista Nexos Econômicos**, Salvador, vol. 4, n. 6, p. 9-29, jun. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revnexeco/article/view/4860/3591>>. Acesso em: 30 set. 2016.

SANTANA, M. S. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...**, 26, 2011, São Paulo. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312378682\\_ARQUIVO\\_MarcioSantosdeSANTANA.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312378682_ARQUIVO_MarcioSantosdeSANTANA.pdf)>.

SANTOS, C. N. F.; VOGEL, A. (Orgs.). **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3.<sup>a</sup> Ed., São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 81-100, jun. 1977.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **GEographia**, Niterói, n. 1. p. 7-13, 1999. Disponível em: < <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/2>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SARLO, B. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.

SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. **Revista Mundos do Trabalho**, Curitiba, vol. 3, n. 5, p. 6-33, jan.-jun. 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2011v3n5p6>>. Acesso: 05 maio 2016.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Tradução: Lygia Araujo Watanabe. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, E. L. **Música, juventude, comportamento**: nos embalos do rock'n'roll e da jovem guarda (Uberlândia, 1955-1968). 2007. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SILVA, L. S. **Cidade e experiências de comunicação**: cultura, memórias e estratégias de lutas de moradores pobres no espaço urbano. Uberlândia (1990-2012). 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

SILVA, M. A. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n. 11, pp. 45-61, set. 1985/fev.1986.

SILVA, R. H. A. Cartografias Urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade. **Visões Urbanas**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, vol. 5, p.1-18, 2008.

SILVA, R. H. A., GONZAGA, M. M. Redes culturais em territórios urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 28, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://inspirebr.com.br/uploads/midiateca/75d2fcbd6beef4de58e44e49aea9de95.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2013.

SOARES, B. R. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1998. 290 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

SPOSATI, A. Assistência Social: da ação individual ao direito social. **Revista Brasileira de Direito Constitucional** – RBDC, São Paulo: Escola Superior de Direito Constitucional, n. 10, pp. 435-458, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Desafios do sistema de proteção social. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=420>> Acesso em: 02 abril 2016.

SPOSITO, M.; CARRANO P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 16-39, dez. 2003, p. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

THOMPSON, E. P. ¿Lucha de clases sin clases?. In: \_\_\_\_\_. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. p. 37.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizado por Antônio Luigi Negri e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 228 p.

\_\_\_\_\_. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 230 p.

VASCONCELOS, R. I. V. Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica histórica na pesquisa audiovisual de História Oral. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 218-238.

\_\_\_\_\_. **Narradores do sertão**: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses. 2004. 311 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIEIRA, M. P. A. et al. **A pesquisa em história**. 4.<sup>a</sup> Edição. São Paulo: Editora Ática. 2006.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e literatura**. São Paulo: Zahar, 1979. 215 p.

\_\_\_\_\_. A imprensa e a cultura: uma perspectiva histórica. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, São Paulo, n. 35, p. 15-26, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

ZIBECHI, R. **Territórios em resistência**: cartografia políticas das periferias urbanas latino-americanas. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ZUKIN, S. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

#### **b). Fílmicas**

É O FLUXO. Direção de: Roberto Camargos e João Augusto Pires Neves. Uberlândia: Centelha Filmes, 2014. 1 filme (57 min), son., color. Disponível em: <<http://eofluxo.com/>> Acesso: 11 out. 2015.

PIXO . Direção de: de João Wainer e Roberto Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. 1 filme. (62 min.), son., color. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=s1X2toIrnGg](http://www.youtube.com/watch?v=s1X2toIrnGg)>. Acesso: 11 out. 2015.

A REVOLTA DO BUZU. Direção de Carlos Pronzato. Salvador: Focu's imagens, 2004. (70 min) 1 filme, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQASaJ3WgTA> Acesso em: 20 jun. 2016

#### **c). Músicas**

ROCKY, Edi. Periferia é periferia. In: RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD. Faixa 8 [06m02s].

## GLOSSÁRIO

A produção deste glossário partiu da constatação da possível dificuldade que a/o leitor/a poderia ter com certos termos que aparecem no decorrer do texto. As referências para sua composição resultam do diálogo com os próprios jovens entrevistados, além de pesquisas em sites, livros e blogs. Para melhor fluência da leitura, contudo, alguns termos que demonstraram uma necessidade imediata de compreensão constam nas notas de rodapé das páginas.

**Atelier** - (subs. masc.) em geral, um atelier é uma oficina, um lugar onde uma pessoa ou um pequeno grupo desenvolve trabalhos artísticos ou artesanais. No caso, pude verificar uma acepção do termo para designar um local onde são vendidos materiais para graffiti, mas que também promove ações de estímulos para essas práticas.

**B-boy** - (subs. masc.) aquele que faz breakdance (b-girl no feminino).

**Beat** - (subs. Masc.) instrumental; a música de fundo (construída pelo produtor).

**Beatbox** - (subs. masc.). arte de fazer batidas com a voz, boca e cavidade nasal, que pode envolver a imitação de instrumentos através do canto.

**Beatboxer** - (subs. Inv. em gen..) aquele que faz beatbox.

**Bomb/bombing** - (verb.) lado ilegal do graffiti, normalmente praticado à noite (ex: pintar um comboio).

**Bonde** - (subst. masc.) gíria usada por jovens da periferia para designar grupo de amigos ou de pessoas com alguma afinidade em comum. “Fechar com o bonde” é se reconhecer parte desse mesmo grupo.

**Breakdance** - (subs. Masc.) dança da cultura hip hop que imita movimentos robóticos.

**Crew** - (subs. fem.) grupo de writers (também pode ser aplicado a MCs, DJs e b-boys).

**DJ** - (subs. inv. em gên.) Disc-jokey (do inglês disc-jockey); músico que opera com discos, fazendo bases e colagens rítmicas, muitas vezes com scratches e batidas.

**EP** - (subs. masc.) Extended Play; gravação que tem uma duração longa demais para ser considerada um single e pequena demais para ser considerada um álbum. Alguns artistas preferem chamar-lhe de "mini-álbum", sendo que encontrei referências em que os jovens em Uberlândia também afirmavam se tratar de um “episódio”.

**Família** - (subs. fem.) Na linguagem do rap, referir-se aos mais chegados como “família” é um modo de dizer que está com um grupo de parceiros, de pessoas que se confia. Ou, como nos diz Ulisses, do grupo Quartel General MCs, “daqueles que fazem o bagulho acontecer”. A “família” é então uma rede de sociabilidades mais próxima em geral. Referir-se àqueles que se confia como família, é reconhecer seu papel para movimentar um grupo. Para a galera do graffiti, um equivalente seria a palavra “crew”, que pode ser traduzida como “tripulação” - o que também aponta também para uma ideia de um coletivo de pessoas que estão bem próximas entre si e com objetivos e valores bem similares.

**Flow** - (subs. masc.) uma expressão usada no rap que deriva da da palavra da língua inglesa "fluency". Tem a ver com movimento, fluência, cadência e a capacidade de fazer fluir.

**Graffiti/Graff** - (subs. masc.) arte visual da cultura hip hop; pintura feita geralmente em paredes.

**Hip Hop** - (subs. masc.) cultura urbana específica que é composta pelo MCing, DJing,



Breakdance e Graffiti.

**MC** - (subs. inv. em gên) Mestre-de-Cerimónias (do inglês Master of Cerimonies); indivíduo que tem como responsabilidade animar as festas; aquele que, através de rimas, lança alertas e críticas sociais e/ou relata experiências que provêm, em geral, da vida na periferia..

**Old School** - (subst. masc.) é um estilo de graffiti, tido como “clássico”. Pintam-se letras, podendo ser, ou não, levemente distorcidas, além de se intensificar o uso de cores e outros elementos visuais.

**Persona** - (subs. masc.) é uma espécie de personagem criado por algum grafiteiro, que em geral tem a ver com alguma característica pessoal ou artística que quer evidenciar. Também pode ser usado como forma de se tornar conhecido, para além do circuito dos grafiteiros..

**Produtor** - (subs. masc.) aquele que produz; indivíduo que faz os instrumentais (beats). Normalmente é o DJ que acumula essa função.

**Rap** - subs. masc. ritmo e poesia (do inglês Rhythm And Poetry); género musical ligado à cultura hip hop com influências afro-americanas onde o MC tem o papel principal de rimar em sintonia com o ritmo da batida e o DJ de acompanhá-lo; GANGSTA ~: sub-género do rap, também conhecido como G-funk, em que os *rappers* falam de temas muito violentos, geralmente porque têm problemas com a autoridade (ex: fazem parte de um gang).

**Rapper** - (subs. inv. em gên.). pessoa que compõe e canta rap.

**Rolê** - (subs. masc.) significa circular para se divertir e encontrar com os amigos, podendo ser ou não com algum trajeto previamente especificado. Em geral se diz “dar um rolê” ou, usando o diminutivo, “fazer um rolezinho”.

**Sample** - (subs. masc.) pedaços de outras músicas que os produtores usam para as bases dos seus instrumentais.

**Spot** - (subs. masc.) lugar valorizado para a prática do graffiti, costumando ser também chamado de “pico” por alguns, que também podem relacioná-lo como lugar agradável, de diversão e de encontro com os amigos.

**Trow-up** - (subs. masc.) Estilo situado entre o "tag" (ou assinatura) e o bombing. São grafitagens criadas com o intuito de serem feitas de forma bastante ágil.

**Vandal** - (subs. masc.) refere-se a ato de fazer um graffiti em local não autorizado pelo proprietário. Em geral se diz “fazer um vandal”, ou fazer um “rolê de vandal” quando a ideia é sair com os amigos para fazer vários pela cidade.

**Wild style** - (subst. masc.) refere-se a um estilo de graffiti com letras bastante elaboradas e de difícil compreensão para o observador que não compreende os códigos entre grafiteiros. Leles, um dos jovens entrevistados, também o define como um estilo mais agressivo. Em geral, também se propõe a usar um efeito tridimensional nessas letras.

## **ANEXOS**

### **Roteiro básico de perguntas das entrevistas realizadas com os jovens**

- Como começou a participar do grupo de jovens?
- Qual período o grupo se formou?
- Qual a idade do(s) entrevistado(s)?
- Como se iniciaram e quais são as atividades do grupo?
- Em quais lugares da cidade são realizadas as atividades do grupo?
- Participam de outros grupos ou se articulam a outros grupos da cidade?
- Quais as atividades que o jovem, ou os jovens, participa(m) organizados por outros grupos e coletivos?
- Qual a relação do grupo com o bairro e outros espaços da cidade?
- O jovem, ou os jovens, participantes do grupo trabalham/estudam?
- Qual relação do jovem, ou dos jovens, com o trabalho?
- Quais são suas expectativas para o futuro?
- O grupo produz (ou já produziu) algum tipo de mídia? Como seria essa prática?
- Qual sua compreensão sobre os diferentes espaços da cidade e, em especial, a relação entre periferia e centro?
- Qual a relação e a perspectiva dos jovens em relação aos direitos? Considera haver diferenças na cidade em relação a essa questão? Acredita que há algum tipo de transformação nesse sentido?
- Qual a relação dos jovens com a mobilidade na cidade?



# Estilos de inscrições pelos muros da cidade



Persona

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).  
Rua 15 de novembro no bairro Fundinho, Setor Central de Uberlândia ■

Atropelo de pixação  
sobre graffiti

Stencil

Graffiti  
wildstyle



Graffiti  
wildstyle

Pixação

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).  
Rua 15 de novembro no bairro Fundinho, Setor Central de Uberlândia ■



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).  
Avenida Monsenhor Eduardo, Setor Central de Uberlândia ■

Graffiti  
trow up

Graffiti  
oldschool



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Diego Marcos Silva Leão (2016).  
Rua 15 de novembro no bairro Fundinho, Setor Central de Uberlândia ■

Diagramado por Diego Marcos Silva Leão.